

FUNDAÇÃO CECIERJ
PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL

REDAÇÃO

BRUNO RABIN
RAFAEL PINNA
LIANA BIAR

5ª EDIÇÃO
REVISADA

MÓDULO 2
2015



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia

Gustavo Tutuca

Fundação Cecierj

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-Presidente de Educação Superior a Distância

Masako Oya Masuda

Vice-Presidente Científica

Mônica Damouche

Pré-Vestibular Social

Rua da Ajuda 5 - 15º andar - Centro - Rio de Janeiro - RJ - 20040-000

Site: www.pvs.cederj.edu.br

Diretora

Celina M. S. Costa

Coordenadores de Redação

Rafael Pinna

Liana Biar

Material Didático

Elaboração de Conteúdo

Bruno Rabin

Rafael Pinna

Liana Biar

Revisão de Conteúdo

Liana Biar

**Capa, Projeto Gráfico, Manipulação de Imagens
e Editoração Eletrônica**

Cristina Portella

Filipe Dutra

Núbia Roma

Foto de Capa

Hugo Maes - www.dreamstime.com

Copyright © 2015, Fundação Cecierj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

R116p

Rabin, Bruno.

Pré-vestibular social: redação. v. 2 / Bruno Rabin, Rafael Pinna, Liana Biar.
— 5. ed. rev. — Rio de Janeiro: Cecierj, 2015.

128 p. ; 20,0 x 27,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0039-2

1. Língua portuguesa. 2. Redação. I. Pinna, Rafael. II. Biar, Liana. 1. Título.

CDD: 469



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 Preparação para o Enem	7
CAPÍTULO 2 Coesão textual	15
CAPÍTULO 3 Correção de erros comuns	27
CAPÍTULO 4 Exercícios de estruturação e argumentação	35
CAPÍTULO 5 Carta argumentativa	47
CAPÍTULO 6 Texto narrativo	61
ANEXO I Enem: Temas Anteriores e Redações Exemplares	77
ANEXO II Propostas Inéditas Modelo Enem	97



APRESENTAÇÃO

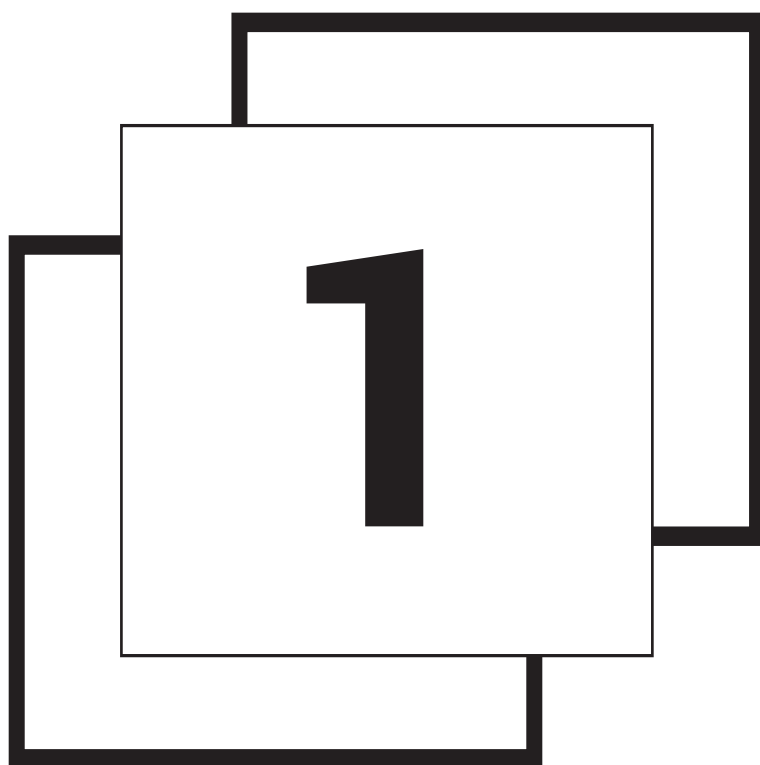
Caro Aluno,

Este conjunto de apostilas foi elaborado de acordo com as necessidades e a lógica do projeto do Pré-Vestibular Social. Os conteúdos aqui apresentados foram desenvolvidos para embasar as aulas semanais presenciais que ocorrem nos polos. O material impresso por si só não causará o efeito desejado, portanto é imprescindível que você compareça regularmente às aulas e sessões de orientação acadêmica para obter o melhor resultado possível. Procure, também, a ajuda do atendimento 0800 colocado à sua disposição. A leitura antecipada dos capítulos permitirá que você participe mais ativamente das aulas expondo suas dúvidas o que aumentará as chances de entendimento dos conteúdos. Lembre-se que o aprendizado só acontece como via de mão dupla.

Aproveite este material da maneira adequada e terá mais chances de alcançar seus objetivos.

Bons estudos!

Equipe de Direção do PVS



PREPARAÇÃO PARA O ENEM

CARACTERIZAÇÃO DA PROVA

O ENEM — Exame Nacional do Ensino Médio — é uma prova do Governo Federal, aplicada desde 1999 a alunos concluintes (ou egressos) do Ensino Médio, com objetivo de traçar um panorama desse segmento no país, bem como fornecer aos estudantes informações estatísticas sobre seu desempenho. Com o tempo, a prova passou a ter dois atrativos a mais. Por um lado, universidades públicas e privadas passaram a adotar o resultado do ENEM em seus processos seletivos, seja substituindo o vestibular, seja aumentando a pontuação dos candidatos. Por outro lado, a criação do PROUNI — que pressupõe a pontuação alcançada no ENEM — estabeleceu bolsas de estudo para estudantes de baixa renda em faculdades particulares. Tudo isso tem feito do ENEM uma avaliação em que se inscreveram cerca de 3,4 milhões de estudantes.

Em linhas gerais, a prova procura avaliar os estudantes menos pela verificação dos conteúdos escolares do que pelo exame das capacidades intelectuais dos alunos, comuns às diferentes disciplinas. Ou seja, as questões cobram pouco conteúdo específico e muita capacidade de raciocínio e interpretação, sempre em assuntos contextualizados com o cotidiano e com a diversidade regional do país.

Em síntese, a prova avalia cinco grandes competências, por meio de diversas habilidades, todas definidas na Matriz de Competências. Para que você tenha uma visão geral desse processo, veja a seguir a lista de competências:

I. Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.

Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

II. Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

III. Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

IV. Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

No caso da redação, que nos interessa em particular, essas habilidades não aparecem de maneira tão clara. Em seu lugar, as cinco grandes competências são transformadas em critérios de correção do texto. Os pequenos ajustes tornam interessante a leitura da lista abaixo, em que cada critério é acompanhado de uma explicação pertinente, feita pela própria banca do ENEM:

1. Demonstrar o domínio básico da norma culta da língua escrita.

Espera-se que, nesta competência, o participante escolha um registro e uma variante linguística adequados a uma situação formal de produção de texto escrito. Na avaliação, são considerados os conhecimentos de texto escrito, representados pela utilização da norma culta como: sintaxe de concordância, regência e colocação; pontuação; flexão; ortografia; e adequação de registro, isto é, compreender e colocar-se linguisticamente, de acordo com a situação de produção formal exigida.

2. Compreender o tema proposto e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para explicá-lo, defendê-lo ou contradizê-lo, desenvolvendo-o dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.

Esta competência tem o eixo na compreensão do tema que instaura uma problemática a respeito da qual se pede uma reflexão escrita, ou seja, um projeto de texto escrito que demonstre a compreensão do tema solicitado. A não compreensão do tema zera esta competência e anula a correção das demais, o que já informado no Manual do Inscrição.

A proposta avalia o desempenho do participante em uma situação formal de interlocução em que determinado tema é debatido. Espera-se que os participantes consigam participar do ato de interlocução, escrevendo sobre o que é sugerido, naquele momento, e não sobre qualquer outro tema que não seja aquele indicado.

Em situações formais de interlocução, é importante a nossa compreensão do ato instaurado na fala/escrita, para não “fugir do assunto”, como diz o senso comum.

Para participar do ato de interlocução devemos saber: o que dizer, o como dizer, o quando dizer e para quem dizer, para não assumirmos uma posição inadequada, naquele momento, com aquele/s interlocutor/es que esperam que estejamos compreendendo o que está em discussão.

O como dizer, engloba a competência 2, ou seja, a produção de um texto dissertativo-argumentativo em prosa. A dissertação é um tipo de texto que analisa, interpreta e relaciona dados, informações e conceitos amplos, tendo em vista a construção de uma argumentação, em defesa de um ponto de vista.

Na dissertação, o enunciador do texto apresenta explicitamente sua opinião, valendo-se do recurso dos argumentos de apoio para comprovar suas hipóteses e tese, tendo em vista assegurar a manutenção de um ponto de vista. É atribuída nota zero à competência 2 e anulada a correção das demais competências, quando o participante tiver construído outro tipo de texto que não o dissertativo-argumentativo em prosa.

3. Selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de sua perspectiva sobre o tema proposto.

Nesta competência, procuramos avaliar como o participante, em uma situação formal de interlocução, selecionou, organizou, relacionou e interpretou os dados, informações e conceitos pertinentes para defender sua perspectiva sobre o tema proposto.

Aqui verificamos nos textos escritos algumas posições do participante como: a reprodução de dados, informações e opiniões que estão presentes nos textos incluídos para reflexão; a seleção de dados, informações, opiniões sem relação com o projeto de texto; e uma seleção organizada e relacionada ao ponto de vista defendido pelo projeto de texto em relação ao tema proposto.

4. Construir argumentação consistente para defender seu ponto de vista.

Nesta competência, avalia-se a utilização de recursos coesivos da modalidade escrita, com vistas à adequada articulação dos argumentos, fatos e opiniões selecionados para a defesa de um ponto de vista sobre o tema proposto.

São os mecanismos coesivos, em última análise, os responsáveis pela construção da argumentação na superfície textual. Assim, são considerados os se-

guintes mecanismos: coesão referencial; coesão lexical (sinônimos, hiperônimos, repetição, reiteração); e coesão gramatical (uso de conectivos, tempos verbais, pontuação, sequência temporal, relações anafóricas, conectores intersentenciais, interparágrafos, intervocabulares).

5. Elaborar proposta de intervenção sobre a problemática desenvolvida, mostrando respeito à diversidade de pontos de vista culturais, sociais, políticos científicos e outros.

Nesta última competência, avalia-se como o participante indica as possíveis variáveis para solucionar a problemática desenvolvida, quais propostas de intervenção apresenta, qual a relação delas com o projeto desenvolvido sobre o tema proposto e a qualidade destas propostas, mais genéricas ou específicas, tendo por base o respeito à diversidade de pontos de vista e a solidariedade humana, eixos de uma sociedade democrática.

PROCESSO DE CORREÇÃO

Como já sabemos, a banca do ENEM avalia cinco competências:

- Modalidade escrita (aspectos gramaticais e adequação de formalidade)
- Adequação ao tema / Tipo de texto / Interdisciplinaridade (pertinência, objetividade, qualidade argumentativa, estrutura do texto etc.)
- Coerência (linha de raciocínio, coerência interna e externa, clareza, organização, uso da coletânea)
- Coesão (conectivos, sinônimos, pronomes, ganchos etc.)
- Proposta de intervenção / Respeito à diversidade e aos direitos humanos (articulação entre causas identificadas e soluções apresentadas, grau de aplicabilidade, nível de especificidade)

Na prática, as redações são todas digitalizadas e disponibilizadas, via internet, para correção, em todo o Brasil. Pelas características desse processo, podemos fazer algumas observações:

- Mesmo com orientação de supervisores, existe a possibilidade de discrepância no rigor de correção dos avaliadores, uma vez que a “grade” deixa alguns pontos em aberto.
- A legibilidade do texto é aspecto importante, na medida em que os textos são digitalizados.

- Cada examinador corrige, num curto período, muitas redações.

Disso, é possível inferir alguns pontos importantes para nortear a construção do texto:

- **LETRA:** é importante que a letra seja firme e bastante clara. Na hora da correção corrida, qualquer dificuldade de leitura cria uma péssima impressão sobre o texto.
- **DIMENSÃO:** usar todas as linhas talvez não seja a melhor estratégia no ENEM. Como a profundidade não é um aspecto fundamental, seria melhor fazer textos um pouquinho menos longos, em alguns casos até com quatro parágrafos ao todo, em vez de cinco (caso isso seja razoável dentro da sua estratégia).
- **ESTRUTURA e ORGANIZAÇÃO:** como dito no item anterior, a organização global do texto e sua “limpeza” serão fatores fundamentais na correção.

- **TÍTULO, INTRODUÇÃO (e CONCLUSÃO):** a primeira impressão terá especial importância no ENEM, em virtude da correção acelerada. Por isso, procure caprichar no título e no primeiro parágrafo, de preferência evidenciando a pertinência ao tema. Atenção total para evitar erros de expressão.

- **CLAREZA:** também por conta da correção “superficial”, textos claros tendem a ter melhor recepção que textos confusos ou complexos. Assim, quem tem dificuldades de expressão, deve praticar a construção de períodos curtos e médios, bem conectados. E, no caso daqueles que escrevem muito bem, porém de forma muito abstrata, o ideal é tentar simplificar a expressão das ideias, imaginando que se está escrevendo para um público leigo, que precisa de certo didatismo. Nesse sentido, analogias e exemplos podem ser muito úteis.

- **TEMA:** como em qualquer prova de redação, a demonstração de entendimento exato da proposta é fundamental. Recomenda-se que o aluno explicita, por meio de paráfrases, que compreendeu qual deveria ser a questão debatida. Isso pode ser feito na introdução, reafirmado no desenvolvimento e enfatizado na conclusão.

- **COESÃO:** muitos avaliadores passam os olhos pelo texto, à procura de indícios que indiquem tratar-se de uma boa escrita. Os conectivos e a não repetição de palavras acabam sendo provas disso. Portanto, vale a pena investir nos dois aspectos.

- **INTERDISCIPLINARIDADE:** na medida em que pretende avaliar a capacidade de compreensão e interferência do aluno na sociedade, o Enem valoriza demonstrações de conhecimento de diferentes áreas em suas redações. Nesse sentido, argumentações de base histórica e geográficas são maneiras eficientes garantir alguns pontos extras e proporcionar consistência às ideias. Na introdução, contextualizações históricas e culturais cumprem papel semelhante.

Por isso tudo isso, talvez seja interessante construir **frases que explicitem, de modo quase metalinguístico, a observação desses aspectos**. Veja os exemplos abaixo, mas procure desenvolver os seus próprios:

Interdisciplinaridade: “Para compreender essa questão, é preciso investir em uma abordagem que envolva diversas áreas do conhecimento.” / “Seria simplista desconsiderar a perspectiva de outras disciplinas na análise do (...)”

Análise das causas: “A resolução de um problema dessa complexidade demanda uma análise criteriosa de suas causas.” / “Para serem eficazes, as propostas de intervenção precisam ser adequadas às causas dos problemas, exigindo uma reflexão completa.”

Realismo otimista: “Embora compreensível, essa situação não pode ser justificada, exigindo de todos uma postura interessada em mudar esse panorama.” / “A razão nos ajuda a entender esse problema enquanto a sensibilidade nos orienta a não aceitá-lo.”

Respeito à diversidade e aos Direitos Humanos: “Soluções mágicas agradam à primeira vista, mas tendem a esconder desrespeitos inaceitáveis à lei e à humanidade.” / “Quando não são incluídos, as propostas de mudança da realidade criam mais problemas do que resolvem.”

É interessante, também, desfazer **dois mitos** que cercam a redação do ENEM e que têm sido bastante difundidos:

- **“É verdade que, no ENEM, a gente não pode criticar o governo?”**
Trata-se de um temor infantil. Algumas pessoas acham que, por ser uma prova

oficial, o ENEM não permitiria críticas ao governo. Além de a prova ser corrigida por professores do país, muitos dos quais são bastante críticos ao Estado, deve-se lembrar que as bancas avaliam a qualidade da argumentação. Nesse sentido, se, ao analisar certo problema, você identificar uma responsabilidade do Poder Público, o melhor é apontá-la. O que não se deve fazer, nesta ou em qualquer redação, é ter uma visão simplista, culpando o governo por tudo, de forma infantil.

• **“Como a banca do ENEM é pouco exigente, o ideal fazer uma redação piorzinha?”** Nada disso. Em primeiro lugar, nos últimos anos, a banca do ENEM passou a ser um pouco mais criteriosa, atribuindo notas mais altas apenas a textos muito bons. Em segundo lugar, um texto bem escrito será bem avaliado em qualquer circunstância. Clareza, coerência, pertinência ao tema, profundidade são elementos essenciais a qualquer boa redação. Então, no ENEM, você deve evitar o excesso de abstração, não porque a banca “pegue leve”, mas porque isso vai tornar seu texto melhor, mais claro.

DICAS E ESTRATÉGIAS

Tempo

De maneira geral, os alunos têm cerca de uma hora para produzir a redação nos vestibulares do Rio de Janeiro. Esse tempo obviamente não é expressamente determinado pelas bancas, mas costuma ser um ponto de equilíbrio para conciliar as diversas provas feitas no mesmo dia, sem prejudicar o rendimento em nenhuma disciplina. Desde o ENEM 2009, esses 60 minutos deixaram de ser apenas a conclusão de um exercício de bom senso e passaram a ser também o resultado de um cálculo matemático simples: no primeiro dia de provas, cada candidato faz 90 questões em quatro horas e meia; no segundo, os alunos resolvem o mesmo número de exercícios e redigem a redação, em cinco horas e meia. Partindo da premissa de que o tempo médio previsto para cada questão — três minutos — é o mesmo para os dois dias, a hora a mais no segundo dia é exatamente o tempo estimado da produção do texto dissertativo.

Para os que costumam fazer a redação em menos tempo, essa parece uma boa notícia, afinal, com uma boa organização dos minutos disponíveis, podem-se resolver questões de outras disciplinas com mais calma. No entanto, atenção: textos feitos muito rapidamente costumam apresentar um número elevado de defeitos, tanto em termos de forma

quanto de conteúdo. Se o aluno seguir com cuidado todas as técnicas trabalhadas ao longo do ano e fizer uma boa revisão do texto, é improvável que consiga terminar seu texto em menos de 45 minutos, por maior que seja sua facilidade na escrita.

Para os estudantes que demoram muito mais do que uma hora para fazer redações, o momento é de adequação. Não adianta redigir redações excelentes em duas ou três horas, porque isso comprometeria resultado em outras disciplinas e, consequentemente, no exame de modo geral. Como a queda brusca e imediata para apenas 60 minutos tende a afetar muito a qualidade do texto, o ideal é uma redução gradual, de forma a minimizar as possíveis perdas qualitativas. Mais um motivo por que a produção de dissertações deve ser um exercício, no mínimo, semanal, sempre sob a orientação de um professor.

Diante dessas informações, o ideal é começar ou terminar o ENEM pela redação? Não há “gabarito”: alguns alunos preferem escrever o texto antes, porque se dizem muito cansados para essa tarefa depois de fazer 90 questões; outros acham melhor priorizar os exercícios objetivos, deixando o texto para o fim. De um jeito ou de outro, o fundamental é buscar o equilíbrio e a organização do tempo disponível.

Espaço

As folhas de redação do ENEM costumam ter 30 linhas, número suficiente para desenvolver textos ao mesmo tempo aprofundados e diversificados desde que sejam marcados pela objetividade. Apesar da quantidade razoável de linhas, alguns cuidados com a letra podem ajudar a potencializar o espaço disponível.

Em primeiro lugar, vale a pena fazer um esforço para reduzir o tamanho da letra. A explicação é simples: quanto menor a letra, mais palavras e frases podem ser escritas, isto é, mais conteúdo pode ser apresentado para defender as ideias. Claro, isso não significa que a solução seja fazer uma letra mínima, pois esse exagero pode dificultar a compreensão do texto. Nesse caso, o jeito é recorrer ao bom-senso de modo a garantir a legibilidade da redação.

A legibilidade do texto, aliás, precisa ser garantida também por uma caligrafia, no mínimo, razoável. É evidente que, na correção da prova, não se avalia objetivamente a “beleza” da letra. Contudo, os famosos “garranchos”, ou seja, letras de difícil leitura exigem maior esforço do examinador, o que reduz a fluência da redação. Em casos extremos, o corretor simplesmente não consegue entender algumas — ou muitas — palavras, o que pode ter um efeito devastador no resultado da avaliação.

Interdisciplinaridade

Uma boa dica para diferenciar seu texto no ENEM é fazer referências ao conteúdo trabalhado em outras disciplinas escolares ao longo da redação. Trata-se de uma interessante demonstração da capacidade de absorver os ensinamentos e aplicá-los a reflexões reais, cotidianas.

Evidentemente, as ciências humanas têm usos mais “naturais” no texto. Recorrer a assuntos abordados em aulas de Geografia — como globalização, meios de produção e mão de obra etc. — parece uma boa oportunidade de embasar argumentos e demonstrar conhecimento acerca do mundo. Da mesma maneira, retomar acontecimentos do passado, estudados nas aulas de História, costuma ser um excelente meio de fazer análises do presente e previsões para o futuro em uma dissertação. Mesmo os conhecimentos de Literatura oferecem chances de composição de idéias interessantes, como relações entre estilos de época e o contexto político e cultural do país.

Entretanto, com esforço criativo, termos “importados” de disciplinas como Matemática, Física, Química e Biologia também podem ser inseridos de modo fluente em textos. A coletânea de redações exemplares presente no fim deste capítulo apresenta muitos desses usos: procure identificá-los para, quem sabe, incorporar esse espírito de criação à sua dissertação.

Temas e Propostas de Intervenção

Na correção da redação do ENEM, um importante diferencial em relação às provas da maior parte dos vestibulares é a exigência de propostas de solução para a questão discutida. Essa necessidade fica evidente pela própria matriz do exame, que afirma que o estudante deve “recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural”.

Dessa maneira, o perfil dos temas das redações — de cunho social — permite, direta ou indiretamente, esse tipo de abordagem, por isso devem-se buscar as causas do problema e, a partir disso, sugerir caminhos para a melhoria. Na correção do texto, essa tarefa corresponde a 200 pontos na nota. Para conquistar esses pontos, as propostas devem ser apresentadas preferencialmente na conclusão.

Agentes Transformadores

Na competência 5, a banca do ENEM avalia a capacidade de o redator imaginar modos de intervir na realidade analisada. Espera-se que a redação apresente propostas coerentes com a análise desenvolvida e que sejam minimamente viáveis e específicas.

Dois cuidados precisam ser considerados no cumprimento dessa exigência. Em primeiro lugar, o ENEM exige uma postura de engajamento e respeito aos valores humanos. Com isso, propostas que acabem por sugerir, por exemplo, soluções violentas não terão boa receptividade aos olhos do corretor. Em segundo lugar, o aluno nunca deve esquecer do óbvio: a necessidade de bom-senso. Isso significa que intervenções absurdas ou inviáveis não serão aceitas, afinal elas representam um discurso vazio. Dessa forma, se o ENEM pretende avaliar a formação de seus estudantes, não podem causar boa impressão sugestões impraticáveis como a criação de 3 milhões de novos empregos por mês e a elevação do salário mínimo para R\$ 5 mil como formas de eliminar o desemprego. Por mais que sejam ideias tentadoras, na prática, não há como executá-las, por isso elas podem soar como indícios de alienação.

Nesse sentido, uma boa maneira de imaginar soluções é tentar focar como cada um dos agentes sociais pode dar sua contribuição na melhoria do panorama descrito. Assim, ao fazer seu projeto de texto, procure refletir sobre o papel que os seguintes agentes podem desempenhar:

Mídia (Redes de TV, jornais, revistas, sites): campanhas de esclarecimento; informação; bons exemplos nas narrativas de ficção (romãs e filmes); parcerias com o Poder Público e com o setor privado.

Poder Executivo (Presidente da República, Governadores, Prefeitos, Ministros, diretores de estatais, fiscais, policiais): zelar pelo cumprimento de leis; propor novas leis ou regulamentações; investir em infraestrutura; estabelecer diretrizes nacionais; administrar eficazmente os recursos públicos; combater a sonegação fiscal; informatizar processos; dar visibilidade a suas ações; estimular coesão nacional; incentivar investimentos de empresas por renúncia fiscal.

Poder Legislativo (Senadores, Deputados Federais e Estaduais, Vereadores): criar e aprovar leis; propor Reformas Constitucionais (tributária, política, administrativa etc.); fiscalizar o Poder Executivo; investigar o Executivo; promover debates públicos.

Justiça (Juizes, Promotores Públicos, Defensores Públicos, Procuradores): aplicar a lei com rapidez; verificar a constitucionalidade das leis criadas; processar suspeitos de crimes; investigar irregularidades.

Setor privado: gerar empregos; criar produtos e serviços úteis à sociedade; seguir a legislação, pagar impostos; investir em cultura, ecologia e bem-estar social; conseguir certificados internacionais de qualidade (industrial, ecológica, tributária, social); investir em pesquisa e desenvolvimento; financiar ONGs e fundações.

Sociedade civil (Pessoas comuns, Associações de bairros, Organizações não governamentais): defender causas ecológicas, sociais e políticas; sugerir formas de incluir grupos sociais marginalizados; fiscalizar os poderes; promover alternativas de educação tradicional, cultural e esportiva; desenvolver a identidade de excluídos.

Família: dedicar-se à formação ético-moral dos filhos; criar coesão social; fiscalizar instituições de ensino; participar de conselhos educativos; preocupar-se com a exemplaridade das atitudes.

Instituições de ensino e pesquisa (Escolas, Universidades, Fundações): desenvolver soluções sustentáveis para problemas de saúde, de uso do espaço, de uso dos recursos naturais, de gestão, entre outros; promover a formação profissional ética e técnica de estudantes; fomentar o pensamento crítico; possibilitar debates públicos sobre temas relevantes.

DEZ PASSOS PARA A REDAÇÃO NOTA 1000

Durante este ano, tentamos estimular em você as qualidades fundamentais de um bom redator: concentração; consciência do texto; capacidade de interpretação (dos textos e do “mundo”); fluência de ideias; senso crítico; pensamento lógico; metodologia de trabalho; espírito argumentativo... enfim, tudo o que nos parece essencial a quem queira fazer diferença neste planeta.

Com os pés no chão, entretanto, não podemos deixar de lado as técnicas e, entre elas, a orientação sobre cada passo a ser dado diante da prova de redação. Acreditamos que esse planejamento prévio é uma excelente maneira de evitar imprevistos e ter domínio sobre os objetivos a serem alcançados. Por isso, leia com cuidado — o mesmo cuidado que você terá diante do tema proposto — a lista de etapas a ser seguida na “hora H”. Esperamos, sinceramente, que ela possa ser muito útil.

1. Leia a proposta com calma e faça uma detalhada e fecunda interpretação do tema. É ele, mais que a coletânea e que as suas ideias, a principal referência para evitar desvios e fugas. Não se esqueça de utilizar sinônimos das palavras escolhidas pelos autores do tema, como forma de refletir sobre ele. Pergunte-se sobre o significado de cada palavra. Relacione os termos a ideias e situações que você conheça.

2. Observe os “limites” (temporais e espaciais), os contextos de abordagem e os pressupostos do tema. Procure sempre ter clareza do que vale a pena ser explicado no texto, afinal certos aspectos podem servir como ponto de partida em uma análise. No ENEM, mesmo em temas mais amplos, faz sentido fazer referências à realidade brasileira, por isso evite abordagens excessivamente amplas, que reduzam a objetividade da redação.

3. Interprete cuidadosamente cada texto motivador presente da coletânea, buscando relacioná-lo à frase-tema. Perceba a relação que os textos estabelecem entre si e tente inferir alguma informação a partir da verificação de seu autor.

4. Elabore um cuidadoso roteiro de redação, em que você consiga aliar reflexão abstrata a uma perspectiva concreta, evitando “viagens excessivas”. É muito importante que você sistematize — isto é, organize de modo didático — suas ideias, a fim de alcançar alguma lógica entre elas, de preferência ligando-as ao seu ponto de vista. Ao terminar esse roteiro detalhado, verifique se sua linha de raciocínio está ligada ao tema proposto ao longo dos parágrafos. Essa ligação é fundamental.

5. Pense em referências interdisciplinares para compor seu texto. Seus conhecimentos de História, Geografia, Literatura, Filosofia e Sociologia podem ser muito úteis na fundamentação de um ponto de vista. Da mesma forma, a menção criativa a termos de outras disciplinas (“o poder público deve sair do seu estado de inércia”, por exemplo) pode ter efeito interessante no texto.

6. Redija seu texto, seguindo o roteiro criado e checando, a todo tempo, sua pertinência ao tema. Ao mesmo tempo, não deixe de lado a forma: a) o uso de elementos coesivos; b) a ligação entre os parágrafos (“ganchos”); c) o tamanho de cada período, para evitar construções frasais muito longas; d) os aspectos gramaticais; e) e as repetições não-intencionais de palavras.

7. É importante levar em consideração a fluência e a clareza de suas ideias. Leia cada parágrafo com certa imparcialidade e calma para identificar trechos obscuros e confusos. A fim de evitá-los, pode-se recomendar o uso de imagens e exemplos, como se estivéssemos explicando nosso argumento a uma criança (ou quase). Quanto mais vezes você puder reler cada parágrafo, melhor.

8. Invista nas soluções: lembre-se de que o objetivo final da redação do ENEM é avaliar o quão capaz o estudante é de compreender e transformar a sociedade em vive. Considerando a correção nem sempre tão cuidadosa realizada no ENEM, é fundamental a presença — no parágrafo de conclusão — de propostas claras de intervenção, necessariamente relacionadas às causas identificadas na própria redação. Evite discursos vazios (“é preciso que cada um se conscientize dos problemas e lute para melhorar o país”, por exemplo) ou propostas genéricas (“a solução é investir em educação”).

9. Releia seu texto três vezes, observando, de cada vez, um dos aspectos a seguir: a) Qualidade e profundidade das ideias e sua pertinência ao tema. Muitas vezes, uma pequena palavra ou frase acrescentada no final de um parágrafo pode ser decisiva para retomar o tema; b) Aspectos formais. Pequenos defeitos de concordância, regência, ortografia e pontuação sempre podem ser corrigidos; c) Sonoridade. Simule uma espécie de “voz alta” para verificar a fluência do texto. Encontrando trechos estranhos, pequenas modificações ainda podem ser feitas.

10. Releia cuidadosamente, uma última vez, cada palavra da introdução. Do modo como é realizada a correção da redação do ENEM, a primeira impressão que o corretor tem do seu texto tende a ser decisiva na sua nota final. Portanto, erros nesse parágrafo devem ser evitados a todo custo.

Redação 1

Tema: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil (ENEM 2013)

Da teoria à prática

No início do século XX, com o fordismo, os carros entraram em rota de popularização. No Brasil, esse processo ganhou força décadas mais tarde, sobretudo nas grandes cidades, com a expansão do rodoviarismo, implementada no governo JK. Essa modernização, contudo, não foi plenamente acompanhada de bom senso no que diz respeito à segurança da condução: até hoje mostra-se frequente a perigosa mistura de álcool e direção, um comportamento cujo resultado é a morte de muitos — motoristas ou não. Para frear essa realidade, o governo criou a “Lei Seca”, que proíbe, em qualquer intensidade, essa combinação letal. Porém, apesar do avanço, ainda falta o comprometimento de boa parte da sociedade, o que limita, na prática, os efeitos da implantação dessa norma legal.

A Lei Seca estabeleceu como crime passível de multa e até prisão a condução de qualquer veículo automotor sob efeito de bebidas alcoólicas. Desse modo, por medo das consequências, muitos passaram a respeitar a regra. Com menos pessoas embriagadas ao volante, houve uma redução do número de acidentes no trânsito e, consequentemente, na quantidade de mortes e atendimentos por esse motivo nos superlotados hospitais brasileiros. Percebe-se, portanto, o valor dessa medida, que transforma em punições com cifras elevadas a dimensão dos riscos da direção alcoolizada, e esclarece à população a importância de uma mudança de postura. Ao menos na teoria.

Na prática, essa conscientização não se mostra tão eficaz. Diversas redes sociais, como o Twitter, divulgam os locais onde ocorrem as fiscalizações. Com essa informação em tempo real, fica fácil para o motorista burlar qualquer blitz, ainda mais se considerada a limitação no número de agentes envolvidos nessas vistorias em boa parte das cidades. Esse tipo de postura transgressora evidencia que parcela da sociedade talvez encare a Lei Seca como apenas mais uma norma a ser descumprida, um comportamento nada incomum na cultura do “jeitinho”. Se

consideradas a insuficiência de transportes públicos alternativos e a escassez de campanhas de conscientização capazes de atingir os valores morais do povo, torna-se fácil perceber que muitos ajustes ainda devem ser realizados.

Sob essa lógica, apesar do claro avanço propiciado pela Lei Seca, é preciso aprimorar a fiscalização e estimular, de fato, a conscientização. Para isso, de imediato, cada Estado deve destinar mais recursos humanos e tecnológicos para ampliar o número de vistorias. Para dificultar a divulgação das informações nas redes sociais, uma saída é o uso de unidades móveis equipadas com bafômetros. Além disso, o poder público pode investir e incentivar a criação de ficções engajadas, ou seja, novelas e filmes que abordem os riscos da direção embriagada. A verdadeira transformação, no entanto, cabe às escolas: em todos os segmentos, os conteúdos programáticos de diferentes disciplinas podem abordar a questão do consumo de álcool, assim como a necessidade de respeito às leis, em um estímulo à formação cidadã das novas gerações. Talvez assim a realidade possa finalmente espelhar o ideal da Lei Seca.

Redação 2

Tema: Movimentos migratórios para o Brasil no século XXI (ENEM 2012)

Hospitalidade sim, hospitalização não

Ao longo da colonização, principalmente depois da Lei Áurea, milhares de imigrantes vieram para o Brasil trabalhar em lavouras e fábricas. Hoje, a chegada de estrangeiros ao país prossegue, gerando um reforço na mão de obra e, principalmente, intensificando as trocas culturais. Entretanto, não são apenas boas as notícias consequentes dessas viagens, na medida em que muitos estados brasileiros demonstram problemas estruturais que limitam o aproveitamento e a absorção de seus novos moradores. Nesse sentido, é necessário ponderar os impactos desse fenômeno e colocar em prática políticas que amenizem as mazelas dele decorrentes.

Destino de estrangeiros ao longo de sua história, não surpreende que essa procura pelo Brasil tenha se intensificado na última década. A nação dispõe de uma das economias dos BRICs que mais cresce atualmente, ganhando, devido a isso, também uma maior relevância política no cenário mundial. Ainda mais com a intensa exposição consequente da confirmação de grandes eventos esportivos no país, torna-se fácil entender por que muitas pessoas têm migrado em busca de melhores condições de vida e de empregos brasileiros.

A chegada de novos trabalhadores ao país ajuda a aquecer a economia do Brasil, mas não são apenas números e índices os beneficiados. De fato, a história mostra que a cultura do Brasil é repleta de misturas resultantes da interação entre brasileiros e imigrantes. A colonização portuguesa e a vinda de escravos africanos no século XIX e pessoas de outros países recentemente foram fundamentais para a criação de valores miscigenados. Dessa forma, essa troca de costumes que ocorre até hoje constitui uma maneira essencial de respeito à cultura alheia, além de enriquecer o país em campos como o intelectual e o artístico.

Mesmo com tantos ganhos, muitos contestam a intensificação da imigração para o Brasil, afinal diversos estados brasileiros enfrentam problemas de espaço e recursos para receber os estrangeiros. No ano passado, por exemplo, milhares de haitianos migraram para a região norte do país, e o poder público encontrou dificuldades estruturais para acolhê-los. Com isso, tendem a se agravar mazelas sociais já preocupantes no país, especialmente no que diz respeito à pobreza. Por tudo isso, fica clara a necessidade de serem criadas medidas que permitam a absorção social dessas pessoas, sem comprometer a qualidade de vida dos nativos.

A intensificação da imigração para o Brasil, portanto, apresenta um potencial positivo na economia e na diversidade cultural, porém precisa de ajustes para não agravar problemas sociais já existentes. Nesse contexto, o poder público deve criar mecanismos sociais para capacitar a mão de obra local e estrangeira no país, além de adotar políticas econômicas que estimulem a criação de novos empregos. De modo complementar, as crianças devem aprender na escola o valor do contato com diferentes culturas, por meio de palestras, aulas ou até visitas aos museus. Com pequenos ajustes, é possível fazer jus à histórica fama de país hospitaleiro, sem comprometer a “saúde” da nação.

Redação 3

Tema: Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado (ENEM 2011)

Quinze minutos de privacidade

Quando afirmou que, no futuro, todos teriam direito a quinze minutos de fama, Andy Warhol indicou o desejo pela fama como uma tendência da sociedade de massa. A famosa frase foi cunhada no fim da década de 1960, quando a internet só existia como uma rede acentrada ainda com objetivos primordialmente militares. Hoje, a grande rede se faz presente em boa parte das atividades cotidianas, uma “evolução” que transformou a crítica do conhecido artista plástico em uma espécie de profecia a ser seguida. O problema, nesse caso, é que a vida virtual muitas vezes elimina a tênue fronteira entre o público e o particular.

Basta ter uma conta de e-mail ou navegar eventualmente pela internet para perceber os perigos que ela oferece. De fato, invasões de contas e crimes de diversas naturezas tornam a rotina em banda larga pouco segura, transformando informações sigilosas em conteúdo público com a mesma velocidade da comunicação em tempo real. Embora seja polêmico, o trabalho da organização conhecida como “Wikileaks” evidencia como nem mesmo empresas e governos, com suas redes de seguranças supostamente seguras, estão imunes a esses riscos.

Nem sempre, porém, o problema é fruto de invasões e crimes: o desejo pela exposição e pelo reconhecimento virtual tem levado a perigosos exageros na vida real. Por trás de perfis em redes sociais e de pseudônimos em chats e blogs, muitas pessoas expõem suas intimidades, com frases ou fotografias comprometedoras profissional e socialmente. Prova disso são os casos de demissões e processos causados pela publicação de conteúdos considerados inapropriados, mesmo que isso tenha sido feito em ambientes tipicamente “pessoais”. Assim, trata-se de uma ilusão imaginar que a vida em bytes, revelada no interior de um quarto fechado, possa ser dissociada da vida em carne e osso, em ruas e calçadas.

Diante de um panorama complexo como esse, repleto de variáveis, é fundamental buscar caminhos para o estabelecimento de limites entre o público e o privado na grande rede. O primeiro passo deve ser dado pelos governos, com a criação e o aprimoramento de legislações específicas e mecanismos de identificação e punição capazes de inibir crimes relacionados a invasões de privacidade e manifestações preconceituosas. Afinal, o que é socialmente ilegal e imoral na vida real também o é na internet. Na mesma perspectiva, a mídia pode divulgar — tanto no noticiário quanto em dramaturgias — os perigos da exposição na internet, de modo a sensibilizar a sociedade.

Fica claro, portanto, que são necessárias medidas urgentes para evitar uma confusão danosa entre o particular e o público na internet. Contudo, a transformação profunda deve ser feita na nova geração de crianças e adolescentes, que já nasceu e vem crescendo em um ambiente paralelamente real e virtual. Por isso, o trabalho de ONGs e, sobretudo, de escolas parece ser a solução mais eficaz. Com aulas e palestras sobre o uso seguro e socialmente adequado da internet, é possível imaginar um futuro em que menos pessoas se prejudiquem com a vida em banda larga, e mais indivíduos usem esse recurso para, por exemplo, compreender melhor a frase de Andy Warhol.

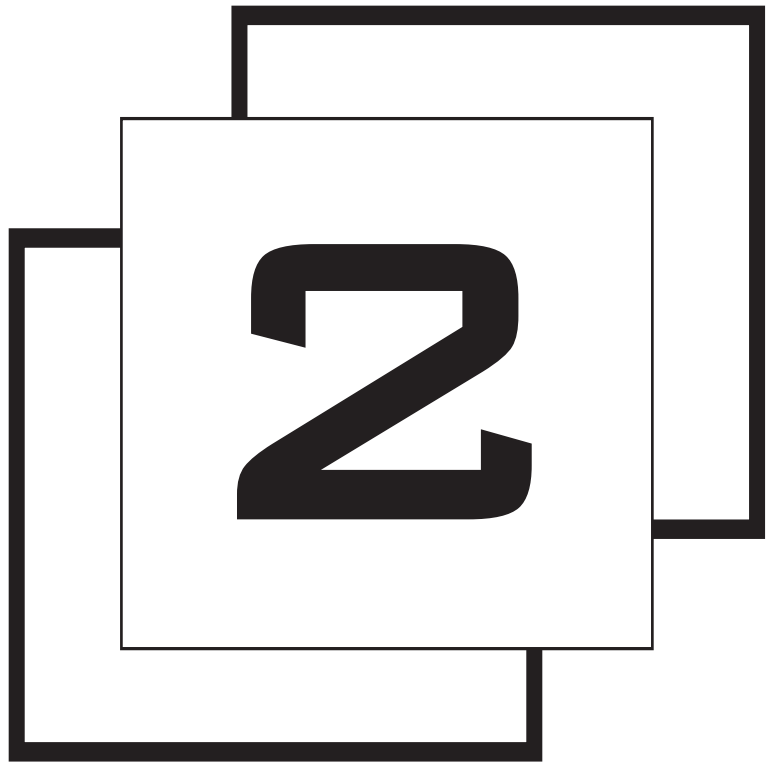
Redação 4**Tema: O indivíduo frente à ética nacional (ENEM 2009)*****Uma nova história***

Vladimir Herzog, um militante do partido comunista durante a ditadura militar brasileira, disse que quando perdemos a capacidade de nos indignar com as atrocidades praticadas pelas pessoas, não podemos mais nos considerar civilizados. Apesar de essa ideia ter sido elaborada há mais de trinta anos, sua essência ainda é coerente com a atual realidade brasileira. Nesse contexto, mesmo com evidências que confirmam a fragilidade dos valores morais e éticos, o brasileiro continua em um estado inercial.

Sem dúvida, o cenário brasileiro está marcado por uma crise de valores. Tornou-se comum a divulgação de casos de corrupção e outros escândalos políticos, nos quais os representantes do país negligenciam os seus deveres com o povo e atendem apenas aos interesses pessoais. Entretanto, essas práticas não se limitam ao âmbito político, como, por exemplo, a “caixinha” oferecida ao policial da blitz. Dessa forma, é evidente que essas atitudes estão sendo cultivadas pela própria sociedade.

Nessa direção, esses problemas serão frequentes enquanto as pessoas mantiverem uma postura conformista. De fato, muitos indivíduos têm conhecimento desses acontecimentos que vão de encontro aos valores da sociedade, mas preferem se abster e aceitam as consequências. Certamente, essa posição é fruto de uma cultura que valoriza o “jeitinho brasileiro”, fruto de uma educação pouco consolidada, com escassez de recursos para formar verdadeiros cidadãos.

Torna-se evidente, portanto, que o Brasil tem passado por uma crise de valores que exige uma mudança efetiva. Dessa forma, a sociedade civil organizada, por meio de ONGs e da mídia, pode promover denúncias de casos de corrupção. Por sua vez, o governo pode investir em instituições de ensino, para que essas tenham condições de oferecer uma educação de qualidade, capaz de formar cidadãos com senso crítico e valores morais e éticos consolidados. Novas grades de ensino e palestras, não só para os alunos, mas também para as famílias, podem contribuir para a formação de indivíduos mais conscientes do seu papel em sociedade. Com essas medidas, talvez do militante comunista passe a ser coerente apenas com o passado.



COESÃO TEXTUAL

CONCEITO

Texto, como vimos, é qualquer unidade linguística e semântica de comunicação. Essa definição corresponde, com bastante precisão, à etimologia da palavra, que deriva do latim *textum*, que também está na origem da palavra “tecido”. O texto é, por assim dizer, uma tessitura de palavras e ideias, integradas como um todo.

Nessa perspectiva, para um texto funcionar plenamente, é preciso que existam mecanismos que estabeleçam a unidade semântica e a unidade formal entre as partes. Para alcançar esta última, utilizam-se justamente os mecanismos de coesão.

Para entender sua importância, leia atentamente o parágrafo abaixo:

A democracia brasileira está ameaçada pela descrença da sociedade quanto aos representantes da sociedade. A sociedade não aceita que a corrupção e o descaso com os problemas sociais sejam comportamentos comuns dos representantes da sociedade. Existe um fenômeno global de descrença na política, em virtude da incapacidade da política de resolver problemas complexos. A democracia brasileira está em xeque.

Não há dúvida de que o conjunto de frases acima apresenta uma série de qualidades: conteúdo coerente, boa abordagem da questão, ausência de erros gramaticais. Entretanto, não existem elos entre as frases, configurando uma linguagem quase infantil.

Após as devidas modificações, o parágrafo ficaria assim:

É preciso considerar, antes de tudo, que a democracia brasileira está ameaçada pela descrença da sociedade quanto a seus representantes. Os eleitores não aceitam que a corrupção e o descaso com os problemas sociais sejam comportamentos comuns dos políticos. Além disso, existe um fenômeno global de desvalorização do sistema, em virtude de sua incapacidade de resolver situações complexas. Por essas razões, o regime democrático está em xeque no Brasil.

Pode-se afirmar, portanto, que a coesão é o conjunto de mecanismos linguísticos que estabelecem nexos sintáticos e semânticos capazes de encadear as partes de um texto, evitando também as repetições.

Naturalmente, ela pode ocorrer em vários níveis:

- dentro de um período;
- entre dois períodos; ou
- entre dois parágrafos.

Para redigir um texto, é sempre necessário criar formas de “amarrar” as partes, ligando as frases entre si, de maneira a alcançar a fluência desejável. Com essa preocupação, pode-se não apenas atingir a coesão, mas também garantir a coerência, na medida em que a passagem de uma ideia a outra se dá pelos recursos de coesão.

Nessa direção, devemos recordar que a coesão é a expressão formal da coerência, ou seja, é a tradução da coerência em termos frasais. Por essa razão, não tem qualquer valor uma sequência de frases vinculadas por elementos conectivos se não houver relações de sentido entre elas. Leia o exemplo abaixo:

A televisão tem sido criticada por muitos sociólogos. Estes costumam estudar os fenômenos sociais, interpretando-os. A esse propósito, deve-se lembrar que a capacidade de interpretação está ligada à experiência de cada indivíduo. Sem dúvida, a individualidade é a base das sociedades liberais modernas.

Não há dúvida de que esse parágrafo é coeso, no sentido estrito da palavra. Entretanto, qual é exatamente o assunto de que trata? Televisão? Sociologia? Interpretação? Individualismo? Não basta ligar frases; é necessário estabelecer uma linha de pensamento, em que cada ideia esteja ligada à próxima, formando um todo uniforme.

Dessa forma, pode-se dizer que enquanto a coesão se relaciona à dimensão visível do texto, a coerência se preocupa com sua estrutura profunda e extra-textual. Para um texto ser completo, o ideal é que aparência e essência se correspondam mutuamente.

TIPOLOGIA

Dentro da Linguística — ciência responsável pelo estudo dos fenômenos da linguagem —, não existe propriamente um consenso sobre os tipos ou níveis de coesão. Há diferentes teorias e interpretações, em um debate de interesse acadêmico, que só nos interessa em sua aplicabilidade à pedagogia do texto para o vestibular.

Assim optamos por seguir, em linhas gerais, a perspectiva da professora Ingedore Villaça Koch, da Unicamp, que tem grande consistência e, por esse motivo, relevância no contexto brasileiro.

Simplificadamente, a perspectiva de Koch é a de que existem dois grandes tipos de coesão.

A coesão referencial diz respeito ao processo de fazer referências dentro do texto, quando certos termos remetem a outros, evitando repetições. A coesão sequencial está ligada à progressão temática do texto, por meio de vínculos que vão sendo estabelecidos.

Leia com atenção o seguinte fragmento:

*Não há dúvida de que os conhecimentos culturais têm sido valorizados no mercado de trabalho. Isso ocorre, **porque** a atualização ajuda a criar um profissional mais completo, que apresenta uma visão integrada dos processos. Esse trabalhador do futuro lê jornais para entender de economia e política, **mas** também de cinema e esportes. **Dessa forma**, como engenheiro, médico ou advogado, poderá utilizar as informações que obteve nos veículos de comunicação e aplicar à realização de suas tarefas.*

Perceba que as palavras ou expressões em negrito exercem a coesão sequencial, enquanto os termos sublinhados são responsáveis pela coesão referencial.

A presença recorrente desses elementos evidencia a importância da coesão no estabelecimento do sentido global do texto.

COESÃO REFERENCIAL (OU REMISSIVA)

Para evitar repetições — e realizar a coesão referencial —, a língua apresenta uma série de recursos e mecanismos bastante eficientes. Alguns deles, como os sinônimos, são bastante conhecidos de redatores, outros nem tanto.

Assim, talvez seja conveniente ter uma lista dos principais recursos de referência utilizáveis em um texto dissertativo típico:

- Sinônimos
- Epítetos (antonomásias e perífrases)
- Termos-síntese
- Hipônimos e hiperônimos
- Pronomes
- Numerais
- Metonímias
- Definições

A respeito desses elementos, pode-se dizer que, na maioria das vezes, eles fazem remissão a algo já dito na superfície do texto. Entretanto, em alguns casos, eles podem apontar para algo que ainda será explicitado.

Quando essa atenção no sentido de sempre “olhar para trás” existe, estamos diante da chamada coesão anafórica (ou simplesmente anáfora). Quando nosso “olhar” se volta para o que vem adiante no texto, trata-se da coesão catafórica (ou catáfora).

Se dizemos, por exemplo, que Marcela tinha uma ideia em mente, estamos produzindo um movimento para adiante. Só podemos entender qual seja essa ideia na frase seguinte: Ela mandaria uma carta para seu pai.

Compare estas situações:

Anáfora

A pipoca, o ingresso, a fila, a plateia, o trailer, o filme: tudo faz parte da mesma magia.

Catáfora

Era tudo novo para Maria: o calçadão, a areia, o sal e, sobretudo, o mar.

Na primeira frase, o pronome tudo faz referência aos itens mencionados anteriormente. Na segunda, ocorre o oposto, com um movimento de suspense para adiante.

Além dessa distinção mais básica, a rigor, os mecanismos de coesão listados acima podem ser classificados em três grupos, conforme alguns critérios de uso. Leia essa classificação a seguir.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS PRESAS

Esses recursos são aqueles que acompanham um nome, antecedendo-o, sem fornecer muitas informações de sentido, a não ser as básicas. Veja este exemplo:

Desde a pré-história, o “diferente” sempre representou a possibilidade de uma ameaça. Essa hipótese tornava necessária uma postura defensiva, que pode ter originado a intolerância.

O pronome “essa” é classificado como adjetivo, ou seja, seu papel é acompanhar um nome (nesse caso, “hipótese”), e sua função é meramente locativa. Assim, podemos elencar os termos que costumam cumprir esse papel:

• Artigos definidos e indefinidos

Lula estabeleceu o bolsa-família como pilar de seu governo. O projeto prevê a distribuição de recursos financeiros à população de baixa renda.

• Pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos ou relativos)

O aquecimento global tem afetado a política dos países centrais. De fato, seus governos parecem preocupados em colocar o tema na ordem do dia.

• Numerais cardinais e ordinais (acompanhando um nome)

A importância da arte, nesse sentido, é tanto social, quanto cultural. A primeira relaciona-se à formação do senso crítico da população; a segunda, ao fortalecimento da identidade nacional.

FORMAS REMISSIVAS GRAMATICAIS LIVRES

Quando, em vez de apenas acompanhar um nome, o termo de referência aparece sozinho, temos um uso “livre”. Da mesma forma que no caso anterior, também não há aqui grande acréscimo de significado à coesão. Leia este exemplo:

No Brasil, a sociedade sofre de uma espécie de esquizofrenia. Na teoria, ela condena a corrupção; na prática, aceita e pratica várias formas de suborno.

Repare que o pronome ela é substantivo, ou seja, ele substitui o termo sociedade e exerce o papel de núcleo de uma função sintática própria aos substantivos (nesse caso, sujeito da oração referente ao verbo “condena”).

Os mecanismos gramaticais que costumam exercer esse papel coesivo são os seguintes:

• Pronomes substantivos (demonstrativos, pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos ou relativos)

Muitos políticos prometem investir em educação. Alguém ainda acredita nisso?

Naquela época, em que ainda se acreditava em boas intenções, uma pessoa poderia pedir carona sem se arriscar.

• Elipses

A sociedade aceita o discurso reincidente dos políticos, pois () imagina que não existem alternativa.

• Numerais

Há problemas ecológicos e humanísticos a resolver. Ambos demandam a mesma atenção da sociedade.

• Advérbios pronominais

No Nordeste, o trabalho infantil ainda existe em muitas localidades. Lá, as famílias precisam contar com um complemento da renda para sobreviver.

• Expressões adverbiais do tipo “acima”, “abaixo”, “assim”, “seguinte”

A presença de tecnologias, segundo o senso, pode comprometer o desenvolvimento das crianças. Muitos especialistas, porém, não parecem pensar assim.

FORMAS REMISSIVAS LEXICAIS

Enquanto as formas remissivas gramaticais, como dissemos, não acrescentam instruções de sentido, as formas lexicais transmitem sempre alguma informação extralinguística.

O uso de computadores em escolas tem sido difundido como uma nova era em educação. Entretanto, de nada adiantam máquinas que não sirvam a um propósito inteligente.

O substantivo máquinas retoma computadores, acrescentando a informação de sentido contida no significado da palavra. Nesse caso, os recursos são bastante numerosos:

• Sinônimos (ou quase-sinônimos)

Ninguém se nega a fazer trabalhos que julgue relevantes. Se as tarefas, porém, parecerem inúteis, serão realizadas com pouca competência.

• Hiperônimos e hipônimos

Desde que o cinema foi inventado, há filmes que promovem debates públicos relevantes. Essas obras apresentam abordagens polêmicas de tabus.

O exemplo acima é de um hiperônimo, ou seja, uma palavra que designa a classe em que se insere o termo referido (nesse caso, “filmes”).

A tecnologia aplicada à educação pode ser útil à tangibilização de matérias complexas. De fato, o computador substitui, com sobras, muitos dos desenhos e esquemas colocados no quadro-negro.

Nesse caso, ocorreu o oposto: um termo de sentido mais específico (“computador”) retomou um com sentido mais amplo (“tecnologia”), caracterizando o uso de um hipônimo.

• Expressões definidas

Quando um termo se refere a um anterior e é antecedido por um artigo

definido ou por um pronome demonstrativo, estamos diante de uma expressão definida. Esse mecanismo de coesão costuma apresentar informações contextuais relevantes para a coerência. Neste grupo, encontram-se os epítetos, as metonímias, as definições e os termos-síntese:

Desde o final da 2ª Guerra, o Japão se consolidou como a meca da tecnologia avançada. Na Terra do sol nascente, a inovação é um valor cultural decisivo.

O governo norte-americano tem tido um comportamento agressivo em termos internacionais. Além de apoiar conflitos armados, a Casa Branca os pratica quando julga necessário.

Estar no governo fez mal a Lula. O defensor das Diretas-Já e dos princípios democráticos tenta barrar qualquer investigação mais séria dos escândalos promovidos em sua gestão.

COESÃO SEQUENCIAL

Como vimos, o texto pode ser encarado como um conjunto de “partes” (palavras, expressões, orações, períodos, parágrafos) que estabelecem relações de interdependência semântica. A rigor, falar de “partes” já constituiria um equívoco, uma vez que os segmentos textuais têm uma existência autônoma de sentido bastante reduzido.

À coesão sequencial corresponde o andamento do texto, pela manutenção temática, pela progressão temática ou pelas conexões semânticas.

MANUTENÇÃO E PROGRESSÃO TEMÁTICA

Para entender esses conceitos, leia atentamente o fragmento a seguir:

A política tradicional tem enfrentado resistência por parte da sociedade, sobretudo entre os mais jovens. Seja o regime democrático — com sua tradicional lentidão — sejam os péssimos exemplos de tantos representantes da sociedade, o fato que, em pouco tempo, o voto se tornará artigo raro, tanto quanto a própria gestão pública.

Perceba que os termos destacados pertencem todos ao mesmo campo semântico, qual seja, o da política.

Essas palavras e expressões ativam, no pensamento do leitor, um esquema temático que garante a continuidade do assunto tratado.

Ao mesmo tempo em que pretende manter o leitor atento ao tema central, o redator deve procurar fazer o texto “avancar”, englobando novas dimensões e perspectivas.

Nesse sentido, examine este parágrafo:

As tecnologias estão cada vez mais presentes na educação de uma criança. Na primeira idade, as narrativas exercem um papel fundamental na transmissão de valores. Sem dúvida, ouvir histórias ajuda a absorver comportamentos

e mensagens, ainda mais quando se pode intervir no enredo. Os videogames cumprem essa função na contemporaneidade.

Como você pode notar, no parágrafo acima, os termos destacados não se referem a um mesmo campo semântico, mas representam uma progressão do tema, que poderia ser esquematizada assim:

Tecnologia → Educação → Valores → Videogames

Obviamente, os dois movimentos — manutenção e progressão — podem (e talvez devam) estar articulados para garantir a tessitura do texto, isto é, seu complexo conjunto de relações semânticas.

CONECTIVOS E OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Quando a relação entre as “partes” do texto pode ser expressa por meio de um valor abstrato tal como oposição, continuidade, explicação, estamos diante do encadeamento lógico.

Em uma narrativa, por exemplo, pode-se ter esse encadeamento na dimensão cronológica:

Naquele momento, Marcela percebeu que sua ideia não tinha sido muito boa. Antes de atender a campainha, tinha desarrumado o cabelo, para parecer que estava à vontade. Sem perceber, deu o pretexto para, horas mais tarde, pedir desculpa à amiga.

As expressões de indicação temporal evidenciam nexos semânticos, tornando mais fácil o entendimento do leitor. Da mesma forma, na dissertação, tanto melhor se conseguirmos explicitar os nexos entre as orações, períodos e parágrafos, por meio de recursos comumente utilizados para esse fim.

Existem, fundamentalmente, três tipos de recursos dessa forma da coesão, conforme o nível em que o vínculo seja estabelecido, a saber:

- Intrafrasal (ou frástico)
- Interfrasal (ou interfrástico)
- Interparagrafal

Os conectivos — também conhecidos como conectores ou operadores do discurso — são palavras ou expressões correntes no idioma, cujo significado estabelece vínculos semânticos específicos. Os principais conectores utilizados em textos dissertativos são:

1. Prioridade / Relevância

Em primeiro lugar / Antes de mais nada / Primeiramente / Acima de tudo / Precipuamente / Mormente / Principalmente / Primordialmente / Sobretudo

Esses termos ajudam a destacar ideias em um certo conjunto, evidenciando seu grau hierárquico:

É essencial combater, antes de tudo, o problema ético que está na base desse comportamento.

2. Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade)

Então / Enfim / Logo / Imediatamente / Após / A princípio / Pouco antes / Pouco depois / Anteriormente / Posteriormente / Em seguida / Por fim / Finalmente / Agora / Atualmente / Hoje / Frequentemente / Constantemente / Às vezes / Eventualmente / Por vezes / Ocasionalmente / Sempre / Raramente / Não raro / Ao mesmo tempo / Nesse ínterim / Nesse tempo / Enquanto isso — e as conjunções temporais

Embora esses recursos sejam típicos das narrativas, também podem exercer função argumentativa, seja contextualizando uma ideia, seja evidenciando um contraste temporal:

Enquanto o discurso oficial fala de aplicar tecnologias a escolas, os professores e alunos sofrem com a falta de giz.

3. Semelhança / Comparação / Conformidade

Igualmente / Da mesma forma / Assim também / Do mesmo modo / Similamente / Semelhantemente / Analogamente / Por analogia / De maneira idêntica / De conformidade com / De acordo com / Segundo / Conforme / Sob o mesmo ponto de vista — e as conjunções comparativas

Um dos recursos mais fortes da argumentação é o uso de analogias e comparações:

Uma sociedade preocupada com o meio ambiente sabe que precisa sacrificar alguns confortos, da mesma forma que fazem as pessoas que pretendem realizar um sonho — ou, nesse caso, afastar um pesadelo.

4. Adição / Conjunção

E / Não só... mas também / Tanto... quanto / Não apenas... como também / Além disso / Por sua vez / Também

A adição de ideias funciona de modo a associar aspectos distintos que endossem uma mesma conclusão. Nesse caso, dependendo do conectivo escolhido, essa “conjunção” pode ser atenuada ou intensificada:

Estudar os valores éticos e aplicá-los a situações cotidianas pode conduzir a uma mudança de comportamento que permita vencer a crise moral contemporânea.

Não apenas estudar os valores éticos, mas também aplicá-los a situações cotidianas podem conduzir a uma mudança de comportamento que permita vencer a crise moral contemporânea.

5. Continuidade

Nesse sentido / Nessa direção / Nessa perspectiva

Na dissertação, muitas vezes “precisamos” de conectores que apenas nos ajudem a encaminhar o raciocínio, fazendo-o “ir adiante”:

Nessa perspectiva, o uso da violência em ações policiais pode intensificar o problema que se quer resolver.

6. Dúvida / relativização

Talvez / Provavelmente / Possivelmente / Não é certo / Se é que / Em parte / Muitas vezes / Aparentemente

Na argumentação madura, a dúvida, em vez de enfraquecer um argumento, pode manifestar uma postura de cuidado e relativização, facilitando a adesão do interlocutor:

Tentar mudar valores aos poucos em vez de impor leis que não vão funcionar talvez seja uma escolha mais adequada a um país como o Brasil.

7. Certeza / Ênfase

Na verdade / Com certeza / Sem dúvida / De fato / Certamente / Indubitavelmente / Inquestionavelmente / Inegavelmente / Por certo

Muitas vezes, a relativização comentada acima precisa do contraponto da certeza, de modo a marcar a força de certa ideia:

De fato, a esperança pode minar o ímpeto de mudança, já que coloca a sociedade numa postura de espera passiva.

8. Redefinição / Esclarecimento / Correção

Isto é / Quer dizer / Em outras palavras / Ou seja / Ou por outra / Ou melhor

Algumas vezes, esses conectivos podem acabar criando redundâncias, uma vez que, ao usá-los, o redator pode acabar dizendo a mesma ideia com outras palavras. Entretanto, estando ciente disso, ele poderá aplicar esse recurso na direção do esclarecimento:

A escola representa um primeiro contato com a sociabilidade, ou seja, é o ambiente em que as trocas, os conflitos e as negociações ajudam a criança a antecipar sua vida social.

9. Propósito / Intenção / Finalidade

Para / No intuito de / Com o fim de / A fim de / Com o propósito de / Propositadamente / De propósito / Intencionalmente — e as conjunções finais.

Essa relação semântica está entre as mais intuitivas. Recomendamos apenas que, em nome da riqueza vocabular, os alunos diversifiquem os conectivos empregados:

A leitura precisa ser encarada como fonte de prazer, com o propósito de se tornar uma atividade desejada, antes de ser vista como necessária.

10. Causa / Explicação / Justificativa

Pois / Porque / Já que / Em função de / Na medida em que / Em virtude de / Por / Devido a / Afinal

Do mesmo modo que no caso anterior, também aqui temos relações naturais ao discurso. Convém, no entanto, ter em vista os diferentes conectivos, para que eles não se repitam no texto:

Entre os jovens, o consumo de entorpecentes pode ser associado à ideologia hedonista, uma vez que essas substâncias parecem proporcionar um prazer imediato e fácil.

11. Conclusão / Consequência / Síntese

Por tanto / Assim / Por isso / Com isso / Dessa forma / Dessa maneira / Desse modo / Por consequência / Por conseguinte / Como resultado / Enfim / Assim / Em suma / Em síntese / Em resumo

Além de serem úteis ao parágrafo de conclusão, esses operadores argumentativos ajudam a “amarrar” aquilo que se apresenta em cada parágrafo de desenvolvimento:

Os pais, dessa forma, influenciam menos pelo que dizem do que pelo que fazem.

12. Contraste / Oposição / Restrição / Ressalva

Mas / Porém / No entanto / Entretanto / Contudo / Todavia / Embora / Apesar de / Mesmo que / Ainda que / Pelo contrário / Em contraste com / Salvo / Exceto / Menos

Em uma perspectiva relativizadora, é importante marcar o discurso com oposições e concessões, que aumentem a credibilidade do argumento ou sirvam à contra-argumentação:

Embora seja possível identificar fatores sociais para a violência, seria simplista dizer que a pobreza leva ao crime.

As frases de apoio

A linguagem típica de textos dissertativos é marcada pela objetividade e pela impessoalidade. Mesmo se tratando de um tipo de texto em que se defendem opiniões, sabemos que isso se dá de forma indireta, na omissão da 1ª pessoa.

Existem certas frases ou orações que cumprem a função de transmitir juízos de valor implícitos, ao mesmo tempo em que servem de apoio aos conectivos. São o que alguns teóricos chamam de orações modalizadoras, ou seja, orações que apresentam um modo de tratar certo tópico.

Para entender como funciona esse recurso, compare estas construções:

O Brasil apresenta problemas.

É evidente que o Brasil apresenta problemas.

É possível que o Brasil apresente problemas.

É lamentável que o Brasil apresente problemas.

A primeira delas traz o conteúdo que se quer transmitir essencialmente. As demais são iniciadas por orações modalizadoras (ou frases de apoio), que

sugerem certa intencionalidade por parte do redator.

Essa intencionalidade vai da certeza (“É evidente”) à avaliação negativa (“É lamentável”), passando pela hipótese (“É possível”).

Quando essas construções são utilizadas no encadeamento entre as partes do texto, geralmente os conectivos se fazem presentes, como nestes exemplos:

No entanto, cabe destacar que [...].

É importante ressaltar, porém, que [...].

Parece decisivo considerar, nesse sentido, que [...].

Torna-se discutível, também, que [...].

O uso de tais artifícios constitui um mecanismo típico do gênero textual acadêmico — em que se inclui a dissertação. Entretanto, uso não pode significar abuso. Isso quer dizer que, um redator precisa usar as frases de apoio com moderação, sob o risco de transformar seu texto numa espécie de fórmula.

“GANCHOS”

No desenvolvimento de uma dissertação, como já vimos, existe uma sequência lógica dos argumentos ou ideias. Nem sempre, no entanto, o leitor é capaz de perceber essa articulação. Leia o par de parágrafos a seguir, sobre o tema “descrença na política”:

Em primeiro lugar, os representantes da sociedade parecem ter grande responsabilidade pela insatisfação coletiva. No Brasil, como no resto do mundo, escândalos de corrupção se sucedem sem punições apropriadas. Em sua origem, mais do que a simples ganância está uma postura elitista e descompromissada com a sociedade. Isso talvez explique as promessas que não são cumpridas e os abusos de poder tão frequentes desses que deveriam dar o maior exemplo.

A sociedade tem sua parcela de culpa pelo problema da desvalorização da política. Sem dúvida, se considerarmos que, nas democracias — regime predominante hoje —, os eleitores têm poder de alterar os governos, a má atuação dos políticos é responsabilidade de todos. Se não o fazemos, demonstramos uma postura alienada, cuja base está no individualismo contemporâneo. Afinal, para problemas imediatos, as soluções coletivas não parecem ser as melhores. Nessa perspectiva, a descrença na política é a desvalorização da sociedade por ela mesma.

Você vai reparar que, embora a ordenação das ideias — falar da responsabilidade dos políticos e depois da sociedade — faça sentido, não existe uma explicitação da relação entre os tópicos. Agora, imagine que o aluno resolvesse utilizar o conector para ligar os parágrafos:

[...]. Isso talvez explique as promessas que não são cumpridas e os abusos de poder tão frequentes desses que deveriam dar o maior exemplo.

No entanto, a sociedade tem sua parcela de culpa pelo problema da desvalorização da política. Sem dúvida, se considerarmos que, nas democracias — regime predominante hoje [...].

Ao utilizar a expressão “no entanto”, o aluno explicita uma relação de adversidade ou oposição entre os tópicos analisados, melhorando a coesão entre os parágrafos.

Ainda assim, permanece certa desconexão semântica. Isso porque o uso do conector pode parecer um tanto quanto forçado, uma vez que não relaciona, num nível mais profundo, os conteúdos desenvolvidos.

Para fazê-lo, o redator poderia ter optado por este encadeamento:

[...]. Isso talvez explique as promessas que não são cumpridas e os abusos de poder tão frequentes desses que deveriam dar o maior exemplo.

Culpar os políticos, no entanto, significa culpar a própria sociedade. Sem dúvida, se considerarmos que, nas democracias — regime predominante hoje [...].

Desta vez, além de usar o conectivo, o autor do texto preocupou-se em estabelecer uma ligação mais forte entre os conteúdos dos parágrafos. Ao iniciar por “Culpar os políticos”, ele retoma o que foi dito anteriormente, por meio do verbo “significa”, que tem valor de consequência, ao que será discutido em seguida (a culpa da sociedade).

Essa estratégia de retomada do que foi dito — que poderia ocorrer no parágrafo anterior, com antecipação da ideia seguinte — reforça os laços coesivos, garantindo, de passagem, a coerência textual. Eis por que se trata de estratégia tão importante.

EXERCÍCIOS

1) Leia as três construções a seguir:

I — Na última década, o voluntariado cresceu em todo o mundo de maneira bastante expressiva. Ele tem sido responsável pela amenização de graves problemas sociais e ecológicos.

II — Na última década, o voluntariado cresceu em todo o mundo de maneira bastante expressiva. Esse comportamento tem sido responsável pela amenização de graves problemas sociais e ecológicos.

III — Na última década, o voluntariado cresceu em todo o mundo de maneira bastante expressiva. O desejo de ajudar o próximo sem remuneração tem sido responsável pela amenização de graves problemas sociais e ecológicos.

Compare os termos destacados, avaliando sua qualidade coesiva e tendo em vista a coerência textual.

2) Substitua os termos destacados, por outros, com maior informatividade:

a) Muitos eleitores têm dificuldade em fazer escolhas consistentes na hora da votação. Os mesmos acabam deixando convicções de lado e optando por candidatos de quem apenas ouviram falar.

b) Apostar em soluções que não sejam óbvias é papel de governantes cientes da necessidade de inovação. Entretanto, isso requer alto grau de ousadia, muito pouco presente entre nossos representantes.

c) Por isso, a inveja deve ser encarada como algo necessariamente negativo. Ela pode ser maléfica não apenas para a “vítima”, como principalmente por quem a cultiva em si.

d) “Fantástico” ou “Show do milhão”, “Big brother” ou “Aqui agora”: todos informam muito menos do que entretêm, o que ajuda a explicar seu sucesso.

3) Nos trechos reproduzidos abaixo, os termos destacados estabelecem coesão referencial. Identifique a técnica utilizada em cada caso.

a) A população brasileira não deixa de nos surpreender. De fato, nossa sociedade tem feito de tudo para ajudar em campanhas beneficentes, contrariando sua fama típica.

b) O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas limitações acabam prejudicando a economia.

c) Roberto Carlos negou tudo. O Rei disse que estava apenas conversando com sua amiga.

d) Já se tornou previsível a resposta de qualquer político quando indagado sobre suas promessas de campanha: não houve condições de realizá-las ainda.

e) O papel social do cinema sempre remete à ideia de catarse. Sem dúvida, a sétima arte é aquela em que a projeção subjetiva dos espectadores mais se faz sentir.

f) O Brasil enfrenta um problema político e um econômico. O primeiro diz respeito às falsas expectativas; o segundo, ao realismo frustrante.

g) Precisamos consolidar a democracia em todo o mundo. Apenas com esse sistema será possível estabelecer a tão almejada justiça social.

h) Após a partida, o jogador concedeu uma entrevista bombástica: o craque afirmou que fora subornado pelo time adversário.

i) Educar: essa é a saída para um país que pretende distribuir sua renda da maneira mais eficaz. Sem dúvida, o acesso à escola é a base da qualificação de um profissional no mundo de hoje. Bem formado, o indivíduo tem a chance de conseguir um emprego com remuneração acima da média. Se essa realidade se multiplicar, pode-se criar um círculo virtuoso de produtividade e acesso ao emprego. Em pouco tempo, quase todos teriam sua oportunidade. Por isso a saída é esta: educar.

j) Os produtores do audiovisual criam novas realidades e esperam que o público faça o mesmo.

k) As tecnologias de comunicação criam uma nova dimensão espaço-temporal. Com os avanços mais recentes, pode-se fazer uma viagem virtual muito mais simples do que os filmes de ficção científica poderiam imaginar.

l) O governo tem-se preocupado com os índices de inflação. O Planalto diz que não aceita qualquer remarcação de preço.

m) A Academia Brasileira de Letras realizará nova eleição na próxima semana. Desta vez, não são poucos os candidatos a uma vaga na Casa de Machado de Assis.

n) Dar esmolas, criar frentes de trabalho, ensinar profissões. Todas as soluções são válidas quando se trata de uma crise econômica.

o) As redes de TV constituem concessões públicas, sendo submetidas às regras constitucionais. Isso significa que, apesar de visarem ao lucro, esses veículos de comunicação precisam prestar contas à sociedade.

p) O neoliberalismo tem sido a fonte de muitos problemas nos países

periféricos. Sem dúvida, o regime do Estado mínimo redimensiona a distribuição de poderes, sem benefício para a maioria.

4) Desta vez, sua tarefa é propor palavras e/ou expressões que façam a remissão ao termo destacado:

a) Sempre que o país passa por uma crise de valores, existe a chance de, pelo menos, refletir. Entretanto, em nome do conforto, costumamos perder _____.

b) Por definição, quase não existem explicações cabíveis para a assim chamada violência gratuita. Ainda assim, criminosos de classe média quase sempre apresentam _____.

c) A reserva de vagas constitui uma medida certamente impopular, haja vista o debate jurídico em todo o país. Com isso, _____ acaba perdendo parte de sua força junto aos próprios beneficiados.

d) Há cerca de cinco anos, intensificou-se o debate ecológico nos países mais ricos da Terra. Para _____, a solução se encontra na restrição ao desenvolvimento dos mais pobres.

e) A importância do tempo ultrapassa a dimensão cultural. Sem dúvida, _____ exerce um papel decisivo na economia.

f) Lula, por exemplo, parece ter-se esquecido de sua luta sindical. _____ não prioriza a produção industrial ou uma política salarial mais justa para a sociedade.

g) O modelo de família herdado do século XIX não sobreviveu à passagem do tempo. Tecnologia, guerra, revolução sexual e ascensão feminina fizeram ruir _____.

h) Qualquer discurso politicamente correto, embora pareça lugar-comum, tem sua lógica intrínseca. O problema d _____ é sua repetição exaustiva.

i) É contraditório exigir que os políticos criem leis mas ter atitudes no sentido de não cumpri-las. Infelizmente, porém, parece que muitos brasileiros não enxergam _____.

j) Assim, a intolerância se prolifera como padrão de comportamento nas escolas. _____ talvez esteja na base de alguns dos crimes bárbaros cometidos no universo escolar de que temos tido notícia recentemente.

5) Utilize a forma correta do pronome demonstrativo nas frases a seguir:

a) Os governos costumam dar sempre _____ resposta: não há verbas.

b) O consumismo tem sido responsabilizado até pela violência urbana. _____ ideia, por sinal, aparece com muita frequência em redações.

c) A festa será _____ sábado.

d) Não devemos confundir os compromissos urgentes com os importantes. _____ demandam nossa atenção instantânea, mesmo que não tenham qualquer valor, como um telefonema no meio de uma reunião. _____ podem até ser adiados, mas constituem o que há de mais determinante em nossas vidas.

e) É preciso resolver as questões urbanas, tanto quanto as rurais. _____, porém, acabam sempre ficando em um segundo plano, por estarem distantes da opinião pública.

6) Substitua o mecanismo de coesão a seguir por outro, que intensifique o valor de adição desejado:

É necessário cultivar utopias e conhecer experiências sociais, de modo a cumprir um papel efetivo na transformação do mundo.

7) Leia atentamente o fragmento abaixo:

É o medo que limita o homem: medo de não poder mais fazer o que mal faz, medo de perder o que mal tem, medo de deixar de ser o que mal é.

Qual é o recurso expressivo utilizado pelo aluno para marcar sua ideia? Procure fazer o mesmo em construções iniciadas com as expressões abaixo:

a) São, afinal, 500 anos de Brasil:

b) Nenhum homem está autorizado a abrir mão de sua consciência:

c) Lidar com o “outro” implica aceitar o que o faz diferente:

8) Preencha as lacunas com os conectivos adequados e pontue quando necessário.

a) Telefonou-me várias vezes _____ não conseguiu comunicar-se comigo _____ eu estava fora de férias.

b) _____ me tivesse telefonado várias vezes, não conseguiu comunicar-se comigo _____ eu estava fora de férias.

c) Ele estudou com afinco _____ ao verificar que tinha sido reprovado, ficou muito abalado.

d) Não foram publicados os proclamas _____ não podem se casar.

e) Estava muito preocupado _____ não podia prestar atenção ao que ele dizia.

f) Ele é muito estudioso _____ tira sempre boas notas.

g) Os jovens são inexperientes mas ousados _____ os velhos, por terem mais experiência, são mais comedidos.

h) Em virtude das más condições da vida rural, os campos se despovoam _____ as cidades se congestionam cada vez mais.

i) Aceito sua decisão _____ não me pareça justa.

j) _____ não me cumprimentou, acredito que não me tenha visto _____ esteja zangado comigo.

k) _____ o tempo passava, mais aflitos ficávamos.

l) _____ ninguém se dispõe a fazer o trabalho, faço-o eu.

m) É aluno excelente _____ um pouco indisciplinado.

9) Em cada letra abaixo, junte todos os períodos em um só, respeitando as relações de sentido e as normas gramaticais. Faça apenas as modificações necessárias.

a) O camembert é um dos queijos mais consumidos no mundo. Só se tornou popular durante a Primeira Guerra. Conquistou os soldados nas trincheiras.

b) As mascas conseguem detectar tudo o que acontece à sua volta. Têm olhos compostos. Seus olhos lhes dão uma visão de quase 360°.

c) Tratava-se de uma pessoa. Essa pessoa tinha consciência. Seu lugar só poderia ser aquele. Lutaria até o fim para mantê-lo.

d) Ele ficava à procura das pessoas. Queria conversar. As pessoas não lhe davam a menor atenção.

e) Ele era auxiliado em suas pesquisas por uma professora. Ele morava numa pensão. Ele se casaria mais tarde com essa professora.

f) Era um cais de quase dois quilômetros de extensão. Gostávamos de caminhar ao longo desse cais. O tempo era sempre feio e chuvoso.

10) Os parágrafos abaixo, embora bem escritos, parecem autônomos demais entre si. Para resolver esse problema, você deve elaborar “ganchos” a fim de uni-los.

O consumo de drogas tem forte componente psicológico. De fato, a subjetividade se manifesta na busca pelo proibido e na fuga aos problemas cotidianos. Em ambos os casos, o indivíduo abre mão de sua possível resistência e cede ao impulso de uma falsa solução.

Não se pode dissociar o uso de entorpecentes dos princípios que norteiam as pessoas. Nessa perspectiva, a ausência da família e a educação formal deficiente acabam por produzir consequências perversas. Sem estrutura ou referência, o potencial usuário não mede suas ações.

11) Faça o mesmo com os parágrafos a seguir, elaborados para uma redação sobre o culto à aparência no mundo contemporâneo.

Sem dúvida, a existência de uma “indústria da beleza” pode explicar esse fenômeno. Cosméticos, dietas, academias constituem produtos e serviços altamente lucrativos, cuja circulação interessa ao grande capital. Ao mesmo tempo, mesmo para setores comerciais que não lidam diretamente com a forma física, a presença de referências à beleza parece indispensável. Assim, de modo implícito ou explícito, a economia apresenta-se como fator fundamental do culto à aparência.

A psicologia, mais do que a comunicação ou as ciências, pode explicar o atual panorama. Freud ficaria espantado se pudesse constatar que o narcisismo, o mecanismo de identificação e a exploração do inconsciente são as ferramentas preferenciais da publicidade contemporânea. Nesse contexto, a valorização da aparência potencializa a eterna preocupação humana com a autoimagem. A busca pela beleza se torna, então, um desejo literalmente incontrolável, pois foge à razão do indivíduo.

12) Os trechos a seguir apresentam variados problemas de coesão. Identifique essas falhas e, quando possível, sugira soluções.

a) Diariamente, o telejornal e o jornal impresso, atendendo às suas necessidades de audiência, provocam a atenção do público através do sensacionalismo que, muitas vezes, são deturpados da realidade.

b) O jornal impresso e o telejornal são fundamentais, mas é preciso ter senso crítico e filtrar as informações, para que não torne nossa mente mecanizada com uma visão apenas.

c) Seu público alvo começa na criança de um ano de idade e vai até o mais idoso. Juntas, com toda essa capacidade de manter um povo informado, não é suficiente para um povo brasileiro que na maioria não tem acesso a eles ou pela falta de escolarização.

d) Jornal e televisão os principais veículos de informações. Ambos com o objetivo de instruir, informar, mas que muitos não seguem essa risca deixando as pessoas alienadas.

e) Portanto cada cidadão ao assistir a um telejornal ou ler um jornal, deve interpretar as notícias transmitidas e não somente aceitá-las. Percebendo-se que o poder de influência destas diminui no momento em que o pensamento crítico é incentivado.

13) Identifique os mecanismos de coesão da redação abaixo, elaborada para a prova do ENEM de 2003 (nota: 100).

As faces da violência no Brasil

Algumas novas perspectivas têm sido colocadas a respeito da violência que aflige a sociedade brasileira de um modo geral. Antes vista como característica dos grandes conglomerados urbanos, hoje ela se faz presente no cotidiano de cada cidadão e se manifesta de diversas formas, desde a física até a moral. Todavia, a sociedade tem encontrado vários entraves no caminho rumo à solução deste panorama, barreiras estas impostas por um modo de pensar determinista e, muitas vezes, preconceituoso.

De fato, muitos acreditam ser a violência fruto da profunda desigualdade social de nosso país e baseiam seu pensamento em um sofisma simplista, afirmando que o pobre pratica a violência por ser privado do atendimento de suas necessidades mais básicas. Nesse sentido, eles desculpam grande parte da sociedade pelo problema e partem de uma premissa, que, se verdadeira, faria de todos os miseráveis brasileiros pessoas violentas em potencial. Atrair a problemática da violência ao estado de pobreza e miséria é dizer que ela é característica de uma única fatia da população e negar seu cunho cultural tão profundo.

Verdade é que a violência é tão presente em nosso dia a dia que já não apresenta uma face definida, e já não somos capazes de identificá-la tão facilmente. A mídia tem contribuído, nesse sentido, com sua banalização, visto que divulga produções artísticas em geral, nas quais o “bem” vence o “mal” por meio de batalha física. Vence quem for mais forte fisicamente, aquele que melhor saiba utilizar a força como forma de alcançar a vitória. Deste modo, passamos a ver a violência como forma de resolver conflitos, mesmo que o façamos inconscientemente, e passamos a ignorar a importância do diálogo e do debate civilizado.

Pode-se, portanto, afirmar que a solução do problema não é de fácil alcance, visto que envolve questões ideológicas e culturais muito arraigadas no pensamento de todos. Contudo, uma medida eficiente seria a aplicação de penas mais rígidas para quem fizesse uso da violência em qualquer uma das formas que ela é capaz de assumir, devido ao fato de que a impunidade encoraja, muitas vezes, a prática de atos violentos. Outra solução seria difundir, ainda nas escolas, a importância do diálogo e as implicações da violência, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes quanto ao assunto.

Tudo isso, no entanto, não será verdadeiramente eficaz enquanto a sociedade encarar a violência com determinismos e preconceitos, mesmo sabendo que é difícil não nos rendermos à facilidade de culpar a pobreza e assumirmos uma visão simplista do assunto, assim como é difícil identificarmos com clareza aquilo que nos leva a agir de forma violenta muitas vezes. Somente se adotarmos uma postura realmente objetiva seremos capazes de encontrar soluções práticas e funcionais. O problema da violência no Brasil se faz ainda mais urgente, pois o capital utilizado em seu combate poderia ser utilizado para suprir as necessidades da população. Enquanto não conseguirmos resolver este quadro, o país continuará sofrendo com a violência da fome, da miséria, da falta de educação e da insalubridade; violências ainda mais marcantes.

GABARITO

1) Pode-se sugerir que os termos utilizados estão em ordem crescente de informatividade, ou seja, o terceiro apresenta mais informações que o segundo, o qual, por sua vez, tem mais informações que o primeiro. Isso ajuda a perceber as vantagens do uso de termos definidos em vez de simples pronomes em muitas situações de coesão.

2) Entre as várias possibilidades, sugerem-se algumas respostas:

- a) Esses cidadãos b) tal postura / tal criatividade
c) Esse sentimento d) Esses programas

3) Nas respostas abaixo, desconsideram-se as formas remissivas gramaticais presas, quase sempre presentes ao lado de outro termo.

- a) Sinônimo b) Termo-síntese c) Epíteto
d) Formas remissivas gramaticais livres (pronomes)
e) Perífrase f) Formas remissivas gramaticais livres (numerais)
g) Hiperônimo h) Hipônimo
i) Formas remissivas gramaticais livres (pronomes anafórico e catafórico)
j) Formas remissivas gramaticais livres (pronomes)
k) Hiperônimo l) Metonímia m) Perífrase n) Termo-síntese
o) Hiperônimo p) Definição; conceito

4) Entre as várias possibilidades, sugerem-se algumas respostas:

- a) esse tipo de oportunidade
- b) pretextos / desculpas / justificativas
- c) essa política / tal proposta
- d) essas nações / essas potências / o 1º mundo
- e) o passar dos ponteiros dos relógios / a quarta dimensão
- f) o ex-metalúrgico / o líder popular
- g) esse paradigma / essa estrutura
- h) dessa linguagem / dessa forma de expressão
- i) esse paradoxo / esse contrasenso
- j) a exclusão do outro / a não aceitação das diferenças

5) a) esta

b) Essa

c) este / neste

d) Aqueles // Estes

e) Estes

6) É necessário não apenas cultivar utopias, como também conhecer experiências sociais [...]. [Ou: tanto quanto; não só... mas também etc.]

7) Algumas sugestões:

a) São, afinal, 500 anos de Brasil: 500 anos de discriminação, 500 anos de exclusão, 500 anos de exploração.

b) Nenhum homem está autorizado a abrir mão de sua consciência: abrir mão de suas escolhas, abrir mão de seus erros, abrir mão de seus acertos.

c) Lidar com o “outro” implica aceitar o que o faz diferente: aceitar sua personalidade, aceitar seus desejos, aceitar seu pensamento.

8) Sugestões:

a) mas / pois b) Embora / pois c) Mas d) Portanto

e) por isso f) por isso g) enquanto h) enquanto i) embora

j) Como / ou k) À medida que l) Já que m) apesar de

9) Há poucas outras possibilidades além das sugestões abaixo:

a) Embora seja um dos queijos mais consumidos no mundo, o camembert só se tornou popular durante a Primeira Guerra, quando conquistou os soldados nas trincheiras.

b) As moscas conseguem detectar tudo o que acontece à sua volta, pois têm olhos compostos, que lhes dão uma visão de quase 360°.

c) Tratava-se de uma pessoa que tinha consciência de que seu lugar só poderia ser aquele, por isso lutaria até o fim para mantê-lo.

d) Ele ficava à procura das pessoas, pois queria conversar, mas elas não lhe davam a menor atenção.

e) Quando morava numa pensão, ele era auxiliado em suas pesquisas por uma professora, com quem se casaria mais tarde.

f) Era um cais de quase dois quilômetros de extensão, ao longo do qual gostávamos de caminhar, embora o tempo fosse sempre feio e chuvoso.

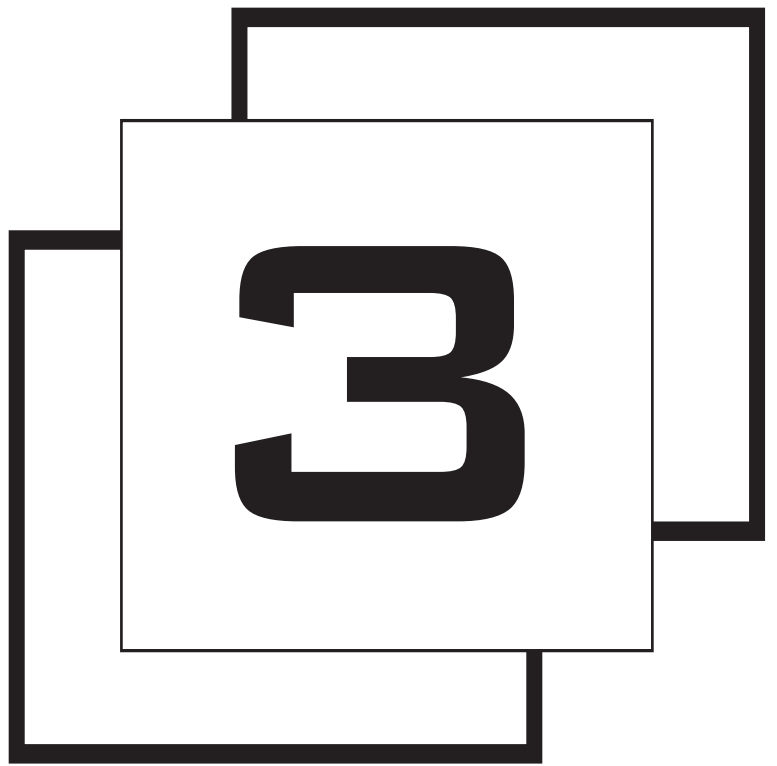
10) [Resposta aberta]

11) [Resposta aberta]

12) [Resposta aberta]

13) [Resposta aberta]

14) [Resposta aberta]



CORREÇÃO DE ERROS COMUNS

INTRODUÇÃO

Naturalmente, a cobrança dos conhecimentos específicos da Língua Portuguesa se faz na prova correspondente, conforme o que se considere essencial que um candidato saiba. Nem por isso, no entanto, a redação deixa os aspectos gramaticais de lado. Trata-se também de uma prova de Português e, o que é mais importante, só se pode comunicar bem — com clareza e precisão — se alguns princípios forem seguidos.

No panorama atual, não têm sido poucos os questionamentos acerca do papel da norma culta na comunicação humana. No caso da dissertação de vestibular, dadas suas características intrínsecas, o padrão culto costuma ser considerado o mais adequado. No entanto, muitos alunos não conseguem se adequar às exigências formais por desconhecimento e desatenção. Nessa perspectiva, este capítulo pretende tratar de alguns tópicos relevantes e úteis. Para fazê-lo, optou-se por um trabalho diretamente prático, confrontando o aluno com frases que ele poderia construir, seguidas dos comentários e das explicações do professor em sala de aula. Passemos a essa parte.

REDAÇÃO EXEMPLAR

O texto a seguir foi produzido por um candidato à Unicamp, no vestibular 2000, cujo tema versava sobre o fim das fronteiras no mundo contemporâneo. Seu autor conseguiu um bom desempenho ao estabelecer uma argumentação coerente e bem fundamentada. Identifique o ponto de vista, a tese e os argumentos que sustentam a redação.

Século XX: pré-historicamente moderno

Contrariando as mais ferrenhas previsões apocalípticas, o século XXI envereda pelo palco da história, movido pelo turbilhão tecnológico. As utopias do passado ganharam forma em expressões como Biotecnologia, Genética, Internet, Realidade Virtual, que passaram a personificar as conquistas da chamada “era da modernidade”. Quanto da nossa essência foi perdida ao longo do tempo? Ao visualizarmos as imagens dos povos nômades e isolados da pré-história em contraste com o mundo globalizado, é possível arriscar que pouco sobrou dos nossos “irmãos da caverna”; constatação simples, embora precipitada. Evidenciou-se uma tendência à formação de núcleos cada vez mais coesos, das aldeias às cidades, dos países aos conglomerados econômicos; no entanto, esta ideia de união esvai-se ao levarmos em conta quantos de nós estão incluídos neste processo.

A modernidade envolveu-se em uma teia de contradições, que tem como denominador comum a desigualdade. O conceito de “mundo sem fronteiras” esbarra em obstáculos da natureza humana, pois o acesso aos faustos do século da informação é restrito; dois terços da população do planeta vivem abaixo da linha da miséria, não podendo contar com as facilidades de um universo muito distante da sua condição. As barreiras geográficas são rompidas, mas constroem-se em seu lugar barreiras sociais; o abismo entre pobres e ricos cresce.

A conhecida política do “pão e circo” ganha a sua versão “ponto com”, jornais e televisões noticiam, todos os dias, fabulosas descobertas, que tiveram como pauta recente as conquistas da engenharia genética com o Projeto Genoma,

motivo de grandes discussões sobre ética. Embebedos pelo furor tecnológico, cidadãos se esquecem da miséria, do abandono e de que seu cotidiano desconhece os frutos da inovação.

Este é o perfil de globalização criado por nós, um mundo no qual grande parte da população ainda alimenta o status de bárbaros, com uma cultura diferente da do Império da Informática. A tendência natural de busca da proximidade entre os povos continua sendo uma falácia ideológica, estamos caminhando para um isolamento preocupante. Depositamos, todos os dias, novos tijolos que dão forma ao mundo separado de ricos e pobres, brancos e negros. É difícil explicar qual a real vantagem deste desenvolvimento, uma vez que antigas posturas, como o racismo, permanecem vivas na sociedade. Enquanto comunidades estão distantes de conhecer o computador, os conhecedores de tal invento trocam passeios e o convívio entre amigos por horas em frente a uma tela. A história segue seu caráter cíclico, mantemos os costumes pré-históricos do isolamento, agora chamado de “solidão virtual”.

VÍRGULA E CRASE

No capítulo anterior, trabalhamos com uma série de aspectos gramaticais relevantes à construção de um texto dissertativo correto. Desta vez, voltamos a esse tópico, com o objetivo de entender dois aspectos específicos e igualmente importantes: a colocação das vírgulas e o uso do acento grave indicativo de crase.

EMPREGO DA VÍRGULA

Ao lado do ponto e do ponto-e-vírgula, a vírgula constitui um sinal de pontuação responsável pela indicação de uma pausa na leitura de um trecho, em seu caso a menor. Por essa definição, a maioria das pessoas imagina que se trata de um recurso de aplicação pessoal, conforme se queira parar ou não para respirar. De fato, tal é o objetivo maior de sua utilização. No entanto, em virtude das possíveis ambiguidades que seu uso aleatório poderia produzir, estabeleceram-se regras lógicas para o emprego universal desse sinal.

A esse propósito, poderíamos descrever todas as regras — assunto geralmente ocupado pelas aulas de português —, tornando esta apostila semelhante a uma gramática escolar. Como existem muitos livros que tratam de maneira completa este assunto, preferimos uma estratégia mais pragmática: explicar apenas os casos principais a partir de exemplos concretos. Nessa perspectiva, acompanhe com seu professor as explicações sobre o emprego da vírgula e teste seus conhecimentos com os exercícios sugeridos.

TERMOS NÃO ORACIONAIS

Termos de mesma função sintática

Pedro, Rafael, Joana e Paulo estiveram aqui.

Comi arroz, feijão, batatas fritas e salada.

Vocativo

Pedro, venha cá.

Aposto

São Paulo, cidade industrial de vastas dimensões, ainda não encontrou uma forma de administrar sua complexidade social.

Adjuntos Adverbiais antepostos

Ontem, estivemos na festa de meus pais.

Quiséríamos estar, ontem, na casa deles também.

Zeugma verbal

Minha camisa é azul; a de Pedro, verde.

Local, em datas

Paris, maio de 1968.

Palavras ou expressões explicativas ou denotativas

Este país, por exemplo, nunca foi levado a sério.

Portanto, não havia do que reclamar.

TERMOS ORACIONAIS**Orações Coordenadas Assindéticas**

Vim, vi, venci.

Orações Coordenadas Sindéticas

Estive à sua procura, porém desisti antes de encontrá-la.

Penso, logo existo.

Atenção

Rafael foi ao teatro e assistiu à peça premiada.

Rafael foi ao teatro, e Júlia ficou em casa.

Orações Subordinadas Adverbiais

Avise-me quando chegar.

Avise-me, quando chegar.

Quando chegar, avise-me.

Chegando, avise-me.

Orações Subordinadas Adjativas Explicativas

O Brasil, que tem uma forte economia, não consegue resolver seus problemas sociais.

Termos Intercalados

O problema, disse o presidente, é conseguir vencer o desafio sem perder o equilíbrio.

CRASE: CASOS E EXCEÇÕES

No caso do acento grave, a estratégia será a mesma: verificar a ocorrência (ou não da crase) em exemplos práticos. De início, porém, cabe esclarecer, ainda que brevemente, o conceito a ser aplicado.

A rigor, ao contrário do que acredita o senso comum, a crase não é um acento, mas um fenômeno linguístico, indicado pelo uso de um acento — o acento grave. Esse fenômeno ocorre quando uma preposição “a” se funde com um artigo definido “a” ou com um pronome demonstrativo iniciado pela letra “a” (“aquele”, “aquela” etc.). Dessa contração, resulta um “ã” (ou um “àquele”, “àquela” etc.) com acento grave.

A dificuldade nesse tópico se deve ao fato de que a crase não é perceptível “a olho nu”, ou seja, o ouvinte não consegue identificá-la, pois a sonoridade de um “a” (em que não ocorre crase) é a mesma de um “ã” em que ela ocorre. Isso significa que a única maneira de saber utilizar corretamente o acento é dominar alguns tópicos da gramática. Tentemos sintetizar os mais importantes, ajudando você a escrever corretamente.

Antes de palavras masculinas

1. Tenho direito ____ descanso.

2. Comi um delicioso filé ____ Oswaldo Aranha.

3. Eu prefiro o filé ____ cavalo.

Antes de verbo

4. Fui obrigado ____ sair de sala.

Antes de artigo indefinido

5. Fomos ____ uma festa.

Antes de pronomes

6. Dei os livros ____ todos.

7. Refiro-me ____ ela.

8. Fomos ____ essa cerimônia, em vez de ir ____ aquela.

9. Refiro-me ____ sua tia.

10. Não estava me referindo ____ Vossa Alteza.

Após preposição

11. Estávamos perante ____ lei.

12. Fui até ____ praia.

Em locuções adverbiais

13. Cheguei ____ noite.

14. Sairíamos ____ pressas.

15. O bandido foi morto ____ bala.

16. O líquido cai gota ____ gota.

Em logradouros

17. Fui ____ Tijuca.

18. Fui ____ Ipanema.

19. Fui ___ Ipanema de Vinícius.
 20. Voltarei ___ casa para almoçar.
 21. Irei ___ casa de Júlia.

Caso especial

22. Suas ideias são iguais ___ de Marcelo.
 23. Minha casa de veraneio fica próxima ___ que visitávamos quando crianças.

Paralelismo

24. Prefiro carro ___ moto. / Turmas de 5ª ___ 8ª.
 25. Prefiro o carro ___ moto. / Turmas da 5ª ___ 8ª.

EXERCÍCIOS

1) O texto a seguir apresenta uma série de falhas gramaticais, do ponto de vista da norma culta vigente. Identifique-as e as corrija, justificando, em pelo menos cinco casos, a correção feita. É necessário ressaltar que há erros de todos os tipos e níveis de gravidade — excluindo-se as possíveis incorreções quanto ao uso de maiúsculas e minúsculas para certos termos. Para facilitar seu trabalho, saiba que cada um dos nove períodos do texto apresenta, no mínimo, dois e, no máximo, três erros.

Não bastasse os problemas inerentes ao consumo de drogas, o governo enfrenta ainda os impecilhos produzidos por sua comercialização ilegal. / Não há dúvidas que é preciso combatê-lo. / Entretanto, os entraves tem sido numerosos: em primeiro lugar, a paralização dos agentes da Polícia Federal desacelerou os trabalhos de investigação. / Para piorar a situação, as falhas de transmissão de dados através de rede informatizada acabam por impedi-lo completamente. / Por essas razões, resta ao presidente, produzir discursos vazios e exigir reuniões de especialistas, que tem pouco a fazer. / Em referência as consequências desse quadro alarmante, Fernando Henrique preferiu direcionar suas críticas aos governos estaduais, ao invés de simplesmente reconhecer sua parcela de culpa. / Para a maioria, no entanto, estava na hora do governo agir; afinal, tratava-se de uma situação onde todos tinham culpa. / Ninguém entende porque esperar tanto, o que, entre outros problemas, implica em uma situação caótica para todo país. / Em suma, o problema é a permanência de um discurso, a qual aparência difere tanto da prática, acarretando em descrença por parte de todos.

2) Leia com atenção cada uma das frases a seguir e corrija os erros gramaticais que se apresentarem. Observe que nem todas as frases estão incorretas.

- a) O Brasil tem problemas no campo a muitos anos.
 b) Daqui a cem anos, poucas das tecnologias atuais terão permanecido.
 c) Falei a cerca das vitórias do Fluminense.
 d) Hajam vistas as dificuldades a resolver, cumpre fazer um planejamento.

- e) Como estava saudoso da Júlia, fui de encontro a ela.
 f) Estou a par da matéria da prova.
 g) O Governo deve combater a corrupção ao invés de discutir inutilidades.
 h) Tratava-se de uma situação onde todos tinham culpa.
 i) A sociedade esquece de fazer a sua parte.
 j) É preciso estudar o problema a fim de resolvê-lo.
 k) Não se sabe aonde está o problema.
 l) Está na hora do Governo agir.
 m) Os alunos os quais os pais vieram à reunião estão assustados.
 n) Não entendemos porque estudar tanto.
 o) Por que estudar tanto?
 p) Por que Maria não veio à aula? Porque esta doente ou porque não acordou?
 q) Os indivíduos tem de tomar atitudes coerentes com seus princípios.
 r) Uma expressão adequada implica na escolha certa das palavras.

3) Identifique e corrija os erros gramaticais e estilísticos dos trechos abaixo, todos retirados de redações.

a) “Guiados por uma ideologia consumista, espelhada em países que possuem capacidade para tal desperdício, a população brasileira vive uma situação caótica.”

b) “Muito se tem discutido sobre a alienação da sociedade em relação à informação. Que esta tem acesso às informações, mas só busca o que lhe convém, face do individualismo. Que infelizmente a sociedade tanto cultua.”

c) “A alienação em uma sociedade que tem acesso a muitas informações se dá ao fato de que há uma manipulação das notícias por parte dos meios de comunicação. Pois estes só publicam o que lhes interessam.”

d) “De fato, com o aumento da população mundial e dos meios tecnológicos, percebe-se significativas mudanças, como o crescimento das informações.”

4) Explique qual é a falha gramatical comum aos dois trechos reproduzidos abaixo e proponha formas de evitá-la.

a) “Na última década, porém, os avanços sociais alcançados não conseguiram desfazer a percepção dos brasileiros acerca do país, uma vez que muitos problemas estruturais se agravaram no mesmo período. Gerando muita descrença em relação ao futuro.”

b) “Muitos jovens não têm o certeza sobre seu futuro, idealizando o trabalho ou o casamento, o que cria decepção. Fazendo com que muitos desistam antes de tentar.”

5) Assinale a opção na qual ONDE possa substituir EM QUE:

(A) A partir do momento em que se tornou capital da colônia, esta função acentuou-se.

(B) As obras em que nos baseamos para realizar o trabalho pertencem ao acervo da Biblioteca.

(C) À saída do museu havia um livro em que ficavam registradas as impressões dos visitantes.

(D) Não me lembro bem da época em que ocorreram tais fatos, nem da repercussão que tiveram.

(E) Tenho saudade do tempo em que a cidade era mais limpa.

6) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir: “A linguagem especial, _____ emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio _____ os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação.”

(A) a cujo / de que;

(B) do qual / ao qual;

(C) cujo / que;

(D) o qual / que;

(E) de cujo / do qual.

7) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo: É preciso que a formação do hábito de leitura, _____ início deve ocorrer o mais cedo possível, constitua para a criança fonte de prazer, e nunca uma atividade _____ se atribua caráter obrigatório.

(A) a cujo / que;

(B) cujo / a que;

(C) o qual / que;

(D) a cujo / a que;

(E) cujo / da qual.

8) A única opção em que todas as palavras estão corretamente grafadas é:

(A) exceção — discussão — obsecado

(B) obsessivo — excursão — esotérico

(C) impecilho — extorção — complacência

(D) paralização — consciência — seção

(E) estender — espontaneidade — reivindicar

9) Marque a opção em que todas as palavras estão corretamente grafadas.

(A) displicência — exceção — analisar

(B) persuazão — insuficiência — pauperização

(C) subumano — executar — paralisação

(D) distúrbio — exitar — exaltação

(E) discricção — extimativa — esteriótipo

10) Entre as construções abaixo, apenas uma está de acordo com os preceitos da norma culta vigente. Assinale a opção a ela correspondente.

(A) Durante a aula, deve ter existido algumas dificuldades.

(B) Tinham apenas dois alunos em sala naquele dia.

(C) Sempre houveram situações como essa.

(D) Existe problemas que não sabemos resolver.

(E) Houve duas situações complicadas envolvendo o aluno.

11) Leia atentamente as formulações a seguir:

I — Havia duas semanas que ele não aparecia.

II — Registrou-se todas as faltas no diário de classe.

III — Trata-se de dois alunos muito inteligentes.

Assinale a opção procedente:

(A) Apenas as construções I e II estão corretas.

(B) Apenas as construções I e III estão corretas.

(C) Apenas as construções II e III estão corretas.

(D) Todas as construções estão corretas.

(E) Nenhuma das construções está correta.

12) Entre os períodos abaixo, apenas um foi construído de acordo com os padrões da norma culta, no que diz respeito à regência. Assinale a opção a ele correspondente.

(A) A última aula a que assisti falava de uma conteúdo que eu jamais havia visto em minha vida escolar.

(B) O problema se refere à aula da primeira semana do ano, o que implica em rever quase todo o programa.

(C) O aluno chegou na sala e pediu que os colegas fossem à direção com ele, pois não queria levar bronca sozinho.

(D) Todos preferiram ficar estudando na sala do que ir à biblioteca, em virtude do calor que fazia.

(E) Como haviam comprado ingressos com antecedência, os alunos puderam assistir o evento de um lugar privilegiado.

13) Nas frases a seguir, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

I. _____ estivesse doente, faltei à escola.

II. _____ haja maus, nem por isso devemos descrer dos bons.

III. Pedro será aprovado _____ estude.

IV. _____ chova, sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

- (A) mesmo que / sempre que / desde que / como.
- (B) como / embora / desde que / ainda que.
- (C) que / porque / ainda que / desde que.
- (D) ainda que / embora / como / logo que
- (E) já que / mesmo que / mas / assim que

14) Leia os períodos a seguir:

I — As pessoas tem diversas maneiras de expressar sua opinião.

II — Ninguém sabe aonde está o problema.

III — O aluno não vem à aula a duas semanas.

Do ponto de vista da norma culta da língua, pode-se dizer que:

- (A) apenas as frases I e II estão erradas.
- (B) apenas as frases I e III estão erradas.
- (C) apenas as frases II e III estão erradas.
- (D) todas as frases estão erradas.
- (E) nenhuma das frases está errada.

15) Dentre as opções abaixo, destaque aquela em que todos os termos estão corretamente grafados:

- (A) através — exceção — estereótipo
- (B) distúrbio — frustração — privilégio
- (C) cabeçalho — próprio — extensão
- (D) paralização — deslocado — intenção
- (E) estender — beneficente — reivindicação

16) Assinale a única opção em que o acento grave indicativo de crase está corretamente empregado:

- (A) Todos foram à um restaurante próximo da escola.
- (B) Eu quis me referir à ela.
- (C) Comunicamos tudo à aluna.
- (D) Prefiro ficar em casa à pegar esse trânsito.
- (E) Foi preciso dar presentes à todos.

17) Utilizando as regras aprendidas nesta aula, empregue corretamente as vírgulas nos fragmentos a seguir, todos de redações de vestibular.

a) O fato que devemos ressaltar é que pais adotivos podem dar condições de vida melhores mesmo que sejam solteiros.

b) Podemos então afirmar graças ao já esclarecido ser mais democrática e positiva a facultatividade.

c) Se portanto faltam professores não é falso que também faltam bons alunos que possam afinal garantir o prazer da aula.

d) Um dos alunos mais aplicados nas recentes provas realizadas no colégio é aquele cujos pais fizeram reclamações relativas às condições de estudo oferecidas aos alunos do curso.

e) Culpados pelo problema são ao mesmo tempo o governo que não cumpre seu papel e curiosamente a sociedade que responde com inércia.

18) Faça o mesmo com os períodos seguintes, retirados da obra de Machado de Assis.

a) “Quando a sorte ri toda a natureza ri também e o coração ri como tudo o mais.”

b) “Florinda sempre muito risonha e esperta divertia-se a valer e de vez em quando levantava-se da mesa para ir de carreira levar lá fora ao número doze um prato de comida à sua velha que à última hora vindo-lhe o aborrecimento resolvera não ir ao jantar.”

c) “O íngreme o desigual o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante continuavam a subir como se fosse penitência devagarinho cara no chão véu para baixo.”

d) “As duas riram da graça e assim se fechou uma vez o capítulo da adivinha para abrir mais tarde.”

e) “Uma das amas parece que a de Pedro sabendo daquelas ânsias e conversas perguntou a Natividade por que é que não ia consultar a cabocla do Castelo.”

f) “Fique fique conselheiro disse Santos apertando a mão ao diplomata.”

g) “Os gêmeos não tendo que fazer iam mamando.”

h) “Naquele ano uma noite de agosto como estivessem algumas pessoas na casa de Botafogo sucedeu que uma delas não sei se homem ou mulher perguntou aos dois irmãos que idade tinham.”

19) Dadas as afirmações:

I - Usa-se geralmente a vírgula entre palavras, membros e orações de idêntica função sintática.

II - Com exceção das aditivas, antes das quais ela nunca pode ser usada, a vírgula deve preceder as demais conjunções coordenativas.

III - Traço de certa extensão, maior que o hífen, o travessão, além de indicar mudança de interlocutor, pode substituir os parênteses, as vírgulas e os dois pontos.

IV - Além de separar conceitos, ideias e indicar o término do raciocínio e do período, o ponto-e-vírgula separa as partes principais de uma frase cujas partes subalternas têm de ser separadas por vírgulas.

Pode-se dizer que:

- (a) apenas I e III estão corretas;
- (b) apenas II e IV estão corretas;
- (c) apenas II está correta;
- (d) apenas III está correta;
- (e) apenas IV está incorreta.

20) *bombardeio que vai da casa à rua, à escola, ao trabalho, ao lazer*

No texto, observam-se ocorrências de à, com acento grave, indicando o fenômeno da crase. Assinale a única opção cuja lacuna deve ser preenchida por à:

- (a) Levo uma hora de minha casa____praia.
- (b) A farmácia fica daqui____cem metros.
- (c) De hoje____duas semanas estaremos de férias.
- (d) O comércio não funcionará de sábado____segunda-feira.
- (e) Os formulários devem ser preenchidos____tinta.

21) Assinale a opção que corresponde ao texto com melhor pontuação:

- (A) As crianças alvoroçadas correram para o jardim e o palhaço, que já tinha chegado alegremente, pôs-se a cantar.
- (B) As crianças, alvoroçadas correram para o jardim: e o palhaço, que já tinha chegado, alegremente pôs-se a cantar.
- (C) As crianças alvoroçadas correram para o jardim e o palhaço que já tinha chegado, alegremente pôs-se a cantar.
- (D) As crianças, alvoroçadas, correram para o jardim, e o palhaço, que já tinha chegado, alegremente, pôs-se a cantar.
- (E) As crianças alvoroçadas, correram para o jardim; e o palhaço, que já tinha chegado, alegremente pôs-se a cantar.

22) Assinale a opção que melhor reestrutura — gramatical e estilisticamente — o seguinte grupo de frases:

Uma tarde dessas eu vinha da cidade para o Brás. Então encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro. E eu conheço essa garota de vista e de chapéu.

- (A) Ao vir da cidade para o Brás numa tarde destas, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro. E eu conheço essa garota de vista e de chapéu.
- (B) Uma tarde destas, quando eu vinha da cidade para o Brás de chapéu, no Metrô aqui do bairro, encontrei uma garota, a qual conheço de vista.
- (C) Eu conheço uma garota aqui do bairro, de vista e de chapéu, que encontrei no Metrô, quando vinha da cidade para o bairro.
- (D) Uma tarde destas, vindo da cidade para o Brás, encontrei no Metrô uma garota aqui do bairro, a qual conheço de vista e de chapéu.
- (E) Ao vir da cidade para o Brás, uma tarde destas, encontrei, aqui do bairro, uma garota no Metrô que conheço de vista e de chapéu.

23) Muitas vezes, a expressão de uma ideia depende de nossa capacidade de traduzir em termos concretos o que é abstrato, e vice-versa. A seguir, encontram-se quatro ditados populares, que, em sua forma própria, apresentam uma linguagem concreta e precisa. Elabore períodos em que a mesma mensagem seja transmitida em uma linguagem abstrata e vaga.

a) Há males que vêm para bem.

b) Longe dos olhos, longe do coração.

c) Quem vê cara não vê coração.

d) Quem tudo quer tudo perde.

24) Uma qualidade objetivada por quem queira escrever bem é a concisão. Trata-se da economia na linguagem tão valiosa quanto dispensada por aqueles que pensam redigir adequadamente com excesso de floreios. O trecho abaixo foi retirado de um quadro de avisos em um clube da cidade. Leia-o com atenção

e, depois, tente eliminar tudo quanto pareça desnecessário à expressão da mensagem central.

Conforme a última deliberação unânime de toda a diretoria, a entrada, a frequência e a permanência nas dependências deste clube, tanto quanto a participação nas suas atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais, são exclusivamente privativas dos seus sócios, sendo terminantemente proibida, seja qual for o pretexto, a entrada de estranhos nas referidas dependências do mesmo.

25) Por vezes, certas ideias são externadas de modo radical e extremo demais. Normalmente, não é necessário dispensá-las, mas simplesmente acrescentar ressalvas e restrições que relativizam a mensagem, tornando-a mais aceitável. Faça isso com as frases a seguir.

a) A prática de esportes faz mal à saúde.

b) No Brasil, todos os políticos são ladrões.

c) A leitura é a mais importante atividade de um ser humano.

GABARITO

1) Não bastassem os problemas inerentes ao consumo de drogas, o governo enfrenta ainda os empecilhos produzidos por sua comercialização ilegal. / Não há dúvidas de que é preciso combatê-los (ou la). / Entretanto, os entraves têm sido numerosos: em primeiro lugar, a paralisação dos agentes da Polícia Federal desacelerou os trabalhos de investigação. / Para piorar a situação, as falhas de transmissão de dados através de rede informatizada acabam por impedi-los (ou la) completamente. / Por essas razões, resta ao presidente (sem vírgula) produzir discursos vazios e exigir reuniões de especialistas, que têm pouco a fazer. / Em referência as consequências desse quadro alarmante, Fernando Henrique preferiu direcionar suas críticas aos governos estaduais a simplesmente reconhecer sua parcela de culpa. / Para a maioria, no entanto, estava na hora de o governo agir; afinal, tratava-se de uma situação da qual (ou na qual) todos tinham culpa. / Ninguém entende por que esperar tanto, o que, entre outros problemas, implica (sem preposição) uma situação caótica para todo o país. / Em suma, o problema é a permanência de um discurso, cuja aparência difere tanto da prática, acarretando (sem preposição) descrença por parte de todos.

2) a) O Brasil tem problemas no campo há muitos anos.

b) Daqui a cem anos, poucas das tecnologias atuais terão permanecido.

c) Falei acerca das vitórias do Fluminense.

d) Haja vista as dificuldades a resolver, cumpre fazer um planejamento.

e) Como estava saudoso da Júlia, fui ao encontro dela.

f) Estou a par da matéria da prova.

g) O Governo deve combater a corrupção em vez de discutir inutilidades.

h) Tratava-se de uma situação pela qual / na qual / em que (etc.) todos tinham culpa.

i) A sociedade se esquece de fazer a sua parte.

j) É preciso estudar o problema a fim de resolvê-lo.

k) Não se sabe onde está o problema.

l) Está na hora de o Governo agir.

m) Os alunos cujos pais vieram à reunião estão assustados.

n) Não entendemos por que estudar tanto.

o) Por que estudar tanto?

p) Por que Maria não veio à aula? Porque está doente ou porque não acordou?

q) Os indivíduos têm de tomar atitudes coerentes com seus princípios.

r) Uma expressão adequada implica (sem preposição) escolha certa das palavras.

3) a) “Guiada por uma ideologia consumista, espelhada em países que apresentam capacidade para tal desperdício, a população brasileira vive uma situação caótica.”

b) “Muito se tem discutido sobre a alienação da sociedade em relação à informação, no sentido de que esta tem acesso às informações, mas só busca o que lhe convém, em face do individualismo, o qual infelizmente a sociedade tanto cultua.”

c) “A alienação em uma sociedade que tem acesso a muitas informações se dá pelo fato de que há uma manipulação das notícias por parte dos meios de comunicação, pois estes só publicam o que lhes interessa.”

d) “De fato, com o aumento da população mundial e dos meios tecnológicos, percebem-se significativas mudanças, como o crescimento da quantidade de informações.”

4) Trata-se do uso de gerúndio como oração principal ou absoluta de um período. As formas verbais reduzidas (gerúndio, particípio e infinitivo) constituem sempre orações subordinadas.

a) “Na última década, porém, os avanços sociais alcançados não conseguiram desfazer a percepção dos brasileiros acerca do país, uma vez que muitos problemas estruturais se agravaram no mesmo período. Isso tem gerado muita descrença em relação ao futuro.” [Pode-se usar apenas a vírgula, é claro, mas o período ficaria longo.]

b) “Muitos jovens não têm certeza sobre seu futuro, idealizando o trabalho ou o casamento, o que cria decepção. Essa postura faz com que muitos desistam antes de tentar.”

5) C 6) A 7) B 8) B 9) C 10) E 11) B 12) A

13) B 14) E 15) E 16) C

17) As vírgulas entre parênteses podem ser consideradas facultativas; as demais tendem a ser necessárias ou altamente recomendáveis.

a) O fato que devemos ressaltar é que pais adotivos podem dar condições de vida melhores, mesmo que sejam solteiros.

b) Podemos(,) então(,) afirmar, graças ao já esclarecido, ser mais democrática e positiva a facultatividade.

c) Se, portanto, faltam professores, não é falso que também faltam bons alunos, que possam(,) afinal(,) garantir o prazer da aula.

d) Um dos alunos mais aplicados nas recentes provas realizadas no colégio é aquele cujos pais fizeram reclamações relativas às condições de estudo oferecidas aos alunos do curso. [Sem vírgulas]

e) Culpados pelo problema são, ao mesmo tempo, o governo, que não cumpre seu papel, e, curiosamente, a sociedade, que responde com inércia.

18) A seguir, as vírgulas originais de Machado de Assis:

a) “Quando a sorte ri, toda a natureza ri também, e o coração ri, como tudo o mais.”

b) “Florinda, sempre muito risonha e esperta, divertia-se a valer e, de vez em quando, levantava-se da mesa para ir de carreira levar lá fora, ao número doze, um prato de comida à sua velha, que à última hora, vindo-lhe o aborrecimento, resolvera não ir ao jantar.”

c) “O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo.”

d) “As duas riram da graça, e assim se fechou uma vez o capítulo da adivinha, para abrir mais tarde.”

e) “Uma das amas, parece que a de Pedro, sabendo daquelas ânsias e conversas, perguntou a Natividade por que é que não ia consultar a cabocla do Castelo.”

f) “Fique, fique, conselheiro, disse Santos, apertando a mão ao diplomata.”

g) “Os gêmeos, não tendo que fazer, iam mamando.”

h) “Naquele ano, uma noite de agosto, como estivessem algumas pessoas na casa de Botafogo, sucedeu que uma delas, não sei se homem ou mulher, perguntou aos dois irmãos que idade tinham.”

19) A 20) A 21) D 22) D

23) Sugestões:

a) Existem situações negativas que acabam revelando-se benéficas.

b) Aquilo que ocorre à distância tende a não sensibilizar as pessoas.

c) As aparências revelam muito pouco sobre a essência das coisas, podendo levar a impressões equivocadas.

d) Aquele que tem uma ambição exagerada pode acabar perdendo o que tem.

24) Em síntese, a mensagem ideal seria esta:

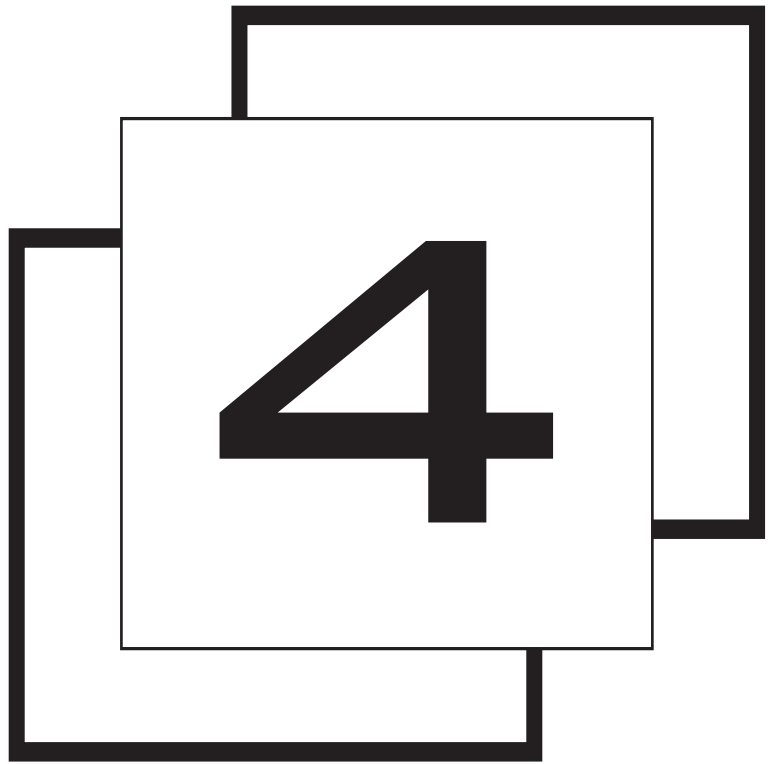
“É proibida a entrada de estranhos.” Ou: “A entrada é exclusiva dos sócios.”

25) Sugestões:

a) A prática de certos esportes radicais, quando excessiva, pode fazer mal à saúde de pessoas despreparadas.

b) No Brasil, muitos políticos estão envolvidos em escândalos de corrupção.

c) A leitura, desde que bem feita e com bons textos, é uma das mais importantes atividades de um ser humano.



**EXERCÍCIOS DE
ESTRUTURAÇÃO E ARGUMENTATAÇÃO**

CONCEITO

No capítulo anterior, nós trabalhamos com a estruturação do argumento, entendendo-o como um raciocínio em que estão presentes uma opinião e sua base. Antes, nas aulas de desenvolvimento, vimos que cada parágrafo argumentativo deve ser construído dessa mesma maneira: um tópico frasal (que contém a ideia a ser defendida) e sua ampliação (com as premissas e/ou as evidências que comprovem a opinião).

Não basta, porém, ter a capacidade de elaborar bons argumentos se eles não formarem um todo coerente. Isso significa que, para além de sua estrutura interna, o argumento deve estar relacionado ao projeto global do texto, fazendo sentido como uma etapa de um pensamento maior.

A esse processo de encadeamento de ideias e raciocínios dá-se o nome de argumentação. Para alcançá-la, o melhor método é o estabelecimento de uma linha de pensamento, representada pela frase-tese, que sintetiza a visão do autor acerca de determinado tema.

Leia o exemplo a seguir, retirado de uma redação sobre o significado do consumismo para a sociedade brasileira, em um teste semanal recente:

Embora necessário, o consumismo reforça a exclusão social do país, criando um ambiente violento.

Perceba que o autor do texto apresenta uma visão crítica, porém não radical do consumismo no Brasil. Ele elaborou sua tese de forma inteligente, pois é possível dividi-la em etapas que correspondem aos parágrafos de argumentação, como se pode perceber no quadro a seguir:

	Embora necessário, / o consumismo reforça a exclusão social do país, / criando um ambiente violento.
Argumento 1	O consumismo é necessário, na medida em que constitui a base para a economia de mercado, gerando renda e emprego.
Argumento 2	Como nem todos têm acesso aos bens de consumo, pode-se dizer que a cultura consumista acaba reforçando as diferenças entre pobres e ricos.
Argumento 3	A violência simbólica do consumismo ("Você precisa TER isso!") está associada à violência real de jovens que praticam crimes para poder consumir.

A vantagem dessa estruturação do pensamento é que as partes estão inter-relacionadas, criando-se uma progressão temática que valoriza muito a coerência textual. Obviamente, a argumentação não se restringe aos textos dissertativos, podendo ser realizada das mais diferentes maneiras. No fragmento a seguir, por exemplo, encontra-se um sermão do Padre Antônio Vieira, reconhecido por sua capacidade de argumentação.

Leia-o cuidadosamente, a fim de perceber as principais características de um bom texto argumentativo:

[...] o sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima)

ESTRUTURAÇÃO

Toda argumentação nasce de uma dúvida originária. Em termos de vestibular, essa dúvida constitui o tema proposto pela banca, cujo caráter "polêmico" é bastante esclarecedor. Diante da dúvida suscitada pelo tema, o redator procura definir seu ponto de vista, imaginando, em linhas gerais, sua opinião acerca da questão proposta. Em seguida, ele se esforça para elaborar sua tese, que funciona como uma explicação sintética do ponto de vista.

De posse da tese, o candidato pode se dedicar a elaborar cada argumento, definindo a ideia central e a maneira correta de trabalhá-la, com premissas e/ou evidências. A melhor maneira de entender esses procedimentos talvez seja a exemplificação. Nessa perspectiva, estude a esquematização proposta a seguir:

Tema polêmico	
É aquele que pressupõe uma discussão, em que há sempre a possibilidade de mais de uma posição razoável sobre o ponto em debate.	
<i>A educação é um meio eficaz de promover o desenvolvimento social?</i>	
Ponto de vista	
É a tomada de posição diante do tema: concordância ou discordância, total ou parcial.	
Concordância parcial	
Tese	
É a explicação geral do ponto de vista; ideia central do texto.	
<i>Tudo depende do tipo de educação que se escolha.</i>	
Argumento	
É a opinião (ou ideia) fundamentada, com premissas ou evidências.	
Opinião: <i>A educação instrumental ou quantitativa é insuficiente.</i>	
Fundamentação: <i>esse tipo de educação desenvolve apenas habilidades e competências práticas, adequando o indivíduo ao regime produtivo. No entanto, mais do que uma peça útil, o indivíduo deve se tornar um cidadão pensante e ativo, o que só é alcançado pelo desenvolvimento do senso crítico e de valores.</i>	
Argumentação	
É o processo de seleção e ordenação de argumentos de modo a sustentar uma tese convincente.	

ANÁLISE DE TEXTO ARGUMENTATIVO

Uma das técnicas mais eficazes para se ter uma boa argumentação é saber identificar os argumentos alheios. Aprender a “ler” a argumentação de outras pessoas fornece “armas” para combatê-la ou para sustentar opinião igual.

Na escrita, em geral, o argumentador se preocupa com a formulação de suas ideias, organizando melhor seu pensamento. Dessa forma, há muito o que aprender por meio da leitura qualificada, estudando o método utilizado por autores de textos desse tipo. Naturalmente, nem todo texto argumentativo pode ser tomado como exemplo do que deve ser feito no vestibular. Ainda assim, do ponto de vista do “conteúdo” e da estratégia, pode-se obter um excelente resultado.

Em linhas gerais, deve-se estudar o texto argumentativo, dividindo-o em etapas, nas quais se identificam progressivamente:

- 1) o ponto de vista defendido;
- 2) a tese que sustenta esse ponto de vista;
- 3) os argumentos desenvolvidos em cada parte do texto (parágrafo ou grupo de parágrafos);
- 4) o raciocínio de cada argumento;
- 5) os recursos expressivos utilizados nesses raciocínios;
- 6) a existência de embasamento (exemplos, estatísticas ou evidência) para cada ideia apresentada;
- 7) a sequência lógica dos argumentos e seu encadeamento;
- 8) a técnica desenvolvida para encaminhar a conclusão;
- 9) a eficácia da argumentação.

REDAÇÃO EXEMPLAR

O tema da redação abaixo foi a contradição entre as informações recebidas pelos jovens e seus comportamentos inconsequentes. Leia-a com atenção.

Atos inconscientes não são atos inconsequentes

Sexo só com camisinha, mas na hora H... Nunca dirigir sob efeito do álcool, mas quem se lembra disso bêbado? Brigar na rua é coisa de maluco ou delinquente, mas às vezes a raiva fala mais alto. Ao que parece, informação e consciência, embora tomadas como sinônimos, nem sempre andam de mãos dadas. Essa constatação permite compreender por que os jovens, inseridos em um contexto de acesso aos meios de comunicação, tenham comportamentos tão diferentes do que lhes é transmitido. Cabe aqui entender os fatores que explicam essa espécie de esquizofrenia juvenil.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, na atualidade, os jovens tendem a ser hedonistas e imediatistas. Sem dúvida, a busca pelo prazer intenso parece ser muito mais importante do que qualquer outra forma de realização pessoal, o que se explica pela falta de perspectivas enfrentada. Os estudos são deixados de lado e substituídos por aventuras, principalmente as emocionantes e perigosas. Nesse contexto, as informações sobre os cuidados que se deve ter em comportamentos de risco acabam não fazendo sentido prático.

Além disso, os pais parecem exercer um papel negativo bastante esclarecedor. Muitas vezes, tentam justificar sua falta de atenção com os filhos pelo fato de que

as crianças de hoje têm tantas informações, que não seria necessário ensiná-lhes nada. No entanto, o problema é que essa “estratégia” deixa de lado algo fundamental: a seleção e a interpretação das informações devem ser aprendidas e não podem ser conquistadas sem orientação. Sem ajuda, os adolescentes não transformam os dados recebidos em conhecimento consciente.

Finalmente, não se pode deixar de lado a influência socioeconômica nesse fenômeno. Além da dificuldade no acesso aos meios de informação de qualidade, os jovens de baixa renda ainda enfrentam os problemas oriundos de uma escola deficiente. Com educação precária, dificilmente uma pessoa absorve as informações recebidas, pois desconhece os mecanismos básicos de interpretação e não consegue sequer ler adequadamente um simples cartaz ou folheto. Assim, os atos conscientes passam a ser mera utopia para essas pessoas.

Ler cartazes, ouvir conselhos, ver peças publicitárias. Nada disso parece ser suficiente para determinar o comportamento de um jovem contemporâneo. Sua busca por aventuras o coloca em risco a cada dia. Enquanto escola e família insistem em se isentar de suas responsabilidades, continuarão existindo adolescentes grávidas, batidas de carro e brigas em boites — cada vez mais intensamente. Sem dúvida, a culpa é de todos, como o são as consequências dos atos inconsequentes.

ATIVIDADES

Texto 1

A crise econômica que assola o mundo parece estar diretamente associada à globalização. Sem dúvida, problemas nas bolsas de valores do México e da Rússia, há alguns anos, tiveram efeitos em toda parte, de modo análogo ao que ocorrera com a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Essas consequências, entretanto, costumam atuar de forma assimétrica, prejudicando os países mais pobres (ou mais dependentes) e, em cada país, a população carente. Diante desse quadro, só se pode esperar a piora das condições de vida em todo o planeta, contrariando as previsões dos apologistas do mercado global.

1) Imagine que você tenha que dissertar sobre os efeitos da crise econômica para as sociedades.

a) Formule uma definição para a palavra crise.

b) A partir dessa definição, crie um axioma sobre os efeitos de qualquer crise.

c) Organize um argumento de modo a comprovar que as populações mais pobres são as que mais sofrem com as crises econômicas.

Texto 2

O trabalho humano tem assumido múltiplas dimensões ao longo da história. As alternativas que têm sido postas à disposição ou que têm sido negadas aos indivíduos ou à espécie permitem amplo leque de avaliações. Encontra-se tanto uma defesa incondicional das virtudes da vida laboriosa quanto o elogio do ócio

ou a defesa de um tempo de trabalho apenas indispensável à sobrevivência. Essas visões podem ser sintetizadas na oposição entre promoção e degradação na forma de se avaliar a importância do trabalho para as pessoas.

2) Nas sociedades primitivas, três ou quatro horas de atividades diárias eram suficientes para garantir as necessidades do grupo.

A partir dessa informação, redija um argumento crítico, explicando o tempo de trabalho médio nas sociedades atuais.

3) Provérbios antigos dão conta de que “o trabalho dignifica o homem” ou de que “o trabalho liberta o indivíduo.” Não será difícil, porém, encontrar a visão oposta, quando se trata de avaliar a oposição entre o trabalho de escravos e o ócio de certas elites.

Estabeleça, a partir desse fragmento, um argumento dialético acerca do trabalho, criando uma síntese convincente entre as visões apresentadas.

4) Estamos vivendo um aparente paradoxo da admiração pelo ócio e sua doentia conversão em trabalho.

Explique essa ideia.

5) Leia com atenção o texto a seguir:

Ou você ou a cobaia

Corre o mundo uma campanha em defesa do direito dos animais, pregando o fim de seu uso em testes de laboratório. A imagem que se quer passar é a de que os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes. [...]

Nenhuma das pesquisas que deram origem às vacinas seria possível sem o uso de animais de laboratório. Até hoje, a vacina contra raiva é testada em ratos para ver se não restou nela nenhum vírus [...].

Há 40.000 anos os homens viviam, em média, 28 anos. Hoje vivem mais de 70. Devemos isso às pesquisas que utilizam animais. [...]

É bem provável que os defensores dos direitos dos animais acreditem que é uma arrogância do homem moderno colocar-se no centro do universo — pessoas que, como Pasteur, priorizam a vida humana diante da vida de outros animais. Para mim, essa arrogância tem outro nome: humanismo.

(RAW, Isaías. In: Revista *Superinteressante*, maio de 2001)

Quando foi publicado o texto acima, discutiam-se os testes em laboratório, realizados em cobaias animais. Em cartas, e-mails ou declarações em programas de televisão, a maior parte das pessoas condenava, de forma veemente, as violências cometidas contra animais. Disso resultaria que os cientistas, responsáveis pelos testes, deveriam assumir, portanto, o papel de “inimigos do bem”. Entretanto, o autor do texto acima raciocina em caminho completamente inverso. Explique essa ocorrência.

6) (Fuvest — tema adaptado) O empresário Antônio Ermírio de Moraes escreveu o artigo abaixo (*Folha de São Paulo*, 3/8/97) em que se manifesta sobre a sujeira na cidade de São Paulo. Leia o artigo com atenção e reflita também sobre o que está sugerido nas entrelinhas a propósito de pobreza, cidadania, limpeza, ação governamental etc.

A partir da leitura e da sua reflexão sobre as ideias implícitas, e imaginando que você discorda do articulista, elabore uma lista de pontos falhos na argumentação do empresário.

Até quando, São Paulo?

Os leitores têm todo o direito de se queixar quando volto a um mesmo assunto. Acontece que o retorno ao tema decorre da persistência do problema. Refiro-me à imundície que campeia na cidade de São Paulo.

Muita gente confunde pobreza com sujeira. Nada mais errado. As pessoas humildes são exatamente as que mais valorizam o asseio, a higiene e a limpeza.

Você já notou como é generalizado o banho dos trabalhadores da construção civil depois de uma jornada de trabalho? Você já observou a brancura das camisas e blusas dos uniformes dos seus filhos?

O que você vê na capital de São Paulo é fruto de puro abandono e total falta de autoridade. São pessoas imundas que emporcalham a cidade como prova da sua selvageria e reflexo da insensibilidade dos governantes.

Uns defecam nos jardins. Outros cozinham debaixo dos viadutos. Há ainda os que penduram a roupa encardida nos galhos das árvores. Tudo a céu aberto e no maior acinte aos cidadãos que aqui vivem.

Na ausência de um plano diretor para cuidar da habitação, avoluma-se o número de pessoas que, usando tábuas, papelão e até embalagens de geladeiras, vão se mudando definitivamente para debaixo das pontes, onde passam a residir “tranquilamente” no meio de escandalosa sujeira.

O mais espantoso é ver as autoridades municipais e estaduais consentirem com a multiplicação desses chiqueiros que, na verdade, são uma verdadeira provocação aos que pagam altos impostos e que têm o direito de exigir um mínimo de higiene na cidade em que habitam e trabalham.

Já passou bastante da hora de as autoridades agirem. Elas estão atrasadas há vários anos — mas têm de agir. Não é justo que a população como um todo seja submetida a um ambiente tão vergonhoso e deprimente como é o de São Paulo.

Não sou saudosista a ponto de querer voltar ao tempo do prefeito Faria Lima, quando o símbolo da capital era uma bela rosa. Mas também não acho correto submeter um povo trabalhador a uma cidade imunda e abandonada.

Afinal, esse povo está seguindo as regras democráticas, comparece às eleições e escolhe ordeiramente os seus vereadores, prefeitos e governadores.

É hora de eles realizarem mais trabalho e menos política, limpando esta cidade que já foi orgulho do nosso país. Mãos à obra!

7) O texto a seguir é de autoria de Olavo de Carvalho, um estudioso de Filosofia conhecido por provocar polêmicas com seus artigos publicados no jornal *O Globo* e na Revista *Época*. Para além das opiniões defendidas por ele — com as quais se pode concordar ou das quais se pode discordar —, cabe aqui entender seu processo de argumentação, utilizando a técnica de leitura apresentada acima.

Censura, ontem e hoje

Comparar a censura dos tempos do governo militar com o sistema gramsciano de controle das informações que a esquerda instalou no Brasil é comparar a gerência de um armazém de bairro com a administração científica de uma multinacional.

A censura militar, desde logo, se apresentava ostensivamente como tal e não fazia o mínimo esforço para ocultar sua presença. Todo mundo sabia que estrofes de Os Lusíadas e receitas de bolos assinalavam fatos suprimidos. Se um jornal, para não se prejudicar comercialmente, maquiava as lacunas com notícias inócuas, fazia-o porque queria. Ninguém o obrigava a isso. A censura reconhecia-se como fenômeno anormal e provisório, sem a menor ambição de manipular as consciências a longo prazo.

Em segundo lugar, seu alcance, ao menos de início, era antes policial-militar do que político. Havia a guerrilha urbana, com sequestros e atentados por toda parte, e a ordem era impedir que a mídia se tornasse instrumento de propaganda dos guerrilheiros. Hoje sabemos que eles eram poucos e mal armados, mas na época não era essa a impressão que eles próprios disseminavam: se procuravam aterrorizar o governo para induzi-lo a sentir-se acuado por uma guerra civil, era sabendo que a reação de qualquer governo nessas circunstâncias seria implantar um estado de exceção, incluindo o controle das informações. Seu cálculo, como de praxe na estratégia comunista, foi duplo: se o governo não reagisse, arriscava-se a ser derrotado militarmente; se reagisse, poderia depois ser desmoralizado por décadas de gritaria contra a censura. A imensa produção historiográfico-lacrima de acadêmicos esquerdistas que até hoje impõe à consciência nacional uma visão falseada daquele período já estava nos planos desde então: ela é o aproveitamento político da derrota militar, a continuação da guerrilha por outros meios.

É verdade que mais tarde os cortes se ampliaram, suprimindo notícias políticas sem ligação com a guerrilha. Mas, pelo seu próprio caráter aleatório e despropositado, muitos desses cortes eram o contrário de uma operação planejada: era a loucura geral disseminada entre funcionários ineptos e apavorados que, sem instruções precisas, buscavam desesperadamente mostrar serviço. Em terceiro lugar, a censura agiu exclusivamente sobre a mídia popular, sem interferir na circulação de livros (só uns poucos foram proibidos, porque ensinavam a técnica da guerrilha urbana) e de publicações acadêmicas. Por isso, a época hoje apresentada como a de mais rígido controle estatal do pensamento foi a de maior florescimento editorial esquerdista em toda a nossa História — muitas vezes com ajuda financeira do próprio governo — e a da consolidação da hegemonia esquerdista nos meios culturais e acadêmicos.

Objetivo limitado, renúncia à influência de longo prazo, execução canhestra por meio de funcionários incultos, abstenção quase completa de interferências profundas na esfera superior das ideias e da cultura. Tais as marcas que

caracterizaram a censura militar, à qual seria um exagero demagógico dar as dimensões de uma verdadeira manipulação das consciências.

*Em contraste, o controle esquerdista das informações, hoje, visa essencialmente ao longo prazo, tem a seu serviço os mais adestrados profissionais acadêmicos, age principalmente por cima, pelo controle das ideias e da visão histórica suscetíveis de moldar o futuro, e, sobretudo, é metucioso no empenho de apagar suas pistas. O espectro de fatos e ideias cuja circulação ele bloqueia é imensamente maior que o abrangido pela censura militar, chegando a ocultar da população estudantil brasileira praticamente toda a produção dos pensadores liberais e conservadores das últimas décadas e capítulos inteiros da História nacional, como por exemplo a participação de Cuba na direção das nossas guerrilhas, durante 20 anos negada como pérfida mentira direitista e agora comprovada, sob protestos gerais, pelo corajoso estudo de Denise Rollemberg, *Apoio de Cuba À Luta Armada no Brasil* (Rio, Mauad, 2001).*

CARVALHO, Olavo de. In: Revista *Época*, 14/04/01.

8) Proceda da mesma maneira na leitura da redação abaixo, sobre delinquência juvenil e maioridade penal aos dezesesseis anos.

Adolescentes Responsáveis

Discutir a maioridade penal aos dezesesseis anos é, antes de tudo, analisar as características das pessoas dessa idade que permitem que este tipo de punição seja aplicada. E, mais do que isso, avaliar o contexto social em que vivem e pelo qual são influenciados diretamente.

Um dos fatores que tornam legítima a responsabilização penal de maiores de dezesesseis anos é o fato de que, nessa idade, esses indivíduos já são suficientemente maduros. Existe neles uma maturidade que vai muito além da posse da noção de certo e errado, comum à grande maioria das pessoas desde a infância. Esses jovens já possuem, nesse momento, a capacidade de analisar suas atitudes e de prever consequências.

Além disso, é evidente, hoje, o grande número de jovens que não receberam uma formação moral sólida e que seguem exemplos ruins que tiveram. Isso ocorre tanto por problemas sócio-econômicos, como a pobreza, como por simples falta de atenção dos pais. Nesses casos, a punição cumpriria uma função negligenciada pela família, reeducando esses jovens.

Há, todavia, quem discuta a eficiência dos locais destinados à recuperação de menores infratores. Realmente, sua ineficiência não pode ser negada, o que torna necessário que sejam reestruturados e, não, que deixem de existir. Isso porque, quanto mais cedo ocorrer esse processo de recuperação, mais fácil e eficaz será esse trabalho.

Dessa forma, torna-se claro que a maioridade penal aos dezesesseis anos é justa. Defendê-la apenas porque esses indivíduos já são capazes de distinguir o certo do errado seria infantil. O fato é que eles devem assumir as consequências dos atos que praticam e aprender os valores necessários para a vida em sociedade.

9) Os textos a seguir foram publicados na *Folha de São Paulo*, em uma seção intitulada “Polêmica”, que visa à promoção de debates públicos. Leia ambos os textos, procurando avaliar como foram construídas suas argumentações. Uma delas parece mais convincente? Por quê?

Os recursos das agências de pesquisa devem passar para as universidades?

NÃO

O controle dos recursos para pesquisa

A sociedade aloca, por meio de instituições como o CNPq, a Finep e a Fapesp e de programas episódicos, recursos que visam o desenvolvimento científico, base para o desenvolvimento tecnológico e econômico do país, gerando competência, tecnologia, produtos e empregos.

Existe um sistema que permitiu aos países desenvolvidos distribuir com eficiência e objetividade esses recursos para obter os retornos esperados. Recursos para pesquisa nunca devem ser repartidos para distribuição pelas instituições de pesquisas ou universidades. São investimentos de recursos públicos, que têm de apostar no seu retorno social e econômico, escolhendo os melhores projetos, sob direção de pesquisadores competentes, com equipes formadas e instalações básicas adequadas.

O sistema implantado pela Fapesp e seguido pelo CNPq deu, ao contrário do que se insinuou, ampla liberdade aos pesquisadores para propor seus projetos. Os projetos são sempre analisados por pares de reconhecida competência, que não têm conflitos de interesse e que permanecem anônimos. Se o projeto detalhado e o currículo dos proponentes são aprovados, o projeto é financiado. Assumem os pesquisadores o compromisso de submeter não relatórios, mas uma publicação com resultados e conclusões à comunidade científica internacional. Por meio da publicação, a comunidade científica pode usar os resultados divulgados para estender as pesquisas, que irão confirmar ou negar o que foi publicado. Esse processo garante que recursos sejam dados para pesquisadores com capacidade de inovação e que seus resultados só sejam aceitos quando adequadamente confirmados por novas pesquisas.

Nunca as agências de financiamento ultrapassam a rigorosa análise de pares nem impõem linhas de pesquisa. Quando isso ocorreu, no passado, o resultado foi trágico. Os poderes, quaisquer que sejam, não devem intervir.

Todavia é fundamental o direito do Estado de priorizar determinadas pesquisas, sem contudo eliminar a pesquisa independente, da qual frequentemente surgem as inovações importantes. O Brasil levantou empréstimos de milhões de dólares no Banco Mundial para estimular pesquisas nas áreas de química fina, biotecnologia, instrumentação científica e educação científica. Estamos agora pagando esses empréstimos, mas não progredimos suficientemente nessas áreas para formar os novos cientistas e tecnólogos. Continuaremos nessa rota, com os fundos setoriais, se não distribuirmos os investimentos para bons projetos, ainda que privilegiando determinadas áreas, mas apostando na criatividade de grupos competentes. Não existe mais pesquisa individual, mas “escolas” que surgem onde aparecer um líder e atraem jovens inteligentes e motivados.

Em alguns casos, quando os investimentos necessários são muito altos, foram criados laboratórios especiais, institutos desligados das universidades, que correm o perigo de repetir a história de grande parte deles. Com um quadro

estável por décadas e sem estudantes, esterilizam-se, mas mantêm a prerrogativa institucional e orçamentária de continuar a viver do seu passado. As pesquisas, quer realizadas nas universidades, quer em institutos de pesquisa, têm de ter projetos submetidos e financiados por agências externas. A distribuição de recursos a todos os Estados da União ou através do sistema sujeito às interveniências locais não leva ao desenvolvimento científico e tecnológico.

A proposta encabeçada pela prof.^a Marilena Chavi, importante pesquisadora na área de Ciências Sociais, seria um desastre para a pesquisa científica experimental. Recursos cartorialmente distribuídos não criam competência nem originalidade.

Isaias Raw, 76, professor emérito da Faculdade de Medicina da USP, é presidente da Fundação Butantan.

SIM

Autonomia e inovação

Para responder afirmativamente é preciso fazer duas ressalvas: 1) não se trata de transferir para a universidade pública todos os recursos das agências de fomento à pesquisa (a universidade não deve ter o monopólio da pesquisa no país, e há vários aspectos e dimensões da pesquisa que não podem nem precisam ser atendidos pela universidade) e 2) não se trata de defender a transferência de recursos de pesquisa para a universidade pública tal como ela se encontra hoje, mas só no contexto de uma proposta geral de sua revitalização, para que recupere a iniciativa acadêmica quanto ao ensino e à pesquisa.

A pergunta de fato suscita dúvidas quanto à naturalidade com que, desde alguns anos, aceita-se que o financiamento de pesquisas universitárias não é da competência da universidade e que esta deve ocupar uma posição subalterna ante o monopólio dos recursos pelas agências de fomento à pesquisa. Muitos acham natural essa situação porque julgam a universidade pública antiquada, burocrática, corporativa, improdutiva. E consideram as agências transparentes em seus procedimentos, visto que oferecem critérios precisos e imparciais para a concessão de auxílios, operam com assessores externos para julgamento e acompanhamento dos projetos e com comissões avaliadoras das condições orçamentárias e dos resultados dos projetos. A aceitação dessas imagens tornou-se uma espécie de senso comum social.

Essas imagens foram produzidas, paradoxalmente, quando a universidade pública parecia destinada a cumprir sua finalidade como centro de novos conhecimentos, ou seja, com o crescimento das pós-graduações. No entanto, porque esse crescimento se deu na mesma ocasião em que se consolidava a crença na racionalidade e eficiência do mercado, um conjunto de ideias e de práticas, nascido do fascínio pelo produtivismo e pelas estatísticas, decretou a falência universitária para corresponder às demandas mercantis e promoveu o processo de sua desqualificação. A contrapartida à universidade “antiquada” foi a invenção da “modernidade” das agências de fomento e a promoção deliberada de seu poder desmedido, visto que passaram a ser tidas como capazes de criar e subvencionar “centros de excelência”, promover o “alto nível” intelectual, garantir a produtividade teórica etc. O sucateamento da universidade pública não decorreu de sua ineficiência e improdutividade, foi a imagem neoliberal da eficiência e da produtividade que rebaixou a universidade e elevou as agências.

E deixemos de lado discutir a veracidade da imagem da transparência e da isenção das agências, pois isso nos levaria a indagar, por exemplo, qual a

legitimidade de financiamentos públicos para fins privados de pesquisas em parceria com empresas privadas, que participam com parcela irrisória nos gastos e usufruem de todo o lucro e benefício dos resultados. Ou ainda nos faria discutir o fato de que dirigentes, assessores, membros das comissões julgadoras e de avaliação de projetos também integram grupos universitários, e muitos deles tornaram-se gestores quase vitalícios das agências, sem que se pudesse impedir um poder oligárquico agindo como se diz que agem as corporações universitárias, isto é, por meio da distribuição de privilégios, da proteção sistemática de alguns e exclusão de outros. Depois de aprovado em provas específicas e de ter seu projeto de pesquisa avaliado e aceito por um orientador, um estudante inscreve-se num curso de pós-graduação, mas não faz o curso nem realiza a pesquisa se não conseguir uma bolsa de estudos. Como a universidade não dispõe de recursos para isso, o estudante depende das agências de fomento — nas quais seu projeto pode não ser aprovado (e não são apenas razões intelectuais que pesam).

São, portanto, as agências, em última instância, que decidem quem faz e quem não faz pesquisa no Brasil, e não as universidades. São elas também que decidem quanto ao tempo intelectualmente necessário para a pesquisa, uma vez que, embora a universidade considere que um mestrado possa (e talvez deva) ser feito em três anos e meio e um doutorado em cinco, as agências definem dois e três anos, respectivamente. Laboratórios universitários de pesquisa, projetos de grupos de docentes pesquisadores, investigações posteriores ao doutorado, publicações de trabalhos, intercâmbio internacional dependem inteiramente dos critérios e das decisões das agências, que defendem como princípio definidor da importância dos trabalhos a “competitividade” (dada pela quantificação da atividade dos pesquisadores), em vez da cooperação.

Afirmar que a universidade pública deve receber dotações próprias para a subvenção de pesquisas significa retirá-la da posição subalterna para que seja sujeito de suas próprias ações, isto é, autônoma. Essa democratização — pois é disso que se trata — só ocorrerá se a universidade recuperar suas finalidades como instituição pública: compromisso social, funcionamento democrático, autonomia intelectual e responsabilidade no uso dos fundos públicos. Isso não elimina, de modo nenhum, a existência das agências de fomento, que, além de poderem cooperar nas pesquisas universitárias de grande porte, hão de patrocinar pesquisas que a universidade não esteja realizando e, assim, continuar financiando os projetos dos institutos públicos não universitários de pesquisa. Nada impede, enfim, que, reunidas nacionalmente, possam patrocinar a criação de um organismo nos moldes do CNRS francês e subvencionar seus projetos de pesquisa. Propomos, portanto, ampliar o escopo e o alcance do financiamento público da pesquisa, assegurando, de um lado, a autonomia democrática da universidade pública e, de outro, a inovação nos campos e formas de atuação das agências de fomento.

Marilena Chaui, 61, é professora de filosofia política e história da filosofia moderna na USP.

Fonte: Folha de São Paulo, Opinião, Tendências e debates. 17/01/04.

EXERCÍCIOS

1) Os seis períodos reproduzidos abaixo constituem um parágrafo de introdução para um texto dissertativo acerca da distância entre as informações recebidas pelos jovens e seu comportamento. Sua tarefa é ordená-los corretamente.

(A) Essa constatação permite compreender por que os jovens, inseridos em um contexto de acesso aos meios de comunicação, tenham comportamentos tão diferentes do que lhes é transmitido.

(B) Brigar na rua é coisa de maluco ou delinquente, mas às vezes a raiva fala mais alto.

(C) Sexo só com camisinha, mas na hora H...

(D) Cabe aqui entender os fatores que explicam essa espécie de esquizofrenia juvenil.

(E) Ao que parece, informação e consciência, embora tomadas como sinônimos, nem sempre andam de mãos dadas.

(F) Nunca dirigir sob efeito do álcool, mas quem se lembra disso bêbado?

2) Faça o mesmo com o conjunto de períodos abaixo, retirados da introdução de um texto sobre a cidadania brasileira diante da corrupção.

(A) Entretanto, por mais que esse tipo de atitude dê a impressão de que a sociedade é refém das instituições políticas, nunca foi tão necessário reafirmar a cidadania.

(B) De fato, comportamentos como subornos, quebra de decoro e demagogia estão longe de ser raros, produzindo um desconforto que quase sempre leva à descrença.

(C) Cabe demonstrar o que deve ser feito por cada um, a fim de que a sociedade transforme quem a governa.

(D) Quando se discute a situação da política brasileira, são poucos os que apresentam um mínimo de esperança.

(E) Afinal, para cada governante corrupto, existem milhões de cidadãos honestos.

3) Alguns alunos, ao fazer o planejamento de suas redações, optam por criar uma tese bem definida, da qual derivam os argumentos — e sua sequência. A esse propósito, leia atentamente o exemplo a seguir, de uma redação nota 10 no vestibular UFRJ 2004 (identidade da música brasileira):

Quem vai à História descobre logo que o samba não seria o mesmo sem os ritmos africanos e as danças latinas, o mesmo valendo para outros estilos “tipicamente” brasileiros. Por isso, acaba vendo como histeria o alarme diante da música americana nas rádios e lojas de CDs. Entretanto, a velocidade das influências, hoje, é realmente motivo de preocupação. Afinal, embora as trocas estejam na base de qualquer cultura, os excessos da globalização econômica precisam ser filtrados, a fim de que a música brasileira mantenha o mosaico que sustenta sua identidade.

a) Identifique a tese do parágrafo acima.

b) Divida a tese em partes, explicitando os três argumentos que serão desenvolvidos.

4) Releia a tese identificada no exercício 4 acima. Sua tarefa, agora, é criar três tópicos frasais — um para cada parágrafo de desenvolvimento da redação —, sem repetir as mesmas palavras contidas na tese.

a) Argumento 1

b) Argumento 2

c) Argumento 3

5) Leia atentamente o parágrafo abaixo, retirado do desenvolvimento de uma dissertação cujo tema era a distância entre as informações recebidas pelos jovens e seu comportamento (o mesmo do exercício 1).

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, na atualidade, os jovens tendem a ser hedonistas e imediatistas. Sem dúvida, a busca pelo prazer intenso parece ser muito mais importante do que qualquer outra forma de realização pessoal, o que se explica pela falta de perspectivas enfrentada. Os estudos são deixados de lado e substituídos por aventuras, principalmente as emocionantes e perigosas. Nesse contexto, as informações sobre os cuidados que se deve ter em comportamentos de risco acabam não fazendo sentido prático.

a) Identifique o tópico frasal do parágrafo.

b) Embora bem escrito, esse parágrafo é expositivo. Como seria possível torná-lo mais argumentativo?

6) Leia agora este outro parágrafo de desenvolvimento, retirado de uma redação sobre a corrupção no Brasil:

Agora, o político chega em Brasília, aí vem um empresário e combina com ele de fazer um esquema. Ele vai, arma tudo e já sabe que ninguém vai descobrir. Desvia dinheiro da merenda das escolas públicas e compra uma mansão ou uma ilha. Depois se alguém desconfia de alguma coisa ou a imprensa investiga, ele foge para outro país com muito dinheiro.

Esse parágrafo apresenta muitas falhas. Explique, de forma sintética, quais são os problemas relativos:

a) à linguagem empregada pelo autor.

b) ao tipo de texto solicitado (dissertação).

7) O parágrafo a seguir foi retirado do desenvolvimento de uma redação sobre a necessidade ou não de censura no Brasil.

Quando se impede que uma matéria seja publicada ou que um filme

seja exibido integralmente, ocorre um controle prévio, que fere a liberdade de expressão dos profissionais de mídia. Cumpre destacar que censura é diferente de penalização. Ao aplicar uma multa aos responsáveis pela comunicação de um fato indevido, o Estado estaria evitando abusos frequentes dessa liberdade. Assim, imaginando que podem ser punidos, os comunicadores terão mais cuidado e ética em seu trabalho.

a) Transcreva o tópico frasal e comente se sua utilização foi adequada ou não.

b) Transcreva as palavras e/ou expressões utilizadas pelo autor para se referir aos indivíduos que seriam afetados pela censura ou pelo controle.

8) Sobre o parágrafo a seguir, faça o que se pede:

Para completar o quadro, é necessário perceber que _____ Sem dúvida, as pessoas influenciadas por essa ideologia tendem a submeter até mesmo os valores morais ao objetivo prático de comprar bens não duráveis. Nesse contexto, cria-se uma atração perigosa por atividades ilícitas, sobretudo no caso de pessoas cujas alternativas de inclusão social sejam raras. Traficantes de drogas, em particular, aproveitam-se desse potencial de “sedução” para aliciar muitos menores. O resultado costuma ser previsível: compram-se tênis e camisetas ao preço de vidas.

a) Elabore um tópico frasal que se encaixe perfeitamente no parágrafo.

b) Comente a eficácia do último período do parágrafo.

9) Sobre o parágrafo abaixo, faça o que se pede:

Além disso, deve-se considerar que _____ Em apenas quatro anos de mandato, sem orçamento suficiente e com muitos compromissos pré-definidos, os governantes têm sua ação limitada. Apesar disso, a cobrança dos meios de comunicação nas sociedades democráticas acabou por aumentar as expectativas dos eleitores. Nessa situação, cria-se um panorama de descrença na política em geral, que só será superado se a sociedade se der conta das limitações da política tradicional.

a) Elabore um tópico frasal que se encaixe perfeitamente no parágrafo.

b) Dê os valores semânticos dos conectivos “apesar disso” e “nessa situação”.

10) O seguinte parágrafo constitui a conclusão de uma dissertação sobre os problemas das grandes cidades brasileiras.

Pode-se concluir que o caos urbano das grandes cidades brasileiras deve-se, em grande parte, à omissão da própria sociedade. Por isso, é imprescindível que todos os cidadãos se conscientizem de que cada um deve tentar minimizar os problemas urbanos, diminuindo os índices de poluição, racionalizando o trânsito

e participando ativamente em suas comunidades. Só assim se conseguirá viver humanamente nas cidades modernas.

a) O que está equivocado quanto ao 1º período da conclusão? Sugira uma forma de corrigir essa falha.

b) Além de confirmar a tese desenvolvida, o que mais a conclusão apresentou? Comente.

11) A conclusão a seguir foi elaborada para a redação do mesmo tema dos exercícios 1 e 4 — a distância entre as informações recebidas pelos jovens e seu comportamento. Leia-a com atenção.

Ler cartazes, ouvir conselhos, ver peças publicitárias. Nada disso parece ser suficiente para determinar o comportamento de um jovem contemporâneo. Sua busca por aventuras o coloca em risco a cada dia. Enquanto escola e família insistirem em se isentar de suas responsabilidades, continuarão existindo adolescentes grávidas, batidas de carro e brigas em boates — cada vez mais intensamente. Sem dúvida, a culpa é de todos, como o são as consequências dos atos inconsequentes.

a) Por que tipo de conclusão o autor optou a redigir seu último parágrafo?

b) Elabore, a partir da conclusão, um título adequado à mensagem da redação.

Leia atentamente à redação a seguir, cujo tema é a importância do amor no mundo contemporâneo

À procura de lucidez

Basta estar vivo para conhecer clichês sobre o amor, mesmo sem tê-lo sentido. Até os mais dignos poetas se deixam levar pelo lugar-comum das maravilhas e paradoxos desse nobre sentimento. De Camões a Drummond, de Shakespeare a Vinícius, o amor tem povoado textos que, se não têm valor literário, pelo menos ajudam jovens pouco inspirados a conquistar belas moças. Nesse contexto de tamanha unanimidade, seria ousado discordar. Mas o risco talvez valha a pena.

Na maioria das vezes, atribui-se ao amor um papel subversivo em um mundo marcado pelo materialismo. Diante das exigências do capitalismo, que impõe aos indivíduos uma rotina apagada de trabalho e sofrimento, a paixão seria um contraponto decisivo. Na base dessa ideia, encontra-se uma premissa equivocada: a de que o prazer não pode advir da rotina, do trabalho e da produção. Basta, porém, conversar com pessoas bem-sucedidas em suas profissões para descobrir que sua relação com as tarefas diárias é bastante positiva. Nesse caso, paixão e trabalho não se excluem; pelo contrário, ajudam-se. Assim, o amor só constituiria um refúgio para aqueles que são frustrados nos outros campos da vida.

Na origem dessa percepção equivocada, encontra-se outra falsa oposição. Trata-se do antagonismo entre sentimento e racionalidade, segundo o qual aquele é mais importante que esta. A quem sustenta essa visão, vale lembrar o pensador

italiano Antonio Gramsci, para quem o amor também demanda inteligência. De fato, o estabelecimento de relações sentimentais saudáveis deve ser feito com base em sensatez e reflexão. Sem essas qualidades, um namoro ou casamento tende a se dissolver nos exageros típicos da irracionalidade. Não é sem motivo que a palavra paixão tem a mesma raiz etimológica que patologia: ambas remontam à ideia de doença.

Nesse sentido, não será demais afirmar que o amor excessivo pode ser absolutamente prejudicial. Indivíduos improdutivos, relações improdutivas, sociedade improdutiva. Eis as consequências do exagero sentimental. Em seu lugar, um pouco de comedimento ajudaria a tornar as pessoas mais equilibradas. Desse modo, em vez de gritos, mortes e suicídios, pode afluir uma harmonia serena, na medida em que a maturidade amorosa costuma ser muito mais profunda e duradoura que os desejos momentâneos. Quem discordar dessa perspectiva e quiser citar poetas e filósofos deve se lembrar do seguinte: ao escreverem seus textos sobre o amor, eles possivelmente estavam cegos. De paixão.

12) Sobre o parágrafo de introdução da dissertação acima, faça o que se pede:

a) Qual é ponto de vista do aluno acerca do tema?

b) Comente a função dos dois últimos períodos do parágrafo.

13) No 2º parágrafo do texto, qual é a estratégia argumentativa utilizada pelo autor? Que palavra é central na construção dessa estratégia?

14) No desenvolvimento como um todo, os parágrafos estão articulados entre si.

a) Explique a progressão argumentativa do texto.

b) Como é feita a coesão entre os parágrafos?

15) No 3º parágrafo de desenvolvimento, há uma referência a um pensador. Na sua opinião, o aluno resumiu sua argumentação a um testemunho de autoridade?

16) No parágrafo conclusivo da dissertação, muitos redatores costumam propor soluções para o problema analisado. Em que medida a redação lida se aproxima e se afasta dessa perspectiva?

17) A seguir, encontra-se a introdução de um texto sobre a violência no Brasil. Leia-o atentamente:

Vem se discutindo muito a respeito da violência no Brasil. Isso ocorre devido

a fatores socioeconômicos, culturais e políticos. Esse problema não é novo, só vem sendo adiado o seu fim ou pelo menos a sua diminuição. Pode-se afirmar que a intensificação da resolução de divergências por meio da força bruta é desde a época que os portugueses “invadiram” o país.

a) Identifique todos os problemas estruturais do texto.

b) Como se poderia fazer uma introdução menos previsível sobre esse tema?

18) Em uma redação acerca da presença das tecnologias no cotidiano do homem atual, um aluno redigiu o seguinte parágrafo de desenvolvimento:

Certamente, o século XXI vem sendo marcado pela tecnologia de ponta, vinda através da III Revolução Industrial. Com isso, houve uma invasão de aparelhos e maquinários no mercado e na vida das pessoas, facilitando o acesso às informações pela internet, televisão, celular, como também agilizando situações cotidianas, através de máquinas de lavar roupa, pratos, fazer café e comida. Cabe considerar, ainda, o papel mais importante da tecnologia, em que com aparelhos ultramodernos foi possível salvar mais vidas, aliada, também, à ciência.

a) O monitor que corrigiu seu texto afirmou que esse parágrafo apresenta um tom excessivamente expositivo. O que isso significa?

b) O que o aluno poderia ter feito para melhorar seu parágrafo?

19) Os parágrafos abaixo, embora bem escritos, parecem autônomos demais entre si. Para resolver esse problema, você deve elaborar ganchos a fim de uni-los.

Sem dúvida, a existência de uma “indústria da beleza” pode explicar esse fenômeno. Cosméticas, dietas, academias constituem produtos e serviços altamente lucrativos, cuja circulação interessa ao grande capital. Ao mesmo tempo, mesmo para setores comerciais que não lidam diretamente com a forma física, a presença de referências à beleza parece indispensável. Assim, de modo implícito ou explícito, a economia apresenta-se como fator fundamental do culto à aparência.

A psicologia, mais do que a comunicação ou as ciências, pode explicar o atual panorama. Freud ficaria espantado se pudesse constatar que o narcisismo, o mecanismo de identificação e a exploração do inconsciente são as ferramentas preferenciais da publicidade contemporânea. Nesse contexto, a valorização da aparência potencializa a eterna preocupação humana com a autoimagem. A busca pela beleza se torna, então, um desejo literalmente incontrolável, pois foge à razão do indivíduo.

GABARITO

Atividades

A rigor, as questões deste capítulo não apresentam propriamente um gabarito, pois são exercícios de reflexão e análise argumentativa. Recomenda-se ao aluno tirar suas dúvidas com o professor e/ou ligar para o atendimento 0800.

Exercícios

1) Brigar na rua é coisa de maluco ou delinquente, mas às vezes a raiva fala mais alto. Sexo só com camisinha, mas na hora H... Nunca dirigir sob efeito do álcool, mas quem se lembra disso bêbado? Ao que parece, informação e consciência, embora tomadas como sinônimos, nem sempre andam de mãos dadas. Essa constatação permite compreender por que os jovens, inseridos em um contexto de acesso aos meios de comunicação, tenham comportamentos tão diferentes do que lhes é transmitido. Cabe aqui entender os fatores que explicam essa espécie de esquizofrenia juvenil.

2) Quando se discute a situação da política brasileira, são poucos os que apresentam um mínimo de esperança. De fato, comportamentos como subornos, quebra de decoro e demagogia estão longe de ser raros, produzindo um desconforto que quase sempre leva à descrença. Entretanto, por mais que esse tipo de atitude dê a impressão de que a sociedade é refém das instituições políticas, nunca foi tão necessário reafirmar a cidadania. Cabe demonstrar o que deve ser feito por cada um, a fim de que a sociedade transforme quem a governa. Afinal, para cada governante corrupto, existem milhões de cidadãos honestos.

3) Quem vai à História descobre logo que o samba não seria o mesmo sem os ritmos africanos e as danças latinas, o mesmo valendo para outros estilos “tipicamente” brasileiros. Por isso, acaba vendo como histeria o alarme diante da música americana nas rádios e lojas de CDs. Entretanto, a velocidade das influências, hoje, é realmente motivo de preocupação. Afinal, embora as trocas estejam na base de qualquer cultura, // os excessos da globalização econômica precisam ser filtrados, // a fim de que a música brasileira mantenha o mosaico que sustenta sua identidade. [TESE]

4) [Questão aberta]

5) Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, na atualidade, os jovens tendem a ser hedonistas e imediatistas. Sem dúvida, a busca pelo prazer intenso parece ser muito mais importante do que qualquer outra forma de realização pessoal, o que se explica pela falta de perspectivas enfrentada. Os estudos são deixados de lado e substituídos por aventuras, principalmente as emocionantes e perigosas. Nesse contexto, as informações sobre os cuidados que se deve ter em comportamentos de risco acabam não fazendo sentido prático. [Sugestão: substituir o 3º período por outro, que explique a ideia anterior]

6) Agora, o político chega em Brasília, aí vem um empresário e combina com ele de fazer um esquema. Ele vai, arma tudo e já sabe que ninguém vai descobrir. Desvia dinheiro da merenda das escolas públicas e compra uma mansão ou uma ilha. Depois se alguém desconfia de alguma coisa ou a imprensa investiga, ele foge para outro país com muito dinheiro. [Linguagem infantil e teor expositivo]

7) Quando se impede que uma matéria seja publicada ou que um filme seja exibido integralmente, ocorre um controle prévio, que fere a liberdade de expressão dos profissionais de mídia. Cumprir destacar que censura é diferente

de penalização. [Seria melhor que o tópico frasal viesse no início do parágrafo] Ao aplicar uma multa aos responsáveis pela comunicação de um fato indevido, o Estado estaria evitando abusos frequentes dessa liberdade. Assim, imaginando que podem ser punidos, os comunicadores terão mais cuidado e ética em seu trabalho.

8) Sugestão:

Para completar o quadro, é necessário perceber que o consumismo é um valor negativo. Sem dúvida, as pessoas influenciadas por essa ideologia tendem a submeter até mesmo os valores morais ao objetivo prático de comprar bens não duráveis. Nesse contexto, cria-se uma atração perigosa por atividades ilícitas, sobretudo no caso de pessoas cujas alternativas de inclusão social sejam raras. Traficantes de drogas, em particular, aproveitam-se desse potencial de “sedução” para aliciar muitos menores. O resultado costuma ser previsível: compram-se tênis e camisetas ao preço de vidas.

9) Sobre o parágrafo abaixo, faça o que se pede:

Além disso, deve-se considerar que o sistema político dificulta a resolução de muitos problemas. Em apenas quatro anos de mandato, sem orçamento suficiente e com muitos compromissos pré-definidos, os governantes têm sua ação limitada. Apesar disso [Concessão], a cobrança dos meios de comunicação nas sociedades democráticas acabou por aumentar as expectativas dos eleitores. Nessa situação [Continuidade], cria-se um panorama de descrença na política em geral, que só será superado se a sociedade se der conta das limitações da política tradicional.

10) Pode-se concluir que o caos urbano das grandes cidades brasileiras deve-se, em grande parte, à omissão da própria sociedade. Por isso, é imprescindível que todos os cidadãos se conscientizem de que cada um deve tentar minimizar os problemas urbanos, diminuindo os índices de poluição, racionalizando o trânsito e participando ativamente em suas comunidades. Só assim se conseguirá viver humanamente nas cidades modernas. [Solução reflexiva]

11) [Questão aberta]

12) a) Discordância em relação à ideia de que o amor é algo necessariamente positivo.

b) Os dois últimos períodos servem a uma sugestão indireta desse ponto de vista, a partir das palavras “ousado” e “risco”.

13) Trata-se de uma contra-argumentação, reforçada pela palavra “equivocada”.

14) a) O 3º parágrafo do texto é um aprofundamento das questões discutidas no 2º parágrafo.

b) A expressão “Na origem dessa percepção equivocada” demonstra que se vai apresentar um aprofundamento em relação à ideia anterior.

15) Não, pois ele explica os argumentos desse pensador.

16) O aluno apresenta soluções, mas não se trata de propostas práticas, e sim de ideias e sugestões gerais.

17) [Ver com o professor]

18) a) Significa que, em vez de investigar as causas ou defender ideias, o aluno apenas fez uma visão panorâmica e factual do tema.

b) Ele poderia ter tentado explorar a negatividade do panorama descrito, por exemplo.

19) [Questão aberta]



CARTA ARGUMENTATIVA

CONCEITO

É comum ler na imprensa artigos de pessoas saudistas reclamando da perda de um hábito bastante saudável: a correspondência por cartas. Aparentemente, as pessoas não se dedicam mais ao chamado gênero epistolar. Entretanto, com maior atenção, podemos perceber que existem, hoje, muitas formas de realizar essa prática: mensagens instantâneas e e-mails são apenas transformações desse hábito — com as devidas adaptações, é claro.

A rigor, a carta é definida como um texto dirigido a um ou mais leitores específicos, a partir do ponto de vista de um autor. De maneira didática, há dois tipos de distinção que se podem fazer:

- Quanto à **LINGUAGEM**, a carta pode ser formal ou informal. No primeiro caso, geralmente o emissor não tem intimidade com o destinatário e, por isso, utiliza-se uma linguagem semelhante à da dissertação: vocabulário objetivo, coesão técnica, planejamento estrutural. No segundo caso, a carta é endereçada a um leitor próximo, sendo possível fazer uso de termos menos técnicos.

- Quanto ao **CONTEÚDO** ou ao teor, há cartas de várias espécies, destacando-se três: informativa, emotiva e argumentativa. Suas características derivam diretamente de suas designações: a primeira informa, a segunda apresenta sentimentos e/ou faz apelos, e a terceira procura convencer o leitor a respeito de algo.

CARACTERIZAÇÃO

De modo geral, como constitui um gênero textual de múltiplos usos e modalidades, a carta apresenta grandes variações quanto a suas características. Ainda assim, pode-se fazer uma esquematização didática, que identifica três grupos de aspectos da carta.

ESTRUTURAÇÃO GERAL

De início, o autor precisa estabelecer a localização espaço-temporal da carta, por meio da indicação do local e da data. Em seguida, logo após “pular” uma linha, apresenta-se o destinatário sob a forma de vocativo, após o qual também se deve “pular” uma linha para iniciar o texto.

Na parte final da carta, o emissor deve estabelecer uma despedida adequada ao nível de intimidade entre ele e o receptor. Palavras como “Atenciosamente”, “Cordialmente” e “Respeitosamente” são bastante indicadas. Após essa despedida, deve-se assinar a carta.

No caso do vestibular, obviamente, não se pode indicar o próprio nome no “pé” da carta. Por essa razão, em geral, as bancas indicam a maneira de o candidato “assinar” a carta, com termos como “Um cidadão”, “Um estudante”, “Fulano de Tal”.

ESTRUTURA

À semelhança da dissertação, a carta pode ser dividida em três momentos principais — excluindo-se os dados gerais apresentados anteriormente.

Num primeiro momento, o emissor apresenta a motivação e o motivo de sua carta: como se originou o desejo de escrever o texto e qual a justificativa para ela. Essa parte constitui um parágrafo curto e bastante objetivo.

Em seguida, apresenta-se o “corpo” do texto, que, no caso da carta argumentativa, diz respeito à argumentação propriamente dita. Nessa parte, a divisão por parágrafos é análoga à da dissertação. Isso significa que, a cada parágrafo, corresponde um argumento ou aspecto da “tese”, que deve ser apresentado sob a forma de tópico frasal — embora com linguagem adaptada.

No final da carta, recomenda-se redigir um parágrafo de reiteração da justificativa da carta, transformada em pedido para o destinatário. Como na apresentação, esse parágrafo deve ter curta extensão.

LINGUAGEM E IMAGEM

É possível que a principal diferença da carta argumentativa para a dissertação seja o grau de subjetividade da linguagem empregada. Enquanto a dissertação se caracteriza pelo uso da 3ª pessoa, a carta demanda a escrita em 1ª pessoa do singular. Nessa perspectiva, é bastante aconselhável que o autor se apresente e fale sobre si, na medida em que essa fala represente aspectos úteis ao processo de argumentação e persuasão. Essa referência não precisa acontecer apenas no início do texto, como também no desenvolvimento e na finalização.

Da mesma forma, a carta permite a construção da imagem do interlocutor. Isso quer dizer que se pode falar a respeito de aspectos conhecidos do destinatário — seu currículo, sua personalidade, suas atitudes e, sobretudo, suas opiniões. Esses aspectos de maior subjetividade devem sempre servir à argumentação e à persuasão, não devendo ser utilizados apenas para “cumprir tabela”, como se diz na linguagem popular.

Uma boa recomendação, a esse respeito, é que se utilizem termos em 1ª pessoa (verbos e pronomes) e vocativos ao longo de todo o texto, marcando com clareza o processo de interlocução que distingue a carta de outros textos. Em alguns casos, dependendo do tema e da banca, o aluno pode criar o que se chama tecnicamente de “máscara”. Trata-se de uma personalidade fictícia, adequada a certas argumentações. Para fazê-lo, não basta ser criativo, mas sobretudo ter a capacidade de cuidar de todos os aspectos de modo a estabelecer a melhor coerência.

ARGUMENTAÇÃO

No caso da carta argumentativa, o objetivo primordial de convencer o leitor de uma opinião, persuadindo-o a agir de certo modo, constitui a base de conteúdo do texto. Na prática, de nada adianta o texto apresentar as principais marcas formais da carta se não houver uma argumentação consistente. Muitos estudantes, no entanto, acabam por se confundir, pois imaginam que a subjetividade do texto implique um texto menos profundo que uma dissertação argumentativa. Na verdade, deve-se ter grande preocupação em ser convincente, na medida em que existe apenas um potencial leitor do texto.

A busca pelas premissas mais aprofundadas e a identificação de evidências pertinentes são as principais armas do emissor para convencer o interlocutor. Isso

significa que a dedução e a indução continuam sendo bastante úteis. Além disso, estabelecer a contra-argumentação pode ser uma forma bastante eficaz de cumprir os objetivos iniciais. Afinal, quando se “derruba” uma ideia oposta, ganha-se em capacidade de convencimento.

INTERPRETAÇÃO DA PROPOSTA

Em qualquer tema de redação, a interpretação adequada da proposta é a chave para um bom desempenho. A chamada “fuga ao tema” costuma retirar a competitividade de bons alunos. No caso da carta argumentativa, esse aspecto é ainda mais decisivo, pois há muitos dados a considerar: para quem escrever, sobre o que escrever, a partir de que aspectos escrever. Por esse motivo, as bancas costumam apresentar instruções muito precisas sobre aquilo que o candidato deve fazer.

Além disso, para que se consiga criar uma boa argumentação, é preciso ler e reler o texto do destinatário da carta — quando essa opção for possível. Nessa leitura atenta, o aluno pode identificar a premissa do interlocutor, bem como suas opiniões implícitas. Ao percebê-las, fica mais fácil derrubá-las e tornar-se convincente.

ESTUDO DE CASO: UNICAMP

Unicamp 1993 (Tema C)

Comentando o noticiário relativo às manifestações da juventude no período em que se discutia a possibilidade de *impeachment* do presidente Collor, o senhor E.B.M. enviou ao jornal *Folha de S. Paulo* a seguinte carta:

É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura e as manifestações contra o poder central por parte da “Juventude”. Excluindo qualquer juízo de valor sobre o processo o que se teve como verdade é que é extremamente fantasioso se admitir que a nossa juventude tenha toda essa capacidade de percepção. É notória a cretinice da juventude brasileira. O zeitgeist, o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo e irresponsabilidade. É lindo fazer revolução com tênis Reebok e jeans Fórum. O que eu gostaria de ver mesmo é como essa juventude vagabunda, indolente e indisciplinada como a brasileira se portaria diante de um grupo de choque, como nos confrontos que ocorrem em Seul.

(E.B.M. *Folha de S. Paulo*. Painel do Leitor, 01/09/1992)

A leitura atenta da carta acima permite identificar algumas de suas opiniões sobre os jovens expressas mais diretamente. Para redigir sua redação siga as seguintes instruções:

- Identifique 3 das opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.
- Transcreva-as na sua folha de redação.
- Após ter feito, escreva uma carta dirigida ao Sr. E.B.M. apresentando argumentos para convencê-lo de que está equivocado. Neste exercício de argumentação, você deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta.

Atenção: Ao iniciar sua carta, use apenas as iniciais de seu nome.

Exemplo 1:

São Paulo, 29 de novembro de 1992

Prezado Sr. E.B.M.

Em artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo a primeiro de setembro do corrente ano, deparei-me com sua opinião expressa no Painel do Leitor. Respeitosamente, li-a e, percebendo equívocos em suas considerações frente à veracidade dos motivos que colocaram milhares de jovens na rua, de maneira organizada e cívica, tento elucidar-lhe os fatos.

Nosso país, o senhor bem sabe, viveu muitos anos sob o regime militar ditatorial. Toda e qualquer manifestação que discordasse dos parâmetros ideológicos do governo era simplesmente proibida. Hoje, ao contrário daquela época, as pessoas conquistaram a liberdade de expressão e o país vive o auge da democracia. Assim, perante essa liberdade, o país evoluiu. Certo é que atravessamos um período de crises econômicas, mas as pessoas passaram a se interessar de maneira mais acentuada pelo cotidiano, frente à própria liberdade que lhes foi dada. Dessa forma, deparamo-nos com uma população ideologicamente mais madura.

Em sua carta enviada à Folha de São Paulo, o senhor assegura que a juventude é absolutamente imatura e incapaz de perceber a profundidade dos acontecimentos que a envolvem. Asseguro que tal opinião não é a mais justa. Nós já fomos jovens e sabemos perfeitamente que é uma época de transição. Mudamos nossos conceitos, nossos desejos e nossa visão de mundo. Mesmo assim, determinados valores que assumimos como corretos persistem em nossas vidas de forma direta ou não. Não sei se o senhor tem filhas, mas eu invejo a concepção que os meus assumem perante inúmeros acontecimentos. São adolescentes, que se interessam pelos fatos políticos e se preocupam com o destino da nação, pois estão cientes de que, num futuro próximo, serão as lideranças do país.

Outro aspecto relevante em sua carta é o de dizer que a juventude, generalizadamente, é indisciplinada. Tal opinião não condiz com a verdade. Nas manifestações pró-impeachment que invadiram o país visando à queda do presidente Collor, não se viram agressões, intervenções policiais ou outras formas de violência. Fica claro, portanto, que a manifestação dos chamados carapintadas não é vazia. Conscientes de que uma postura pouco organizada não lhes daria credibilidade, os jovens manifestaram-se honrosamente. Com isso, frente ao vergonhoso papel do próprio Presidente da República, a juventude demonstrou um grau de maturidade e percepção maior que o do próprio chefe de estado.

Vemos, com isso, que os jovens visam ao bem do país e o seu processo de conscientização não se deu de uma hora para outra. Assim, dizer que a juventude é motivada pelo espírito da época, visando ao hedonismo, é errôneo. Nossos jovens, senhor E. B. M., são reflexos da liberdade dada ao país e da sua evolução político-ideológica.

Sem mais, despeço-me.

K. C. M. de M.

Unicamp 2002 (Tema C)

Considerando especialmente as informações contidas na matéria jornalística transcrita abaixo, escreva uma carta a um interlocutor de sua escolha (por exemplo, a um sindicalista, a um político, a um empresário) sugerindo que ele se empenhe na aprovação de um projeto de lei que acabe com as horas extras.

Nesta carta, você deverá, necessariamente, especificar os principais pontos do projeto de lei que gostaria de ver aprovado.

Lembre-se de que você deverá identificar claramente seu destinatário e organizar seus argumentos, a fim de convencê-lo a acatar sua sugestão.

SÃO PAULO. A recuperação da economia vem se sustentando em boa parte com o uso de horas extras no trabalho. Segundo pesquisa da Fundação Seade e do Dieese, 40,3% dos assalariados da Região Metropolitana de São Paulo trabalharam, em março, além da jornada de 44 horas semanais fixada na Constituição, contra 35,6 % no mesmo mês de 2000. No comércio, foram nada menos do que 52,3%; e na indústria 40,9% prolongaram o expediente. No setor de serviços, o percentual foi de 36,2%.

O economista Mário Pochmann, secretário extraordinário do Trabalho de São Paulo, calcula que se a jornada fosse cumprida seriam criados imediatamente 4,9 milhões de postos de trabalho no país, mais do que o suficiente para acabar com o contingente de 1,02 milhão de desempregados das seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE.

FIESP: contratar tem custo alto

Pochmann utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad), do IBGE, realizada em 1999. Esta indicou que cerca de 27 milhões de brasileiros, de um total de 70 milhões de ocupados à época, trabalhavam mais que a jornada legal.

— No Brasil, a exceção virou regra e comprometeu a criação de novos postos de trabalho — diz o Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), João Felício.

Essa cultura sobrevive tanto em tempos de economia aquecida quanto de recessão. Para as empresas, o recurso das horas extras evita o risco de contratações em momentos de incerteza, além de reduzir custos trabalhistas.

— Os custos de contratação e demissão são muito altos no Brasil — justifica o empresário Roberto Faldini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A legislação prevê que um trabalhador faça até duas horas adicionais por dia útil, além de oito no sábado e oito no domingo, num total de até 26 horas extras semanais. Mas a maioria dos trabalhadores encara esse expediente como forma de complementar renda e aceita propostas de aumento de jornada.

— Isso derruba qualquer tentativa dos sindicatos de desestimular a prática das horas extras — afirma o diretor-técnico do Dieese, Sérgio Mendonça.

Paulo Roberto Garcia Silva Júnior, de 20 anos, metalúrgico de São Paulo, é um exemplo dessa tendência. Há oito meses, foi contratado para trabalhar das 6h às 15h30m, por R\$ 370,00 mensais. Hoje, no entanto, consegue quase o dobro fazendo horas extras diárias e folgando só um domingo por mês.

— Procuro fazer o máximo de horas extras para ganhar mais — diz o operário.

O excesso não é uma prática exclusiva dos empregadores. No fim do ano passado, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, descobriu que os cerca de 700 funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo faziam mais de cinco mil horas extras por mês. Paulinho proibiu essa prática no Sindicato e a qualidade do atendimento, segundo ele, não diminuiu. Agora, o sindicalista quer propor ao ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, que adote medidas restringindo o uso de horas extras pelas empresas.

Além de comprometer a geração de empregos, as horas extras também prejudicam a produtividade, aumentando os riscos de acidentes de trabalho. De acordo com o levantamento mais recente do Ministério da Previdência e Assistência Social, o número de mortes em acidentes de trabalho em 1999 foi de 3.923, representando um aumento de 3,6 % em relação a 1998.

Marcelo Rehder, *O Globo*, Caderno Economia, 8/5/2001, p.25.

Exemplo 2:

Campinas, 25 de novembro de 2001

Estimado sindicalista João Felício,

Na árdua luta pela dignidade do trabalhador mais uma batalha se faz necessária: contra o recurso, por parte tanto de empresários quanto dos próprios trabalhadores, à hora extra. E nessa luta não são os empresários, nem tampouco (o que seria absurdo) os trabalhadores, os nossos adversários, mas o governo, devorador de impostos; urge, portanto, que nos empenhemos, representados em tua honesta figura, por fazer aprovar novas leis, um projeto que estimule a contratação, que encoraje os empresários, sempre acovardados em suas poltronas, a fazer uso da imensa quantidade de mão de obra ociosa disposta a produzir para eles. E é bom que o façamos logo, antes que essa mesma mão se disponha a — destruir.

Companheiro, bem sabemos que a classe dominante não distribui renda porque é caridosa: fazem-no somente quando lhe é vantajoso; nem o governo voraz abre mão de um osso se não lhe acenamos com um filé. Sabemos, também, a quem de fato representam os congressistas em sua (necessária) maioria: a si mesmos. Seríamos, por conseguinte, ingênuos em querer simplesmente fazer passar uma lei proibitória do recurso às horas extras: nem mesmo os trabalhadores (que são, por vezes, também eleitores) a aceitariam, pois veem com bons olhos, olhos gordos, a degradante possibilidade de ter aumentados seus salários às custas do ócio, da saúde, da segurança. É preciso mais que proibir.

Para a alegria do empresariado, sugiro que esse projeto de lei tenha por fundamento a redução dos custos de contratação e de demissão; e, como complemento a essa medida, que sejam aumentados sensivelmente os custos da utilização de hora extra: que a hora extra seja imensamente bem remunerada, e que tenha embutida em si uma alta carga tributária. De tal modo onerada, comprar horas extras se torna inviável; e a contratação, barateada, se torna desejável por parte do empresariado. Para compensar o governo pela perda de arrecadação decorrente da redução dos custos de contratação e de demissão sugiro que lhe seja permitida a punição severa de empresas envolvidas em acidentes de trabalho. E quanto à quase metade dos trabalhadores formais, que engorda o parco salário vendendo seu cansaço? E preciso que compreendam, ainda que de barriga vazia, que fazer hora extra não é uma solução adequada para eles: é solução adequada

aos interesses covardes dos que sobre nós se apoiam para erguer sua riqueza (mas isso, digamos em voz baixa: que não poderemos estar cansados no dia da revolução dos trabalhadores contra os proprietários).

Companheiro, eu quis trazer aqui minha opinião sobre a hora extra que desagrega minha família, que destrói minha saúde, porque ganho mal e não vejo alternativa; sei que tomo a vaga de alguém quando faço hora extra, e esboço aqui minhas vagas ideias sobre um projeto que, acredito, debes abraçar como legítimo representante não só dos que trabalham como também dos que querem trabalhar. Não são ideias luminosas, são expressão humilde de quem ignora as leis e sua feitura; tem paciência com elas.

De quem muito te estima,

J. F. K.

Exemplo 3:

Campinas, 25 de novembro de 2001

Senhor Deputado,

Sou economista e, ao observar o crescente aumento do uso das horas extras, resolvi escrever-lhe pois acredito que esta tem-nos sido prejudicial e que o senhor possa fazer algo a respeito.

Como economista, venho fazendo pesquisas relacionadas às jornadas de trabalho dos brasileiros, constatei em meus estudos um crescimento bastante significativo no uso de horas extras, o qual acredito ser bastante danoso para a economia e principalmente para os trabalhadores. Senhor deputado, o largo uso de horas extras impede a criação de milhares de empregos, pois se um empregado prolonga a sua jornada, torna-se desnecessária a contratação de novas pessoas, agravando ainda mais a situação de desemprego no país, que como o senhor sabe, já é bastante complicada.

Constatai ainda que a prática indiscriminada de horas extras prejudica a produtividade e aumenta os riscos de acidente de trabalho, pois as pessoas acabam trabalhando cansadas e desatentas, o que o senhor deve concordar, não é interessante nem para a empresa nem para o trabalhador.

Porém, analisando os dados atentamente, pude inferir que o uso da hora extra cresce devido à aceitação dos trabalhadores. Como deputado o senhor está informado de que, em geral, os trabalhadores no Brasil são mal remunerados, daí o motivo pelo qual aceitam as horas extras: como forma de complementar a renda. Outro motivo que os empresários alegam para esta prática é o custo das contratações, desse modo é preferível, por ser mais lucrativo, pagar as horas extras a contratar novos empregados.

Por todos esses motivos gostaria que o senhor, sendo deputado, se empenhasse na criação e aprovação de um projeto de lei que fosse mais rígido em relação às horas extras. Acredito que deva constar do projeto uma lei que acabe com essa prática, melhorando a produtividade e reduzindo significativamente os acidentes.

Gostaria de sugerir também a diminuição dos custos trabalhistas para que novas contratações sejam viabilizadas. Além disso seria importante também um aumento nos salários, para que os trabalhadores não precisem recorrer a mecanismos como o da hora extra para obterem melhores rendimentos.

Espero que o senhor, como um político de visão ampla, perceba a necessidade de um projeto como este. Além de melhorar as condições trabalhistas do país, estaremos dinamizando a economia, ao melhorar a produtividade e gerar novos empregos.

Grata pela sua atenção,

M. C.

Unicamp 2003 (Tema C)

Periodicamente, ao longo da história, pensadores têm afirmado que a humanidade chegou a um ponto definitivo (o “fim da história”). O artigo abaixo, parcialmente adaptado, que Denis Lerrer Rosenfield publicou no jornal *Folha de S.Paulo* em 28/06/2002, de certo modo retoma essa afirmação.

A poção mágica

O mundo mudou depois de 11 de setembro. A administração Bush, inicialmente voltada para um fechamento dos EUA sobre si mesmos, cujo símbolo era o projeto de escudo interbalístico, que protegeria essa nação de mísseis intercontinentais, afirma-se agora claramente como imperial. Sua doutrina militar sofreu uma alteração substancial. Doravante, a prioridade são ataques preventivos, que eliminem os focos terroristas no mundo, ameaçando e atacando os Estados que lhes deem cobertura e, sobretudo, que tenham armas químicas e biológicas. [...]

Talvez o mundo, no futuro, mostre que o problema da democracia passa pela influência que países, empresas, sindicatos e meios de comunicação venham a exercer sobre a opinião pública americana — que pode, ela sim, mudar os rumos do império. Não esqueçamos que a Guerra do Vietnã terminou devido à influência decisiva da opinião pública americana sobre o centro de decisões políticas. Os países deverão se organizar para atuar sobre a opinião pública americana.

Se essa descrição dos fatos é verdadeira, nenhuma política futura poderá ser baseada em um confronto direto com os EUA ou em um questionamento dos princípios que regem essa nação. A autonomia, do ponto de vista econômico, social, militar e político, pertence ao passado. Poderemos ter nostalgia dela, mas seu adeus é definitivo. O que não significa, evidentemente, que tenhamos de acatar tudo o que de lá vier; é imperativo reconhecer, porém, que a realidade mudou e que embates radicais estão fadados ao fracasso.

Na época do Império Romano, o general César ou os imperadores subsequentes não estavam preocupados com o que se passava na Gália. Seus exércitos vitoriosos exerciam uma superioridade incontestada. Era mais sensato negociar com eles do que enfrentá-los. Se uma Gália moderna achar que pode deixar de honrar contratos, burlar a democracia, fazer os outros de bobos, mudando seu discurso a cada dia ou cada mês, sua política se tornará imediatamente inexequível.

Contudo, se, mesmo assim, esse povo decidir eleger um Asterix, convém lembrar que foi perdida para sempre a fórmula da poção mágica e suas últimas gotas se evaporaram no tempo.

Instruções:

- Escreva uma carta dirigida ao Editor do jornal, para ser publicada. Após identificar a tese central do texto de Rosenfield,
- caso concorde com o ponto de vista do autor, apresente outros argumentos e fatos que o reforcem;
- caso discorde do ponto de vista do autor, apresente argumentos e fatos que o contradigam.
- Para realizar essa tarefa, além do texto acima, considere também os que se seguem:
- Ao assinar a carta, use iniciais apenas, de forma a não se identificar.

1. Ao ver um cordeiro à beira do riacho, o lobo quis devorá-lo. Mas precisava de uma boa razão. Apesar de estar na parte superior do rio, acusou-o de sujar a água. O cordeiro se defendeu:

- Como eu iria sujar a água, se ela está vindo daí de cima, onde tu estás?
- Sim, mas no ano passado insultaste meu pai, replicou o lobo.
- No ano passado, eu nem era nascido...

Mas o lobo não se calou:

- Podes defender-te quanto quiseses, que não deixarei de te devorar.

Esopo, *Fábulas*. Porto Alegre, LP&M (adaptado).

2. Então saiu do arraial dos filisteus um homem guerreiro, cujo nome era Golias, de Gate, da altura de seis côvados e um palmo. [...] Todos os israelitas, vendo aquele homem, fugiam diante dele [...]. Davi disse a Saul: "... teu servo irá, e pelejará contra ele". [...] Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra e com a funda lhe atirou, e feriu o filisteu na testa, e ele caiu com o rosto em terra. E assim prevaleceu Davi contra Golias, com uma funda e uma pedra

I Samuel, 17, 4-50. (adaptado)

3. Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx, *O 18 brumário*.

Exemplo 4:

Campinas, 24 de novembro de 2002.

Caro, editor do jornal Folha de São Paulo, sou um leitor assíduo de seu jornal, gosto das qualidades das matérias publicadas diariamente, mas uma em especial me chamou a atenção que foi o texto "a poção mágica" de Denis Lerrer Rosenfield.

Li e reli a matérias varias vezes e cheguei a conclusão de que concordo com o autor. Porque antes do 11 de setembro os Estados Unidos apesar de toda sua superioridade não usavam sua força militar para conseguir seus objetivos usavam seu poder econômica. Porem depois do 11 de setembro, senhor editor os americanos descobriram que seu espaço aéreo não é tão protegido o quanto acreditavam ser, e passaram agora se contestação nenhuma a maior nação ao nível de desenvolvimento e evolução tecnológica do planeta.

Acreditam ter o direito de se intrometer em qualquer país, qualquer governo sem ao menos negociar com o líder do país.

Caro senhor editor mesmo com toda a superioridade americana não quer dizer que tenhamos que acatar todas as ordem vindas de Washington, acredito que tenhamos que convencer a sociedade americana que com essa tática de combate ao terror, que ao meu ver não estão dando certo, porque a maioria das declarações do presidente americano George W Bush dão a entender que todos os muçulmanos são terrorista, porque sequer o Alcorão que é um livro de regras e contudas da população Islã. Sendo assim ele esta ganhando a antipatia das populações dos povos árabes.

Ou seja pode ser que suas atitudes de hoje possam destruir o que os primeiros imigrantes ingleses com muita luta fundaram um país no dia 4 de julho de 1776. Tenho certeza de uma coisa o presidente americano vai tentar até o ultimo minuto arrumar um desculpa e atacar qualquer país que ameaçar seu império. Como o trecho do lobo e o cordeiro onde o lobo tenta a todo custo culpar o cordeiro de algo. Não conseguindo o lobo simplesmente diz: — Podes defender-te o quando quiser, que não deixarei de te devorar.

Senhor caro editor espero que leia esta carta na qual concordei com Rosenfeld, sem mais no momento, foi um prazer escrever para o editor do melhor jornal do país.

Sem mais

Atenciosamente

A. A. S.

Exemplo 5:

Campinas, 24 de novembro de 2002.

Senhor Editor do jornal Folha de São Paulo,

Como assíduo leitor desse conceituado jornal e futuro aluno do nível superior, portanto bastante interessado com os acontecimentos atuais do mundo, cada vez mais globalizado, e ativo em captar opiniões diversas, fiquei muito intrigado com artigo publicado nesse veículo de comunicação no dia 28 de junho último.

Certamente, o senhor deve desconfiar que trata-se das assertivas feitas pelo articulista Denis Lerrer Rosenfield, nas quais trata sobre uma irrefutável tese de que todas as nações deverão se submeter aos ditames e interesses dos Estados Unidos da América, guinados à situação de única potência hegemônica do Mundo, após a derrocada da extinta União Soviética, no final do século passado.

Em razão de sua erudição, resultado do exercício de suas funções jornalística em um grande jornal, o senhor deve reconhecer a grande importância da soberania de um povo, a força da autodeterminação eu move multidões na busca pela independência, pela autonomia, que pontilha a história da humanidade com fatos marcantes, exemplificada pela independência da Argélia, do Brasil, dos próprios Estados Unidos e pela unificação da Alemanha e da Itália, dentre outros. Só este sentimento arraigado no cerne dos povos seria o suficiente para banir a ideia de submissão dos países ao grande império norte-americano, como apregoa o senhor Rosenfield.

No afã de basear suas posições mórbidas na história, o senhor pode verificar que ele cita o Império Romano e a despreocupação dos seus imperadores, em face

do menosprezo que eles tratavam os demais povos e em razão da superioridade bélica e econômica, o articulista omite que fatores internos e a arrogância romana favoreceram que hordas de vândalos — povos pobres, mas, altamente motivados em ocupar territórios do império, varressem do mundo conhecido de então a supremacia dos cesares, sem fazer negociações, assim, permito-me fazer analogia à permissividade do meio de vida americano e sua pretensa superioridade, exaltada pelas atitudes do republicano George Walker Bush, seu presidente, e sua política de defesa.

Como o senhor bem sabe, o mundo é regionalizado em função das suas possibilidades, riquezas, dificuldades e limitações, as quais aglutinam países aos seus derredores, portanto, cada aliança regional, estabelecida ou não, detém em suas próprias mãos a funda e a pedra de Davi, ou melhor, a arma em condições de fazer frente ao vistoso Golias (os EUA), haja vista que os próprios estadunidenses não são completamente autônomos, sendo os maiores importadores do mundo de diversos produtos, inclusive alguns considerados estratégicos.

Eu e o senhor sabemos das mudanças ocasionadas pelos ataques aos símbolos do poder norte-americano, mas, talvez o senhor Denis L. Rosenfield não esteja consciente que o mundo não é um cordeiro submisso à intenção do lobo ianque, mas, quando o sentimento incontestado do desejo de autonomia-soberania o armar, estará mais parecido com um Davi e que as hordas de vândalos estejam já dentro das fronteiras americanas.

Sendo assim, para que seja marcada a indignação deste leitor, do jornal no qual o senhor é editor, solicito que esta carta seja publicada, posto que a poção mágica não teve sua fórmula perdida, e-la: sentimento de autodeterminação.

Atenciosamente,

C. E. G. Q.

Unicamp 2005 (Tema C)

Trabalhe sua carta a partir do seguinte recorte temático:

Atendendo aos vários segmentos do público em diferentes horários, as emissoras de rádio definem sua programação em torno de um leque variado de opções: programas de música, esportes, informação, religião etc. Programas que um dia fizeram muito sucesso já não existem mais, como a rádio-novela e os programas de auditório.

Instruções:

- Imagine um programa de rádio que, em sua opinião, deva sair do ar;
- Argumente pela retirada desse programa da grade de programação;
- Dirija a carta a um interlocutor que possa interferir nessa decisão.

Exemplo 6:

Campinas, 21 de novembro de 2004

Sr. Reginaldo Lima:

O propósito de minha carta é buscar mudança na programação da Rádio Quinze, auxiliando na sua diferenciação como meio de comunicação e na manutenção da boa qualidade de suas transmissões.

Como cidadã e ouvinte da rádio, escrevo pela interrupção na transmissão

do programa “Bagunça na Rádio”, que vai ao ar todos os dias ao meio dia. A transmissão coincide com meu horário de almoço, portanto tive oportunidades infelizes de acompanhar os absurdos e besteiras ditos pelo radialista e a participação imbecil de uma parcela do público, difundidos à toda cidade.

O senhor, como coordenador do programa, busca a sua audiência e sucesso e parece não refletir sobre os problemas sociais que pode estar ocasionando com a sua transmissão. A exploração extremada da sexualidade, os preconceitos e o linguajar chulo e sem escrúpulos, que compõem a base do programa, incentivam a aculturação dos cidadãos e não representam a liberdade de expressão, mas a futilidade e o desrespeito do “script” da sua rádio.

Como meio de comunicação histórico, com grande poder de alcance e formador de opinião, o rádio deve trabalhar em projetos voltados a diversos segmentos de público, levando a eles desde informações políticas, econômicas e sociais até entretenimento e religião, exercendo seu papel complementar à internet e à televisão de forma positiva e sensata.

O senhor pode argumentar contra minha proposta, afirmando que o “Bagunça na Rádio” propõe a interação com o público, exercendo função de contato, e ainda que a população tem a opção de selecionar o que deseja ou não ouvir nas rádios. Todavia, é importante ressaltar que ainda que promova a participação popular, esse contato não está sendo sadio e proveitoso, devido à quantidade imensa de palavras, besteiras e preconceitos ditos no ar tanto pelo radialista, quanto pelos participantes. Além disso, mesmo que todos tenham a opção de escolha, o seu programa deveria, ao menos conservar o respeito, elemento fundamental à boa formação social.

Assim, espero que reflita profundamente sobre a interrupção do “Bagunça na Rádio”, fazendo uso de sua cultura e profissionalismo, para manter vivas as principais funções do rádio como meio de difusão de ideias, entretenimento e contato, e ainda diferenciando a Rádio Quinze como rádio educativa e de boa qualidade.

Atenciosamente,

A. M. S. A.

TEXTOS PARA REFLEXÃO E DEBATE

Texto 1

As ameaças para o planeta

O relatório do IPCC, painel de clima da ONU, aponta as possíveis consequências do aquecimento global em todo o mundo até 2100.

O edifício Charlemagne, que hospedava o encontro da ONU sobre clima em Bruxelas, Bélgica, é um exemplo perfeito de efeito estufa. Feito com estrutura de metal e concreto e totalmente revestido de vidro, funciona como uma caixa de retenção de calor. Foi projetado para deixar a luz solar entrar através do vidro e guardar o calor dentro do prédio. É mais ou menos assim que funcionam os gases que causam o efeito estufa na atmosfera da Terra. Eles deixam passar a luz do Sol e seguram o calor que o planeta irradiaria de volta. O efeito estufa é, em princípio, benéfico, como as janelas do Edifício Charlemagne. Ele ajuda

a manter o clima da Terra ameno. Mas o excesso de gases produzidos pelas atividades humanas desequilibrou a atmosfera. Os gases poluentes, como o metano e o gás carbônico, são produzidos pela queima de combustíveis fósseis e pelas queimadas florestais. Para reduzir o aquecimento, será necessário diminuir as emissões desses gases.

As consequências do efeito estufa começaram a ser debatidas na segunda-feira 2 pelos principais cientistas que estudam mudanças climáticas no mundo. Eles se reuniram no IPCC, painel convocado pela ONU para fazer as previsões dos impactos do aquecimento em cada região do globo. Do lado de fora do edifício, belgas e turistas pareciam contentes por deixar seus pesados casacos em casa, neste início de primavera europeia. Do lado de dentro, as perspectivas eram mais sombrias. Desde fevereiro, já se sabe que a média de temperatura global vai subir alguns graus, até o fim do século. Agora, revelaram-se as consequências.

O relatório final do IPCC, divulgado na sexta-feira 6, reúne os dados mais confiáveis de milhares de estudos revisados por 2.300 cientistas de 130 países. Suas páginas apresentam um quadro preocupante em todos os continentes. As geleiras tropicais dos Andes podem desaparecer nas próximas duas décadas, prejudicando o abastecimento de cidades que dependem de água do degelo, como La Paz, na Bolívia, e reduzindo zonas de agricultura irrigada, como as vinícolas do Chile e da Argentina. Na África, a região do Sahel, já árida, pode perder de 5% a 8% de área cultivável. Os países mais populosos do mundo, China e Índia, podem ver a produção agrícola cair até 30%, mesmo investindo em mais irrigação. Uma elevação de 1 metro no nível do mar desabrigaria milhões de pessoas em regiões como os deltas dos rios Ganges, em Bangladesh, e Mekong, no Vietnã.

“Nossa expectativa é que o relatório ressalte a importância de medidas para reduzir o ritmo do aquecimento e também lembre que já precisamos pensar em como vamos administrar as consequências inevitáveis de um planeta mais quente”, disse o indiano Rajendra Pachauri, diretor do IPCC.

O relatório também aponta algumas aparentes vantagens para os países mais frios. O calor pode acelerar o crescimento das árvores nas florestas dos Estados Unidos, do Canadá, da Nova Zelândia, Finlândia e Rússia e pode reduzir a mortalidade por doenças ligadas ao frio, como gripe e tuberculose. A Rússia e o Canadá podem até ter maior área de florestas, com o recuo das zonas permanentemente congeladas, o permafrost. A Nova Zelândia pode ganhar novas terras disponíveis para agricultura e pecuária. Essas vantagens compensariam os traços negativos do efeito estufa? “Isso é um mito”, diz Pachauri. “Essa vantagem não existe, ela esconde outros problemas.” O calor aumenta a quantidade de doenças e pragas. A ruptura nos padrões de chuvas enfraquece a vegetação, adaptada a condições que predominaram por milhares de anos. Além disso, o derretimento do permafrost libera volumes imensos de metano, aprisionado no gelo nos últimos 40 mil anos. O gás é 20 vezes mais potente que o carbônico para aquecer a Terra. “Até agora, temos visto um aquecimento gradual. Se essa quantidade for para a atmosfera, o clima do planeta poderá mudar bruscamente”, afirma.

O relatório do IPCC parece ter sido feito para assustar. É o oposto. Seus prognósticos são conservadores. É assim porque, ao ponderar os estudos existentes, os pesquisadores descartam as linhas de pesquisa com volume

insuficiente de evidências. Desde sua criação, há 15 anos, suas previsões erram quase sempre para menos. Por isso, o relatório é recebido com expectativa por governos e empresas. Nos últimos meses, ficou claro que ninguém pode ignorar as mudanças climáticas. A questão é o que faremos com esse relatório. O único acordo internacional para reduzir as emissões poluentes é o Protocolo de Kyoto, ratificado por alguns países poluidores, como os da União Europeia, o Canadá e o Japão, mas não pelo maior de todos, os Estados Unidos. Ele prevê a redução das emissões em 5%. O acordo será revisto em 2012. Esperam-se reduções mais drásticas. O Reino Unido está propondo até 60%. Isso é fundamental para orientar o setor privado. Mesmo que algumas empresas, como a GE e a Du Pont, anunciem metas voluntárias de redução nas emissões, poucos acreditam que o mercado mude sem limites estabelecidos pelos governos. Há um tom de urgência porque, como afirma Pachauri, não há muito tempo para esperar. Se os países com clima mais frio, como os do norte da Europa, se empolgarem com a ideia de uma duradoura primavera, o mundo todo poderá sair perdendo.

Na América do Norte

- Problemas de respiração

O aumento da insolação deve piorar a poluição por ozônio nas cidades. O gás é resultado de reações químicas a partir do escapamento dos carros. Em cidades como Atlanta, o número de mortes por problemas respiratórios pode aumentar 4,5%

- Racionamento de água

O aquecimento no Oeste pode reduzir as chuvas e nevascas na região das Montanhas Rochosas (1). Deverá chover mais no inverno e menos no verão. A redução no suprimento de água e a maior demanda provocariam racionamento em cidades como Los Angeles

- Menos energia

A redução nas chuvas e o aumento da evaporação podem diminuir a quantidade de água no sistema dos Grandes Lagos (2), entre os EUA e o Canadá. Isso criaria problemas para a navegação e a geração de energia

- Fragilidade das florestas

O calor poderá acelerar o crescimento de algumas árvores. Mas as florestas ficarão mais vulneráveis ao fogo e a pragas de regiões tropicais. A área atingida por incêndios poderá crescer até 118%

Na América Latina

- Fim das geleiras

As geleiras dos Andes (3) nas zonas tropicais poderão desaparecer em duas décadas, prejudicando o abastecimento de cidades que dependem de água do degelo. Isso comprometeria populações como a de La Paz, na Bolívia

- Problemas na plantação

A redução na vazão dos rios de geleiras poderá prejudicar as áreas de agricultura irrigada (4), como as vinícolas do Chile e da Argentina

- Furacões mais fortes

Alterações na temperatura do oceano deverão multiplicar a potência das furacões. Esses fenômenos serão mais destrutivos no Caribe

- Extinção de corais

O aumento do nível e da temperatura do mar poderá afetar principalmente as barreiras de coral, criadouros naturais de peixes no México, Belize e Panamá. Também vai prejudicar a pesca no sudeste do Pacífico, na costa do Peru e do Chile

Europa

- Seca ou enchente

O fluxo anual dos rios deverá aumentar 60% no norte da Europa e cair na mesma proporção no sul. Com isso, 34% da população do Leste Europeu passaria a viver em regiões com pouca água

- Blecaute

A capacidade de geração de energia a partir de hidrelétricas no continente cairia 6%. A região mais afetada deverá ser o Mediterrâneo, com até 25% de redução na eletricidade geradas

- Seca

As geleiras dos Alpes (5) poderão perder de 30% a 50% de sua área até 2050. O fluxo dos rios que abastecem cidades como Viena, Berna e Praga diminuiria na mesma proporção

Antártida

- Extinção

O oceano ficará mais ácido e mais quente. Com isso, cairá a produção de krill, um pequeno crustáceo que sustenta mamíferos marinhos, como as baleias. Algumas populações de baleias poderão desaparecer

Ártico

- Fome

A pesca na região do Ártico deverá ser prejudicada. A produção de camarão-rosa deverá diminuir

África

- Desertificação

A região do Sahel (6), já árida, deverá perder mais 5% a 8% de área plantável por causa da redução nas chuvas e degradação do solo

>> Fome

O Lago Tanganica (7), cujos peixes fornecem de 25% a 40% da base de proteínas a países como Burundi e Congo-Kinshasa, poderá reduzir 30% da produção

- Doenças

As áreas de incidência de malária poderão crescer para o sul do continente e para os países do leste

- Inundações

A elevação do nível do mar ameaça regiões densamente povoadas, como os deltas do Rio Nilo, no Egito, e do Rio Níger, na Nigéria

Oceania

- Seca

A redução nas chuvas poderá diminuir de 10% a 25% o fluxo de água na bacia dos rios Murray e Darling (11), principal área agrícola da Austrália

- Incêndios

O calor e a estiagem deverão aumentar de 15% a 70% o risco de incêndios

florestais no sudeste da Austrália

- Mortes

As ondas de calor na Austrália e na Nova Zelândia aumentam o risco de mortes entre idosos. Cerca de 3.200 a 5.200 pessoas por ano poderão morrer pelo calor

Ásia

- Fogo

As florestas da Sibéria (8) poderão crescer mais rápido, mas devem ficar mais vulneráveis a períodos incertos de seca e incêndios

- Derretimento

As geleiras do Platô Tibetano (9) com menos de 4 km de extensão poderão desaparecer por causa do aumento de temperatura e redução nas chuvas. As geleiras das grandes montanhas do Himalaia poderão encolher para um quinto do tamanho original

- Inundação

O mar invadiria quase metade do Delta do Mekong (10), acabando com 100 mil hectares de terras plantadas e áreas de aquicultura. Cerca de 4 milhões de pessoas ficariam desabrigadas

- Fome

Mesmo com mais irrigação, a China e a Índia poderão perder até 30% da produção agrícola. Na Índia, a quantidade de água potável por pessoa deverá cair pela metade até 2025. As chuvas serão mais fortes nas monções, com maior erosão de solo

Arquipélagos do Pacífico

- Inundação

A elevação no nível das marés deverá contaminar os depósitos subterrâneos com água salgada. O abastecimento de algumas ilhas poderá entrar em colapso. Haveria mais erosão nas praias e degradação de corais, afetando o turismo em países como o Taiti

(MANSUR, Alexandre. Revista Época, 04/04/07)

Texto 2

Será que temos o que comemorar?

Estão comprometidas as alegrias das vitórias conquistadas a partir daquela marcha de mulheres há 150 anos.

Vários eventos que se encadearam ao longo do último ano levam a perguntar se as mulheres brasileiras têm realmente o que celebrar hoje, Dia Internacional da Mulher. Tanto no plano público quanto no privado, se encontram comprometidas as alegrias das vitórias conquistadas a partir daquela marcha de mulheres trabalhadoras na luta pela limitação das jornadas de 12 horas nos teares de Nova York, há exatamente 150 anos.

Principalmente, sequestra o brilho da data o luto carregado por tantas mães, irmãs e filhas que perderam entes queridos em consequência da violência que se tornou rotineira nos noticiários dos últimos 12 meses.

Não há festejo que faça esquecer a dor da perda violenta de um familiar, ainda mais se filho ou filha, como também não faz sentido ver a família submetida

a agressões cotidianas que, se não tiram a vida da vítima, a incapacitam de modo definitivo.

Esse luto é agravado pela falta de sentido dessas mortes e agressões, uma vez que tais tragédias, por mais abomináveis que pareçam, perderão a grandeza em pouco tempo, devido não só à ocorrência de outros atos que as suplantarão em horror mas também à impunidade de seus autores.

A falta de punição não é só para a violência. Vai além: parece não haver sanção para as irregularidades praticadas em todas as instâncias públicas. Em meio à impunidade, que padrões éticos e morais empregar na educação dos filhos, se o exemplo é fundamental na formação do caráter?

Mulheres têm apreço à educação, uma vez que foi graças a ela que tiveram acesso à vida emancipada. Além da formação moral, atualmente entra na berlinda a educação formal.

Diante dos resultados lastimáveis veiculados recentemente sobre o estado do ensino no Brasil, se revelou a dificuldade de nossas escolas em dar preparo adequado para crianças e jovens para que eles possam um dia ocupar um lugar digno no mundo.

Segurança, educação, honestidade e lisura com a coisa pública, em que pesem todas as consequências desses conceitos em nossas vidas privadas, são assuntos a serem tratados por meio de políticas públicas, quer fora dos partidos (por meio da pressão de organizações não governamentais, por exemplo), quer dentro deles.

Nesse ponto, cabe lembrar que, embora a lei reserve em cada partido a cota de 30% para a candidatura de mulheres, o número parece não ter sido cumprido nas últimas eleições pela ausência de interesse feminino.

Na esfera privada, a fraseologia do mercado invadiu as relações familiares, roubando a linguagem do afeto, a única em que ela deveria se basear.

Mulheres são aconselhadas a investir de modo equânime nos relacionamentos com marido e filhos, esquecendo-se que, quando se investe, se pensa em lucros, quando se ama, no ganho do outro. Somos, ainda, advertidas para negociar crises familiares dentro de padrões gerenciais, dentro dos quais, infelizmente, não existe, por exemplo, a palavra compaixão.

Por outro lado, o conhecimento médico descobriu que nossos corpos diferem estruturalmente dos masculinos, e não apenas pelo aparelho reprodutor. Hoje, fala-se em medicina de gênero, o que certamente trará descobertas positivas para as mulheres, implicando aumento da expectativa de vida, já maior que a masculina.

Viveremos muito mais, mas ocultando paradoxalmente nossas idades, uma vez que a sociedade — nela incluído o mercado de trabalho — exige aparências eternamente jovens. Os padrões são tão idealizados que até as mais jovens têm problemas, sacrificando a vida em nome de cânones estéticos impostos, como comprovam as mortes das jovens por anorexia no decorrer do ano passado.

Além de o Brasil estar entre os maiores consumidores do mundo de remédios inibidores de apetite, está entre os campeões em números de cirurgias plásticas estéticas, refletindo a insatisfação feminina com sua aparência, em detrimento da valorização de outras facetas de um todo que deveria transcendê-la.

Por fim, de acordo com uma visão simbólica, a matéria (“mater”) sempre foi ligada ao feminino que hoje se comemora. Com o masculino relacionou-se o espírito (logos). Pelo desenvolvimento deste último, traduzido em conhecimento

científico, e por sua aliança a um desenfreado interesse econômico, a integridade da matéria foi colocada em perigo. Em outras palavras, é o alerta do relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática).

Por isso, é pela matéria que se irá lutar pela implantação das reformas necessárias para a salvaguarda das condições de vida saudável na Terra e pela reversão do efeito estufa, ao qual se atribuem as mudanças no clima.

Aproveitando essa movimentação, se abre a janela para o relançamento do movimento de mulheres, resgatando aqueles passos pioneiros de 1857. Isso acontecendo, teremos chances de saber o que comemorar no ano que vem. E nos próximos.

(ZERBINI, Eugenia. Folha de S. Paulo, 08/03/07)

Texto 3

A psicologia mal entendida

Os psicólogos têm tido muito trabalho para corrigir uma das maiores distorções que o uso popular fez das teorias psicológicas: a de que não se deve frustrar a criança para que ela não fique traumatizada. Não existe teoria cientificamente validada que recomende a falta de limites como método de criar filhos sem problemas.

São nebulosas as origens desse erro de interpretação: remontam à década de 60, com as experiências de Summerhill, a onda da liberação sexual e do movimento hippie.

No Brasil, a revolta contra o autoritarismo — não só da família patriarcal como também do regime ditatorial — o horror à repressão e à censura (“é proibido proibir”), entre outros fatores, acrescentaram outras pinceladas a esse quadro que, segundo o ditado, fez com que muitas famílias acabassem “jogando fora o bebê junto com a água do banho”.

Temendo serem vistos como castradores, repressivos e autoritários, muitos pais deixaram de exercer a autoridade parental e tornaram-se permissivos, inaugurando a “era da infantocracia” que tem tido resultados desastrosos, porque não consegue transmitir os valores básicos do convívio: respeito, consideração, cooperação, generosidade, solidariedade, responsabilidade.

Em vários países, um grande número de famílias está com dificuldades de colocar limites para educar para a liberdade com responsabilidade. Entre as causas mais comuns da educação permissiva encontramos o desejo de oferecer aos filhos uma educação diferente da que receberam no regime autoritário; sentimentos de culpa (por trabalharem muito, por terem se separado, por terem pouco tempo com os filhos), gerando a necessidade de “indenizá-los”, dando tudo que pedem ou deixando fazer tudo que querem; o desejo de conquistar o amor do filho, distorcendo a noção de “bons pais” como aqueles que cedem a todos os desejos.

É grande também a confusão de conceitos: estimular a liberdade e a espontaneidade para expressar o que se sente não significa tolerar grosseria nem falta de educação; encorajar a expressão da raiva não significa aceitar todas as suas manifestações (como, por exemplo, xingar, berrar ou bater); combater a violência doméstica (dar surras, humilhar, castigar de formas cruéis) não significa deixar de disciplinar utilizando as consequências cabíveis quando crianças e jovens se conduzem de modo inadequado ou abusivo.

As principais consequências de ser criado com falta de limites são: falta de controle da impulsividade (a criança cresce pensando que os outros têm obrigação de satisfazer seus desejos de imediato e aceitá-la “do jeito que ela é”, mesmo quando se torna insuportável); dificuldade de controlar a raiva (ataca as pessoas quando contrariada, não aprende a atacar o problema sem desrespeitar os outros); pouca tolerância à frustração (dificuldade de pensar em alternativas criativas quando não obtém o que deseja) e incapacidade de esperar para conseguir o que quer; tirania, egocentrismo, dificuldade de perceber que os outros também têm direitos e desejos.

Isto resulta em vários distúrbios de conduta e, sobretudo, na sensação de vazio e de insatisfação (quanto mais tem, mais quer). O uso de drogas e outras formas de consumo compulsivo são tentativas de preencher, inutilmente, esse vazio.

Educar com amor e sensibilidade significa respeitar os direitos da criança: de receber amor, carinho e bons cuidados para crescer construindo a noção de cidadania (com direitos e deveres); de receber orientação firme e clara sobre o que é permitido e proibido (nas leis familiares e sociais); de desenvolver habilidades e competências (inclusive a capacidade de se relacionar bem com os outros); de canalizar sua agressividade para fins construtivos, tais como assertividade e persistência para enfrentar os desafios e os obstáculos da vida (medida essencial para a prevenção da violência).

Entre autoritarismo e permissividade, há “o caminho do meio”: diferenciar ocasiões em que “não é não” (condições negociáveis) e inúmeras outras ocasiões em que crianças e jovens pensam, junto com os adultos, meios de solucionar impasses e conflitos de modo satisfatório para todos, em clima de respeito e consideração.

Limites colocados com firmeza e serenidade são expressões de amor e de cuidado que estimulam crianças e jovens a se desenvolverem plenamente como pessoas capazes de darem contribuições positivas para a sociedade. É o que diz a psicologia.

(MALDONADO, Maria Tereza. In: O Globo, 24/04/03. p.7)

Texto 4

O problema da favela é o nome

Enfim uma boa notícia sobre os morros cariocas: dentro de poucas semanas, ninguém mais terá que ler francês para saber o que está acontecendo neste momento com a favela da Rocinha, cercada pelas tropas de choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro, como se fosse uma reedição urbana do arraial de Canudos, modernizado por computadores ligados na internet, televisões a cabo e telefones celulares.

Está saindo em língua portuguesa A Invenção da Favela, de Licia do Prado Valladares. É um livro que nasceu na França, onde ela passa a maior parte do ano como professora. Mas suas raízes não poderiam ser mais locais. A autora tem quase 30 anos de intimidade com a Rocinha. Já teve casa lá em cima, quando resolveu estudá-la mais de perto. E, sempre que precisa voltar para lá, não falta quem a hospede entre os favelados.

Produto dessa rara combinação de proximidade física com distância acadêmica, o livro começa a ser surpreendente pelo título, como a própria Licia

Valladares reconhece na primeira linha da Introdução. “Inventaram a favela? Mas como pode ser isto, se hoje ela é mais do que concreta, o seu número já corresponde a 752 aglomerados e 18,7% da população do município do Rio de Janeiro residem nessas áreas, que crescem mais do que a cidade?”

Inventaram sim. A favela foi entronizada no folclore literário e jornalístico antes que os políticos e pesquisadores tomassem conta do assunto. No fim do século XIX, ela não passava de um enclave urbano no morro da Providência, onde ex-combatentes da guerra contra os devotos de Antônio Conselheiro se instalaram para cobrar do Ministério da Guerra seus soldos atrasados, quando os jornais começaram a denunciar o núcleo de casebres como um foco de resistência, transferido dos sertões baianos para o centro do Rio de Janeiro.

Em 1900, o Jornal do Brasil dizia que o “Morro da Favela” era um lugar “infestado de vagabundos e criminosos, que são o sobressalto das famílias”. Antes de mais nada, porque os jornalistas começavam a macaquear Os Sertões, de Euclides da Cunha, aclimatando ao cenário urbano da capital da República a grande história que lhes escapara nos morros de Canudos. O livro de Licia Valladares dá exemplos. João do Rio, descrevendo na Gazeta de Notícias em 1908 uma excursão ao Morro de Santo Antônio, ali no centro, pintou-o com os espinhos da caatinga: “Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. O caminho que serpenteava descendo era ora estreito, ora largo, mas cheio de depressões e de buracos. De um lado e de outro, casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão, com cercados indicando quintais.”

Na década de 30, Luiz Edmundo, outro clássico cronista da cidade, também caprichou no sotaque euclidiano para contar sua visita à tal “cidadela miseranda”. Seu relato soa assim: “O chão é rugoso e áspero, o arvoredor pobre de folhas, baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos.” Antes mesmo que as favelas cariocas fossem oficialmente reconhecidas como problemas administrativos, sanitários ou policiais, sua fama já estava feita. Era em parte resultado da imitação de um livro inimitável. Mas ficou.

Corta para o século XXI. Um século depois, salta à vista que o nome já não serve para enquadrar tudo o que se classifica como favela no Rio de Janeiro, para não falar no resto do país. A palavra ficou cada vez mais curta para cobrir tudo o que se esconde debaixo dela, a começar pela disparidade de renda. E por que não sai de moda? Porque serve para manter em circulação as ideias que o tempo grudou nela como cracas conceituais. Em outras palavras, as de Licia Valladares, os “dogmas” que de certa maneira mantêm as favelas como territórios mais ou menos inexpugnáveis a novas abordagens acadêmicas ou administrativas. Enquanto elas forem tratadas como uma coisa só, continuam a ser a mesma coisa.

Enquanto isso, “as favelas cariocas passaram a fazer parte de uma realidade virtual”, diz lá pelas tantas a autora. Ou seja, abriram-se à curiosidade externa pelos “inúmeros sites” de ONGs, programas sociais ou assistenciais, escolas de samba, agência de turismo como a Jipe Tour e até pensões, como a Pousada Favelinha. Tudo isso forma o que ela chama de “Rocinha.com”, em que “basta clicar na Web para o internauta ter acesso a informações sobre a localização exata e a história da favela da Rocinha, projetos em curso e empreendimentos. Estavam ali disponíveis as notícias divulgadas pelo jornal local, o “Correio da Zona Sul”. Este site, criado em 1997 por iniciativa da TV ROC, fornecedora de TV a cabo para a favela, anunciava claramente:

“A Rocinha é um verdadeiro caldeirão. Tudo o que vocês puderem imaginar

acontece aqui. Pessoas com quem falar, instituições a procurar. Tudo isso on-line e editado, para levar até você as informações completas sobre a Rocinha e outras comunidades carentes do Brasil.”

Lá dentro, a assinatura da TV ROC custa R\$ 25 por mês, fora os R\$ 50 da adesão. Dá acesso a 42 canais. O serviço tem 28 mil assinantes na favela, entre famílias cuja renda média varia entre R\$ 800 e R\$ 1 mil. Para fora, o site da emissora recebe 1.500 visitantes por mês. Nele, Licia Valladares apurou, por exemplo, que em 1999 o sabão em pó preferido dos moradores era o OMO, e os aparelhos de televisão mais usados, os das marcas Phillips e Sony. No morro, continua o texto, “ficamos espantados ao encontrar, ao mesmo tempo, um restaurante franqueado da cadeia McDonald’s, aberto dia e noite (que em abril de 2000 teve a maior venda de sorvetes do Rio), três filiais da loja de material fotográfico De Plá, três pontos de venda de telefones celulares (Nokia, entre outros), videoclubes em profusão, agências bancárias (inclusive da Caixa Econômica Federal), assim como uma agência dos Correios. Encontramos também padarias modernas, lojas de eletrodomésticos sofisticados, entregas de pizza em domicílio, uma loja de vinhos, um estacionamento particular etc.”

Se é assim, “a quem pode interessar a permanência dos dogmas?” — Licia Valladares pergunta. Pelo visto, a quase todo mundo que se acha dono das favelas. Para começar, “jornalistas, a mídia e escritores preferem, sem dúvida, essa imagem um tanto fascinante de um universo marginal, diferente e com especificidades locais”. Os responsáveis pelas políticas públicas dependem do folclore para “legitimar todo um arsenal de instrumentos e procedimentos técnicos, uma legislação especializada, medidas e soluções alternativas que, em diferentes momentos, foram elaborados por diversos organismos públicos”. Os políticos, “porque a ajuda à pobreza dá votos”. Às associações de moradores, porque elas “sempre representaram uma parte ativa nesse jogo”. Aos professores que mandam seus alunos estudá-las, porque assim as preservam como “um lugar privilegiado de pesquisas”. Enfim, porque acreditar nos dogmas das favelas, confundindo-as com pobreza, é “politicamente correto”.

Isso tudo é muito cômodo, mas tem preço. O preço chega à cidade diariamente, na forma dos tiros que ecoam pelos bairros ao pé da Rocinha. Quando o morro vira palco para a eterna reprise de uma farsa, os bandidos e os policiais sabem melhor do que ninguém qual é a maneira mais dramática de ocupar o palco.

CORRÊA, Marcos Sá. In: *No Mínimo*, 14/08/05.

Texto 5

Outra chance

De todos os cuidados que a infância e a adolescência inspiram, podemos dizer que a reintegração do jovem infrator à sociedade foi aquele no qual obtivemos piores resultados, desde que o Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado, em 1990.

Nos anos 80, vigorava a prática de eliminar garotos que perambulavam pelas ruas de grandes centros urbanos. Era uma iniciativa de quem julgava que assim estaria contribuindo para extirpar um grande mal de nossa sociedade. Felizmente compreendeu-se que essa não era a forma como se deveria combater o grave problema dos jovens que, sem um projeto de vida maior que o desafio de viver nas ruas, viessem a cometer delitos, fossem eles quais fossem.

Entretanto não foram obtidos resultados significativos com relação ao jovem autor de ato infracional. Muito embora sejam recomendáveis unidades descentralizadas para a internação dos que requerem esse tipo de medida, ainda vigoram grandes complexos. Muito embora recuperar jovens com esse histórico de vida seja trabalho para especialistas, vigora, certamente com notáveis exceções, a ação de monitores truculentos. E, muito embora as famílias desses jovens precisem de ajuda tanto quanto eles, nada se faz por elas.

Pergunto-me por que não se conseguem melhoras significativas nesse quadro. O elemento central, a meu ver, é a falta de vontade política. Colocado de outra forma: não se quer resolver!

Visitei, em Nova York, uma entidade que, com o apoio do empresariado de Wall Street, atende em tempo integral 175 adolescentes infratores. O nome dela é Wildcat — gato selvagem, numa tradução literal, mas com um segundo e precioso significado: assim são chamadas as pessoas que dão uma segunda chance a um poço de petróleo que não deu produção no primeiro esforço.

Amália Bertanzas, a porto-riquenha de cerca de 70 anos que cuida da Wildcat, conta de maneira emocionada as suas crenças. Os meninos e meninas têm um curriculum de aulas e atividades que privilegia as artes e são apoiados fortemente no desenvolvimento de sua autoestima. São atendidos por profissionais competentes, com uma característica essencial: acreditam de coração na recuperação daqueles jovens. A seleção dos profissionais é definida pela resposta a uma pergunta crucial durante a entrevista: “Você realmente acredita na recuperação desses jovens?” Se o candidato titubear na resposta, ainda que minimamente, não é contratado.

Assisti a uma aula de filosofia na Wildcat. Oito alunos na classe. O professor colocou o tema em discussão: a confiança nas pessoas. Um jovem de 16 anos negro, alto, forte e um pouco gordo, confiava apenas em um amigo. Numa disputa de gangues, esse amigo o protegeu de um tiro. No caminho da bala certa, morreu na hora e salvou a sua vida. Um segundo jovem, 17 anos, negro, de olhar esperto e muito arredo, dizia confiar na mãe e no irmão. Reclamava do lugar onde vivia. Referia-se à necessidade de ser duro, frio, visto que ali “gentileza era confundida com fraqueza”. Um terceiro, 15 anos, também negro, encurvado na cadeira, não olhava para os outros e falava olhando para o chão. A voz mal saía: “Confiança é respeito. Eu respeito quem me respeita.”

O medo é a constante em cada um daqueles jovens. No entanto com pintura, escultura, música, filosofia, psicologia, apoio a suas famílias e a certeza de uma rede social que se importa com eles, 92% desses jovens são recuperados! Desses recuperados, 30% cursam a universidade e 100% dos que terminaram a sua formação na Wildcat estão empregados. Apenas 8% desistem, não querem ou não conseguem suportar o processo de recuperação.

Na Febem de São Paulo, são cerca de 4.000 jovens. Não posso acreditar que um Estado rico em recursos humanos e materiais como o nosso não consiga resolver nem razoavelmente a questão de dar uma segunda chance a esses jovens.

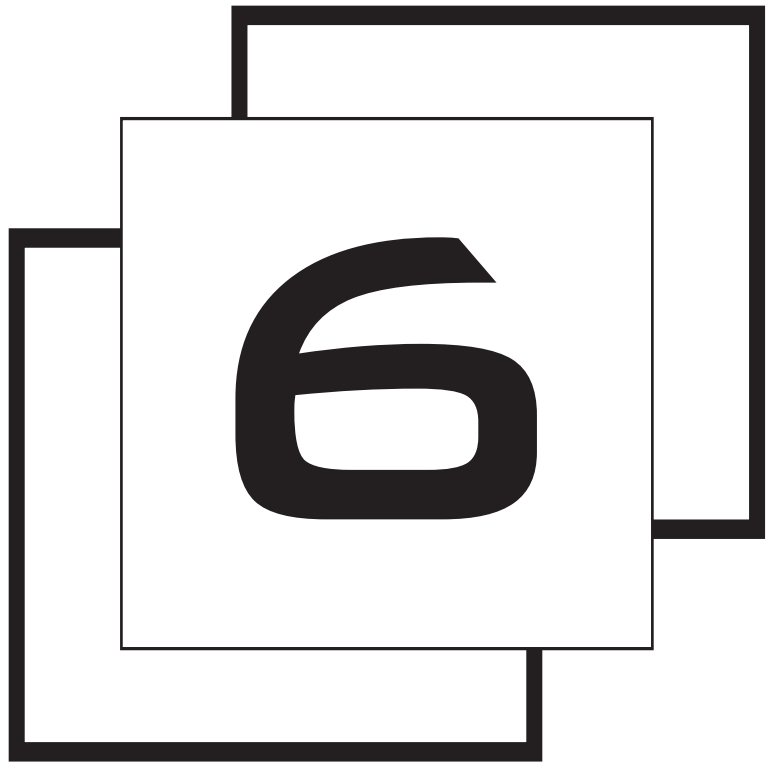
Condená-los é fácil, mas não é pela força que resolveremos essa questão. Resolveremos enfrentando humanamente a fragilidade desses seres em formação, dando a eles outra chance. É claro que há um pequeno grupo desses adolescentes que talvez não mais possa ser recuperado. As feridas do descaso, do descuido, do desrespeito e da desconfiança são profundas demais. Mas temos de tentar. O governo deve se valer de todos os recursos possíveis para solucionar de vez

o problema da Febem e da política de atendimento aos jovens em conflito com a lei. Tanto na contenção adequada, com ênfase na pedagogia socioeducativa, dos que devem de fato ser afastados do convívio social quanto na aplicação de medidas socioeducativas em meio aberto aos que podem ser enquadrados nessa penalidade.

Todo o investimento deve ser feito no sentido de prevenir o envolvimento do jovem com a marginalidade. O acesso a equipamentos públicos de esporte e lazer, a escolas de qualidade, a cursos profissionalizantes, a serviços de saúde e a tudo, enfim, que promova o crescimento saudável da nossa juventude. Uma vez que venham a cometer infrações, os investimentos devem ser redobrados, porque todos merecem outra chance. Mas devemos fazer isso acreditando na recuperação deles da mesma forma como acreditamos na nossa capacidade de amar e educar os nossos próprios filhos.

O ônus da exclusão do jovem não é só dele, é de todos nós. Ou nos conscientizamos disso ou estaremos coniventes com a política da construção de mais e mais presídios de alta contenção — para onde acabaremos por nos mudar todos, para fugir da violência.

MATTAR, Hélio. In: *Folha de São Paulo*, Caderno A, 1º/07/01, p. 3.



TEXTO NARRATIVO

CONCEITO

No estudo das modalidades textuais, o “narrar” pode ser abordado de duas maneiras principais: como um gênero particular — com suas características intrínsecas, suas subdivisões, sua aplicação na história da literatura — ou como uma modalidade textual associada aos mais diversos usos: no cinema, na publicidade, nas conversas informais, entre outros.

Em comum a essas possibilidades, existe aquilo que marca a essência da narrativa e que pode ser resumido nesta frase simplória: **narrar é contar histórias**. Em outras palavras, todos estamos acostumados a praticar a lógica narrativa, na medida em que é provável que a maioria das pessoas tenha contato com diversas narrações diariamente, embora muitas vezes sequer perceba.

Dessa essência, emergem todas as características principais dessa modalidade: a existência de um narrador, a sequência temporal dos eventos, a configuração em certo ambiente, a presença de personagens que “vivem” certo enredo. Nesse contexto, é preciso ir além das histórias normalmente ensinadas nos primeiros anos de estudo nas escolas, afinal é bem pouco provável que alguma banca no vestibular apresente o tema “minhas férias”.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

Enredo

O pressuposto do texto narrativo é a existência de um “caso”, uma história, uma situação, cujos fatos se desenvolvem sob a forma da ação. Normalmente, pode-se identificar o enredo fazendo a pergunta “O que ocorre?” ou resumindo o texto ao máximo. Leia a seguir um trecho de uma matéria jornalística, publicada há alguns anos:

O menino Iruan Erqui Wu, de 8 anos, chegou ontem ao Brasil, depois de passar três anos retido por parentes de seu pai em Taiwan. A avó materna, Rosa Leocádia Erqui, que conseguiu na Justiça a guarda do menino, não conteve a emoção ao vê-lo pisar em solo brasileiro. “Quase me deu um treco no coração”, disse. Cerca de 300 pessoas esperaram Iruan no aeroporto.

O Globo, 13/02/04, p.1.

Trata-se, sem dúvida, de um texto narrativo: a história de um menino devolvido à sua avó, contada por um narrador em 3ª pessoa, localizada no tempo (“ontem”, 12/02/04) e no espaço (aeroporto brasileiro). No entanto, não estamos diante de um texto literário. Uma das principais razões para isso é o fato de a história ser verídica; na Literatura, como sabemos, costuma prevalecer a ficção. Em outras palavras, o texto literário representa uma realidade paralela, inventada pelo autor.

Nessa perspectiva, o interesse teórico pelo enredo se dá em sua relação com o mundo real. Diz-se, a princípio, que a narrativa literária recria o mundo, caracterizando uma **realidade ficcional**. Em outras palavras, a história contada, bem como os lugares e personagens, são frutos da imaginação do autor.

O problema é que a criação artística nunca se dá no vazio: por mais que

tenha habilidade criativa, o escritor sempre se baseará em suas experiências e percepções no mundo real. Por essa razão, as relações entre o enredo e a História são mais complexas do que possam parecer. No intuito de dominar melhor essa articulação, desenvolveu-se o conceito de verossimilhança, que pode ser maior ou menor, conforme a intenção narrativa.

Do ponto de vista da criação textual, interessa entender que, em geral, o enredo de uma narrativa — longa ou curta — pode ser dividido em certas partes ou momentos. Essas etapas narrativas são, em sua ordem natural, estas:

- * **Normalidade:** situação inicial em que as ações e acontecimentos parecem repetir um passado “eterno” e previsível.
- * **Ruptura da normalidade:** acontecimento que muda a ordem natural ou previsível das coisas, ou seja, o “fato narrativo”.
- * **Desdobramento ou complicação:** desenvolvimento das ações a partir do evento inicial de ruptura.
- * **Climax:** momento de complicação máxima, em que os acontecimentos chegam a um estado de iminência de resolução ou implosão.
- * **Desfecho:** etapa final, em que a complicação se desfaz, levando a um novo estado de normalidade, igual ao original ou diferente dele.

Observe os exemplos a seguir e procure identificar neles cada etapa:

Exemplo 1

Numa noite chuvosa do mês de agosto, Paulo e o irmão caminhavam pela rua mal-iluminada que conduzia à sua residência. Subitamente foram abordados por um homem estranho. Pararam, atemorizados, e tentaram saber o que o homem queria, receosos de que se tratasse de um assalto. Era, entretanto, somente um bêbado que tentava encontrar, com dificuldade, o caminho de sua casa.

Exemplo 2

O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e uns livros debaixo do braço.

Um dia, o engenheiro perguntou para ele aonde ia com aqueles livros.

— Aonde vais com estes livros?

— Pra escola!

O engenheiro ficou maravilhado!

— Que coisa edificante, ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.

— Não é criança, não. Quem vai escola é índio mesmo!

— Ah... que empolgante — falou o engenheiro. Ai, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: — E o menino?

— Ah! — falou o índio — menino é merenda!

Naturalmente, não é preciso respeitar cegamente essas etapas para compor uma boa narrativa. Uma interessante técnica, frequentemente utilizada em

filmes, é a inversão dessa ordem: a história começa com uma de suas últimas cenas, que vai sendo explicada ao longo da obra. Nesse caso, a narrativa pode começar, por exemplo, pelo clímax e retomar as outras etapas de forma a atribuir sentido a ele. Recentemente, dois filmes brasileiros utilizaram esse recurso: “Tropa de Elite II” e “O Contador de História”.

De qualquer forma, é importantíssimo ter em mente essa sequência para planejar a redação. Afinal, com a limitação do número de linhas disponíveis, deve-se organizar o texto de maneira clara a fim de evitar desfechos repentinos e mal elaborados. Nesse sentido, um bom roteiro deve ser composto principalmente pela definição das etapas do enredo, além da definição dos outros elementos narrativos descritos ainda neste capítulo.

Vale lembrar que, nas instruções das provas de vestibular, é muito frequente a delimitação do enredo a ser construído. A intenção das bancas é fazer algo semelhante ao que ocorre na dissertação: permitir a comparação entre textos submetidos a condições semelhantes. Por essa razão, torna-se fundamental prestar especial atenção à proposta de redação, submetendo a ela qualquer traço de criatividade.

Ritmo da narrativa e construção do suspense

Em linhas gerais, uma história pode ser contada de forma mais lenta ou mais acelerada. Essa escolha determina no “ritmo da narrativa”. Simplificando, pode-se afirmar que esse conceito se refere à velocidade em que os fatos ocorrem numa obra. Examinemos os fragmentos a seguir:

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbra na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

ALENCAR, José de. *Luciola*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

Ele abanou a cabeça afirmando. Então ela chegou os lábios para junto dos de Pedro Bala, os beijou e depois fugiu. Ele saiu correndo atrás dela, mas ela se escondia, não se deixava pegar. Aos poucos foram chegando os outros. Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malícia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingênua e tímida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua, havia um romântico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que isto era namorar. E seu coração batia rápido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. Por fim a lua veio, estendeu sua luz amarela no trapiche. Pedro Bala se deitou na areia e mesmo de olhos fechados via Dora.

AMADO, Jorge. *Os capitães de areia*. São Paulo: Martins Editora, s/d. p. 206-213.

Após a leitura atenta dos trechos, pode-se perceber que existe uma diferença significativa de ritmo entre suas narrativas. No primeiro fragmento, as descrições detalhadas — que, nesse caso, representam a subjetividade do narrador — impõem um ritmo lento à narrativa. Esse andamento mais vagaroso é geralmente associado a dois fatores: as digressões (pensamentos “soltos” do narrador) e as descrições detalhadas (objetivas ou subjetivas) de espaços e personagens.

No segundo fragmento, o mesmo tema amoroso é tratado de forma intensa, fazendo a narrativa assumir um ritmo acelerado. As descrições tornam-se menos presentes, cedendo vez às ações. Esse andamento mais rápido da narrativa costuma associar-se a algumas técnicas de apresentação temporal, sobretudo as elipses e as antecipações.

Embora ritmos mais lentos muitas vezes apresentem elevado valor literário, é difícil imaginar uma redação de cerca de 25 linhas com essa característica. Por essa razão, a tendência é que, nos exames, a opção mais segura seja adotar um ritmo um pouco mais acelerado, sem abandonar descrições e subjetividades.

Na realidade, talvez uma boa solução seja “brincar” com os ritmos narrativos, a fim de criar uma expectativa no leitor. Sem dúvida, seja em livros, seja em filmes, o gênero “suspense” costuma ser tão bem realizado quanto consegue retardar o desfecho de determinadas situações, criando no público uma sensação de aflição. Leia os dois exemplos abaixo para compreender a técnica:

Ouvi um barulho vindo dos fundos da casa. Abri a porta imediatamente e percebi que era apenas um gato revirando o lixo.

Ouvi um barulho vindo dos fundos da casa. Fiquei tentando imaginar o que seria. Já não era a primeira vez que aquele barulho me incomodava. Era um som estranho, que se repetia em intensidades diferentes, como se alguém arranhasse uma parede. Tive medo. Tinha ouvido falar de uma pessoa desconhecida que o caseiro viu alguns dias antes, rondando a casa. Estava escuro. Criei coragem e me dirigi à porta de trás, pé ante pé, tentando evitar qualquer barulho. Com um movimento suave e trêmulo, estendi o braço, segurei a maçaneta e a virei. Puxei a porta devagarinho, mas não pude evitar o rangido. Nesse mesmo instante, uma sombra se moveu e meu medo se desfez: era apenas um gato revirando o lixo.

Narrador

Quando o enredo do texto se desenvolve sozinho, estamos diante do gênero dramático, conduzido pela representação da história, feita por atores. Se alguém conta os fatos, temos o narrador, elemento essencial do gênero que estamos estudando.

Nessa perspectiva, devem-se examinar as variações do ponto de vista e do papel do narrador, em um conceito denominado **foco narrativo**. Quanto a esse aspecto, temos uma série de possibilidades. O narrador pode ser:

*** Em 1ª pessoa, protagonista:** o “eu” do texto participa da história como personagem principal, manifestando suas opiniões, desejos, visão de mundo e

percepção dos acontecimentos. Essa modalidade narrativa assemelha-se à autobiografia e, em geral, pode apresentar duas qualidades centrais — o mergulho psicológico, que permite uma visão profunda da alma humana, e a parcialidade, que possibilita diferentes jogos de construção da “verdade”.

* **Em 1ª pessoa, personagem secundário:** o narrador é mero observador dos eventos narrados e se evidencia com pouca frequência. A vantagem dessa estratégia é atribuir verossimilhança ao enredo, como se o narrador dissesse: “Eu garanto que isso é verdade, pois estava lá e participei do evento.”

* **Em 3ª pessoa, onisciente:** esse narrador parece não existir, uma vez que a 1ª pessoa (“eu”) não está presente em nenhum momento da narrativa. Sua onisciência (do latim *omni* + *sciente* = que sabe tudo) lhe permite narrar o que acontece em vários lugares simultaneamente, assim como descobrir o que pensam e sentem os personagens. Algumas vezes, mesmo sem a 1ª pessoa, manifesta sua presença e pode até se dirigir ao leitor, emitindo opiniões que confirmam seu domínio dos fatos.

* **Em 3ª pessoa, observador dos fatos:** trata-se, nesse caso, de um narrador objetivo, que se limita a registrar a sequência dos eventos, com a mais absoluta neutralidade. Nessa modalidade, o narrador é como uma câmera cinematográfica, cuja presença nem é percebida. Cabe lembrar que, apesar de neutro, o narrador existe, pois organiza a narrativa.

Essa classificação pode ainda ser feita de outra maneira. Segundo alguns especialistas, existem três pontos de vista que regem a narrativa: o **interno** (em que o narrador participa e “filtra” os eventos narrados), o **externo** (em que o narrador dá seu testemunho sem relatar sensações e pensamentos dos personagens) e o **onisciente** (em que o narrador demonstra conhecimento absoluto dos acontecimentos e subjetividade dos personagens).

Nessa perspectiva, seriam internos os narradores dos tipos “A” e “B”, externo o narrador “D” e onisciente o narrador “C”. Para quem pretender escrever uma narrativa, a definição do tipo de narrador é um dos primeiros passos a dar. Isso porque ela é estratégica na organização do texto e dos personagens. A partir do narrador, define-se que informações podem ser apresentadas ou omitidas, de que maneira os sentimentos devem ser construídos, e assim por diante.

No vestibular, muitas vezes, as bancas determinam a escolha do candidato, delimitando sua criatividade. Eis um motivo pelo qual interessa praticar diferentes modalidades de ponto de vista, a fim de evitar surpresas na hora da prova.

Personagens

Na narrativa literária, existem personagens, com maior ou menor importância, cuja história é contada. Como se trata de ficção, esses personagens não devem ser confundidos com pessoas. Embora possam ter marcas que os assemelhem a indivíduos reais, suas “vidas” se restringem ao universo do texto. Essa percepção, que parece simples, torna-se fundamental se resgatarmos a noção de verossimilhança. De fato, muitas vezes, os personagens de uma história têm características ou atos que seriam muito incomuns em uma pessoa real. No entanto, dentro da lógica narrativa, eles parecem perfeitamente aceitáveis, tais como os heróis de filmes de ação.

Com isso, percebemos que os personagens são um produto da imaginação do autor, que os constrói para desenvolver a narrativa. Nessa perspectiva, é possível afirmar que **todo personagem desempenha uma função dentro da trama**, ou seja, só existe porque tem alguma importância no desenvolvimento da história.

A esse respeito, percebemos que uma das qualidades dos grandes ficcionistas é determinar esses papéis com grande exatidão, a fim de atribuir **coerência** ao texto. Personagens irrelevantes seriam, por assim dizer, dispensáveis. Na interpretação de um conto ou romance, deve-se dar especial atenção à identificação dos papéis de cada um, a fim de melhor compreender as intenções narrativas.

Entretanto, é preciso reconhecer que há distinções entre os níveis de importância dos personagens:

* **Protagonista(s):** personagens principais, que sofrem ou realizam as maiores mudanças de situação.

* **Antagonista(s):** personagens que se opõem aos desejos do protagonista.

* **Secundário(s):** aqueles que têm papéis de menor importância — ou importância temporária — na trama.

Leia atentamente o exemplo abaixo e procure identificar os personagens e compreender a forma como eles foram apresentados no trecho:

Sentado em seu escritório, João estudava uma das várias fichas de um paciente. Neurologista, PhD em doença de Alzheimer, ele não exercia mais a profissão. A cadeira de rodas e o problema nas mãos o impossibilitavam de seguir clinicando, mas continuava ainda analisando casos que seu amigo “Chico”, também neurologista, trazia-lhe.

A ficha deste paciente em particular lhe chamava a atenção. Talvez fosse pelo nome, pois o paciente também se chamava João. Na ficha constava: “João, 77 anos, viúvo, vive com seus dois filhos — Jarbas e Francisco. Com uma frequência cada vez maior, esquece-se de quem é, apresenta alterações de humor, depressão, comportamento agressivo caso fique longe de suas leituras. Não reconhece mais os filhos, sofre de alucinações, também [...]”.

— Poxa! — exclamava João — Este indivíduo está sofrendo de Alzheimer já em estágio moderado e o mais triste de tudo é que nem deve se dar conta disso. Chico, traga-me, por favor, a próxima ficha.

Cada vez que Chico ouvia João chamá-lo, pensava: “pobre papai, dedicou sua vida toda às pesquisas para a cura da doença de Alzheimer e acabou vencido por ela. Passa os dias a ler sua própria ficha, pensando estar analisando o caso de um outro paciente.”

— Jarbas! As fichas do papai!

Além da definição do papel dos personagens de acordo com sua importância, qualquer narrativa deve — de modo mais sucinto ou detalhado — caracterizá-los. Isso pode ser feito tanto em relação aos aspectos físicos (visíveis aos demais personagens ou ao narrador, como “alto”, “magro”, “moreno”, “careca” etc.) quanto aos psicológicos (valores morais, temperamento, fra-

gilidades etc.).

Mais uma vez, devido à limitação de linhas nos textos dos vestibulares, torna-se fundamental adotar um critério objetivo na escolha dessa caracterização: quão relevante para a história é determinado aspecto de cada personagem? Sem negar a importância do detalhamento para criar imagens mentais no leitor, isso significa que um personagem deve ser descrito como “bonito” ou “impaciente” preferencialmente de acordo com a importância dessa característica para o enredo.

Leia atentamente o texto a seguir e perceba como as características dos personagens são fundamentais para a lógica do enredo:

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura. Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moravam no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos.

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de orlandi azul.

BANDEIRA, Manuel. Tragédia brasileira. In: *Meus poemas preferidos*. São Paulo: Ediouro, [s.d].

Nesse enquadre, uma boa dica é, por exemplo, apresentar uma característica aparentemente pouco relevante de um personagem no início do texto narrativo, embora esse aspecto se revele determinante em certo momento da história. Dessa forma, o sobrepeso de uma pessoa nas primeiras linhas de uma história pode parecer ter função meramente contextualizadora, mas pode cumprir papel decisivo caso ela tenha que correr, pular ou se esconder em alguma etapa do enredo. Não custa relembrar: esse tipo de recurso só é possível no caso de um bom planejamento textual.

Para encerrar a análise dos personagens, parece pertinente refletir sobre as formas de caracterização. Compare os dois próximos fragmentos:

João era um homem magro, alto, de bigode ralo — em uma palavra, elegante. Mas sua aparência não condizia com seus atos. Sempre rude, preferia gritar com as pessoas a tratá-las com respeito.

João serviu-se de um vinho do porto perfeito para a ocasião. Reclinou-se no divã que mandara trazer de Paris e ficou horas a fio, contemplando aquela rara

pintura.

Perceba que a forma de caracterizar os personagens difere bastante de um fragmento para o outro. No primeiro caso, os traços físicos e psicológicos são apresentados denotativamente, por palavras que os definem sem equívoco, a partir da percepção do narrador. Trata-se de uma **apresentação direta**.

No segundo fragmento, ao contrário, em nenhum momento se diz expressamente que o personagem é sofisticado e elegante. Seu comportamento, entretanto, conota essas características, em uma **apresentação indireta**. Trata-se de uma opção muito interessante mesmo em redações curtas, já que costuma ser atribuído maior valor literário a essa forma de caracterização.

No trecho destacado a seguir, o autor mistura as duas formas de caracterizações. Observe:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameaçavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crutá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

ALENCAR, José de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Tempo

O tempo talvez seja o elemento mais complexo de uma narrativa. Isso porque envolve uma série de conceitos sobrepostos e interdependentes. Passemos a eles.

Antes de tudo, é preciso refletir: em uma redação de aproximadamente 25 linhas, quanto tempo seria razoável durar a história? Para responder, observe os microcontos a seguir:

* Microconto 1:

Fujamos! Os caçadores de letras estão aí... (Ana Maria Shua)

*** Microconto 2:**

Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá. (Augusto Monterroso)

*** Microconto 3:**

— Não fale, amor. Cada palavra, um beijo a menos. (Dalton Trevisan)

*** Microconto 4:**

— Diz que me ama.

— Aí é mais caro. (Beto Vito)

*** Microconto 5:**

Mas o Rio continua lindo, pensa o desempregado ao pular do Corcovado.

(Antônio Torres)

Ao observar esses exemplos, infere-se que a pergunta inicial simplesmente não faz sentido: assim como é possível contar uma história de muitas páginas sobre um instante, um pensamento, também é possível escrever um conto de uma linha em que muito mais do que alguns segundos ou minutos sejam apresentados.

Assim, quando se pensa exclusivamente sobre a história contada, pode-se perceber que ela ocorre em um determinado tempo: um ano, um século, uma semana ou até uma fração de segundos. Esse é o **tempo da ficção (ou da narrativa)**, isto é, o tempo em que “vivem” e agem os personagens. Normalmente, é identificado por marcações temporais ao longo do texto. Locuções adverbiais e tempos verbais, em particular, são muito utilizados nessa contextualização. Examinemos o exemplo a seguir:

O jornalista mineiro e a mulher na janela. Todas as noites, ao deixar a redação, passava por aquele sobrado, e lá na janela do segundo andar, na penumbra que as luzes da rua não chegavam a atingir, estava ela, esperando para vê-lo passar. Os óculos de lentes já meio fracas para a sua crescente miopia mal lhe permitiam divisar a fisionomia da mulher — mas se acostumara a imaginá-la bela, o rosto redondo e fresco, cabelos ocultos por detrás da cabeça, talvez num coque ao gosto antigo ou em longa trança. Às vezes ele se detinha, como que para acender um cigarro, e olhava disfarçadamente para cima. Julgava distinguir até o brilho dos olhos dela, o contorno do seu rosto, à espera talvez do primeiro gesto.

Certa noite ousou fazer esse gesto — um rápido aceno com a mão, como a pedir-lhe que descesse um instante até o portão do sobrado. A mulher não respondeu, fingindo não haver entendido, e continuou imóvel.

Na noite seguinte, ela não apareceu, o que contribuiu para aumentar-lhe a inquietação. Quando alguns dias mais tarde tornou a vê-la, já se sentia apaixonado por aquela mulher misteriosa e inatingível.

Até que lhe aconteceu passar por ali à luz do dia e vê-la à janela do sobrado, na mesma postura — para descobrir, consternado, que havia se apaixonado por uma moiranga de barro.

SABINO, Fernando. A aventura do cotidiano. In: *A Falta que Ela me Faz*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

Nessa breve narrativa — uma anedota, mais precisamente —, as marcações temporais são claras e se referem ao desenvolvimento do enredo, senão vejamos:

- “Todas as noites”: normalidade; situação inicial
- “Certa noite”: complicação; problematização
- “Na noite seguinte”: clímax
- “Alguns dias mais tarde, à luz do dia”: desfecho

Em outros textos, o tempo da ficção pode vir referido indiretamente, por indicações de estações do ano, festas populares, aniversário de personagens, entre outros.

Coerência na perspectiva temporal

Um dos erros mais comuns em redações do vestibular é o uso dos tempos verbais inadequados. De maneira geral, pode-se dizer que trechos descritivos e reveladores de situações habituais costumam ser evidenciados pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo (“o dia estava bonito, a cidade ganhava as cores e a pressa típica dos dias de semana”). Os “fatos” em si na história comumente são relatados com o uso do pretérito perfeito ou do presente do indicativo (“João acordou às 7h e levantou-se da cama com pressa, pois o despertador não havia tocado”).

Dois detalhes, em especial, devem ser percebidos. No último exemplo, a terceira oração (“pois o despertador não havia tocado”) apresenta o tempo pretérito-mais-que-perfeito (composto). Isso faz sentido, na medida em que o despertador não ter tocado é um fato anterior a João ter acordado e levantado, ou seja, apresenta uma perspectiva temporal anterior ao tempo da narrativa.

Além disso, é preciso ter atenção: embora a escolha entre o pretérito perfeito e o presente seja livre, é preciso ser fiel a ela ao longo de todo o texto. Por isso, os fatos de uma história devem ser contados sempre em um ou em outro, não sendo permitida sua mistura. Assim, estaria caracterizada uma grave falha na construção narrativa a frase “João acordou às 7h e levanta-se da cama com pressa”.

Espaço

Na condução da narrativa, os personagens movem-se pelo espaço. Esse elemento é muitas vezes mero acessório, servindo ao propósito de uma simples contextualização. Sua caracterização, no entanto, permite entender muitos aspectos semânticos da obra, bem como a filiação literária do autor.

A preocupação com a verossimilhança, em alguns movimentos literários, levou seus autores a descrever detalhadamente o espaço da narrativa. Referências a lugares reais têm sido um instrumento frequente para os historiadores, pois permitem recompor a geografia de uma cidade ou de um bairro. Trata-se, nesse caso, do que se convencionou chamar espaço real. Muitas vezes, porém, a obra de ficção se faz valer de lugares imaginários para servir de referência narrativa.

Não será exagerado afirmar que a distinção entre espaço real e espaço imaginário é simples e pouco produtiva. Muito mais importante é identificar o papel do espaço construído, ou seja, sua função narrativa.

De fato, o espaço pode servir ao objetivo da localização pura e simples, assumindo assim uma **função contextualizadora**. Um bar, uma esquina, um aeroporto, por exemplo, podem permitir um encontro ou um desencontro, contribuindo com a narrativa. Em certas obras, escolhe-se um lugar específico em que as situações dramáticas se desenvolvem. No romance do século XIX — romântico ou realista —, os lugares frequentemente têm esse papel acessório. Pensava-se, naquela época, que a descrição do espaço era uma espécie de necessidade, um fator fundamental para estabelecer contato com o público leitor.

Os grandes autores, porém, desde sempre perceberam que a representação espacial poderia desempenhar um papel mais significativo. Em suas obras, o espaço apresenta uma **função simbólica**. Aspectos de personalidade dos personagens, por exemplo, são sugeridos pela ambiência, criando-se atmosferas de paixão ou horror, conforme a conveniência narrativa.

É preciso fazer uma ressalva. As duas funções referidas para o espaço na narrativa não são mutuamente excludentes. Dito de outro modo, a contextualização e a simbologia podem — e o fazem com frequência — coincidir em uma obra.

ESTUDO DE CASOS

Unicamp 1998 (Tema B)

Entre os papéis da minha família, foi encontrada esta carta, que traz no final o nome Anita de G., uma tia-avó, já falecida.

Laguna, 23 de fevereiro de 1948

Meu bom marido

Saudações.

Recebi a sua cartinha a qual me pareceu bastante lacônica, e na qual me diz que chegou sem novidade, que o Rio está uma formosura, etc. etc.

Avalio o quanto não se terá por aí divertido, esquecido de nós que continuamos aqui nesta triste solidão.

Rogo que termine o mais breve possível o que tem que fazer e volte. As saudades são muitas.

Não se esqueça de trazer alguma coisa bonita e de novidade, principalmente os últimos figurinos porque os que aqui há estão fora de moda.

Retribuindo-lhe o seu abraço e desejando-lhe saúde, sou sempre a sua boa e querida mulher.

Anita de G

Os jovens da família, ao ler a carta, entenderam-na literalmente. Já os mais velhos, contemporâneos de tia Anita e da carta, sabem que esta é cópia de um modelo disponível em um livro muito difundido na época: *O Secretário Moderno*

ou *Guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem*, de J. Queiroz (Ed. do Povo Ltda., Rio de Janeiro, 1948). Sabem também que a leitura da carta não pode ser literal, mas tem que ser feita à luz de uma série de acontecimentos.

Invente uma história narrando os acontecimentos que tornam inadequada a leitura literal da carta

Exemplo 1:

(Texto sem título)

A carta encontrada entre os papéis de minha família que era de uma tia-avó, já falecida causou muita confusão, pois algumas pessoas entenderam-na errado fora do seu verdadeiro contexto e não sei como não a entenderam por ser clara e objetiva.

Os mais velhos da família sabiam o verdadeiro significado desta carta enquanto os mais jovens com os seus entendimentos totalmente literais. Assim foi colocado um grande grau de desentendimento entre esses jovens que discutiam entre si sobre o que poderia ser ou não ser esta carta, no entanto, os mais velhos tentavam colocar em suas cabeças que não era preciso tanto desentendimento entre eles porque não um entendimento tão literal.

Um dia, um desses jovens procurou uma pessoa mais velha para tentar entender o objetivo ou significado desta carta que por consequência essa pessoa falou que ele e os outros jovens tinham entendido errado a carta que o seu verdadeiro significado era que se tratava de uma cópia de um livro muito difundido na época, portanto não era razão para tanta confusão.

Exemplo 2:

A Vingança

Amanheceu lindamente o dia, revelando tons dourados sobre as lençóis da cama. Lindolfo partira numa viagem de um ou dois meses, não importava, Anita só conseguia pensar nas coisas que podia fazer com a ausência do marido.

Esticou-se na cama e começou a sentir a liberdade preenchendo suas veias numa alegria incontrolável: tinha que aproveitar essa folga merecida.

Desceu as escadas e já encontrou o café da manhã na mesa, até os filhos sentiam-se mais alegres e soltos sem a presença do pai. Cortando o pão, pensou na paz que seria ficar um mês sem sentir o hálito nauseante do marido, sem ver aquela figura gorda e relaxada arrastando-se do quarto para a sala, sem ouvir seus berros e maldições, só porque ela não conseguira fazer um arroz soltinho, como ele gostava. Hoje comeriam todos fora, só para comemorar.

Esse pensamento fez Anita esboçar um sorriso, que formou um riso, que desabrochou numa sonora gargalhada. Os filhos entreolharam-se perplexos por sobre o café da manhã.

Não lavaria uma peça sequer das roupas dele, deixaria que todas mofassem no cesto e se proibiu de pensar em arrumar a casa. Seria um dia de divertimento e paz, junto dos filhos ou não, queria apenas ficar sentada no sofá da sala, de pernas para o ar, ou brincar com os cachorros no quintal, como há muito não fazia.

Escancarou as janelas da sala para que o sol penetrasse em todos os aposen-

tas e foi dar uma olhada no jardim. Suas flores, carentes de cuidado, definhavam lentamente, como o seu casamento. Já não falava com Lindolfo a mais de quatro meses, viviam como estranhos, após vinte anos de casados.

Levantou a cabeça, tentando esquecer a figura insólita e rude do marido, e o seu cheiro permanente de bebida. Foi quando percebeu que estava sendo observada pelo vizinho. Nunca prestara atenção nela, era uma mulher casada, mãe de duas jovens moças e de um rapaz que engrassara as fileiras do Exército. Mas, naquele momento, sentia-se livre o suficiente para notar os músculos definidos, a pele trigueira e os cabelos castanhos que desciam pelos ombros do garboso rapaz.

Oras, ainda era uma mulher bonita; apesar de estar beirando os quarenta, conservara muito bem sua juventude. Além disso, era inteligente e interessante, sentia-se maravilhada com o interesse do rapaz. Antes que se desse conta já estava amiga do vizinho, conversando e rindo para horror da vizinhança que constituía-se, basicamente, de parentes do seu marido.

Nelson, esse era o nome da beldade. Convidou-a para jantar em seu casa. Não havia como recusar, moravam tão perto e Anita pensou no marido, mas não com arrependimento e, sim, com desejos de vingança. Quantas vezes ele não a traíra?

Quando anoiteceu, tomou um banho momo e demorado, passou o melhor perfume que tinha e vestiu aquele vestido vermelho decotado, que Lindolfo nunca a deixara usar. Desceu triunfante as escadas que davam para a sala e, para completar a alegria da noite, sentou-se na escrivaninha para escrever uma carta ao marido. Assinaria sua boa e querida mulher. Pobre tolo, pensou que a enganaria sempre.

Beijou as filhas e, sem maiores explicações, dirigiu-se à casa do vizinho para completar sua vingança ao som de boa música e regada ao melhor vinho branco da praça, que ela mesma fez questão de levar.

Exemplo 3:

Figurino Profano

O odor de mofo tomou conta de meu nariz. A cada passo que dava, uma teia de aranha arrebentava. A pouca luminosidade não me permitia distinguir o rosto do senhor atrás do balcão.

Hotel Casanova: que ironia. O quarto fedia a urina.

Da janela, via a podridão do subúrbio do Rio de Janeiro.

Uma forte saudade doía em meu peito. Queria voltar logo para Laguna...

Ficar perto de Anita... minha doce e vulgar esposa.

Com as mãos tremulas e à luz de uma pequena vela escrevo.

"Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1948.

Minha boa esposa.

Ainda não encontrei nada de novo para nos satisfazer. As moças do Rio continuam as mesmas.

Mas te garanto que vou chegar em Laguna com o figurino mais lindo e perfeito que encontrar.

Um abraço do seu esposo.

Barbosa."

Acho que ela me entende.

12 de fevereiro. O sol queima minha cabeça. Quase não consigo ficar de

chapéu.

Vou andando pela praia à procura do modelito perfeito: mulatas, ruivas, louras, angelicais, demoníaca...

A escolha é difícil.

Preciso encontrar algo diferente, que fuja do padrão a que Anita está acostumada.

Numa praça, sentada num banco, vejo a figura inigualável. Pele dourada, corpo perfeito e um maravilhoso cabelo vermelho. Meu deus! Perfeito.

Sentei ao seu lado. Conversamos um pouco, e na primeira oportunidade, injetei uma dose cavalgar de morfina. A moça caiu em meus braços.

Agora só acordaria em Laguna, amarrada em uma cama, nua, entre mim e Anita.

Um abraço imundo de prazer.

Exemplo 4:

A Carta

Afinal, um minuto de paz. O marido no Rio de Janeiro, os filhos correndo na calçada, a casa (temporariamente) arrumada. Senta-se no degrau da cozinha, fita o quintal. As recordações embaçam-lhe a vista; espanta um mosquito como se ele pudesse levar no voo sua mocidade. Esfrega a mão na barra do avental, lembra-se de umas compras, chama o filho mais velho e manda-o ao armazém.

Da porta da rua à mesa da sala, anda devagar. A carta aberta a ser respondida, há dias, esperando, como um animal prestes a dar o bote. Não, não tinha estudado nos melhores colégios, tão linda e inteligente, para ficar enclausurada naquela cidade. Nascera rica, com um futuro brilhante, e estava ali, com o peso daquela gravidez e do casamento sobre seus ombros. Poderia até estar na Europa.

Corre para o quarto, abre o armário com raiva, vê cada vestido do seu tempo, da época em que era sua própria dona, vivia a seu belprazer. O espelho na parede oposta refletia uma mulher ainda jovem, cabelos pretos e longos, que vestia perfeitamente as sedas importadas e caras. Provou os brincos de sua formatura. Era o orgulho de sua família. Lágrimas explodiram em seus olhos.

Fecha a mala com todos os seus pertences. Checa suas economias, escondidas há tanto tempo, esperando sua decisão. Apressadamente, ensaia algumas linhas para responder a carta. Seus olhos vermelhos e desesperados vasculham a estante, em busca de um livro. Na cópia, incorpora a melhor das esposas. Bate a porta. As chaves penduradas espiam a casa vazia.

Unicamp 2000 (Tema B)

No dia 5 de outubro de 1999, terça-feira, o jornal Correio Popular, de Campinas, SP, publicou a seguinte manchete de primeira página, acompanhada de breve texto:

100 mil ficam sem água em Sumaré

Um crime ambiental provocou a suspensão do abastecimento de água de cerca de 100 mil moradores de Sumaré. A medida foi tomada na sexta-feira, quando uma mancha de óleo de aproximadamente 3 quilômetros de extensão surgiu nas águas do rio Atibaia. Anteontem, uma nova mancha apareceu nas

proximidades da Estação de Tratamento de Água I, na divisa entre o bairro Nova Veneza e o município de Paulínia. A situação somente será normalizada na quinta-feira. A Cetesb investiga o caso e os técnicos acreditam que o produto (óleo diesel ou gasolina) foi despejado em esgoto doméstico em Paulínia.

Leve em conta esta notícia e privilegie a hipótese dos técnicos, apresentada no final do texto. A partir desses elementos, escreva uma narração em terceira pessoa, caracterizando adequadamente personagens e ambiente. Crie um detetive ou um repórter investigativo que, quando tenta resolver o “crime ambiental”, descobre que o ocorrido é parte de uma conspiração maior.

Exemplo 5:

O mistério da mancha de óleo.

Trim...

— Delegacia de Polícia de Sumaré, cabo Jonas falando. Sim. Claro. Infelizmente não podemos fazer nada. Não é nosso departamento. Sinto muito. Até logo!

Cabo Jonas, irritado, se dirige à sala do detetive Hércules Leão. Entra sem bater e já despeja sua ira:

— Assim não dá, Leão! Já é a vigésima pessoa que liga reclamando da falta d'água desde a suspensão do abastecimento por causa daquela mancha de óleo no rio Atibaia. E nós não temos nada com isso.

Leão alisando seu bigode responde calmamente:

— Aí é que você se engana. Eu estou indo agora mesmo em Paulínia colher informações. Parece que o departamento de lá recebeu um telefonema da Cetesb insinuando que essa mancha de óleo não é oriunda de vazamento de petróleo e sim da rede de esgoto. Eles agora suspeitam que tenha sido proposital. Ligue para o chefe e o ponha a par de tudo.

Jonas sai mais irritado do que entrou, afinal, falar com o chefe não é fácil.

Com a mesma calma que lhe é característica, Leão parte para Paulínia. A ideia de que o derramamento de óleo não foi um acidente o intriga. Afinal, não é algo comum.

À medida que se aproxima de Paulínia, ele vê uma multidão na beira do rio. Parando o carro, ele abre espaço até conseguir enxergar o motivo da aglomeração: outra mancha de óleo. E esta se encontra nas proximidades da Estação de tratamento de Água I.

Mais do que depressa, ele se dirige à delegacia de Paulínia para saber como anda o inquérito. Quem o recebe é seu grande amigo, delegado Gerson Maia, que vai logo dizendo:

— Oh, você está aqui! Eu tenho uma reunião importante, mas se você quiser dar uma olhadinha no caso... Até mais!

Leão fica paralisado. Nunca havia visto seu amigo tão displicente assim. Largar um caso de crime ambiental deste jeito! “O que será que está havendo com Maia. Parece que me evitou, que está com medo.” — pensou consigo mesmo.

Entrou em uma viatura e rumou para a Estação de Tratamento, munido de todas as informações sobre o caso. Nada lhe tirava da cabeça que Maia estava escondendo algo. Mas o quê?

Ordenou que o cabo que o acompanhava fosse investigar e sentou-se na

recepção. Agora seria a hora do trabalho mental, que tanto o fascina. Pegou o inquérito e começou a lê-lo. Examinou o nome do fundador da Estação de Tratamento e lembrou que se tratava do prefeito. Lembrou também que estavam em época de eleição devido aos cartazes que tinha visto do lado de fora...

Levantou-se aturdido e gritando para o cabo:

— Leve-me à casa de Maia agora!

Chegando à casa de Maia foi direto à garagem e confirmou suas suspeitas: barris e mais barris de óleo, vazios.

Nesse instante Maia chega em casa. Ao ver Leão perto da garagem fica pálido. Tenta fugir, mas já é tarde.

Leão já o tinha alcançado. Algemandando-o, diz:

— Delegado Gerson Maia, você está preso acusado de poluir o rio Atibaia para denegrir o nome do atual prefeito de Paulínia, candidato à reeleição.

Maia, vendo-se sem saída, interroga-o com o olhar.

Leão sorri e diz:

— Vi os cartazes de sua campanha eleitoral. Você com medo de perder, apelou para a sabotagem.

No outro dia, os principais jornais da região estampavam na primeira página a cara apalermada de Maia no camburão.

E na delegacia de Sumaré o detetive Hércules Leão lendo o jornal, sente mais uma vez a sensação do dever cumprido.

Exemplo 6:

(Texto sem título)

Sexta-feira, 1º de outubro de 1999.

A mancha tomava conta do rio pouco a pouco. O rapaz, observando tudo, afrouxava a gravata, deu um último trago no cigarro e, embora nesse momento já estivesse sozinho, falou alto — talvez para ver se assim se convenceria — que estava apenas cumprindo ordens. Fora dura a sua jornada até ali. Pessoas como ele não têm opção; se lutam contra o sistema se marginalizam. Ele não seria mais um. O avô havia sido um idealista, o pai, um conformista, e o que conseguiram? Respalado pela imponência de sua imagem: terno e gravata impecáveis e um quê de altivez no olhar, procurava se convencer de que a Moral existe para subjugar os fracos: a pobreza é nobre; a humildade, dignificante; sofre-se na Terra para ganharse o reino dos céus; vive-se em condições sub-humanas para se chegar até Deus. Fracos. Após gerações, ele era o primeiro a ter coragem de dizer não e enxergar a própria realidade, sem pseudomoralismos. Ele não seria um fraco. Procurava não dar muita vazão ao sentimento que teimava em invadir-lhe a mente quando pensava no pai. “Fraco!”, dessa vez quase gritou. Agora cumpria ordens; amanhã mandaria, era só uma questão de tempo.

Sábado, 02 de outubro de 1999.

Na redação, o calor era tórrido. O “foca”, ainda desacostumado à rotina acelerada de uma redação de jornal, já pensava no próximo feriado. Os colegas achavam graça, “será que você escolheu a profissão certa?”, perguntavam. Um jornalista não tem fim de semana, nem feriado, mas não era isso o que mais incomodava o foca. A essa altura, tinha realmente dúvidas se havia escolhido a profissão certa, mas menos devido à suposta superatividade que por ver frustrada a imagem que, em seus sonhos juvenis, fazia da profissão; cobriria uma guerra

no Golfo pérsico ou nas balcãs; anunciaria, em primeira-mão, notícia envolvendo um ministro ou chefe de Estado; vaticinaria, com autoridade, sobre um possível naufrágio econômico no país. Sua mente trabalhava em um ritmo mais acelerado que sua rotina suportava. Talvez se desse bem como ficcionista. Enquanto isso, ia alimentando uma ou duas histórias na cabeça. Quando o editor pediu que ele fosse conferir a “tal da mancha” no rio, ele foi, com a mesma solicitude indiferente de sempre...

Domingo, 03 de outubro de 1999.

No dia anterior havia feito inúmeras entrevistas: engenheiros, técnicos, autoridades... Havia a possibilidade de a poluição ter sido intencional, mas tal hipótese, geralmente sussurrada ou dita de modo sorrateiro, parecia causar incômodo. Apenas o “foca” se interessou pela teoria. “Intencional? Mais de cem mil pessoas estão sem água, que, misturada a óleo, compõe um conjunto extremamente tóxico. Mas que espécie de intenção é essa?” O BIP chamava: deveria ir a Paulínia, pois havia uma nova mancha por lá.

Segunda-feira, 04 de outubro.

Mal o editor deixara a sala, vieram os colegas felicitá-lo pela reportagem: a matéria seria manchete de primeira página. Indiferente à repercussão, o “foca” sentia uma sensação ruim, uma espécie de um mau presságio. Lembrava da conversa com os técnicos da Cetesb, da dúvida em colocar ou não a hipótese criminosa na reportagem. Os técnicos falavam com certa reserva, mas bastante convicção. Temiam represálias, mas sabiam o que estavam dizendo. Ao perceberem o interesse do jornalista, todos emudeceram unânimes. Ao sair, recebeu sinal para subir. Falando com o engenheiro-chefe, entendeu que nunca se deve dizer tudo o que se sabe. É sensato saber calar. O jornal sairia na manhã seguinte e ele, arrasado, sentia-se vencido. O telefone tocou.

Terça-feira, 05 de outubro.

O “foca” chegava ao lugar marcado com quinze minutos de antecedência. Pelo telefone, a pessoa apenas informou a hora e o local em que deveriam se encontrar. Não se identificou e não disse como estaria. Aparelamente um boteco, como qualquer outro; adentrou o local, relutante entre a curiosidade e a cautela. Sabia que ter insinuado a hipótese criminosa em sua matéria havia irritado imensamente as autoridades locais, que temiam que a população imaginasse que pudesse estar havendo perda de controle. Quem mais ele teria irritado? Ao sentar-se à mesa recebeu um bilhete que o mandava subir. Obedeceu cauteloso. No andar superior, conversou com uma pessoa que, por sua vez, conduziu-o a outra sala. Estava começando a assustar-se. A sala estava escura, e ele não podia ver quem lá estava. Apenas ouvia uma voz que o advertia a não fazer perguntas. A voz o informou de que um grupo, politicamente oposto ao governo vigente, tentava sabotá-lo poluindo criminosamente o rio, o que, além de indispor a simpatia da população contra as autoridades, traria um grande prejuízo econômico à cidade. Falou mais, e o jornalista ouvia eufórico, entendendo a dimensão do que ouvia. Ao sair do prédio, uma bala atingiu-o pelas costas. Seu corpo, por ali mesmo, desapareceu.

Quarta-feira, 06 de outubro.

O rapaz afrouxava a gravata. Apenas cumpria ordens. O “tal do jornalista” bem que havia provocado. É assim. Hoje se obedece; amanhã se manda. Cada um no seu lugar.

Unicamp 2002 (Tema B)

Leia o texto abaixo, parte de um depoimento de “Luiz Castilhos, branco, natural do Estado do Rio, de 42 anos, solteiro, sabendo ler e escrever”, em que ele relata a briga que teve com “Joaquim de Souza, mulato, de 32 anos, casado, analfabeto”. O depoimento consta nos autos do processo criminal no qual foi réu este último, no Rio de Janeiro, em 1910.

“[declara] que trabalhava no trapiche Comércio à rua da Saúde, onde também trabalhava Joaquim Antonio de Souza; que o trabalho que na ocasião faziam o declarante, Joaquim e outros era pesar carne-seca; que então ali chegando um homem que não é vagabundo pediu a Joaquim um pedaço de carne para comer; que Joaquim como resposta disse ao homem que pedia que fosse pedir à puta que o pariu; que o declarante fazendo ver a Joaquim que havia muita carne e que por consequência um pedaço que desse ao homem para comer em nada prejudicaria ao dono da mercadoria, Joaquim voltando-se para o declarante mandou-o também à puta que o pariu; que em vista do mau humor de Joaquim o declarante retirou-se do trapiche visto como naquele momento terminaria o trabalho do dia; que em seguida o declarante foi à pagadoria receber a sua diária; que ao voltar da pagadoria Joaquim desfechou-lhe quatro ou cinco tiros [...]”

Extraído de Sidney Chaloub. *Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.105.

O depoimento acima transcrito contém elementos que permitem a construção de uma narração: personagens, uma situação problemática e um desfecho.

Inspirando-se nos dados desse depoimento, escreva uma narração:

- em terceira pessoa;
- com personagens e elementos da situação construídos com base no texto;
- que contenha, além do desfecho constante no depoimento, um segundo desfecho, com fatos ocorridos posteriormente aos relatados e que tenham alguma relação com trabalho.

Exemplo 7:

(Texto sem título)

Aquele cheiro. Luiz já havia se acostumado com ele. Pra dizer a verdade, nem o incomodava mais. Parecia que só podia senti-lo se realmente desejasse, como quem prova de uma especiaria repugnante, mas inconvenientemente presente no prato de todo dia. Havia aprendido a ignorá-lo, e nunca teria se lembrado dele não fossem as duas senhoras que passavam naquele momento à frente do trapiche, protegendo seus róseos rostos com a face contrária das mãos, como se tentassem manter-se puras perante tão causticante perfume. Havia interrompido seu trabalho por alguns instantes, enquanto acompanhava com os olhos as duas observadoras que, ao sentirem-se observadas, aceleraram o passo, procurando deixar pra trás o inconveniente local. Cruzaram a frente de uma mercearia do outro lado da rua, cujo reflexo da vitrine cegou o trabalhador por alguns instantes, levando-o a perdê-las de vista. Foi neste instante que notou o sol, intenso e ardil como de todos os dias, que insistia em assá-los como se fossem eles as peças de carne-seca. O brilho e calor opressores do sol haviam dado à sua pele um tom avermelhado, que ardia ferozmente todos os dias e provocava noites terríveis. Ardência esta

agravada pelo sal residual das carnes, que tornava qualquer corte provedor de dores massacrantes. Havia seu lado bom: o sol e o trabalho essencialmente braçal haviam dado-lhe uma aparência desgastada, porém saudável e robusta, escondendo o branco de seus cabelos com o acobreado queimado de sol. Luiz não era forte; mas, do alto de seus quarenta e dois anos, achava-se em melhor situação que muitos homens mais jovens que conhecia.

Não era o caso de Joaquim. Mulato e dotado de um arquétipo físico diferente de seu companheiro, tinha recebido dos anos árduos de trabalho um perfil esguio, porém bem forte. Não era letrado, como seu amigo mais velho, mas a grande maioria dos que conhecia também não o era. Havia dedicado toda sua vida ao trabalho e, apesar de livre, sentia-se um eterno escravo. Aquela rotina havia se tornado tudo para ele e, agora mais do que nunca, sua sobrevivência dependia dela. Os grillhões pesavam cada vez mais e feriam mais e mais seus pulsos. Sua esposa estava esperando um filho seu, e o dinheiro que não era suficiente para dois teria que alimentar três. Tanto sofrimento havia tornado-o um jovem amargurado e rancoroso, que vivia a resmungar suas chagas aos quatro ventos.

Tão compenetrado estava em seu trabalho e pensamentos que nem notou a figura trôpega que se aproximava, Luiz, que neste momento repousava ao lado da balança de carnes, limpou os olhos embaçados de suor a tempo de observar a aproximação do estranho. Era um homem baixo, magro, encurvado, como um galho retorcido ao sol. A primeira vista parecia uma mancha escura; uma observação mais atenta revelava olhos amarelos envoltos por um rosto enrugado e marcado pela idade, escurecido pelo que parecia ser graxa ou fuligem negra. Usava como manto o que há tempos poderia ter sido um cobertor, e tropeçava em direção ao ocupado Joaquim. Estancou ao lado do trabalhador e, quando sua boca se abriu, o azedume de seu hálito cortou o odor já costumeiro do lugar como uma flecha. Havia pedido algo. Queria comida.

Nada mais comum. Porém, o que nada teve de comum foi a reação inesperada de Joaquim. Para surpresa de Luiz, seu companheiro virara-se como um trovão para o inusitado visitante, encarando-o. Naquele momento, parecia que a Terra havia parado e só os três estavam conscientes. O cheiro, o calor, nada mais importava. Como uma tempestade, o trabalhador de ébano encharcou a figura com as mais chulas barbáries, fazendo com que o visitante os deixasse em direção ao nada de onde havia surgido. Luiz, tomado de uma raiva intensa perante tal injustiça, explodiu em direção ao bárbaro de ébano, dizendo que não teria sido tão dispendioso se eles tivessem sacrificado um único pedaço da carne que pesavam ao necessitado transeunte. A tempestade furiosa e ruidosa fizera outra vítima: Luiz fora enxotado pelos mesmos malefícios que atingiram o pobre visitante. Inebriado pela fúria e impotência, viu que nada mais podia fazer e, já que o mal estava feito, restava-lhe retirar-se e deixar Joaquim à sua própria ignorância. Deixou-o lá e, já que seu dia de trabalho estava chegando ao fim, dirigiu-se à pagadoria para receber o que lhe era de direito. Joaquim, porém, quando sozinho foi deixado, teve sua mente inundada por uma enxurrada de ideias desconexas. Não era claro para onde Luiz teria ido. Havia ele ido relatar sua barbárie à pagadoria? Não podia. Aquilo não estava acontecendo. Ele precisava daquele emprego mais do que de qualquer coisa. Mais do que qualquer um. Embriagado em sua própria ira, procurava em meio às peças de carne uma resposta para os problemas que inebriavam sua visão quando, ao erguer os olhos, viu que Luiz se aproximava. Teria ele contado algo? Iria ele perder tudo? Durante segundos que pareceram

décadas, sua cabeça girou em tonturas agonizantes, fazendo Joaquim procurar os joelhos, que tremiam sobre ele. Foi quando lembrou-se da arma que trazia na cintura. Luiz só ouviu o primeiro disparo. O cheiro de pólvora seca tomou o lugar. Algo havia picado sua coxa, e logo depois o seu ombro. Tudo tornava-se vermelho, quente, úmido. Gritos foram ouvidos, e a dor lancinante tirou-lhe a consciência.

Epílogo

Novamente os grillhões apertam, pesam e machucam os punhos de Joaquim. Mas ele não pode trabalhar. Luiz fora socorrido, mas ninguém ouvira os gritos de Joaquim. Ninguém ouvira que aquele fora seu pedido de socorro. E agora, que fora julgado e condenado, ninguém mais vai ouvir. Nunca mais.

Exemplo 8:

Chagas

O dia transcorria calmo e morno. No velho trapiche Comércio, à rua Saúde, Joaquim suava, e Luiz Castilhos suava. Suavam ambos, irmanados na lida diária de pesar a carne-seca, e coletar os trocados que obtinham no serviço ao fim do dia, na pagadoria.

Eram irmãos na sina, outros na vida. Joaquim, dez anos mais novo que Luiz, tinha mulher para sustentar, e leitura... “Leio não, seu moço. Leio não, que não tive ensino de escola, nem de mãe.” Joaquim, mulato. “Vida difícil, seu moço.” Fumava — aliás, “puxava um pito”, como dizia, com fumo de corda “do bão”. A mãe morrera num canavial pouco antes da Princesa Isabel assinar o tal papel — não sentiu o gosto duvidoso da liberdade. “Liberdade? Que liberdade é essa, que ninguém vê?”

Luiz Castilhos. A sorte não lhe sorria muito na vida. Era branco, solteiro — afinal, que moça respeitável iria aceitar a corte de um “funcionário de trapiche”? Mas Luiz se arranjava, mulher não haveria de faltar enquanto não lhe faltasse dinheiro... E dinheiro, graças a Deus, conseguia no seu trabalho... difícil, mas honesto. Aprendera com a mãe, juntamente com as primeiras letras, que trabalho honrado não é desgraça. Não pôde estudar na escola, mas nunca matou e nunca roubou. Tinha até bom coração, emprestava dinheiro aos companheiros sem cobrar juros. Tinha emprestado uns mil-réis ao Joaquim, há coisa de duas semanas atrás. O mulato nem agradeceu: olhou-o ressentido como se recebesse esmola, como se lhe devesse um favor.

Terminado o trabalho, iam cada qual para seu canto: Joaquim, para o cortiço do Romão, onde o esperava a mulher, grávida de cinco meses; Luiz, para o quartinho alugado da pensão — cama, criado-mudo, espelho e bacia.

Tudo teria seguido seu curso natural se não fosse um pequeno incidente, logo ao fim do dia de trabalho. Pois enquanto Joaquim e Luiz suavam a pesar a carne-seca, aproximou-se todo sem jeito um homem baixo, moreno, suado também, a roupa velha e maltratada pelo uso constante. O homem tinha lá seus trinta, trinta e poucos anos, e pediu a Joaquim um pedaço de carne. Pediu assim, de graça mesmo, pois não tinha como pagar. Disse que era casado, a esposa estava grávida, não conseguia achar trabalho.

Joaquim mandou o homem para a puta que o pariu — se fosse para pedir, ele também pediria. Ele, que mais do que ninguém sabia o que era a miséria. Mas não falou nada ao sujeito; apenas desferiu o insulto como se redimisse com isso toda a sua pena.

Luiz olhou-o com assombro: que Joaquim fosse um tanto fechado, sisudo, de poucos amigos, bem, era fato perdoável... mas que tratasse assim uma criatura de Deus, assim desvalido como eles... Sugeriu que não havia mal algum em ajudar o sujeito: o patrão não daria pela falta do produto, era questão de respeito, caridade.

Joaquim mandou-o também à puta que o pariu. Desentenderam-se, Joaquim se exaltava. O homem que pedia, ao perceber o ocorrido, afastou-se, o chapéu surrado entre as mãos, o passo lento e arrastado varrendo a poeira dos paralelepípedos irregulares da rua da Saúde.

O dia terminava, Luiz não quis insistir. Deixou Joaquim a resmungar e foi receber a fêria do dia. Estava esquecido o problema, resolvida a questão.

Mas Joaquim remoía. A chaga latejava-lhe na alma, aquela discussão fora sal sobre suas feridas abertas. A carne pulsátil do seu coração — dura, seca, empedernida, curtida pelo sol do trabalho sem vida. O que sabia Luiz daquilo tudo — o branco, letrado, almofadinha...? O que sabia da miséria?

Joaquim revoltou-se. Precisava agir — matar, para não morrer. Morte de dentro. Foi para casa, apanhou o revólver que guardava há anos sob o colchão, encontrou Luiz.

Deu-lhe cinco tiros, confusão, gritaria. Gente correndo pelas ruas, polícia, cadeia. Processo, prisão. Ficou enjaulado por quatro anos, apanhava. Acabou saindo depressa, disseram-lhe os guardas. Fora por Deus que o Luiz não morrera, senão seria processo por homicídio, e aí...

O filho nasceu quando Joaquim estava na prisão. Sem dinheiro para se sustentar, a mulher primeiro tentou trabalhar, depois foi pedir nas ruas. Acabou achando um sujeito que lhe deu casa e comida, a ela e ao filho, em troca de certos “serviços”.

Joaquim voltou novamente à prisão, por assalto à mão armada e latrocínio. Trabalho, não havia. Quem haveria de contratar ex-prisioneiro, mulato...?

Um branco no mercado ofereceu-lhe serviço, só para a época da colheita, num canavial.

Canavial...? Joaquim lembrou-se da mãe, sangrou o homem, levou-lhe o dinheiro.

Pegou vinte anos, morreu na prisão. Foi enterrado em vala comum, como indigente.

Unicamp 2003 (Tema B)

No século XXII, um cientista resolve criar o “homem perfeito”. Para tanto, desenvolve um “acelerador genético”, capaz de realizar em pouco tempo um processo que supostamente duraria milênios. Aplica o engenho a um pequeno número de cobaias humanas que, à idade propícia, são inseridas na sociedade, para cumprirem seu “destino”. Dessas cobaias, uma suicidou-se, outra tornou-se um criminoso, outra, presidente da república. A quarta é você, a quem cabe atestar o êxito ou o fracasso do experimento.

Componha uma narrativa em primeira pessoa que contenha ações que justifiquem o desfecho das histórias de seus companheiros; um desfecho inteiramente diferente para sua própria história.

Exemplo 9:

Olhos de granito

Sou perfeito. Nada tenho de erros ou imprecisões. Meu código genético é como uma poesia escrita pelas mãos místicas de um deus. Se algum cientista chegar a isolar uma molécula de DNA extraída de mim e fixar sua visão durante muito tempo em algum dos filamentos, sua visão divisará sombras e vultos, são as feições de Deus que estão diluídas no âmago do meu ser.

Não fui sempre assim. Houve uma época na qual eu era o membro de uma raça suja, impura e imperfeita. É doloroso ser uma pessoa normal, é como um calvário perpétuo. Os erros são como feridas, úlceras transbordando de pus esverdeado, uma injúria supurada e podre, que chega até a emporcalhar a alma. Mas houve um dia em que tudo mudou, de forma radical.

Foi-me oferecida a chance de participar de um experimento científico que visava à criação do homem perfeito. Aceitei ser cobaia do “acelerador genético”, a invenção do século XXII, que poderia realizar processos que demorariam milênios em poucos minutos. Mal sabia eu que esse engenho tecnológico seria a chave para o meu Éden particular.

Além de mim, outras três pessoas foram selecionadas para o processo. Este consistia na seguinte operação: passaríamos pela aceleração genética, enfrentaríamos um período de treinamento e daí então seríamos inseridos na sociedade. Cada um de nós quatro seguiu um caminho distinto. Um cometeu suicídio. Outro entregou-se à uma vida de banditismo. E outro ainda conquistou a presidência da República. Primeiramente relatarei o destino de meus companheiros, para depois revelar o meu.

O suicida em questão era uma moça. Deveria ter no máximo uns vinte e cinco anos. Antes da minha mudança, achava-a atraente, sensual, muito bonita. Hoje não acho nada, pois a perfeição está muito além dos fúteis prazeres da carne humana. No início, ela quis aproveitar de todo seu potencial para levar sua benevolência ao mundo todo. Ledo engano. Quanto mais concentrava suas energias, seus poderes e suas habilidades ganhas com a aceleração gênica, mais impotente se via ante às adversidades. Caiu em depressão profunda ao vislumbrar seu próprio fracasso. Foi assim que resolveu abrir as veias dos punhos, quando viu que nada podia fazer para pacificar conflitos, apaziguar catástrofes naturais e impedir que crianças passassem fome. Conformada, ela resolveu simplesmente contemplar o rio vermelho que escorria de suas mãos e aguardar o abraço gelado da morte.

Depois vem o caso do rapaz criminoso. Era um reles estudante de dezenove anos, de descendência oriental, tão obcecado nos estudos que seu mundo acabava nas abas de seus livros. Após o processo, decidiu despedaçar todos os grilhões que o prendiam. Desfez-se da física quântica, da química orgânica, da matemática, das línguas, das ciências biológicas e da literatura para viver um tempo de constantes subversões. Ao mesmo tempo em que celebrava sua conquistada liberdade, vingava-se sem piedade da sociedade que tanto lhe cobrava atitudes. Corrompia pessoas com drogas, destruía o patrimônio alheio, organizava assassinatos, sequestros e atos terroristas e participava de pilhagens.

Tudo para se vingar de um inimigo invisível. Que ele nem ao menos sabia o que era.

O mais fracassado de todos nós é o que se tornou presidente. Vindo das camadas sociais mais baixas, cedo ele já queria o poder e a ascensão social.

Conseguir tudo isso com a perfeição, com muita facilidade. E então se conformou. Foi como se o luto e a riqueza das altas esferas do poder tivessem lhe inoculado uma dose de conformismo. Tanto que já esqueceu que é perfeito, que participou do experimento. Governa como um ser humano normal. O poder lhe causou amnésia.

Já eu peguei a tarefa mais complicada e mais importante. Sendo uma dívida da perfeição, tomei a tarefa de ser o deus da humanidade. Sim, serei a entidade cósmica que é tudo e está em tudo. Transformei a humanidade num grande corpo de servos. Já cheguei num ponto em que cobri-me de granito e fiquei imóvel sobre um nicho. Agora toda a humanidade se ajoelha sobre meus pés, acendem velas em minha homenagem, oferecem-me sacrifícios e pronunciam meu nome em orações. Agora como divindade, nada mais tenho a fazer. Minha única função é olhar para o mundo com meus olhos. Olhos de granito.

Unicamp 2005 (Tema B)

O rádio demonstra constantemente sua condição de veículo indispensável no cotidiano das pessoas, ao contrário do que muitos podem pensar, quando o consideram um meio de difusão ultrapassado. Desde sua invenção, na passagem para o século XX, época em que era conhecido como “telégrafo sem fio”, o papel que exerce na sociedade vem se reafirmando. Nem o advento da televisão, nem o da internet, determinou o seu fim. Por isso, o rádio é um objeto de reflexão instigante.

Trabalhe sua narrativa a partir do seguinte recorte temático: ouvir rádio é uma prática comum na sociedade moderna. O rádio é um veículo que atinge o ouvinte em muitas situações: o radinho na cozinha que acompanha as refeições, o rádio no ônibus, no campo de futebol, no carro, na lanchonete, o rádio-relógio no quarto de dormir, o walkman na caminhada, o rádio na internet. O rádio é o companheiro de toda hora.

- Imagine a história de um(a) ouvinte para quem o rádio é essencial;
- Narre as circunstâncias em que o rádio se tornou importante na vida desse(a) personagem;
- Construa sua narrativa em primeira ou em terceira pessoa.

Exemplo 10:

(Texto sem título)

Ingressei na vida profissional marcado pela angustiante noção de “modernidade”. Recém-saído da universidade, em plena efervescência dos anos 60, sentia que, sem uma revisão completa de suas práticas administrativas, nossa indústria de cutelaria, então sob a firme gerência de meu pai, estava fadada ao fracasso. Os anos seguintes estavam por transformar minha opinião sobre a “modernidade” e nada ilustra melhor este processo do que a minha relação — e a da empresa — com o rádio.

Na minha infância, o rádio era um aparelho solene. Nossa casa era das poucas que dispunham de um. Corriam os últimos anos da Segunda Guerra. Outras pessoas da rua sempre vinham, com avidez, agregar-se em torno de meu orgulhoso pai e sua máquina maravilhosa, para ouvir as últimas notícias do front, ou então a “Hora do Brasil”. Era uma jeringonça alimentada por uma enorme

bateria (o rádio a pilha não existia). Se perturbássemos aquela audiência severa, ganhávamos surras homéricas.

Mesmo anos mais tardes, escutando o Repórter Esso, por exemplo, sempre associei a seriedade dos radiojornais à imponente figura de meu pai. Como se aquelas sessões defronte ao aparelho tivessem influenciado sua história individual ao ponto de tornar ainda mais rígida sua personalidade.

Ao sair da universidade, eu não imaginava que passariam muitos anos até que eu exercesse alguma influência nos rumos de nossa empresa. Apesar do inegável crescimento da mesma, discordava continuamente das práticas de meu pai. E o rádio, seu permanente objeto de culto, era o próprio símbolo do retrocesso.

Quando a saúde debilitada de meu pai impôs-me a liderança da empresa, pude por fim implementar as “modernas” práticas administrativas que tanto sonhara. Hoje percebo que minha ansiedade tardia foi um forte elemento de desestruturação, e experimentamos um gradual processo de declínio. Não compreendia. O mercado de ferramentas e equipamentos vicejava, mas as vendas caíam.

No auge do declínio, fui visitar uma das filiais no interior do Estado. Aos poucos, fui tomando consciência das diversas estações que invadiam o rádio do carro, ao cruzar as diferentes cidades. Apreendi onde se encontra a melhor garapa de Araras, o melhor algodão de Leme, e cheguei a me emocionar com uma declaração de amor. Foi então que vislumbrei, em uma imagem clara, como o não tão solene aparelho está vivo e presente na vida das pessoas.

Vieram-me à mente cenas de gente ouvindo-o em cozinhas, automóveis, quartos de dormir, ônibus... Compreendi assim que a estratégia de marketing da empresa estava equivocada.

Redirecionei a publicidade para dezenas de estações de rádio regionais, em uma atitude pouco “globalizada”, mas atingindo em cheio nosso mercado consumidor. Saímos da crise e prosperamos.

Hoje não abandono minha “pequena caixa”, escutando-a sem a solenidade de meu pai, mas com igual prazer. E a compreensão de que a reinvenção também faz parte da modernidade. E, ironicamente, ao acumular horas frente a esta caixa, hoje tão essencial à minha sobrevivência, aprendi a compreender e admirar muitas das práticas “antiquadas” de meu pai.

UFF 2007 (Proposta 1)

Considere, como exemplo, a evolução das canções, dos personagens e do tipo de letra predominantes nas décadas explicitadas. (Texto de Jussara Soares Soares, via Internet)

Década de 40

Ele, de terno cinza e chapéu panamá, em frente à vila onde ela mora, canta:

“Tu és divina e graciosa,

estátua majestosa!

Do amor por Deus esculturada.

És formada com o ardor

da alma da mais linda flor, de mais ativo

olor, que na vida

é a preferida pelo beijo-flor...”

Década de 50

Ele ajeita seu relógio Pateck Philip na algibeira, escreve para a Rádio Nacional e manda oferecer a ela uma linda música:

*"A deusa da minha rua,
tem os olhos onde a lua,
costuma se embriagar.
Nos seus olhos eu suponho,
que o sol num dourado sonho,
vai a claridade buscar..."*

Década de 60

Ele pede ao cantor da boate que ofereça a ela a interpretação de uma bela canção da Bossa Nova:

*"Olha que coisa mais linda,
mais cheia de graça.
É ela a menina que vem e que passa,
no doce balanço a caminho do mar.
Moça do corpo dourado,
do sol de Ipanema.
O teu balançado é mais que um poema..."*

Anos finais da década de 60

Ele aparece na casa dela, em sua Lambretta, com um compacto simples embaixo do braço, ajeita a calça Lee e coloca na vitrola uma música papo-firme:

*"Nem mesmo o céu,
nem as estrelas,
nem mesmo o mar e o infinito
não é maior que o meu amor, nem mais bonito.
Me desespero a procurar alguma forma de lhe falar,
como é grande o meu amor por você..."*

Década de 70

Ele chega em seu fusca tala larga, sacode o cabelão, abre a porta pra mina entrar e bota uma melô joia no toca-fitas:

*"Foi assim, como ver o mar,
a primeira vez que
os meus olhos se viram no teu olhar...
Quando eu mergulhei no azul do mar,
sabia que era amor e vinha pra ficar..."*

Década de 80

Ele telefona pra ela e deixa rolar um:

*"Fonte de mel, nos olhos de gueixa,
Kabuki, máscara.
Choque entre o azul e o cacho de acácias,
Luz das acácias, você é mãe do sol.
Linda, mais que demais..."*

Década de 90

Ele liga pra ela e deixa gravada uma música na secretária-eletrônica:

*"Bem que se quis,
depois de tudo inda ser feliz.
Mas já não há caminhos pra voltar.
E o que é que a vida fez da nossa vida?
O que é que a gente não faz por amor?"*

Em 2001

Ele captura na Internet um batidão legal e manda pra ela por e-mail:

*"Tchutchuca!
Vem aqui com o teu Tigrão.
Vou te jogar na cama e te dar muita pressão!
Eu vou passar cerol na mão, vou sim, vou sim!
Eu vou te cortar na mão!
Vou sim, vou sim!
Vou aparar pela rabiola!
Vou sim, vou sim!"*

Redija um texto de caráter predominantemente narrativo em que o personagem apresenta uma canção relacionada a uma situação por ele vivida no seu cotidiano. Observações:

- caracterização de um personagem: quem é; como se apresenta;
- caracterização de tempo e de lugar;
- a escolha da canção não se restringe às canções exemplificadas acima.

Exemplo 11**O admirador secreto**

Era quinta-feira, quase cinco horas da tarde e Maria já esperava o telefone tocar. Quatro e cinquenta e nove... cinco horas!

— Alô! — falava ansiosa — no entanto, o máximo que ouvia era a mesma canção de todos os dias.

— "Você é linda, mais que demais, você é linda sim..."

Maria, apesar de estar cada vez mais envolvida com o tal admirador secreto, estava a ponto de surtar. Embora já estivesse apaixonada pelo seu galanteador misterioso, queria desvendar esse mistério.

Maria estudava no colégio Santa Cecília, que em todo Rio de Janeiro era conhecido por seu caráter tradicional e religioso. Dessa maneira, a busca da nossa romântica ficava comprometida, pelo menos, dentro do colégio.

Foi pensando nesses limites impostos pelo conservadorismo escolar (apesar da revolução comportamental dos anos 80), que Maria bolou um plano: ficaria depois da aula conversando com as amigas na praça em frente ao Santa Cecília e assim esperava dar oportunidade para seu admirador se aproximar.

O plano parecia estar dando certo, Maria observou que Carlos, que nunca ficava depois da aula, passou a ficar na praça com as meninas.

Entretanto, já havia passado uma semana que Maria colocava o plano em ação e mesmo assim, todos os dias, cinco horas da tarde, ela ouvia apenas a mesma canção. Foi quando, depois de mais duas semanas de espera, ela ao

atender o telefone não ouviu a canção, apenas uma baixa inspiração.

Maria não hesitou e se precipitou perguntando:

— Carlos?

Desligaram o telefone e nunca mais tornaram a ligar.

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

Proposta 1

O discurso da opinião pública acerca dos valores ético-morais quase sempre mostra uma repreensão de condutas consideradas erradas. Muitas vezes, porém, as próprias pessoas que recriminam “desvios de conduta” podem acabar se comportando de maneira “equivocada”, dependendo das circunstâncias.

Escreva uma narrativa em que um personagem se veja em uma situação-limite, que crie um dilema ético em sua mente. Imagine qual seria o desfecho desse dilema e explore as circunstâncias e sentimentos do personagem.

Seu texto deverá ter, aproximadamente, 25 linhas e um título criativo.

Proposta 2

Despedidas virtuais

No sábado passado, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, Xico Sá, Bebel Bertucci e eu comentamos os resultados de uma pesquisa, realizada pela Nokia, sobre a relação dos brasileiros com as ferramentas sociais da era digital.

Uma das perguntas da pesquisa dizia: “Você já terminou ou já terminaram um relacionamento com você via internet ou por mensagem de celular?”

Responderam positivamente 15% dos entrevistados. Já antes do debate, essa história de namoros terminados com uma mensagem virtual fez que eu fosse repetidamente consultado: o que achava desse horror tecnológico, hein? Pois é, tendo a considerar esse tipo de despedida virtual com uma certa simpatia.

1. Em geral, aceitamos que, para muitos homens e mulheres, seja mais fácil encontrar alguém no mundo virtual do que no mundo real. Entendemos, por exemplo, que, na hora de seduzir, os tímidos, retraídos, acanhados ou inibidos soltem mais facilmente os dedos no teclado do que a palavra num encontro cara a cara.

Nota: seria injusto contrapor os que preferem o virtual aos que preferem o real como se os primeiros fossem mentirosos e, os segundos, honestos e sinceros. Virtual ou real, o encontro inicial é quase sempre um jogo em que se trata de convencer o outro de que somos alguma coisa que nem nós acreditamos ser. Quem prefere teclar talvez se esconda graças à distância, mas quem prefere falar ao vivo não abre sua alma: apenas desprende a lábia.

2. Se aceitamos que o virtual facilite a abordagem e as primeiras trocas, por que não deixaríamos que o virtual facilite também as despedidas? De fato, o virtual permite que os tímidos, os retraídos etc. declarem sua vontade de se separar, e isso sem medo de encarar torneios verbais que eles perderiam e que produziram tentativas culpadas, penosas e infinitas de “reatar mais uma vez”.

3. No começo de uma relação amorosa, o virtual talvez sirva para mentir

melhor; no fim de um amor, ele pode ajudar a dizer a verdade, ou seja, a reconhecer, enfim, que uma relação está continuando apenas como mentira compartilhada.

4. Em média, a dificuldade em “encontrar alguém” não é maior do que a dificuldade em se separar quando uma relação não vale mais a pena.

5. Os tempos de solidão, durante a procura frustrada de um parceiro ou de uma parceira, são tão longos quanto os tempos de solidão de parceiros que vivem sem paixão, sem amizade e, às vezes, no rancor.

6. A insatisfação de quem procura um amor é esperançosa, enquanto a vida dos que não conseguem se separar é resignada.

7. Um SMS ou um e-mail de despedida podem surpreender quem os recebe, mas só como a revelação de algo que ele já sabia e, por alguma covardia, não confessava nem a si mesmo: ninguém termina virtualmente um amor que não esteja realmente morto.

8. Às vezes, sobretudo (mas não só) nas mulheres, a reação de quem recebe a mensagem de despedida é um pensamento delirante: o outro se separa de mim por SMS porque, se aparecesse na minha frente, ele teria que se render ao amor que ele ainda sente por mim (ele não sabe, mas eu sei que ele sente). Nesse caso, solve-se quem puder.

9. Toda separação é, no mínimo, a perda de um patrimônio comum de experiências e memórias. A dor dessa perda é frequentemente projetada no outro: digo que não posso ou não ousa me separar por e-mail ou SMS porque não quero machucar o outro, enquanto, de fato, é minha dor que quero evitar — com isso, eternizo o declínio da relação e o sofrimento do casal.

10. A convivência numa relação morta é um limbo confortável: para ambos, uma espécie de trégua do desejo. A separação apavora com a perspectiva de voltar a desejar. Antes de mandar um fatídico SMS, alguém hesita: “Vai ser difícil voltar à ativa com a minha idade” — e vai ser mesmo. Ou, então, pergunta: “E se eu ficar sozinho?”; resposta: “Mas você já está sozinho, há tempos.”

Moral da história. É bom tentar tudo o que der para que uma relação vingue. Quando ela não vinga (mais), é bom ousar se separar. E deveríamos agradecer os parceiros que nos mandam um SMS lacônico e brutal, “Valeu, beijão e sorte”. Pois, desprendendo-se, eles nos libertam e encurtam um processo no qual poderíamos perder anos da vida.

CALLIGARIS, Contardo. <http://contardocalligaris.blogspot.com/> (acessado em 11/11/10)

Considere a seguinte pergunta: O que você pensa acerca do término de relacionamentos via internet ou mensagem de celular?

Escolha uma das modalidades textuais a seguir:

A) Redija uma narrativa em que um personagem termina um relacionamento de forma virtual, mas que, por um ruído de comunicação, acaba não conseguindo atingir seu objetivo. Seu texto deverá ter cerca de 25 linhas.

B) Redija uma carta, endereçada ao autor do artigo acima, discordando de seu ponto de vista.

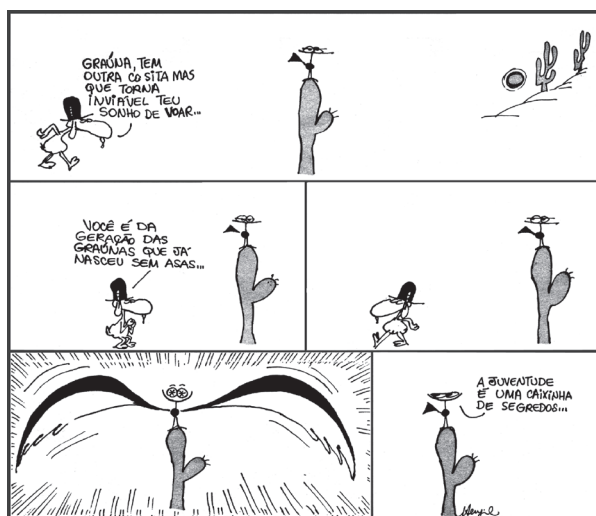
C) Redija um texto de opinião, defendendo sua opinião acerca da questão proposta.



**ENEM: TEMAS ANTERIORES
E REDAÇÕES EXEMPLARES**

PROVAS ANTERIORES

ENEM 99

HENFIL. *Fradim*. Ed. Codecri. 1997. n. 20

O encontro "Vem ser cidadão" reuniu 380 jovens de 13 Estados, em Faxinal do Céu (PR). Eles foram trocar experiências sobre o chamado **protagonismo juvenil**.

O termo pode até parecer feio, mas essas duas palavras significam que o jovem não precisa de adulto para encontrar o seu lugar e a sua forma de intervir na sociedade. Ele pode ser protagonista.

([Adaptado de] "Para quem se revolta e quer agir", Folha de S. Paulo, 16/11/1998)

Depoimentos de jovens participantes do encontro:

- *Eu não sinto vergonha de ser brasileiro. Eu sinto muito orgulho. Mas eu sinto vergonha por existirem muitas pessoas acomodadas. A realidade está nua e crua. (...) Tem de parar com o comodismo. Não dá para passar e ver uma criança na rua e achar que não é problema seu.*

(E.M.O.S., 18 anos, Minas Gerais)

- A maior dica é querer fazer. Se você é acomodado, fica esperando cair no colo, não vai acontecer nada. Existe muita coisa para fazer. Mas primeiro você precisa se interessar.

(C.S.Jr., 16 anos, Paraná)

- Ser cidadão não é só conhecer os seus direitos. É participar, ser dinâmico na sua escola, no seu bairro.

(H.A., 19 anos, Amazonas)

(Depoimentos extraídos de "Para quem se revolta e quer agir", Folha de S. Paulo, 16/11/1998)

Com base na leitura dos quadrinhos e depoimentos, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema: **Cidadania e participação social.**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Depois de selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de seu ponto de vista, elabore uma proposta de ação social.

A redação deverá ser apresentada à tinta na cor azul ou preta e desenvolvida na folha grampeada ao Cartão-Resposta. Você poderá utilizar a última página deste Caderno de Questões para rascunho.

ENEM 2000



(Angeli, Folha de S. Paulo , 14.05.2000)

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.

(Artigo 227, Constituição da República Federativa do Brasil.)

(...) Esquina da Avenida Desembargador Santos Neves com Rua José Teixeira, na Praia do Canto, área nobre de Vitória. A.J., 13 anos, morador de Cariacica, tenta ganhar algum trocado vendendo balas para os motoristas. (...)

"Venho para a rua desde os 12 anos. Não gosto de trabalhar aqui, mas não tem outro jeito. Quero ser mecânico".

(A Gazeta, Vitória (ES), 9 de junho de 2000.)

Entender a infância marginal significa entender porque um menino vai para a rua e não à escola. Essa é, em essência, a diferença entre o garoto que está dentro do carro, de vidros fechados, e aquele que se aproxima do carro para vender chiclete ou pedir esmola. E essa é a diferença entre um país desenvolvido e um país de Terceiro Mundo.

(Gilberto Dimenstein. *O cidadão de papel*. São Paulo. Ática. 2000. 19ª. edição.)

Com base na leitura da charge, do artigo da Constituição, do depoimento de A.J. e do trecho do livro *O cidadão de papel*, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema: **Direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional?**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.
- Espera-se que o seu texto tenha mais do que 15 (quinze) linhas.
- A redação deverá ser apresentada à tinta na cor preta e desenvolvida na folha própria.
- Você poderá utilizar a última folha deste Caderno de Questões para rascunho.

ENEM 2001



(Caulos, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1978.)

Conter a destruição das florestas se tornou uma prioridade mundial, e não apenas um problema brasileiro. (...) Restam hoje, em todo o planeta, apenas 22% da cobertura florestal original. A Europa Ocidental perdeu 99,7% de suas florestas primárias; a Ásia, 94%; a África, 92%; a Oceania, 78%; a América do

Norte, 66%; e a América do Sul, 54%. Cerca de 45% das florestas tropicais, que cobriam originalmente 14 milhões de km quadrados (1,4 bilhão de hectares), desapareceram nas últimas décadas. No caso da Amazônia Brasileira, o desmatamento da região, que até 1970 era de apenas 1%, saltou para quase 15% em 1999. Uma área do tamanho da França desmatada em apenas 30 anos. Chega.

(Paulo Adário, Coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace. <http://greenpeace.terra.com.br>)



Embora os países do Hemisfério Norte possuam apenas um quinto da população do planeta, eles detêm quatro quintos dos rendimentos mundiais e consomem 70% da energia, 75% dos metais e 85% da produção de madeira mundial. (...)

Conta-se que Mahatma Gandhi, ao ser perguntado se, depois da independência, a Índia perseguiria o estilo de vida britânico, teria respondido: "(...) a Grã-Bretanha precisou de metade dos recursos do planeta para alcançar sua prosperidade; quantos planetas não seriam necessários para que um país como a Índia alcançasse o mesmo patamar?"

A sabedoria de Gandhi indicava que os modelos de desenvolvimento precisam mudar.

(O planeta é um problema pessoal - Desenvolvimento sustentável. www.wwf.org.br)

De uma coisa temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado.

O que fere a terra, fere também os filhos da terra. O homem não tece a teia da vida; é antes um de seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Trecho de uma das várias versões de carta atribuída ao chefe Seattle, da tribo Suquamish. A carta teria sido endereçada ao presidente norte-americano, Franklin Pierce, em 1854, a propósito de uma oferta de compra do território da tribo feita pelo governo dos Estados Unidos.

(PINSKY, Jaime e outros (Org.). *História da América através de textos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.)

Estou indignado com a frase do presidente dos Estados Unidos, George Bush.

"Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais para evitar uma recessão na economia americana".

(R. K., Ourinhos, SP. (Carta enviada à seção Correio da Revista Galileu. Ano 10, junho de 2001).)

Com base na leitura dos quadrinhos e dos textos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender o seu ponto de vista, elaborando

propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.

Observações:

Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua.

- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser apresentada à tinta e desenvolvida na folha própria.
- O rascunho poderá ser feito na última página deste Caderno.

ENEM 2002



Comício pelas Diretas Já, em São Paulo, 1984.

Para que existam hoje os direitos políticos, o direito de votar e ser votado, de escolher seus governantes e representantes, a sociedade lutou muito.

(www.iarabernardi.gov.br. 01/03/02.)

A política foi inventada pelos humanos como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total, em uso da força e extermínio recíproco. (...)

A política foi inventada como o modo pelo qual a sociedade, internamente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou reiterar ações que dizem respeito a todos os seus membros.

(Marilena Chauí. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1994.)

A democracia é subversiva. É subversiva no sentido mais radical da palavra.

Em relação à perspectiva política, a razão da preferência pela democracia reside no fato de ser ela o principal remédio contra o abuso do poder. Uma das formas (não a única) é o controle pelo voto popular que o método democrático permite pôr em prática. Vox populi vox dei.

(Norberto Bobbio. Qual socialismo? Discussão de uma alternativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Texto adaptado.)

Se você tem mais de 18 anos, vai ter de votar nas próximas eleições. Se você tem 16 ou 17 anos, pode votar ou não.

O mundo exige dos jovens que se arrisquem. Que alucinem. Que se metam onde não são chamados. Que sejam encrenqueiros e barulhentos. Que, enfim, exijam o impossível.

Resta construir o mundo do amanhã. Parte desse trabalho é votar. Não só cumprir uma obrigação. Tem de votar com hormônios, com ambição, com sangue fervendo nas veias. Para impor aos vitoriosos suas exigências — antes e principalmente depois das eleições.

(André Forastieri. Muito além do voto. Época. 6 de maio de 2002.)

Considerando a foto e os textos apresentados, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?**

Ao desenvolver o tema, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação.

Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões, e elabore propostas para defender seu ponto de vista.

Observações:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser apresentada à tinta e desenvolvida na folha própria.
- O rascunho poderá ser feito na última página deste Caderno.

ENEM 2003

Para desenvolver o tema da redação, observe o quadro e leia os textos apresentados a seguir:



(Época, 02.06.03)

Entender a violência, entre outras coisas, como fruto de nossa horrenda desigualdade social, não nos leva a desculpar os criminosos, mas poderia ajudar a decidir que tipo de investimentos o Estado deve fazer para enfrentar o problema:

incrementar violência por meio da repressão ou tomar medidas para sanear alguns problemas sociais gravíssimos?

(Maria Rita Kehl. Folha de S. Paulo)

Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de legitimar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão de mundo que nos é transmitida. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto.

Penso que a questão crucial, no momento, não é a de saber o que deu origem ao jogo da violência, mas a de saber como parar um jogo que a maioria, coagida ou não, começa a querer continuar jogando.

(Adaptado de Jurandir Costa. O medo social.)

Considerando a leitura do quadro e dos textos, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **A violência na sociedade brasileira: como mudar as regras desse jogo?**

Observações:

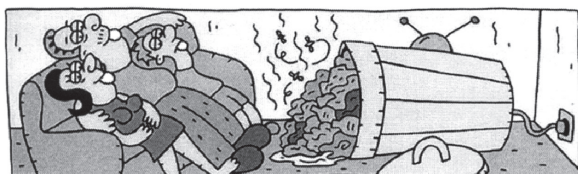
- Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, elaborando propostas para a solução do problema discutido em seu texto. Suas propostas devem demonstrar respeito aos direitos humanos.

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.

- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou de narrativa.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser apresentada à tinta e desenvolvida na folha própria.
- O rascunho poderá ser feito na última folha deste Caderno.

ENEM 2004

Leia com atenção os seguintes textos:



(Coco Galhardo. 2001.)

Os programas sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes que aparecem nas delegacias como suspeitos de pequenos crimes. Ali, são entrevistados por intimidação. As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação de famílias de baixíssima renda que não sabem direito o que se passa: um parente é suspeito

de estupro, ou o vizinho acaba de ser preso por tráfico, ou o primo morreu no massacre de fim de semana no bar da esquina. A polícia chega atirando; a mídia chega filmando.

(Eugênio Bucci. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.)

Quem fiscaliza [a imprensa]? Trata-se de tema complexo porque remete para a questão da responsabilidade não só das empresas de comunicação como também dos jornalistas. Alguns países, como a Suécia e a Grã-Bretanha, vêm há anos tentando resolver o problema da responsabilidade do jornalismo por meio de mecanismos que incentivam a autorregulação da mídia.

(<http://www.eticanatv.org.br> Acesso em 30/05/2004.)

No Brasil, entre outras organizações, existe o **Observatório da Imprensa** — entidade civil, não governamental e não partidária —, que pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira. Em sua página eletrônica, lê-se:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos na Constituição Federal, o que pressupõe contrapartidas em deveres e responsabilidades sociais.

(<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br> (adaptado))

Incisos do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988:

IX — é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X — são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Com base nas ideias presentes nos textos acima, redija uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema: **Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?**

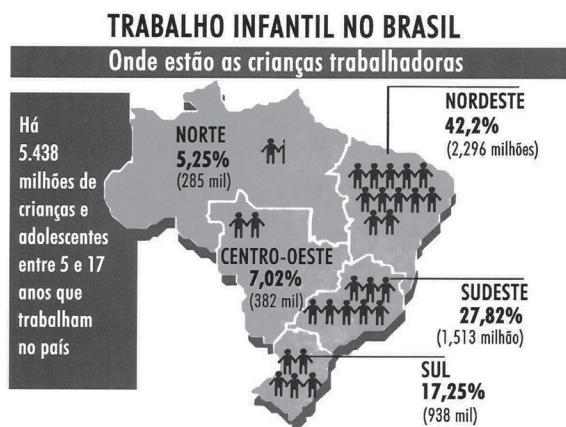
Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deverá ser apresentada à tinta e desenvolvida na folha própria.
- O rascunho poderá ser feito na última folha deste Caderno.

ENEM 2005

Leia com atenção os seguintes textos:



(O Globo. Megazine, 11/05/2004.)

“A crueldade do trabalho infantil é um pecado social grave em nosso País. A dignidade de milhões de crianças brasileiras está sendo roubada diante do desrespeito aos direitos humanos fundamentais que não lhes são reconhecidos: por culpa do poder público, quando não atua de forma prioritária e efetiva, e por culpa da família e da sociedade, quando se omitem diante do problema ou quando simplesmente o ignoram em decorrência da postura individualista que caracteriza os regimes sociais e políticos do capitalismo contemporâneo, sem pátria e sem conteúdo ético.”

(Xisto T. de Medeiros Neto. *A crueldade do trabalho infantil*. Diário de Natal. 21/10/2000.)

“Submetidas aos constrangimentos da miséria e da falta de alternativas de integração social, as famílias optam por preservar a integridade moral dos filhos, inculcando-lhes valores, tais como a dignidade, a honestidade e a honra do trabalhador. Há um investimento no caráter moralizador e disciplinador do trabalho, como tentativa de evitar que os filhos se incorporem aos grupos de jovens marginais e delinquentes, ameaça que parece estar cada vez mais próxima das portas das casas.”

(Joel B. Marin. *O trabalho infantil na agricultura moderna*. www.proec.ufg.br.)

“Art. 4º. — É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”

(Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.)

Com base nas ideias presentes nos textos acima, redija uma dissertação sobre o tema: **O trabalho infantil na realidade brasileira.**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deve ser desenvolvida na folha própria e apresentada à tinta.
- O rascunho pode ser feito na última folha deste Caderno.

ENEM 2006

Uma vez que nos tomamos leitores da palavra, invariavelmente estaremos lendo o mundo sob a influência dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavra permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, simbiótico, entre realidade e ficção.

Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letrados, números faz com que passemos a olhar, a questionar, a buscar decifrar o desconhecido. Antes mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia: um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto.

São muitas as razões para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significado ao que lê.

(Inajá Martins de Almeida. *O ato de ler*. Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações))

Minha mãe muito cedo me introduziu aos livros. Embora nos faltassem móveis e roupas, livros não poderiam faltar. E estava absolutamente certa. Entrei na universidade e tornei-me escritor. Posso garantir: todo escritor é, antes de tudo, um leitor.

(Moacyr Scliar. *O poder das letras*. In: TAM Magazine, jul./2006, p. 70.)

Existem inúmeros universos coexistindo com o nosso, neste exato instante, e todos bem perto de nós. Eles são bidimensionais e, em geral, neles imperam o branco e o negro.

Estes universos bidimensionais que nos rodeiam guardam surpresas incríveis e inimagináveis! Viajamos instantaneamente aos mais remotos pontos da Terra ou do Universo; ficamos sabendo os segredos mais ocultos de vidas humanas e da natureza; atravessamos eras num piscar de olhos; conhecemos civilizações desaparecidas e outras que nunca foram vistas por olhos humanos.

Estou falando dos universos a que chamamos de livros. Por uns poucos reais podemos nos transportar a esses universos e sair deles muito mais ricos do que quando entramos.

(Internet: <www.amigosdolivro.com.br> (com adaptações).)

Considerando que os textos acima têm caráter apenas motivador, redija um texto dissertativo a respeito do seguinte tema: **O poder de transformação da leitura.**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deve ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.
- A redação deve ser desenvolvida na folha própria e apresentada à tinta.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.

ENEM 2007**Ninguém = Ninguém**

Há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há tanta gente pelas ruas
há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente sinta
(se é que sente) a mesma indiferença
há tantos quadros na parede
há tantas formas de se ver o mesmo quadro
há palavras que nunca são ditas
há muitas vozes repetindo a mesma frase
(ninguém = ninguém)
me espanta que tanta gente minta
(descaradamente) a mesma mentira
todos iguais, todos iguais
mas uns mais iguais que os outros

(Engenheiros do Hawaii)

Uns Iguais Aos Outros

Os homens são todos iguais
(...)
Branco, pretos e orientais
Todos são filhos de Deus
(...)
Kaiowas contra xavantes
Árabes, turcos e iraquianos
São iguais os seres humanos
São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros
Americanos contra latinos
Já nascem mortos os nordestinos
Os retirantes e os jagunços
O sertão é do tamanho do mundo
Dessa vida nada se leva
Nesse mundo se ajoelha e se reza
Não importa que língua se fala
Aquilo que une é o que separa

*Não julgue pra não ser julgado**(...)**Tanto faz a cor que se herda**(...)**Todos os homens são iguais**São uns iguais aos outros, são uns iguais aos outros*

(Titãs)

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

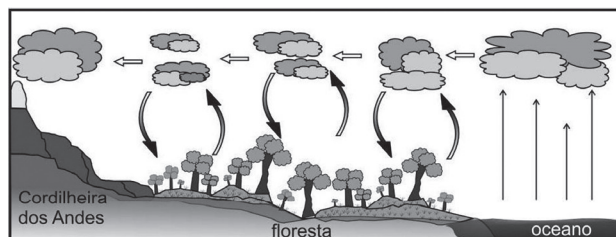
(UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.)

Todos reconhecem a riqueza da diversidade no planeta. Mil aromas, cores, sabores, texturas, sons encantam as pessoas no mundo todo; nem todas, entretanto, conseguem conviver com as diferenças individuais e culturais. Nesse sentido, ser diferente já não parece tão encantador. Considerando os textos acima como motivadores, redija um texto dissertativo-argumentativo a respeito do seguinte tema: **O desafio de se conviver com a diferença**

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita à tinta.

ENEM 2008

Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia elétrica no Brasil.

À época em que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua conclusão foi irrefutável: a Amazônia produz a parte maior da sua própria chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico.

Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, em Mato Grosso, São Paulo e até mesmo ao norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o sul. Boa parte da cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração de energia hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

(T. Lovejoy e G. Rodrigues. *A máquina de chuva da Amazônia*. Folha de S. Paulo. 25/7/2007 (com adaptações))

O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a “máquina de chuva da Amazônia”. Suponha que, para manter essa “máquina de chuva” funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1. Suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;
2. Efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;
3. Aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não autorizados.

Escolha uma dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida.

Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação.

Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

ENEM 2009

Com base na leitura dos textos seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O indivíduo frente à ética nacional**, apresentando proposta de ação social, que respeite os direitos

humanos. Selecione, organize e relacione coerentemente argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Millôr Fernandes. (Disponível em <http://www2.uol.com.br/millor>. Acesso em 14 jul. 2009.)

Andamos demais acomodados, todo mundo reclamando em voz baixa como se fosse errado indignar-se.

Sem ufanismo, porque dele estou cansada, sem dizer que este é um país rico, de gente boa e cordata, com natureza (a que sobrou) belíssima e generosa, sem fantasiar nem botar óculos cor-de-rosa, que o momento não permite, eu me pergunto o que anda acontecendo com a gente.

Tenho medo disso que nos tornamos ou em que estamos nos transformando, achando bonita a ignorância eloquente, engraçado o cinismo bem-vestido, interessante o banditismo arrojado, normal o abismo em cuja beira nos equilibramos — não malabaristas, mas palhaços.

(LUFT, L. Ponto de vista. Veja. Ed. 1998, 27 dez. 2006 (adaptado).)

Qual é o efeito em nós do “eles são todos corruptos”?

As denúncias que assolam nosso cotidiano podem dar lugar a uma vontade de transformar o mundo só se nossa indignação não afeta o mundo inteiro. “Eles são **TODOS** corruptos” é um pensamento que serve apenas para “confirmar” a “integridade” de quem se indigna.

O lugar comum sobre a corrupção generalizada não é uma armadilha para os corruptos: eles continuam iguais e livres, enquanto, fechados em casa, festejamos nossa esplendorosa retidão.

O dito lugar-comum é uma armadilha que amarra e imobiliza os mesmos que denunciam a imperfeição do mundo inteiro.

(CALLIGARIS, C. *A armadilha da corrupção*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br> (adaptado).)

ENEM 2010

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Trabalho na Construção da Dignidade Humana**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O que é trabalho escravo

Escravidão contemporânea é o trabalho degradante que envolve cerceamento da liberdade. A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, representou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre a outra, acabando com a possibilidade de possuir legalmente um escravo no Brasil. No entanto, persistiram situações que mantêm o trabalhador sem possibilidade de se desligar de seus patrões. Há fazendeiros que, para realizar derrubadas de matas nativas para formação de pastos, produzir carvão para a indústria siderúrgica, preparar o solo para plantio de sementes, entre outras atividades agropecuárias, contratam mão de obra utilizando os contratadores de empreitada, os chamados “gatos”. Eles aliciam os trabalhadores, servindo de fachada para que os fazendeiros não sejam responsabilizados pelo crime.

Trabalho escravo se configura pelo trabalho degradante aliado ao cerceamento da liberdade. Este segundo fator nem sempre é visível, uma vez que não mais se utilizam correntes para prender o homem à terra, mas sim ameaças físicas, terror psicológico ou mesmo as grandes distâncias que separam a propriedade da cidade mais próxima.

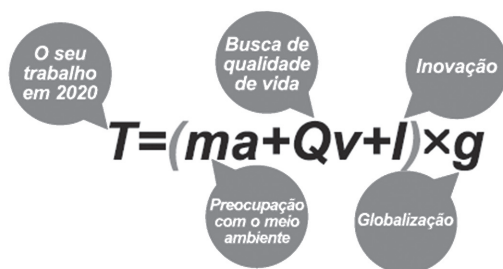
(Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 02 set. 2010 (fragmento).)

O futuro do trabalho

Esqueça os escritórios, os salários fixos e a aposentadoria. Em 2020, você trabalhará em casa, seu chefe terá menos de 30 anos e será uma mulher.

Felizmente, nunca houve tantas ferramentas disponíveis para mudar o modo como trabalhamos e, conseqüentemente, como vivemos.

E as transformações estão acontecendo. A crise despedaçou companhias gigantes tidas até então como modelos de administração. Em vez de grandes conglomerados, o futuro será povoado de empresas menores reunidas em torno de projetos em comum. Os próximos anos também vão consolidar mudanças que vêm acontecendo há algum tempo: a busca pela qualidade de vida, a preocupação com o meio ambiente, e a vontade de nos realizarmos como pessoas também em nossos trabalhos. “Falamos tanto em desperdício de recursos naturais e energia, mas e quanto ao desperdício do talento?”, diz o filósofo e ensaísta suíço Alain de Botton em seu novo livro *The Pleasures and Sorrows of Work* (Os prazeres e as dores do trabalho, ainda inédito no Brasil).



Instruções:

- Seu texto tem de ser escrito **à tinta, na folha própria**.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.

- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O texto deve ter, no máximo, **30 linhas**.
- O **rascunho** da redação deve ser feito no espaço apropriado.

ENEM 2011

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Viver em Rede no Século XXI: os Limites entre o Público e o Privado**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Liberdade sem fio

A ONU acaba de declarar o acesso à rede um direito fundamental do ser humano — assim como saúde, moradia e educação. No mundo todo, pessoas começam a abrir seus sinais privados de wifi, organizações e governos se mobilizam para expandir a rede para espaços públicos e regiões onde ela ainda não chega, com acesso livre e gratuito.

(ROSA, G.; SANTOS, P. Galileu. N° 240, jul. 2011 (fragmento).)

A internet tem ouvidos e memória

Uma pesquisa da consultoria Forrester Research revela que, nos Estados Unidos, a população já passou mais tempo conectada à internet do que em frente à televisão. Os hábitos estão mudando. No Brasil, as pessoas já gastam cerca de 20% de seu tempo on-line em redes sociais. A grande maioria dos internautas (72%, de acordo com o Ibope Mídia) pretende criar, acessar e manter um perfil em rede, “faz parte de própria socialização do século XXI estar numa rede social. Não estar equivale a não ter uma identidade ou um número de telefone no passado”, acredita Alessandro Barbosa Lima, CEO da e.Life, empresa de monitoração e análise de mídias.

As redes sociais são ótimas para disseminar ideias, tornar alguém popular e também arruinar reputações. Um dos maiores desafios dos usuários de internet é saber ponderar o que se publica nela. Especialistas recomendam que não se deve publicar o que não se fala em público, pois a internet é um ambiente social e, ao contrário do que se pensa, a rede não acoberta anonimato, uma vez que mesmo quem se esconde atrás de um pseudônimo pode ser rastreado e identificado. Aqueles que, por impulso, se exaltam e cometem gafes podem pagar caro.

(Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2011 (adaptado).)



(DAHMER, A. Disponível em: <http://malvados.wordpress.com>. Acesso em: 30 jun. 2011.)

INSTRUÇÕES:

- Seu texto tem de ser escrito **à tinta**, na **folha própria**.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O texto deve ter, no máximo, **30 linhas**.
- O **rascunho** da redação deve ser feito no espaço apropriado.

ENEM 2012

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O Movimento Imigratório para o Brasil no Século XXI**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Ao desembarcar no Brasil, os imigrantes trouxeram muito mais do que o anseio de refazer suas vidas trabalhando nas lavouras de café e no início da indústria paulista. Nos séculos XIX e XX, os representantes de mais de 70 nacionalidades e etnias chegaram com o sonho de “fazer a América” e acabaram por contribuir expressivamente para a história do país e para a cultura brasileira. Deles, o Brasil herdou sobrenomes, sotaques, costumes, comidas e vestimentas.

A história da migração humana não deve ser encarada como uma questão relacionada exclusivamente ao passado; há a necessidade de tratar sobre deslocamentos mais recentes.

(Disponível em: <http://www.museudaimigracao.org.br>. Acesso em: 19 jul. 2012 (adaptado).)

Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti



(Disponível em: <http://mg1.com.br>. Acesso em: 19 jul. 2012.)

Nos últimos três dias de 2011, uma leva de 500 haitianos entrou ilegalmente no Brasil pelo Acre, elevando para 1.400 a quantidade de imigrantes daquele país no município de Brasileira (AC). Segundo o secretário-adjunto de Justiça e Direitos Humanos, do Acre, José Henrique Corinto, os haitianos ocuparam a praça da cidade. A Defesa Civil do estado enviou galões de água potável e alimentos, mas ainda não providenciou abrigo.

A imigração ocorre porque o Haiti ainda não se recuperou dos estragos causados pelo terremoto de janeiro de 2010. O primeiro grande grupo de haitianos chegou a Brasileira no dia 14 de janeiro de 2011. Desde então, a entrada ilegal continua, mas eles não são expulsos: obtêm visto humanitário e conseguem tirar carteira de trabalho e CPF para morar e trabalhar no Brasil.

Segundo Corinto, ao contrário do que se imagina, não são haitianos miseráveis que buscam o Brasil para viver, mas pessoas da classe média do Haiti e profissionais qualificados, como engenheiros, professores, advogados, pedreiros, mestres de obras e carpinteiros. Porém, a maioria chega sem dinheiro.

Os brasileiros sempre criticaram a forma como os países europeus tratavam os imigrantes. Agora, chegou a nossa vez - afirma Corinto.

(Disponível em: <http://www.dpf.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2012 (adaptado).)

Trilha da Costura

Os imigrantes bolivianos, pelo último censo, são mais de 3 milhões, com população de aproximadamente 9,119 milhões de pessoas. A Bolívia em termos de IDH ocupa a posição de 114º de acordo com os parâmetros estabelecidos pela ONU. O país está no centro da América do Sul e é o mais pobre, sendo 70% da população considerada miserável. Os principais países para onde os bolivianos imigrantes dirigem-se são: Argentina, Brasil, Espanha e Estados Unidos.

Assim sendo, este é o quadro social em que se encontra a maioria da população da Bolívia, estes dados já demonstram que as motivações do fluxo de imigração não são políticas, mas econômicas. Como a maioria da população tem baixa qualificação, os trabalhos artesanais, culturais, de campo e de costura são os de mais fácil acesso.

(OLIVEIRA, R.T. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2012 (adaptado).)

Instruções:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito **à tinta**, na **folha própria**, em até **30 linhas**.
- A redação com até 7 (sete) linhas escritas será considerada “insuficiente” e receberá nota zero.
- A redação que fugir ao tema ou que não atender ao tipo **dissertativo-argumentativo** receberá nota zero.
- A redação que apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos receberá nota zero.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

ENEM 2013

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“Efeitos da implantação de lei seca no Brasil”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Qual o objetivo da “lei seca ao volante”?

De acordo com a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), a utilização de bebidas alcoólicas é responsável por 30% dos acidentes de trânsito. E metade das mortes, segundo o Ministério da saúde, está relacionada ao uso do álcool por motoristas. Diante deste cenário preocupante, a Lei 11.705/2008 surgiu com uma enorme missão: alertar a sociedade para os perigos do álcool associado à direção.

Para estancar a tendência de crescimento de mortes no trânsito, era necessária uma ação energética. E coube ao Governo Federal o primeiro passo, desde a proposta da nova legislação à aquisição de milhares de etilômetros. Mas para que todos ganhem, é indispensável a participação de estados, municípios e sociedade em geral. Porque para atingir o bem comum, o desafio deve ser de todos.

(Disponível em : www.dprf.gov.br. Acesso em: 20 jun. 2013)



(www.brasil.gov.br. Acesso em: 20 jun. 2013)



(www.operacaoleisecarj.rj.gov.br. Acesso em: 20 jun. 2013).

Repulsão magnética a beber e dirigir

A lei da física que comprova dois polos opostos se atraem em um campo magnético é um dos conceitos mais populares desse ramo de conhecimento. Tulipas de chope e bolachas de papelão não servem, em condições normais, como objeto de experimento para confirmar essa proposta. A ideia de uma agência de comunicação em Belo Horizonte foi bem simples. Ímãs foram inseridos em bolachas utilizadas para descansar os copos, de forma imperceptível para o consumidor. Em cada lado, há uma opção para o cliente dirigir ou chamar um táxi depois de beber. Ao mesmo tempo, tulipas de chope também receberam pequenos pedaços de metal mascarados com uma pequena rodela de papel na base do copo. Durante um fim de semana, todas as bebidas servidas passaram a pregar uma peça no cliente. Ao tentar descansar seu copo com a opção dirigir virada para cima, os ímãs apresentavam a mesma polaridade e, portanto, causando repulsão, fazendo com que o descanso fugisse do copo; se estivesse virada mostrando o lado com o desenho de um táxi, ela rapidamente grudava na base do copo. A ideia surgiu da necessidade de passar a mensagem de uma forma leve e no exato momento do consumo.

REDAÇÕES EXEMPLARES:

Redação 1

Tema: “Desenvolvimento e preservação ambiental: como conciliar os interesses em conflito?” (Enem 2001)

Neodarwinismo

Em prol da sobrevivência, há milhares de anos, a caça e a pesca eram praticadas pelo homem. Hoje, em nome do Neoliberalismo, na atual conjuntura de perda dos sentimentos holísticos, desmatamos e poluímos a natureza na incessante busca do lucro, em detrimento do bem-estar da humanidade. Todavia, o homem parece ter esquecido que a natureza não é apenas mais um instrumento de alcance do desenvolvimento, mas a garantia de que é possível alcançá-lo.

Primeiramente, é importante ressaltar o papel do meio-ambiente para o desenvolvimento econômico de uma sociedade. É notório que a extração de recursos minerais e de combustíveis fósseis é fundamental para a atração de indústrias e consequentemente para a solidez do setor produtivo da economia. No entanto, o uso indiscriminado desses bens naturais pela grande maioria das empresas não pode mais continuar. Cabe aos governantes e à própria população exigirem das mesmas a aplicação de parte do lucro obtido na manutenção de suas áreas de exploração e não permitir o “nomadismo” dessas indústrias.

Nesse sentido, vale lembrar que os poderes político e econômico encontram-se intimamente ligados em uma relação desarmônica, que favorece o capital em detrimento do planeta em que vivemos. De fato, percebe-se que na atual conjuntura excludente, o poder do Estado Mínimo é medido de acordo com sua capacidade de atrair investimentos. Um exemplo disso é o grande número de incentivos fiscais e leis ambientais brandas adotados pela maioria dos países periféricos buscando atrair as indústrias dos países poluídos centrais. Enquanto isso, a população per-

maneja alienada e inerte, não exigindo a prática da democracia, que deveria atuar para o povo e não para os grupos neoliberais.

Além disso, cumpre questionar o papel da sociedade nesse paradoxo desenvolvimento-destruição ambiental. É fato que a maioria da população se mantém à margem das questões ambientais, por absorver, erroneamente, a falácia de que a tecnologia pode substituir a natureza. Desse modo, os consumidores tecnológicos passam a exigir mais do setor produtivo, que, por sua vez, passa a exaurir o meio ambiente. Estabelece-se, assim, um círculo vicioso que tem como elo principal um bem finito, que, se quebrado, terá consequências desconhecidas e catastróficas para a humanidade.

Torna-se evidente, portanto, que o que vem ocorrendo na humanidade é apenas uma sucessão de conquistas e avanços na área tecnológica. O real desenvolvimento só será alcançado quando o homem utilizar a natureza de forma responsável e inteligente. Para tanto, é preciso que sejam criados mecanismos eficazes de fiscalização, sejam eles governamentais ou não. Além disso, deve haver por parte da mídia maior divulgação das questões ambientais, para que a população possa se mobilizar e agir exercendo seus direitos. Assim, estaremos de acordo com a teoria da seleção natural, em que o meio seleciona os mais aptos e não o contrário.

Redação 2

Tema: “O direito de votar: como fazer dessa conquista um meio para promover as transformações sociais de que o Brasil necessita?” (Enem 2002)

A equação da democracia

Comícios estudantis. Diretas já! “Caras-pintadas.” O que se percebe de comum nesses movimentos é a maciça participação do público jovem. A luta para adquirir a liberdade e os direitos políticos foi muito bem representada, mas será que acabou? É preciso alertar a sociedade de que somente com o esforço comum e o ímpeto de bravura de nossos jovens poderemos concretizar a conquista alcançada, e verdadeiramente promover as transformações sociais de que o país necessita.

O direito de escolher, por eleições diretas, o próprio governante representou uma grande vitória no quadro político-social do Brasil. O movimento das Diretas Já foi o primeiro passo, e apesar de não ter alcançado de imediato seu objetivo, conseguiu acender na sociedade uma chama muito forte: a da necessidade de busca pela participação política a reivindicação de melhorias sociais.

Nessa perspectiva, o que se observa é que o voto é um instrumento muito valioso que foi dado ao eleitor brasileiro. É a nítida certeza de que algo pode ser mudado se as pessoas buscarem sua própria consciência política. Seria, no entanto, utópico pensar em conscientização se antes não for dada ao povo a noção dos seus próprios direitos. É necessário implantar nas instituições educacionais disciplinas que promovam justamente o ensino da cidadania, dos deveres e direitos, de como lutar, de forma inteligente, por melhores condições sociais, políticas, econômicas e até afetivas.

Diante de um povo mais consciente de sua significância na política nacional, a inércia e a imparcialidade da sociedade serão deixadas de lado. Com a promoção

de tais mudanças, o povo estará mais alerta para escolher seus candidatos e exigir, tanto antes quanto depois das eleições, a realização das promessas feitas durante o período eleitoral. A população não ficará mais míope, e conseguirá enxergar que a luta pelo interesse comum deve complementar as vontades pessoais e partidárias, e que a participação popular, no voto e nos projetos, é de extrema necessidade e grandiosa responsabilidade.

O ensino dos direitos políticos, portanto, torna-se uma disciplina indispensável na educação do cidadão brasileiro. Educar baseando-se na equação “conteúdo+conscientização” irá, com toda certeza, promover o enriquecimento do quadro histórico nacional. Caso mudanças como essa sejam alcançadas, e se tornar uma nova conquista, assim como o direito de votar foi, não haverá mais dúvida quanto ao voto ser facultativo ou obrigatório. Surgirá uma nova perspectiva de prosperidade dentro da sociedade, a participação será em massa e homogênea, e o povo realmente entenderá o verdadeiro significado da palavra democracia.

Redação 3

Tema: “A violência na sociedade brasileira: como mudar as regras desse jogo?” (Enem 2003)

As faces da violência no Brasil

Muito se tem discutido acerca da violência que aflige a sociedade brasileira de um modo geral. Antes vista como característica dos grandes conglomerados urbanos, hoje ela se faz presente no cotidiano de cada cidadão e se manifesta de diversas formas, desde a física até a moral. Todavia, a sociedade tem encontrado vários entraves no caminho rumo à solução deste panorama, barreiras estas impostas por um modo de pensar determinista e, muitas vezes, preconceituoso.

De fato, muitos acreditam ser a violência fruto da profunda desigualdade social de nosso país e baseiam seu pensamento em um sofisma simplista, afirmando que o pobre pratica a violência por ser privado do atendimento de suas necessidades mais básicas. Nesse sentido, eles desculpam grande parte da sociedade pelo problema e partem de uma premissa, que, se verdadeira, faria de todos os miseráveis brasileiros pessoas violentas em potencial. Atrair a problemática da violência ao estado de pobreza e miséria é dizer que ela é característica de uma única fatia da população e negar seu cunho cultural tão profundo.

Verdade é que a violência é tão presente em nosso dia a dia que já não apresenta uma face definida, e já não somos capazes de identificá-la tão facilmente. A mídia tem contribuído, nesse sentido, com sua banalização, visto que divulga produções artísticas em geral, nas quais o “bem” vence o “mal” por meio de batalha física. Vence quem for mais forte fisicamente, aquele que melhor saiba utilizar a força como forma de alcançar a vitória. Deste modo, passamos a ver a violência como forma de resolver conflitos, mesmo que o façamos inconscientemente, e passamos a ignorar a importância do diálogo e do debate civilizado.

Pode-se, portanto, afirmar que a solução do problema não é de fácil alcance, visto que envolve questões ideológicas e culturais muito arraigadas no pensamento da sociedade. Contudo, uma medida eficiente seria a aplicação de penas mais rígidas para quem fizesse uso da violência em qualquer uma das formas que ela é

capaz de assumir, devido ao fato de que a impunidade encoraja, muitas vezes, a prática de atos violentos. Outra solução seria difundir, ainda nas escolas, a importância do diálogo e as implicações da violência, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes quanto ao assunto.

Tudo isso, no entanto, não será verdadeiramente eficaz enquanto a sociedade encarar a violência com determinismos e preconceitos, mesmo sabendo que é difícil não nos rendermos à facilidade de culpar a pobreza e assumirmos uma visão simplista do assunto, assim como é difícil identificarmos com clareza aquilo que nos leva a agir de forma violenta muitas vezes. Somente se adotarmos uma postura realmente objetiva seremos capazes de encontrar soluções práticas e funcionais. O problema da violência no Brasil se faz ainda mais urgente, pois o capital utilizado em seu combate poderia ser utilizado para suprir as necessidades da população. Enquanto não conseguirmos resolver este quadro, o país continuará sofrendo com a violência da fome, da miséria, da falta de educação e da insalubridade; violências ainda mais marcantes.

Redação 4

Tema: “Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?” (Enem 2004)

Coleira invisível

Em uma época marcada por uma cobertura ostensiva da mídia, não são poucos os casos de abusos, como invasões de privacidade e reportagens tendenciosas. Diante desse quadro, muitos sugerem um retrocesso perigoso, com mecanismos de controle que se remetem a épocas sombrias da história brasileira. Entretanto, essa mesma história mostra que soluções radicais costumam ser perigosas, por isso é preciso ter cuidado com propostas precipitadas: nada justifica um cerceamento do trabalho dos meios de comunicação. Nesse contexto, em um palco ocupado por atores que extrapolam em seus papéis e um público acrílico, a solução parece depender, em essência, de algo tão simples quanto raro: bom senso. Sem radicalismos.

O caminho para solucionar o conflito enfrenta seu primeiro obstáculo na identificação do problema, afinal é imprecisa a fronteira entre o direito de imprensa e o direito individual: o que é um “abuso”? Nesse sentido, a solução parece ser uma atuação mais presente, veloz e rigorosa do sistema judiciário. Com isso, não se impõem restrições prévias a qualquer conteúdo, ao mesmo tempo em que se inibem abusos pela possibilidade concreta de multas. Basta, para isso, reduzir os entraves burocráticos no acesso à justiça e na definição de sentenças.

Apesar de eficientes, essas penas rareariam os abusos na imprensa de forma apenas superficial, pois não atacariam causas profundas do problema. Uma análise cuidadosa revela que a má atuação dos veículos de comunicação é fruto de uma crise de valores tanto de profissionais, que, muitas vezes, agem sabendo que estão errados, quanto das empresas, que permitem e até estimulam práticas imorais. Nesse contexto, é necessária uma mudança de postura: de um lado, as faculdades de comunicação poderiam dar maior importância à ética no trabalho para formar jornalistas conscientes; de outro, as empresas deveriam fazer valerem seus códigos de ética, em uma espécie de autorregulação. Nem tudo vale em nome da audiência.

O papel efetivo da justiça e a conduta moral dos profissionais de imprensa, contudo, podem se tornar pouco relevantes se a própria sociedade adotar uma postura diferente. O raciocínio é simples: se a sociedade não assistir aos abusos, eles desaparecerão. É evidente que essa lógica, em certos casos, esbarra em um desejo contemporâneo de assistir a conteúdos “proibidos”, como a intimidade de pessoas famosas. Entretanto, com uma formação humana mais sólida, essa aparente utopia pode se tornar real. Dessa forma, a liberdade irrestrita de informação seria garantida, e excessos e distorções acabariam eliminados pelo próprio mercado.

Assim, é possível imaginar o usufruto da liberdade de imprensa sem abusos, desde que impere o bom senso no poder público, na mídia e na própria população. Com isso, os veículos de comunicação podem deixar seus atuais roteiros exagerados no camarim para assumir outro papel: o de “cão de guarda” da sociedade. Com critério na divulgação de notícias, denúncias, críticas e análises, esse importante agente social pode agir sem estar acorrentada por mecanismos de censura, sendo “presa” apenas pelo reconhecimento de sua função.

Redação 5

Tema: “Trabalho infantil no Brasil” (Enem 2005)

Nova Lei Áurea

O trabalho infantil faz parte da realidade do Brasil desde a época da escravidão, em que os filhos dos escravos já eram posse do senhor antes de nascer e por ele seriam explorados ainda na infância. A Lei Áurea foi assinada, mas a exploração infantil não foi abolida; está presente até os dias atuais. Essa perpetuação se dá na medida em que as disparidades sociais no Brasil permanecem, e o poder público se mostra ineficaz no combate aos problemas socioeconômicos do país, restando à sociedade e às famílias um papel passivo.

É preciso, primeiramente, entender os motivos que mantêm tantas crianças e adolescentes sendo explorados. Nessa perspectiva, cabe constatar que a maioria desses jovens está inserida nessa condição para complementar a renda familiar, que é, em muitos casos, insuficiente para a alimentação de seus membros. Prova disso é que a região Nordeste, com os maiores índices de pobreza, é exatamente a que mais concentra esse crime contra a infância. Os detentores dos meios de produção se aproveitam dessa lógica, uma vez que lhes interessa uma mão de obra barata e disponível. Assim, garante-se o lucro de poucos pela subtração do lazer, do esporte e da escola de muitos. Eis a equação perversa do trabalho infantil. Nessa perspectiva, outra variável exerce seu papel negativo. Nas famílias marginalizadas, os pais, muitas vezes, incentivam os filhos a trabalharem ainda na juventude, não por necessidade direta, mas por medo de que eles ingressem na criminalidade. Esses pais reconhecem pertencer à parte excluída da sociedade e ter baixa probabilidade de inserção social. Sabem, também, que o mundo da violência e do tráfico é muito atrativo para os jovens, especialmente aqueles de classes desfavorecidas. Como todos os outros, esses jovens são têm desejos de consumo, mas a falta de recursos não lhes permite saciá-los. Nesse contexto, é compreensível que a família prefira o trabalho à delinquência.

Tendo em vista esse panorama, pode-se perceber que a manutenção do tra-

balho infantil no Brasil é um sintoma da miséria e das desigualdades sociais aqui persistentes. Desse modo, para combatê-lo, é preciso mirar em suas verdadeiras causas, não só utilizar medidas paliativas. O governo deve se empenhar em diminuir a concentração de renda e a pobreza no país, investindo na geração de empregos, no estímulo à produção e às exportações e no aumento dos salários. Dessa maneira, a renda dos adultos seria necessária para sustentar a família. Ao mesmo tempo, com oportunidades concretas de trabalho, o crime se tornará opção secundária para os jovens carentes.

Há, ainda, o papel fundamental do investimento em ensino público de qualidade nesse embate. As crianças e adolescentes têm — garantido por seu Estatuto, há mais de quinze anos —, o direito à educação e só ela os tornará aptos à inserção no mercado de trabalho no momento certo, quando já tiverem atingido a maturidade. Portanto, a afirmação prática dos direitos infantojuvenis só será alcançada quando as grandes mazelas sociais brasileiras, já tão conhecidas e discutidas, forem de fato resolvidas. Com a pressão da sociedade, a ação efetiva do poder público e a presença de famílias ativas, nossas crianças poderão construir seu (nosso) futuro da maneira mais correta possível: sendo crianças de verdade. Eis a Lei Áurea do século XXI.

Redação 6

Tema: “Trabalho infantil no Brasil” (Enem 2005)

O futebol e o livro

Trocando o campo de futebol pelo canavial, o livro pela enxada. Essa é a realidade de muitas crianças brasileiras atualmente. O trabalho infantil, que é constitucionalmente proibido, é uma realidade brasileira que se tornou gritante e insustentável. Do contexto de miséria, falta de solução e jogo de interesses, a infância no Brasil parece estar diminuindo significativamente.

A necessidade desse amadurecimento precoce está diretamente ligada à pobreza das famílias brasileiras. Cerca de 14,5% da população vive na mais absoluta miséria, principalmente no Nordeste, fato esse que explica a concentração de crianças trabalhadoras nessa região. Tendo necessidade de aumentar a sua renda, as famílias colocam os seus filhos para trabalhar. O que se precisa é de uma melhor distribuição de renda no país, que é comprometida desde que o Brasil tem esse nome.

Essa miséria se estende ao campo da educação. Como causa, a falta de escolaridade faz com que o trabalho seja o único meio de se ascender socialmente. E como consequência, a necessidade de trabalho faz com que as crianças não tenham tempo de ir para a escola. Devem ser feitos programas como Bolsa-escola, que garantem educação para a criança e maior renda para a família.

O problema dessa solução é a dificuldade que os empregadores criam. Não há mão de obra mais barata do que a infantil. O interesse na manutenção desse sistema é grande e difícil de ser quebrado, visto que há muitas pessoas poderosas e toda uma herança histórica envolvidas. Apesar de antigo, o costume das vantagens que a escravidão trazia ainda se vê presente. Com o fim dessa, a mão de obra mais lucrativa se tornou a infantil. Deve-se fazer valer a Constituição e punir os envolvidos nesse crime de exploração.

Não há dúvida, portanto, de que a solução para se acabar com o trabalho infantil é constituída de várias etapas, mas todas elas necessitam da participação do governo. O auxílio que esse deve dar às famílias é fundamental para a exploração infantil não seja mais necessária. Assim, tudo se resume à miséria, e a solução se torna uma só: o fim dela.

Redação 7

Tema: “Trabalho infantil no Brasil” (Enem 2005)

Saindo mal na foto

O cenário é cruel. Os personagens, inocentes. A causa é a mesma. Nos campos, nas minas e nos prostíbulos, a realidade de algumas crianças ainda são retratos amarelados que as elites e a sociedade brasileira tentam esconder em gavetas. Uma atrocidade social. O fato é que o trabalho infantil representa o assassinato do futuro de pessoas sem passado. Entretanto, infelizmente, para esse crime, retrato falado não há.

Primeiramente, é importante observar o reflexo da desigualdade social do país na inserção da mão de obra infantil no mercado de trabalho. Com a segunda pior distribuição de renda do mundo, o Brasil revela-se um reprodutor das assimetrias sociais, na medida em que o não investimento em educação implica a não qualificação dos pais e a má remuneração dos mesmos. Nesse sentido, o trabalho infantil torna-se a saída encontrada como fonte de complementação da renda familiar. Assim, a evasão escolar ocorre e o país mantém sua mediocridade diante da criação de círculos viciosos de miséria, abnegando-se de seu desenvolvimento. Além disso, cabe ressaltar a função do Estado na manutenção dessa triste realidade. Apoiado pela certeza da impunidade, o poder público privilegia os interesses de grupos privilegiados tradicionais, ao garantir a maximização dos lucros dessa minoria. A falta de mecanismos de fiscalização e de monitoramento das leis constitui o incentivo à continuidade do uso da mão de obra infantil, explorada por ser mais barata e menos consciente de seus direitos. A infância é perdida em favor do capital.

Vale analisar, ainda, a postura passiva da população diante de problemas distantes da mesma. Citando Eça de Queiroz, “Dói mais uma dor de dente que uma guerra na China”. Nesse âmbito, o déficit educacional do país é o principal culpado por esse crime. De fato, a não oportunidade acesso a uma educação baseada na transferência de valores ligados ao compromisso social e à cidadania reflete a despreocupação da sociedade em relação ao outro. Dessa forma, a tomada de iniciativa em favor do combate ao trabalho infantil é prejudicada, e a maior vítima, além das crianças, é o próprio país, que assina embaixo de sua condição como periferia.

O trabalho infantil no Brasil apresenta sua face mais perversa, portanto, na medida em que o Estado, a sociedade e até mesmo a família omitem-se de uma postura mais ativa em prol da causa. Faz-se indispensável haver, em nível estrutural, um combate à impunidade, além de uma reforma educacional, para permitir a consciência nas urnas e nas ações individuais. Por enquanto, a mobilização da sociedade civil por meio de ONGs e de pressão política é necessária, a fim de que a fotogenia da realidade infantil não seja mais uma farsa das elites.

Redação 8

Tema: “Trabalho infantil no Brasil” (Enem 2005)

Um advento mercadológico

É notável que, de fato, as relações humanas têm se movido pelas engrenagens do capital. Desde a Revolução Industrial, quando máquinas foram desenvolvidas para desempenhar o trabalho de pessoas, é flagrante o subjugado dos trabalhadores em nome de maior lucratividade. Nessa perspectiva, em pleno século XXI, muitos são os que exploram a mão de obra ilegal e barata das crianças no cunho de tarefas radicalmente inapropriadas. Essa realidade, além de trazer inúmeros prejuízos à formação moral desses pequenos trabalhadores, é a dura expressão de um panorama ainda mais assustador, em que se destacam a falta de oportunidades econômicas e sociais.

Nesse contexto, cabe ressaltar que a exploração do trabalho infantil atende a uma cruel lógica financeira. Isso porque muitas famílias necessitam das pequenas cifras arrecadadas pelos infantes para a sobrevivência, levando-se em conta as inúmeras dificuldades de inserção econômica dos que não possuem bens, qualificações ou qualquer meio que garanta sequer sua subsistência. Por outro lado, a baixa remuneração e a possibilidade de empregar toda a família levam os empresários a optar por essa prática desumana, que é mais um dos desdobramentos da política excludente determinada pelo capitalismo.

Além disso, muitos pais e mães veem no trabalho uma saída melhor para seus filhos do que a violência e a marginalidade. Essa visão ilustra a falta de oportunidades de ascensão encontrada pelos membros de um trágico exército de reserva, que vê na dignificação proporcionada pela labuta um consolo perante suas limitações. Portanto, as crianças vítimas das mazelas sociais têm suas infâncias abstraídas e seus direitos praticamente eliminados porque, surpreendentemente, este é o único meio que lhes resta para tornarem-se cidadãos politicamente corretos.

Tendo em vista, contudo, o alarmante retrato do trabalho infantil, é imperativo fazer cumprir as leis, fiscalizando a ocorrência do problema e punindo severamente seus culpados e cúmplices. Entretanto, o combate legal e penal a esse malefício social pressupõe contrariar a premissa de que os poderosos latifundiários e empresários não são julgados com rigor necessário, tendo em vista seus grandes poderes de influências. Isso torna a aplicação da lei mais difícil, mas, no entanto, não diminui a urgência de uma mobilização conjunta entre Estado e sociedade.

Nessa perspectiva, é premente agir também nas estruturas do problema. Nesse sentido, investimentos em educação e inclusão social são fundamentais não só para apresentar um mundo mais justo às crianças trabalhadoras, mas para impedir que mais delas ingressem nesse meio. Afinal, a deturpação moral dos valores infantis — ainda em construção — não é justificável por um mero advento mercadológico e é preciso apagar, com as ondas da justiça e da educação, esse borrão vergonhoso do oceano das realidades brasileiras.

Redação 9

Tema: “Poder de transformação da leitura” (Enem 2006)

A química da leitura

A chegada ao século XXI representa, em muitos aspectos, uma espécie de retorno à época das cavernas. Ao mesmo tempo em que se repetem cenas de violência bárbara e as relações humanas se tornam semelhantes às de animais, a linguagem escrita vai sendo substituída pelas imagens. Nesse contexto, mais do que nunca, é preciso revalorizar a capacidade transformadora da palavra escrita, especialmente no que diz respeito à leitura.

De um ponto de vista pragmático, mais do que informar, a leitura desenvolve a inteligência crítica. Em um mundo globalizado, em que a Revolução Tecnológica torna qualquer informação obsoleta a cada minuto, os mais “adaptados” não serão os “teleinformados”, mas aqueles capazes de reaprender sempre, que são os acostumados a ler. Por essa razão, subsídios governamentais ao barateamento dos livros e à construção de bibliotecas públicas são imprescindíveis.

Na dimensão psicológica, a catarse diante de uma narrativa ajuda a construir personalidades. Quanto mais (e melhor) uma pessoa tiver lido, mais rica e complexa será sua “psique”. Sentimentos, linguagem, comportamentos — o que está nos livros nos amadurece e transforma. Para isso, a valorização de professores pode ser útil no sentido de engajá-los em projetos de dramatização de romances que incentivem a leitura de ficção.

Essa transformação dupla acaba por criar outro tipo de mudança, do indivíduo para o mundo que o cerca. Isso ocorre porque o ato de ler desenvolve uma competência crítica e reflexiva nos leitores, capaz de torná-los agentes sociais de muitas transformações. Como disse Drummond, mais do que conquistar universos externos, cabe ao homem humanizar-se. E a leitura, como ato solitário e concentrado, pode permitir essa descoberta, desde que os pais deem o exemplo e criem um ambiente familiar favorável a essa atividade.

Por tudo isso, fica evidente que a leitura tem mesmo um papel transformador. Depois de ter sido inventada, desenvolvida e difundida, a palavra escrita tem sido abandonada por muitos. Não é de estranhar que prefiram se comunicar por socos e pontapés. Por isso, governantes, professores e pais devem assumir seus papéis no sentido de fazer da leitura uma prática possível. Basta isso para a “reação química” do conhecimento ocorrer.

Redação 10

Tema: “O desafio de se conviver com a diferença” (Enem 2007)

Um novo molde

Na primeira metade do século XX, o mundo conheceu os horrores do nazismo quando a Alemanha liderada por Adolf Hitler perseguiu e massacraram judeus. Essa triste história se torna ainda pior ao se perceber que hoje, décadas depois, a mesma essência permanece presente: a intolerância às diferenças. Na contemporaneidade, esse sentimento mesquinho e egoísta causa exclusão social,

discriminação e até morte, por isso é dever do poder público, das instituições de ensino e da família promover o respeito.

Há dez anos, adolescentes da classe média de Brasília incendiaram um índio que dormia na rua. No entanto, os mesmos se encontram em liberdade. Poucos meses atrás, uma doméstica foi espancada por jovens na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio de Janeiro. Para que tais atrocidades não continuem se repetindo, os mecanismos de julgamentos e atribuições de penas precisam ser mais eficazes e não podem permitir casos de impunidade, especialmente em relação às classes mais altas, que desfrutam de privilégios tácitos na (in)Justiça brasileira.

Injusta também é a falta de reconhecimento da importância das diferenças culturais para o progresso da humanidade. Os números romanos e os ensinamentos de Dalai Lama, por exemplo, são conhecidos por quase todos. A tecnologia dos meios de comunicação facilita esse acesso, porém isso está longe de bastar para acabar com o preconceito existente na sociedade. Os professores, junto às escolas e faculdades, têm o poder e o dever de transformar a mentalidade de seus alunos. Incentivar pesquisas sobre a vida da população em diversos países é um ótimo começo.

No entanto, não é apenas responsabilidade do Estado e dos profissionais da educação transmitir valores. É papel também da família fazê-lo. Desde criança, o cidadão tem que aprender a respeitar os valores humanos, e o exemplo, nessa idade, está em casa. Assim, é necessário que, desde cedo, os jovens aprendam não só a valorizar sua própria individualidade, mas também a respeitar as dos outros. Nesse sentido, conversas e histórias sobre os antepassados familiares podem ajudar a mostrar ao jovem de hoje que as diferenças étnicas e culturais são bem menos profundas e distantes do que podem parecer em uma análise inicial.

Torna-se evidente, portanto, a importância de se respeitar a individualidade alheia. A criação de leis e punições mais severas e o trabalho de um governo que valorize as diferenças existentes em seu país são caminhos para que gerações futuras sofram menos discriminações. Dessa forma, pequenas mudanças como a inclusão, no programa do ensino médio, de aulas de cidadania e de valores humanos, e a promoção de campanhas que estimulem bons exemplos em casa parecem capazes de ajudar a mudar a mentalidade da humanidade. Afinal, na mudança do presente, molda-se o futuro.

Redação 11

Tema: “A máquina de chuva da Amazônica e sua relevância ambiental e econômica para o Brasil” (Enem 2008)

Homeostase ecológica

Um estudo feito pelo respeitado cientista brasileiro Enéas Salati concluiu que a Amazônia tem importante papel na manutenção do ciclo hidrológico da área entre o oceano Atlântico e o Peru. A excessiva exploração sofrida pela floresta atualmente, portanto, pode degradar o ciclo e prejudicar safras agroindustriais, bem como a geração de energia hidrelétrica na região. Seja pelos prejuízos socioeconômicos ou por pura consciência ambiental, o fato é que já passamos da hora de agir. Nesse contexto, para garantir o equilíbrio financeiro e ecológico do país,

são necessários o aumento da fiscalização e a aplicação de multas severas aos desmatamentos ilegais.

A importância ecológica da Amazônia para o Brasil e para o mundo é reconhecida por todos, leigos ou especialistas. Fauna e flora locais contêm espécies tão diversificadas quanto raras, elementos fundamentais em um sistema que, afetado, tem como consequência direta o desequilíbrio do ciclo hidrológico de uma região de milhares de quilômetros — e milhões de seres humanos. Sem dúvida, a manutenção de importantes atividades econômicas, como o agronegócio e a geração de energia hidrelétrica, só será possível se a floresta for mais respeitada, já que alterações no período de precipitações prejudicam as plantações de soja e cana-de-açúcar presentes no local, além de alterarem o funcionamento das usinas.

Tendo em vista tais perdas, é preciso elaborar medidas que garantam a proteção ambiental e o benefício humano. Uma solução é o aumento da fiscalização sobre a região da mata. Para isso, as forças armadas brasileiras podem exercer importante papel, tanto pela ocupação de certas áreas quanto por meio de sobrevoos, que permitiriam uma visão ampla. Da mesma forma, o poder público deve fazer controle severo na regulamentação de empresas instaladas no local, evitando a extração indevida dos recursos naturais. Nesse contexto, a aplicação de multas severas aos que promoverem o desmatamento ilegal seria imprescindível para a preservação da floresta.

Por maior que seja o esforço despendido nessas fiscalizações e punições, porém, seus efeitos seriam limitados devido à necessidade de cobertura de uma área tão extensa e densa. Nessa perspectiva, faz sentido pensar que o longo caminho para preservar o maior patrimônio brasileiro precisa de soluções complementares, como a criação de selos de qualidade para objetos feitos com madeira extraída legalmente da floresta. Isso pode propiciar uma espécie de boicote consciente da população a madeiras ilegais e, assim, tornar mais justificada a desejável aceleração do processo de reflorestamento, outra medida imprescindível.

A questão do desequilíbrio do ciclo hidrológico amazônico, portanto, precisa ser encarada como prioritária pelo poder público e pela própria sociedade. Nesse enquadre, realmente eficiente seria promover uma profunda reeducação da população, ensinando a crianças e adultos os impactos provocados pela destruição da floresta. Campanhas na imprensa e projetos nas escolas poderiam ajudar na criação dessa consciência ambiental, que já faz parte do discurso cotidiano, mas ainda precisa se inserir de verdade nos hábitos e nas posturas de cada cidadão. Eis o nosso caminho para a homeostase ecológica.

Redação 12

Tema: “O indivíduo frente à ética nacional” (Enem 2009)

Lágrimas de crocodilo

O Brasil tem enfrentado, com frequência, problemas sérios e até constrangedores, como os elevados índices de violência, pobreza e corrupção — três mazelas fundamentais que servem para ilustrar uma lista bem mais longa. Porém, mesmo diante dessa triste realidade, boa parte dos brasileiros parece não se constranger — e, talvez, nem se incomodar —, preferindo fingir que nada está ocorrendo. Em

um cenário marcado pela passividade, é preciso que a sociedade se posicione frente à ética nacional, de forma a honrar seus direitos e valores humanos e, assim, evitar o pior.

Na época da ditadura militar, grande parte da população vivia inconformada com a atuação de um governo opressor, afinal, com as restrições à liberdade de expressão, não era possível emitir opiniões sem medir os riscos de violentas repressões. Apesar de uma conjuntura tão desfavorável para manifestações, muitos foram os movimentos populares em busca de mudanças, mesmo com as limitações na atuação da mídia. Talvez a sensação de um Brasil melhor hoje ajude a explicar a inércia da sociedade diante da atual crise de valores na política e em todas as camadas da população.

Muitos não percebem, mas esse panorama cria um paradoxo perverso: depois de tanto sangue derramado pelo direito de expressar opiniões e participar das decisões políticas, o indivíduo se cala diante da crise moral contemporânea. Nesse contexto, protestos se transformam em lamúrias, lamentações em voz baixa, que ninguém ouve — e talvez nem queira ouvir. Ou então em piadas, “ótimo” recurso cultural para sorrir e se alienar frente à falta de uma postura virtuosa. Assim, apesar de viver em um país democrático, o brasileiro guarda seus direitos — e os dos outros — no bolso da calça, pelo menos quando tem uma para vestir.

Para que o indivíduo não se dispa de sua cidadania, é preciso honrar o sistema democrático do país. Nesse contexto, o povo deve ir às ruas, de modo pacífico, para exigir uma mudança de postura do poder público. Além disso, a mobilização deve agir na direção de quem mais necessita, ajudando, educando e oferecendo oportunidades para excluídos, que vivem à margem da vida social, abaixo da linha da humanidade. Para tudo isso, entretanto, é preciso uma mudança prévia de mentalidade, uma retomada de valores humanos esquecidos, que só será possível com a ajuda da família, das escolas e até mesmo da mídia.

Por tudo isso, fica claro que o brasileiro deve parar de negar e de rir do evidente problema ético que enfrenta. Trata-se de questões sérias, cujas soluções são difíceis e demoradas, mas não impossíveis. Se a sociedade não se mobilizar imediatamente, chegará o dia em que as piadas alienadas e alienantes resultarão, para a maioria, em risadas de hiena. E, para a minoria privilegiada, imune — ou beneficiada? — à crise ética, restarão apenas olhos marejados.

Redação 13

Tema: “O trabalho na construção da dignidade humana”
(Enem 2010)

Nova fórmula do trabalho

Na Grécia Antiga, berço de grande parte da cultura ocidental contemporânea, o trabalho era mal visto por classes mais abastadas. De fato, por volta do século V a.C., em uma cidade-estado como Atenas — cuja população apresentava 50% de escravos —, realizar atividades profissionais por necessidade não era considerado um comportamento digno. Mais de dois milênios depois, nas civilizações atuais, um ideal diferente costuma prevalecer: o trabalho como tijolo e cimento na construção da dignidade humana. Entretanto, diante da escassez de empregos e da frequente exploração, percebe-se uma perda na qualidade de vida de muitos,

questões cujas soluções dependem de todos os setores da sociedade.

Antes de tudo, é preciso compreender que trabalhar é uma forma de contribuir para a sociedade, por isso deveria ser ao mesmo tempo direito legal e dever moral para todo cidadão consciente. Contudo, no Brasil e no resto do mundo, altas taxas de desemprego e jornadas excessivamente longas têm transformado dignidade em desumanização. Nesse contexto, os poderes públicos devem reduzir impostos, para estimular a geração de empregos, e ampliar as redes de ensino tradicional e técnico, a fim de capacitar a população. Com isso e com a criação de novas leis trabalhistas — e, sobretudo, o cumprimento das já existentes —, suor e lágrimas poderão dar lugar a sorrisos nas chamadas horas úteis do dia.

Nesse contexto, também é preciso mudar essa visão utilitária do tempo, que distancia trabalho e prazer, fazendo o ócio ser enxergado como “inútil”. De fato, trata-se de uma visão míope, com consequências perversas: o abandono da qualidade de vida em nome de cifras mais altas — ou menos baixas — nas contas bancárias e até a opção pelo crime como alternativa mais “fácil” e “rápida” para conseguir dinheiro. Diante de uma equação com tantas variáveis, deve-se estimular a ação de ONGs que denunciem abusos de empresas e levantem a bandeira do emprego digno. Em plano complementar, a mídia pode contribuir com a produção de novelas e filmes que valorizem a importância moral e econômica do trabalho, além de sensibilizar a população sobre a gravidade dos desrespeitos às leis trabalhistas, conquista frequentemente ignorada tanto por patrões quanto por funcionários.

Torna-se evidente, portanto, a importância do trabalho na construção da dignidade humana, desde que se priorizem os valores humanos à frente da busca amorosa por rendimentos financeiros. Para isso, o caminho natural é o investimento em educação, com a ampliação do foco do ensino para além dos conteúdos programáticos. Sem dúvida, sem negar a importância de fórmulas matemáticas, faz sentido dar atenção também à formação moral e crítica de crianças e jovens. Assim, as próximas gerações talvez estejam preparadas tanto para as futuras transformações do mercado quanto para entender o mundo, respeitar a natureza e buscar a qualidade de vida. Eis a equação da ascensão social e humana.

Redação 14

Tema: O indivíduo frente à ética nacional (ENEM 2009)

Homens de Atenas

Sócrates, Platão e Aristóteles são nomes célebres da história humana. Esses e muitos outros pensadores destacaram-se na Grécia Antiga, em muitos casos nos acalorados debates travados na ágora, uma espécie de praça central que servia para o exercício da política na pólis ateniense. Se Atenas evidenciou ao mundo o valor do engajamento individual na participação política, o Brasil contemporâneo vem demonstrando que ainda não conseguiu essa façanha: no país, são muitos os casos de desvalorização da moral, com escassos sujeitos verdadeiramente engajados na luta por uma transformação. Diante desse quadro, é preciso tirar o indivíduo do conformismo frente à falta de ética nacional.

Na base dessa doença cívica, está a falta de identificação da população com seus governantes. O conceito democrático de representação política foi esquecido

e, com isso, a sociedade se omite de seu dever de fiscalizar aqueles que deveriam atuar para garantir os direitos do povo. Sem a pressão popular, os políticos se veem tentados a agir apenas em benefício próprio, o que leva aos escândalos de corrupção e impunidade.

Apesar de os efeitos mais graves da inércia dos cidadãos serem sentidos na política, sua origem mais profunda está na esfera social. O brasileiro, historicamente, tem dificuldade em separar o espaço público do privado. Assim, deixa de recriminar atitudes antiéticas de pessoas conhecidas por medo de estragar os laços afetivos existentes. Desse modo, prefer-se fechar os olhos a combater a corrosão da moralidade.

Diante desses sintomas, a criação de ONGs de denúncia e debate enquanto mecanismo de fiscalizar atitudes antiéticas é uma medida eficaz. Essa atuação pode ser ampliada com o auxílio dos veículos de comunicação, capazes de dar visibilidade a esses projetos não governamentais. Além disso, a mídia também pode atuar na criação de programas de entretenimento, como novelas, que valorizem personagens que saibam separar as relações pessoais do dever cívico, servindo de exemplo para a população.

Compreende-se, portanto, que o indivíduo está inerte diante da crise de valores morais na sociedade brasileira. Apesar da relevância de medidas a curto prazo, a real mudança só será possível por meio da educação. Assim, é preciso que o cidadão entenda seu papel social e conheça não só a estrutura política de seu país, mas também as ideias de moralidade, ética e cidadania. Para isso, é fundamental criar disciplinas escolares e universitárias que enfoquem esses temas. Dessa maneira, talvez o país possa conhecer e se inspirar na postura dos grandes cânones da democracia grega.

Tema = “Publicidade infantil em questão no Brasil” (Enem 2014)

Redação 15

Tema: Ditadura da publicidade

Personagens infantis criados para serem idolatrados, animações cada vez mais sofisticadas e trilhas sonoras envolventes. Esses são apenas alguns dos aspectos que contagiam milhares de pequenos brasileiros através dos veículos de comunicação. Aparentemente, tais práticas parecem inofensivas. No entanto, o uso deliberado de atrativos a fim de tornar os produtos necessários é extremamente prejudicial à formação da criança, configurando-se como uma prática de manipulação infantil.

Em primeira análise, é preciso constatar que a consciência crítica da criança não está plenamente consolidada. Especialistas em marketing aproveitam-se disto, e estudam maneiras de estimularem os órgãos sensoriais do público infantil que, biologicamente, são mais sensíveis, no intuito de provocarem a falsa sensação de satisfação plena e de que o produto é necessário, apesar de não sê-lo. Além disso, muitas empresas oferecem brinquedos e outros objetos apelativos como “isca”, e o produto principal é esquecido, o que as beneficia, ao gerarem lucro e influência por conta desta prática.

Ademais, crianças são bastante influenciadas pelo meio em que vivem, o que fortalece ainda mais a propaganda. Se crianças da mesma faixa etária, que convivem no mesmo círculo social, começarem a adquirir certo produto, a vontade de tê-lo será potencializada. Diante disso, se não houver políticas educacionais e conscientização social, os futuros cidadãos brasileiros serão consumistas irresponsáveis, ignorando, também, impactos ambientais, políticos e sociais promovidos pela ganância do empresariado.

Faz-se necessário constatar, portanto, que é imprescindível a ação conjunta de setores da sociedade brasileira do próprio aparato governamental a fim de coibir a publicidade prejudicial à criança. As ONGs podem agir oferecendo projetos educacionais aos pais e filhos pequenos, instruindo-os a utilizarem critérios mais importantes a serem seguidos a fim de um consumo responsável. O governo deve criar uma legislação nacional que controle propagandas consideradas apelativas e a frequência pelo qual são reproduzidas. Se colocadas em prática, tais ações poderão ajudar, de certa forma, a proteger nossas crianças da ambição e insensibilidade e, talvez, em um futuro próximo, tornar a publicidade brasileira mais transparente e responsável.

(Larissa Moraes Passos — Xerém — 1000 pontos)

Redação 16

Tema: Geração do “Mãe, eu quero agora”

O grande capitalismo, sempre muito ágil, possui a capacidade de se direcionar a diferentes públicas, objetivando incentivar o consumo, e, consequentemente, maior lucro. Sobretudo, na contemporaneidade, com o avanço dos meios de comunicação, a publicidade voltada ao campo infantil se apresenta como bastante interessante, devido ao retorno satisfatório ao mercado. Entretanto, em nome de levar encanto e entretenimento às crianças, as empresas contribuem de forma negativa, tanto no aspecto de saúde, ao vincular diversão a comidas pouco saudáveis, quanto no cidadão, por meio do estímulo ao consumo constante e desenfreado, que prejudica, não só o consumista, como toda a sociedade.

A maior marca de comida rápida do mundo, tradicionalmente, possui, em seu cardápio, uma série de brinquedos colecionáveis, atualizados mensalmente, que acompanham o “lanche feliz”. Fato é que os índices referentes à obesidade infantil vêm preocupando as autoridades brasileiras, uma vez que é imprescindível que as crianças se alimentem de forma saudável e que sejam ensinadas a desenvolver a consciência da boa alimentação, que dificultará, no futuro, o aparecimento de doenças cardiovasculares, maior causadora de mortes no Brasil. Sendo assim, em prol de uma sociedade, acima de tudo, sadia, faz-se necessária medida do Poder Público em impedir qualquer manobra publicitária que, por meio de super-heróis e “bichinhos”, seja vilã da saúde infantil.

Acresce que a pesada propaganda também prejudica o ser humano em formação no sentido de seduzi-lo ao desejo por um consumo frequente e imediatista, sem qualquer preocupação com a realidade da população. No Brasil, país que, apesar de muito combatida, ainda apresenta alto número de desigualdade social, a publicidade pouco se importa com o resultado do não atendimento a um anseio infantil que, muitas vezes, pode trazer - e trará! -

consequências psicológicas permanentes, tendo em vista que sua preocupação é somente com o lucro. Logo, com o intuito de educar nossos pequenos cidadãos ao consumo principalmente consciente, a Escola e a Família têm papéis ímpares na entrega de um indivíduo responsável e respeitador de limites a sociedade.

Em síntese, fica evidente a importância de proteger nossas crianças de um mercado insano que, dos modos mais sutis, visa alcançar benefício próprio em detrimento de tudo. Enquanto agente social, é função do Poder Público, por meio de suas ações, garantir bem estar e saúde aos brasileiros. Por fim, segundo Max Weber, a educação é ferramenta de coesão social, Escola e, sobretudo, a Família são os principais responsáveis pelo bem doutrinar do cidadão com caráter em construção para que, quando adulto, ele contribua para que tenhamos uma sociedade responsável, aversa a um consumo doentio, adepta de um comprar consciente.

(Lohaine Souza — Duque de Caxias — 1000 pontos)

Redação 17

Tema: Por um futuro não alienado

É perceptível que a sociedade atual apresenta um número crescente de crianças sendo influenciadas pela publicidade das empresas que visam apenas vender seus produtos. Um exemplo disso são as propagandas através da internet, onde a maioria dos sites utiliza de recursos propriamente do público infantil para atraí-los. O problema é que os menores não apresentam maturidade para discernir o que se deve ou não comprar, sendo levados à prática do consumismo.

Seres inanimados ganham vida, assim como celebridades são vinculadas aos produtos, fazendo com que esses jovens acreditem que essa compra modificará seu modo de vida. Além disso, as empresas destacam no site o número de compradores infantis que adquirem o produto para que o interesse seja maior dos pequenos consumidores.

Esse processo de publicidade sem limite desencadeia o consumismo infantil, pois a ausência de maturidade juntamente com as vantagens oferecidas pelas empresas virtuais levam os menores a quererem comprar sem controle e conhecimento total do que está adquirindo.

Diante disso, levando em conta a necessidade de a publicidade e propaganda estar vinculada com a educação infantil, é de extrema importância que o governo brasileiro crie leis que limitem o poder da propaganda, bem como essas exerçam o papel de ensinar condutas saudáveis aos menores. É preciso também que a família se responsabilize e fiscalize as propagandas que esses assistem, mantendo o diálogo e mostrando-os que não devem se deixar influenciar pela mídia. Por fim, é necessário que as escolas ajudem a não alienar o futuro do país, através de palestras que relatem a importância de ser crítico diante das propagandas, para que esses consigam sobreviver à influência viciosa da mídia moderna.

(Andresa Paula Leal - Angra dos Reis. 940 pontos)

Redação 18

Tema: Montando o futuro com consciência

No período do século XX, nos Estados Unidos da América, o cartunista Walt Disney comprava os direitos de histórias e crônicas como: “Branca de Neve e os sete anões” e “Rapunzel” afim de fazer animações para o cinema norte-americano, o qual, estava em destaque nessa época. Como um visionário, baseou-se no público infantil para começar uma das empresas que mais produzem publicidade no mundo. Mas qual será o limite da publicidade infantil?

Assim como nos Estados Unidos da América, no Brasil, poucas leis estão em vigor afim de impor limites na publicidade infantil, fazendo com que ela se torne cada vez mais apelativa, causando problemas cada vez mais altos, como os índices de obesidade infantil e problemas de saúde relacionados a empresas de “fast-food”.

Em 2012, entretanto, foi aprovada pelo congresso uma lei que proíbe o uso de animação gráfica no movimento dos bonecos em comerciais, gerando discussão se isso é ou não propagando enganosa e fere com os direitos do consumidor. O que nos faz relembrar a pergunta sobre qual é o limite da publicidade infantil.

Como solução para esse problema, o governo deve se conscientizar perante a essa publicidade apelativa e implantar leis para uma maior fiscalização de horário de propagandas, afim de atingir o público infantil — sejam na mídia ou em qualquer outro tipo de publicidade. A família, que é a parte fundamental da educação e do aprendizado, também deve estar atenta para uma maior instrução aos seus filhos.

Chegaremos à conclusão, finalmente, que o limite da publicidade infantil está no controle do governo e da família, afim de que em conjunto instrua o futuro da nação.

(Gustavo Palma — Santa Maria Madalena — 920 pontos)

Redação 19

Tema: Palavras ao vento

Segundo o filósofo Jean Jacques Rousseau, a criança precisa aprender a correr, cair, se divertir. Na antiga Escola Tradicional, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas. Hoje, século XXI, estando em vigor a Escola Nova, isso foi desmistificado. A criança deve ser tratada como tal, não deixando que se perca ou atropele seu momento de brincar, estudar e desfrutar da sua infância. A criança não deve ser um depósito de propagandas e afins.

Muitos não vêem problema em deixar os pequenos em frente à TV recebendo todo tipo de informação, que, não sendo de qualidade, de nada serve. O apelo exagerado para os atrativos infantis nos comerciais e campanhas atraem crianças de todas as idades. Portanto, é necessário filtrar alguns programas e canais para que os menores assistam o adequado a sua idade e saibam que nem tudo que aparece deve ser consumido e desejado por eles.

Outra variável é, justamente, o desejo de consumir a qualquer custo. Isso pode aparecer futuramente. Se quando criança foi um comprador compulsivo, num piscar de olhos de tornará um adulto com esses mesmos problemas. Sendo sempre atraído pelas jogadas de marketing de quaisquer produtos. Eis uma equação perversa.

Tendo em vista que o problema da publicidade infantil é grave e mudanças devem ser feitas. Tais como: divulgar nas mídias comerciais cujo intuito seja ampliar a leitura infantil. Interação da família em projetos educacionais, como palestras nas escolas. Atitudes por parte dos governantes, colocando as leis que proíbem o apelo exagerado dos atrativos infantis, em prática. A capa do livro é conhecida. Basta abrir, ler e seguir, sem deixar suas páginas soltas ao vento.

(Thatianny Farias — São Pedro — 920 pontos)

Redação 20

Tema: Direcionando o Brasil

Infância e mundo capitalista são incompatíveis. Juntando-se à cultura hedonista pelo lucro constante, as indústrias de publicidade infantil vêm vitimando deliberadamente crianças ocidentais, incluindo as brasileiras, para participarem também de sua sociedade de consumo. Nesse contexto, vale destacar a influência do consumismo no mundo globalizado. Como consequência, a estrutura familiar brasileira tem perdido sua identidade, afetando, nesse sentido, o próprio meio ambiente.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar os avanços políticos mundiais em que o Brasil faz parte. Na segunda metade do século XX, quando o então presidente Juscelino Kubistchek trouxe para cá os bens de consumo duráveis, a sociedade brasileira foi transformada drasticamente. Mais tarde, com a política neoliberal, as multinacionais trouxeram para cá a padronização que em plena terceira revolução industrial dita aparelhos e objetos que devem ser consumidos. A população infanto-juvenil é bombardeada diariamente por comerciais e propagandas, os quais tentam persuadi-los para que sejam seus consumidores, contribuindo, assim, para a alienação infantil.

A publicidade, nessa perspectiva, contribui, também, na já heterogênea família brasileira. Influenciando os indivíduos e os jovens a terem as mesmas roupas e acessórios, tal corporação os faz acreditar que são participantes de uma “aldeia global”, em que inicialmente encontram abrigo, mas esquecem de suas características brasileiras de outrora, revelando, dessa maneira, seu único interesse: o dinheiro, que movimenta a economia em uma escala global.

Essas pessoas homogeneizadas, no entanto, mesmo que indiretamente, vulnerabilizam o meio em que vivem. Logo na fase inicial, as crianças são incentivadas a terem os mesmos produtos tecnológicos que outros. Por terem menos vida útil, estes equipamentos, como celulares e computadores, são descartados em mananciais e contaminam o lençol freático brasileiro, que por sua vez não tem medidas de reutilização de recursos hídricos. Como resultado, os metais pesados atingem os ecossistemas marinhos, contribuindo, enfim, para a magnificação trófica, que atinge adultos ou não.

Tendo em vista os aspectos apresentados, portanto, fica claro o papel da publicidade capitalista brasileira que afeta as crianças, porém expõe seus limites no futuro. Tais problemas serão verdadeiramente resolvidos quando for investido em análise crítica dos fatos, ao invés de conteúdo alienante para os jovens. Além disso, os pais devem contribuir com medidas socioeducativas para romper com o círculo vicioso que altera o decorrer da vida infantil. Essas medidas contribuirão para um futuro melhor.

(Hugo Monteiro Ferreira — Campo Grande — 940 pontos)



PROPOSTAS INÉDITAS MODELO ENEM

PROPOSTA 1

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Efeitos do Estatuto do Desarmamento no Brasil**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Uma pesquisa divulgada nesta quarta-feira (28) pelo Instituto Sou da Paz aponta que há mais de 8 milhões de armas circulando legalmente no Brasil. Em vigor desde dezembro de 2003, o Estatuto do Desarmamento, com 37 artigos, prevê um controle rigoroso de todas as fases da circulação de armas e munições no Brasil, da produção até a destruição de armas recolhidas, passando pelos requisitos para posse e porte.

De acordo com o Instituto, o Estatuto do Desarmamento trouxe avanços. De acordo com os dados do Datasus, os homicídios no país vêm caindo depois da sanção da lei. Em 2003, a taxa de homicídios, por 100 mil habitantes, era de 28,9. Em 2007, o índice caiu para 25,2. O Instituto considera a proibição do porte de armas, prevista no Estatuto, uma das medidas com impacto mais direto sobre a redução de mortes.

Além das armas retiradas de circulação em função da proibição do porte, campanhas de entrega voluntária tiraram das ruas mais de meio milhão de armas até 2009, de acordo com o levantamento. Todas as armas recolhidas e apreendidas são destruídas.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/04/mais-de-8-milhoes-de-armas-circulam-legalmente-no-brasil28042010.html>)



A Campanha Nacional do Desarmamento busca a mobilização da sociedade brasileira para retirar de circulação o maior número possível de armas de fogo. A entrega voluntária de armas pelos cidadãos é uma orientação prevista no Estatuto do Desarmamento e hoje pode ser feita em mais de 2 mil postos de coleta em todo o Brasil. Além da entrega, a campanha tem o objetivo de conscientizar a

população para os riscos de ter uma arma de fogo. Situações cotidianas que, com uma arma, podem se transformar em fatalidade.

1. **Onde entregar:** busque o posto de entrega voluntária de armas mais próximo de você.

2. **Como entregar:** qualquer pessoa que queira entregar uma arma de fogo deve se dirigir a uma delegacia da Polícia Federal (PF) ou da Polícia Rodoviária Federal (PRF) ou demais postos cadastrados. (...) A identificação de quem quiser entregar a arma não é obrigatória.

3. **A entrega:** as armas serão inutilizadas no ato da entrega nos postos credenciados. Posteriormente, serão encaminhadas ao setor especializado da Polícia Federal para o descarte total, que poderá ser feito por meio da queima em fornos industriais de alta temperatura.

4. **A indenização:** ao entregar sua arma no Posto de Entrega, o cidadão irá cadastrar uma senha de quatro dígitos. (...) A indenização estará disponível para saque 24 horas após a entrega da arma até 30 dias. O valor pode variar de R\$150, R\$300 e R\$450, conforme a arma de fogo.

(Disponível em: <http://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/programas-1/campanha-do-desarmamento>)

A população brasileira já entregou voluntariamente 649 mil armas em 2.127 postos de entrega em todo o Brasil. O número equivale a mais de R\$ 12 milhões em indenizações pagas pelo governo. Em 2013, o estado de São Paulo liderou o ranking nacional de entrega de armas (8511), seguido da Bahia (3853), Rio Grande do Sul (3641) e Minas Gerais (3371). Pernambuco (3110) aparece na 5ª colocação. Segundo a PF, as principais razões que estimulam o desarmamento com a consequente entrega voluntária de armas são o anonimato e a rapidez no pagamento da indenização que é efetuado em até 48 horas.

(Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/05/18/interna_vidaurbana,504650/policia-federal-divulga-segunda-estatistica-da-campanha-do-desarmamento-de-2014.shtml. Publicada em 18/05/14)

PROPOSTA 2

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Produção e Descarte de Lixo no Brasil**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



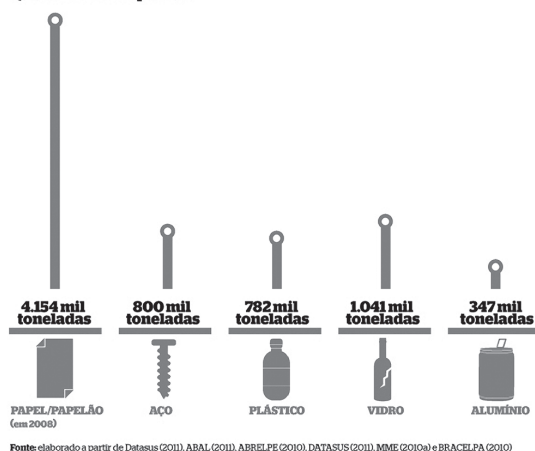
Apenas 3% dos resíduos sólidos produzidos nas cidades brasileiras são reciclados, apesar de 1/3 de todo o lixo urbano ser potencialmente reciclável. E mesmo o reaproveitamento desse pequeno volume só é viabilizado pelo esforço de catadores, que enfrentam a falta de apoio do poder público e o desconhecimento da população quanto à separação do lixo.

O país produz 63 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano, sendo o quinto maior gerador de lixo urbano. O brasileiro produz 383 quilos de lixo per capita por ano, volume que cresceu 21% nos últimos dez anos, enquanto a população brasileira aumentou 9,6% no mesmo período.

Além da falta de vontade política, Carlos Roberto Vieira Filho, diretor da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais, apontou, entre os obstáculos ao avanço da reciclagem no país, a falta de uma cultura de valorização da prática na sociedade brasileira. Ele sugeriu programas permanentes de esclarecimento e incentivos à separação do lixo e punições para descarte de materiais recicláveis no sistema regular de limpeza urbana. Sugeriu ainda que a taxa para coleta seja proporcional à geração de resíduos.

(Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2014/04/23/sem-vontade-politica-brasil-recicla-apos-3-do-lixo-urbano>. Publicado em 23/04/14)

Quanto o Brasil separa de:



A melhor forma de cuidar do lixo urbano são os aterros sanitários. Empresas públicas ou privadas (por meio de concessão) podem assumir esse trabalho. Contudo, em grande parte do Brasil, ainda predominam as lixões. Para estimular mudanças nessa tendência negativa em nosso país, é preciso que as vantagens em implantar aterros, bem como de gerenciá-los corretamente, sejam divulgadas e ressaltadas.

De acordo com o IBGE, 64% dos municípios utilizam as lixões, lugares que não passam por nenhum tipo de controle e gerenciamento adequado dos resíduos.

Quanto às vantagens da utilização dos aterros, há muitas formas de aproveitamento do lixo:

- É uma destinação final sanitária, adequada e completa;
- Recebe quase todos os tipos de lixo;
- Protege o meio-ambiente e a saúde pública;
- É uma solução econômica com baixos investimentos iniciais de implantação, quando comparados a outros processos;

- É um processo de implantação rápida;
- Possibilita a recuperação de terrenos degradados;
- Elimina problemas sociais, estéticos, de segurança;
- Possibilita o aproveitamento do biogás se projetado para essa finalidade.

(Disponível em: <http://www.cpt.com.br/cursos-meioambiente/artigos/aterros-sanitarios-sao-a-melhor-forma-de-destinacao-do-lixo-urbano#ixzz3C2TODJyl>)

PROPOSTA 3

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Inclusão de Portadores de Deficiência no Brasil**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Art. 7º. São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

XXXI — proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência;

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

II — cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência;

Art. 24. Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre:

XIV — proteção e integração social das pessoas portadoras de deficiência;

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte:

VIII — a lei reservará percentual dos cargos e empregos públicos para as pessoas portadoras de deficiência e definirá os critérios de sua admissão;

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

IV — a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;

V — a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Art. 244. A lei disporá sobre a adaptação dos logradouros, dos edifícios de uso público e dos veículos de transporte coletivo atualmente existentes a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.

(Constituição da República Federativa do Brasil)

Ações afirmativas são uma expressão do princípio da igualdade em sua vertente material. Isso porque a igualdade impõe paridade de oportunidades e bem se sabe que nem todas as pessoas estão sujeitas a tratamentos igualitários. A igualdade real exige normas com caráter transformador que visem à realização da dignidade humana. O primeiro país a se utilizar do artifício das ações afirmativas para a efetivação da igualdade foram os Estados Unidos da América. Estas foram criadas para fazer face a preconceitos raciais historicamente enraizados.

As políticas internacionais de incentivo ao trabalho das pessoas com deficiência envolvem providências que vão desde a reserva obrigatória de vagas até incentivos fiscais e contribuições empresariais em favor de fundos públicos destinados ao custeio de programas de formação profissional, no âmbito público e privado.

Devido à herança histórica de exclusão das pessoas com deficiência no Brasil, é necessária a realização de ações afirmativas, no sentido de discriminações positivas, para que estas pessoas tenham acesso ao mercado de trabalho e desenvolvam suas potencialidades profissionais. Segundo a Lei 8.213/91 de 24 de julho de 1991:

Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

I - até 200 empregados: 2%;

II - de 201 a 500: 3%;

III - de 501 a 1.000: 4%;

IV - de 1.001 em diante: 5%.

A entrada da pessoa com deficiência na realidade de uma empresa, seja esta pública ou privada, somente trará benefícios para a sociedade, que verá realizados princípios consagrados na Constituição Federal, como o valor social do trabalho e a igualdade material. Também a própria empresa estará beneficiada por contratar pessoas familiarizadas com desafios diuturnos, com um ambiente de trabalho mais igual e humano e por estar cumprindo sua finalidade precípua dentro do Estado Democrático de Direito.

(Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/541/1/2010_eve_ftferrez.pdf)

PROPOSTA 4

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Uso de Ferramentas Tecnológicas na Educação**, apresentando proposta de conscientização social

que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A grande maioria das escolas públicas urbanas (95%) tem computadores instalados em suas dependências, mas apenas 6% dos equipamentos estão presentes nas salas de aula regulares. Os principais locais de instalação dessas máquinas ainda são a sala do diretor e da coordenação pedagógica.

O problema é que, mesmo possuindo laboratórios conectados à internet na grande maioria das escolas, o acesso à tecnologia por partes dos estudantes ainda é limitado. Isso porque o número de computadores por aluno ainda não é suficiente, as aulas nos laboratórios não ultrapassam dois encontros semanais, e a velocidade da conexão ainda não é estável.

(Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/30837/apenas-6-das-escolas-publicas-brasileiras-usam-computadores-na-sala-de-aula/>)


É perceptível que ainda existe certo preconceito com o uso das tecnologias em sala de aula por parte dos professores, o que faz com que essas ferramentas sejam pouco exploradas e que os benefícios do ambiente virtual não sejam realmente aproveitados pelos alunos. A apreensão e a falta de intimidade com os instrumentos tecnológicos causam no professor um sentimento de aversão quanto a essas modificações. Muitos deles classificam este fenômeno social como modismo, outros como agente prejudicial aos estudos, mas felizmente ainda existem aqueles que aprovam o resultado do seu uso em sala de aula.

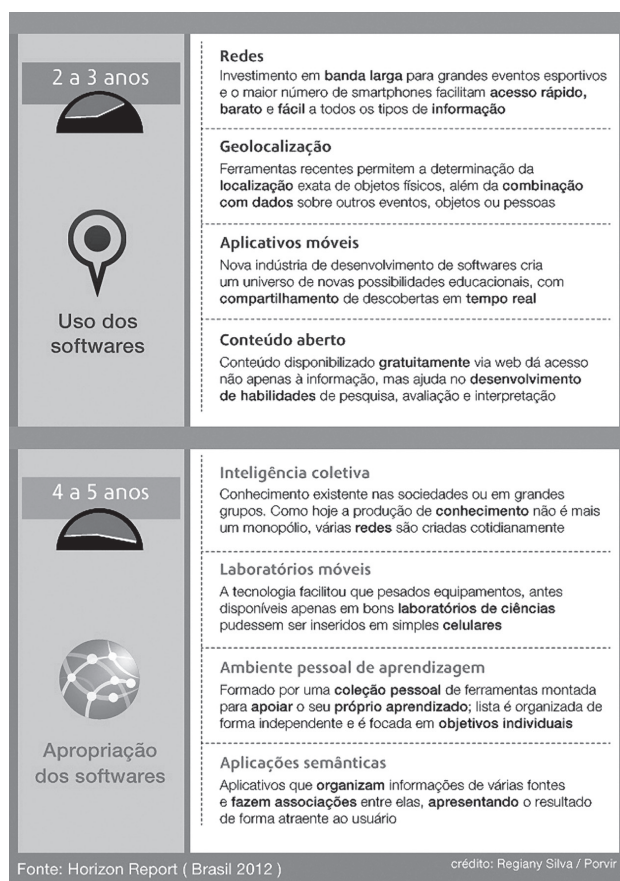
Para que ocorram mudanças a favor do aluno, o professor tem que direcionar as pesquisas, ser um orientador e não só um transmissor de informações nem apenas espectador. Essa forma de ensinar não é fácil, nossa cultura tem o ensino tradicional arraigado, que exige uma hierarquia e impede que o professor quebre essas barreiras.

(Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/31152/educacao-tecnologia-parceria-revoluc>)

Tecnologias de sala de aula

Especialistas indicam 12 ferramentas que estarão nas escolas até 2017

<p>1 ano ou menos</p>  <p>Popularização de dispositivos</p>	<p>Ambientes colaborativos Espaços on-line que visam facilitar a colaboração e o trabalho em grupos. Nesse tipo de ambiente, a interação acontece independentemente de onde os alunos estejam</p> <hr/> <p>Aprendizagem baseada em jogos Interação de jogos nas experiências educacionais; os benefícios têm se comprovado em desenvolvimento cognitivo, colaboração, solução de problemas e pensamento crítico</p> <hr/> <p>Celulares Especialmente quando se fala em smartphones, são o ponto de convergência de muitas tecnologias; permitem acesso a um volume muito grande de informações na palma da mão</p> <hr/> <p>Tablets Como os celulares, têm a facilidade da mobilidade e possibilitam aulas dentro e fora da escola. Dispositivos aumentam o leque de recursos pedagógicos</p>
--	--



PROPOSTA 5

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Mobilidade Urbana Sustentável no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O que é mobilidade urbana sustentável

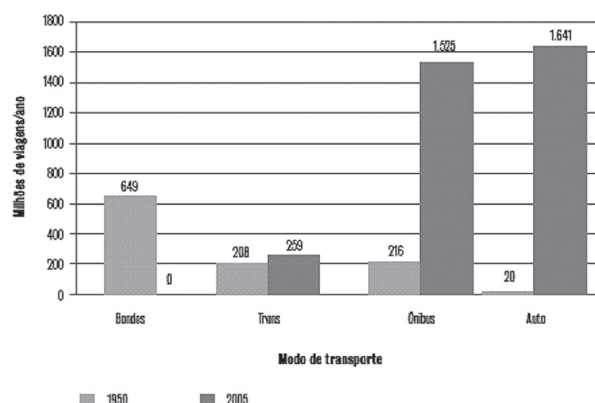
Mobilidade é o grande desafio das cidades contemporâneas em todas as partes do mundo. A opção pelo automóvel - que parecia ser a resposta eficiente do século XX à necessidade de circulação - levou à paralisia do trânsito, com desperdício de tempo e combustível, além dos problemas ambientais de poluição atmosférica e de ocupação do espaço público. No Brasil, a frota de automóveis e motocicletas teve crescimento de até 400% nos últimos dez anos.

Mobilidade urbana sustentável envolve a implantação de sistemas sobre trilhos, como metrô, trens e bondes modernos (VLTs), ônibus "limpos", com integração a ciclovias, esteiras rolantes, elevadores de grande capacidade. E soluções inovadoras, como os teleféricos de Medellín (Colômbia), ou sistemas de bicicletas públicas, como os implantados em Copenhague, Paris, Barcelona, Bogotá, Boston e várias outras cidades.

Por fim, a mobilidade urbana também demanda calçadas confortáveis, niveladas, sem buracos e obstáculos, porque um terço das viagens realizadas nas

cidades brasileiras é feita a pé ou em cadeiras de rodas. Somente a requalificação dos transportes públicos poderá reduzir o ronco dos motores e permitir que as ruas deixem de ser "vias" de passagem e voltem a ser locais de convivência.

(Disponível em: <http://www.mobilize.org.br/sobre-o-portal/mobilidade-urbana-sustentavel/>)



A plataforma do trem em Guaianazes fica ao lado de um terminal de ônibus e uma igreja. Estamos na extrema zona leste de São Paulo, mas parece uma pequena cidade do interior.

Cada deslocamento, de ida e de volta, demora duas horas. "Os vagões do metrô estão sempre lotados nos horários de pico. Além disso, quando eu chego à estação Itaquera para pegar a lotação, fico quarenta minutos na fila. Depois, o trajeto até Guaianazes demoraria vinte minutos, mas, com o trânsito, chega a quarenta", diz Alex Sander, morador do bairro.

"No mundo do transporte público, nota-se o desaparecimento do bonde e o grande aumento do uso de ônibus e, na área do transporte individual, aparece a ampla utilização do automóvel. Assim, a cidade mudou de uma mobilidade essencialmente pública e movida à eletricidade (o bonde e o trem) para outra que mistura a mobilidade pública e privada e depende essencialmente de combustíveis fósseis", aponta pesquisa do Ipea sobre a mobilidade urbana no Brasil.

(Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2578:catid=28&Itemid=23)

O diesel, usado principalmente no transporte de carga, é o combustível que mais tem colaborado para as emissões pelos escapamentos de dióxido de carbono, principal gás de efeito estufa, no Brasil. Em 2009, o diesel respondeu por 53% das emissões do transporte rodoviário do país, seguido pela gasolina, com 26%.

O primeiro inventário nacional de emissões veiculares mostra que a grande participação desse derivado do petróleo nas emissões de gases que provocam o aquecimento global tende a se manter: em 2020, deve ser responsável por 49% das emissões do gás.

A frota do Brasil (carros de passeio, caminhões, ônibus e motocicletas) passou de 9,3 milhões de veículos em 1980 para 38,2 milhões em 2009 - aumento de 310,7%. As emissões de gás carbônico do transporte rodoviário passaram de 65 milhões de toneladas para 167,1 milhões de toneladas (aumento de 156,6%).

(Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/02/diesel-responde-por-53-da-emissao-de-gas-carbonico-no-transito-no-brasil.html>)

PROPOSTA 6

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **O Desafio Habitacional Brasileiro**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Ao calcular a carência habitacional do país, pesquisadores tradicionalmente consideram quatro categorias:

1. Habitações precárias, como locais sem saneamento ou que apresentam riscos;
2. Coabitação familiar, ou seja, quando mais de uma família divide a mesma residência por falta de opção;
3. Gasto excessivo com moradia, que ocorre quando mais de 30% da renda de famílias pobres é comprometida com o aluguel;
4. Excesso de moradores em domicílios alugados, que é registrado quando, em média, mais de três pessoas compartilham um mesmo dormitório na casa.

Apenas famílias com renda total de até três salários mínimos são consideradas na análise do “gasto excessivo com moradia”. O comprometimento de mais de 30% da renda dessas famílias com aluguel significa que não sobram recursos suficientes para custear outros gastos essenciais, como alimentação, transporte e vestuário. De janeiro de 2008 até abril de 2014, o valor médio do aluguel subiu 97% em São Paulo e 144% no Rio de Janeiro, por exemplo, segundo o índice Fipe-Zap.

Guilherme Boulos, um dos líderes do MTST, diz que o aumento do aluguel força as famílias a se mudarem para regiões cada vez mais distantes do centro das cidades, onde a oferta de serviços públicos é ainda menor. Outro problema, afirma ele, é que essa mudança aumenta o tempo perdido no deslocamento dessas pessoas para o trabalho.

(Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140527_deficit_habitacional_ms.shtml. Publicada em 29/05/14)

Evolução do déficit habitacional no Brasil

	2007	2011	2012	Varição
Total	6.102.414	5.889.357	5.792.508	-5,1%
Aluguel muito caro	1.965.981	2.388.316	2.660.348	+35,3%
Habitação precária	1.264.414	1.187.903	883.777	-30,1%
Coabitação familiar	2.481.128	1.916.716	1.865.457	-24,8%
Adensamento excessivo	390.891	396.422	382.926	-2,0%

“Olho para as casas ao lado, de alvenaria, e sonho em ter um lar assim para meus filhos”, diz Marli Medeiros, de 36 anos. Desempregada, ela vive em Manaus, no Amazonas, com o marido e os três filhos. Divide com eles a pequena casa de paredes de madeira, tomadas por cupins. A moradia da família é um dos quase sete milhões de domicílios brasileiros, ou 12,1% do total, que se enquadram em uma das quatro categorias do déficit habitacional. Em 2010, dos 5.565 municípios do país, todos tinham algum tipo de déficit. Desses, 28,5% — ou 1.435 cidades — estavam acima da média nacional.

Os dados são da pesquisa Déficit Habitacional Municipal no Brasil 2010, da Fundação João Pinheiro, em parceria com o Ministério das Cidades, a partir dos números do Censo 2010. O estudo, que pela primeira vez analisou todas as cidades do país, apontou déficit de 6,940 milhões de unidades, sendo 85% na área urbana. Para os pesquisadores, o conceito de déficit não significa falta de casas, mas sim más condições, o que inclui desde moradias precárias até aluguéis altos demais. E uma política pública única não resolverá a questão, já que existem muitas diferenças entre regiões, estados, áreas metropolitanas e até entre as não metropolitanas.

— Não funciona ter política única para o país inteiro. Não basta dizer: o déficit é esse, então vamos construir tantas casas. A população migra, as pessoas casam. O sistema é dinâmico. Um programa como o Minha Casa, Minha Vida pode ajudar qualquer cidade, mas vai ter impacto diferente a partir do tamanho do município — diz Adriana Ribeiro, coordenadora da pesquisa, lembrando o principal programa de habitação do governo federal.

Lançado pelo ex-presidente Lula em seu segundo mandato, o Minha Casa Minha Vida entregou, até dezembro de 2013, 1.547.473 unidades.

(Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/segundo-estudo-todos-os-municipios-brasileiros-tem-deficit-habitacional-11827890>. Publicada em 08/03/14)

PROPOSTA 7

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Água e Dignidade na Realidade Brasileira**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O estado de São Paulo vive a pior crise de abastecimento de água de sua História, atingindo 17 milhões de pessoas nas regiões metropolitanas da capital e de Campinas. O governo estadual põe a culpa na falta de chuvas, já que o volume deste ano foi o menor das últimas oito décadas. Mas especialistas em recursos hídricos apontam outros culpados: a falta de investimentos para aumentar a capacidade de armazenamento de água e diminuir o desperdício no estado, a relutância em iniciar o racionamento oficial e os altos lucros pagos aos acionistas da Sabesp, companhia de economia mista responsável por captar, tratar e distribuir água.

O reservatório da Cantareira, o maior do estado, secou completamente, restando apenas o volume morto, uma reserva que corresponde a 18,5% do total

do reservatório. Em 2004, a Agência Nacional de Águas (ANA) já apontava para a necessidade de obras para diminuir a dependência do sistema Cantareira e, em 2009, a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (USP) entregou à Sabesp um relatório sobre o Plano da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê no qual dizia que o Cantareira tinha um “déficit de grande magnitude” e aconselhava o estado a tomar medidas para evitar o colapso.

(Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/em-sao-paulo-maior-crise-de-abastecimento-da-historia-13317475>. Publicada em 20/07/14)



Declaração universal dos direitos da água

A ONU redigiu um documento em 22 de março de 1992 - intitulado “Declaração Universal dos Direitos da Água”. O texto merece profunda reflexão e divulgação.

1. A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão, é plenamente responsável aos olhos de todos.

2. A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

3. A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

4. O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

(Disponível em: <http://www.sesisp.org.br/qualidade-de-vida/agua/direitos-da-agua>)

A água, por causa de sua escassez, é vista como recurso hídrico e bem econômico. Ela é uma mercadoria e fonte de lucro. (...) outra é a perspectiva quando damos centralidade à água e a partir dela vemos a globalização. Aqui o grande debate hoje se trava nestes termos: a água é fonte de vida ou fonte de lucro? A água é um bem natural, vital, comum e insubstituível ou um bem econômico a ser tratado como recurso hídrico e como mercadoria? Ambas as dimensões não se excluem, mas devem ser retamente relacionadas. Fundamentalmente, a água é direito à vida.

(Disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=1251>)

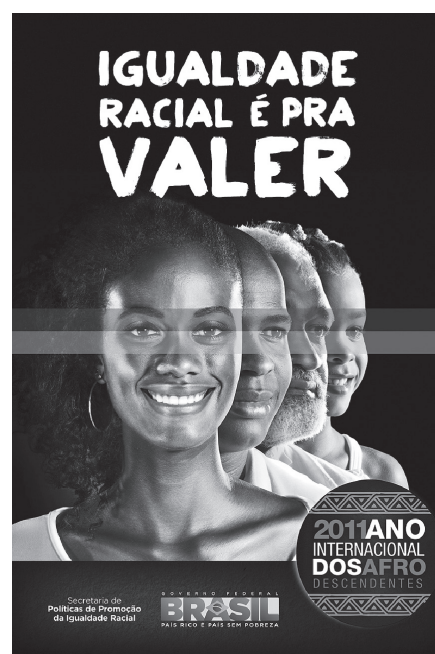
PROPOSTA 8

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Ensino de Cultura Africana e Discriminação Racial no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Após a vitória dos Santos diante do Grêmio por 2 a 0 nesta quinta-feira (28/08/14), na Arena Grêmio, o goleiro Aranha deixou o gramado acusando a torcida gaúcha de racismo. Segundo o camisa 1, os torcedores o xingaram de “preto fedido” e fizeram um coro rápido de macaco das arquibancadas.

“Da outra vez que a gente veio jogar, estava passando campanha contra o racismo no telão, não é por acaso. Eu estava no gol, xingar, pegar no pé, normal. Chamaram-me de preto fedido, cambada de preto. Começou aquele corinho de macaco. Eu pedi para o cinegrafista filmar, mas já tinham feito. Eu fico p..., desculpe o palavão. Dói, dói. Quando me chamaram de preto, eu digo que sou preto sim, sou negão sim. Sempre tem alguns racistas aqui no meio. Está dado o recado para ficar esperto para a próxima partida. Hoje tem leis, mas no futebol o torcedor usa de várias maneiras de desestabilizar os jogadores”, afirmou Aranha.

(Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2014/08/28/aranha-acusa-torcida-do-gremio-de-racismo-macaco-e-preto-fedido-doi.htm>)



Art. 26-A: Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º: O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição

do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º: Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

(Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

Aconteceu num debate, num país europeu. Da assistência, alguém me lançou a seguinte pergunta:

— Para si, o que é ser africano?

Falava-se, inevitavelmente, de identidade versus globalização. Respondi com uma pergunta:

— E para si, o que é ser europeu?

O homem gaguejou. Não sabia responder. Mas o interessante é que, para ele, a questão da definição de uma identidade se colocava naturalmente para os africanos. Nunca para os europeus. Ele nunca tinha colocado a questão ao espelho.

(Mia Couto)

Nelson Mandela foi uma figura singular no cenário global — um homem de dignidade calma e realização imponente, um gigante da justiça e uma fonte humana de inspiração. Estou profundamente triste com a sua morte. Em nome das Nações Unidas, estendo minhas mais profundas condolências ao povo da África do Sul e, especialmente, à família de Nelson Mandela e entes queridos.

Muitos por todo o mundo foram fortemente influenciados por sua luta altruísta pela dignidade humana, igualdade e liberdade. Ele tocou nossas vidas de maneiras profundamente pessoais. Ao mesmo tempo, ninguém fez mais em nosso tempo para fazer avançarem os valores e aspirações das Nações Unidas.

Nelson Mandela dedicou sua vida ao serviço do seu povo e da humanidade, e ele o fez com grande sacrifício pessoal. Sua posição de princípios e a força moral que sustentou foram decisivos no desmantelamento do sistema de apartheid.

Notavelmente, ele ressurgiu após 27 anos de detenção sem rancor, determinado a construir uma nova África do Sul com base no diálogo e na compreensão. A Comissão da Verdade e da Reconciliação estabelecida sob a sua liderança continua a ser um modelo para alcançar a justiça nas sociedades que confrontam um legado de violações dos direitos humanos.

Na luta de décadas contra o apartheid, as Nações Unidas estavam lado a lado com Nelson Mandela e com todos aqueles na África do Sul que enfrentaram o racismo e a discriminação implacáveis. Seu discurso em 1994 a Assembleia Geral da ONU como o primeiro presidente democraticamente eleito de uma África do Sul livre foi um momento decisivo.

A Assembleia declarou 18 de julho, seu aniversário, como o Dia Internacional Nelson Mandela, uma celebração anual em que reconhecemos e procuramos desenvolver a sua contribuição para a promoção de uma cultura da paz e da liberdade em todo o mundo.

Tive o privilégio de conhecer Nelson Mandela em 2009. Quando eu lhe agradei pelo trabalho de sua vida, ele insistiu que o crédito pertencia a outros. Fiquei muito emocionado por seu altruísmo e profundo senso de propósito comum.

Nelson Mandela mostrou o que é possível para o nosso mundo e dentro de cada um de nós — se nós acreditarmos, sonharmos e trabalhar juntos. Vamos

continuar a cada dia a nos inspirarmos em seu exemplo ao longo da vida e seu chamado para nunca deixar de trabalhar por um mundo melhor e mais justo.

(Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, 5 de dezembro de 2013)

PROPOSTA 9

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O Valor do Folclore no Brasil Contemporâneo**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



(Disponível em: <http://www.emailmanager.com/files/upload/blog/imagensblog/halloween.jpg>)

Quando falamos em folclore estamos nos relacionando, na sua grande maioria, a tudo aquilo que faz parte da cultura de um povo. Folclore é o conjunto de todas as tradições, lendas e crenças de um país, e pode ser percebido na alimentação, linguagem, artesanato, religiosidade e vestimentas de uma nação. Segundo a Carta do Folclore Brasileiro, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore em 1951, “constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular, ou pela imitação”. A palavra surgiu a partir de dois vocábulos saxônicos antigos. “Folk”, em inglês, significa “povo”. E “lore”, conhecimento. Assim, folk + lore (folklore) quer dizer “conhecimento popular”. (...)

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em razão de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história.

Gera um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É de extrema importância que a sociedade tome consciência de que a cultura faz parte de um povo. E sem cultura, o seu povo não tem identidade.

(MOTA, Elisângela & Figueirôa, Fábio. Os caretos: resgatando o patrimônio imaterial de Ribeirãopolis por meio das novas tecnologias — UFS)

Há um processo de revalorização e revitalização do folclore muito intenso no mundo, sendo este um processo novo. Para o teatrólogo e escritor Oswald Barroso, membro da Comissão Nacional do Folclore Barroso, o movimento de quadrilhas juninas no Ceará nunca foi tão forte quanto hoje. “Mas, a cultura praieira, pelo fato de ser muito visada pela especulação imobiliária, é a cultura que está mais

em risco”, salienta. “Estão querendo acabar com a Igreja de São Pedro, a festa de São Pedro e desarticular todo aquele porto de jangadas. A jangada é o símbolo do Ceará, está no brasão do Estado. Não existe nada mais simbólico para a nossa cultura do que o porto de jangadas do Mucuripe. É tarefa nossa preservar aquilo como um grande museu vivo”, ressalta.

Apesar de a cultura ser dinâmica, ela não estagna. Pelo contrário, está cada vez mais viva. Walden Luiz, presidente da Comissão Cearense de Folclore, defende que a cultura tradicional popular não precisa de nenhum salvador, uma vez que nunca vai deixar de existir. “Ela se mantém dentro do povo, desde o seu nascimento, passando pela educação e informações que recebe desde pequeno. Às vezes, as pessoas dizem que não gostam de folclore, mas têm em casa uma rede, colher de pau, uma série de instrumentos que, não sabem, mas fazem parte da cultura tradicional popular. Veio do índio, do negro, dos colonizadores. Está dentro da nossa casa, e não é muito valorizado”, comenta.

(Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1303271>)

Comemorado em 22 de agosto, o Dia do Folclore é marcado por programações especiais em escolas de todo o país. Na chamada ‘Semana do Folclore’, personagens típicos das lendas brasileiras são recordados e suas histórias, recontadas. Apesar disso, estudiosos apontam que as tradições do folclore local ainda não encontram difusão no Estado de Sergipe. Segundo eles, as manifestações culturais próprias de Sergipe são pouco conhecidas pelos alunos da rede pública de ensino.

Na visão da Assessora de Cultura Popular da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), Maurelina Santos, o espaço para o folclore sergipano ainda é limitado na rede pública de ensino devido à falta de capacitação entre os educadores. A pesquisadora defende a inclusão do folclore na grade de disciplinas do Ensino Fundamental. Para Maurelina, a falta de conhecimento sobre as manifestações populares constrói uma noção elitista sobre a cultura. “Se a criança é formada tendo em mente que a cultura é somente o que é erudito, acaba criando uma resistência ao folclore de seu próprio estado. E no contato com uma manifestação regional, ri e não entende o real significado daquela forma de expressão, que faz parte de sua própria identidade histórica”, alerta.

(Disponível em: <http://www.infonet.com.br/educacao/ler.asp?id=148283>)

PROPOSTA 10

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Geração de Energia e Desenvolvimento do Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

	Consumo de energia em 2007 (em milhões de tep*)	Consumo de energia em 2030 (em milhões de tep*)
China	1.760,8	5.347,9
Estados Unidos	2.388,2	3.462,7
Rússia	743,2	1.007,5
Índia	427,2	1004,1
Brasil	223,2	468,7
México	168,4	338,6

* tep: toneladas equivalentes de petróleo. (Fonte: FGV)

Energia é um insumo fundamental para o funcionamento da sociedade. Estima-se um crescimento da demanda mundial de energia da ordem de 2,6% ao ano, tomando como base o cenário de referência. Os países que mais demandarão o insumo são os que terão as maiores taxas de crescimento econômico, como a China, com um aumento de consumo de 4,9% ao ano, e a Índia, com 3,8%. O Brasil será o sétimo maior consumidor de energia do mundo (hoje ocupa a 11ª posição), com crescimento anual médio de 3,3%.

A distribuição de energia elétrica, por sua vez, passará por mudanças significativas, ligadas a novos padrões habitacionais. Com o aumento do número de moradias e também de eletrodomésticos, o consumo residencial crescerá a uma taxa de 3,9% ao ano.

Com tudo isso, há a necessidade de investimentos estimada em US\$ 750 bilhões até 2030. Nesse cenário, 3,8% dos investimentos mundiais em energia serão realizados no Brasil, com destaque para a ampliação da oferta de petróleo, gás natural e geração elétrica. O modelo brasileiro deve seguir uma rota que garanta a segurança energética, com possibilidade de participar do mercado internacional de gás natural como fornecedor de GNL e viabilizar, por meio de suas exportações, o mercado internacional de etanol. Haverá restrições ambientais à expansão da oferta de hidreletricidade.

(Disponível em: [http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Deasfios_do_Mercado_de_Energia_PDF_Publicação/\\$FILE/Desafios%20do%20Mercado%20de%20Energia.pdf](http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Deasfios_do_Mercado_de_Energia_PDF_Publicação/$FILE/Desafios%20do%20Mercado%20de%20Energia.pdf))

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, anunciou ontem um investimento de R\$ 1 bilhão para projetos de energia nos próximos dez anos, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O ministro destacou a rica matriz energética do país, com a ampla presença de hidrelétricas e crescimento da produção de biocombustíveis. No último ano foram produzidos cerca de 23 bilhões de litros de biocombustíveis e para 2014 a expectativa é de um aumento de 11% na produção, chegando a 26 bilhões de litros, afirmou Lobão.

(Disponível em: http://ultimoinstante.com.br/pt/noticias_20130730/setores_energia/228734/Lobao-anuncia-investimento-de-R-1-bi-em-projetos-de-energia.htm#axzz2b4T2Cseo)

Dados do Balanço Energético Nacional 2012 revelam que a energia hídrica representa mais de 81% da matriz elétrica brasileira. De acordo com a WWF-Brasil, o país já tem capacidade para aumentar em, pelo menos, 40% a produção de eletricidade a partir de fontes renováveis alternativas - sobretudo se investir na geração de energia eólica, de biomassa e nas Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs).

Segundo o estudo, o país sinaliza para uma tendência de queda nos preços das fontes renováveis alternativas nos próximos 10 a 15 anos — enquanto o valor da produção de eletricidade nas usinas hidrelétricas seguirá o caminho oposto, de aumento —, tornando-as interessantes, também, do ponto de vista econômico.

No entanto, para que o Brasil realmente consiga atingir todo o potencial que possui na geração de energia a partir de fontes renováveis alternativas, é preciso vontade política. Isso porque a criação de novos subsídios ou, ainda, o redirecionamento dos subsídios já existentes — que atualmente são voltados para a viabilização da produção energética por fontes fósseis — é fundamental no processo de transição para uma matriz elétrica menos dependente das usinas hidrelétricas.

(Disponível em: <http://exame.abril.com.br/meio-ambiente-e-energia/energia/noticias/brasil-pode-produzir-40-mais-energia-alternativa>)

PROPOSTA 11

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A Distribuição de Terras no Brasil no Século XXI**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Existem mais de 371 milhões de hectares prontos para a agricultura no país, o que equivale aos territórios de Argentina, França, Alemanha e Uruguai somados. Mas só uma porção relativamente pequena dessa terra tem algum tipo de plantação. Cerca da metade destina-se à criação de gado. O que sobra é o que os especialistas chamam de terra ociosa. Nela não se produz 1 litro de leite, uma saca de soja, 1 quilo de batata ou um cacho de uva. Por trás de tanta terra à toa esconde-se outro problema agrário brasileiro. Até a década passada, quase metade da terra cultivável ainda estava nas mãos de 1% dos fazendeiros, enquanto uma parcela ínfima, menos de 3%, pertencia a 3,1 milhões de produtores rurais.

Ainda que os pequenos proprietários não conseguissem produzir para o mercado, mas apenas o suficiente para seu sustento, já seria uma saída pelo menos para a miséria urbana. Além disso, os assentamentos podem ser uma solução para a tremenda migração que existe no país, já que qualquer fluxo migratório tem, por

trás, um problema agrário. O preço está à vista de todos: a urbanização selvagem, a criminalidade em alta, a degradação das grandes cidades.

(Um velho desafio brasileiro. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/reforma_agraria/contexto_1.html)

O Brasil é o maior país da América Latina e o quinto maior país do mundo em extensão territorial. Contudo, apenas 49,7% das terras no Brasil estão cadastradas no INCRA. Segundo diagnóstico apresentado no II Plano Nacional de Reforma Agrária do Brasil - II PNRA, realizado em 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, os indicadores de concentração de terras superam a concentração de renda no país. Foi estimado, através do índice de Gini, que a distribuição de renda média no Brasil em 2003 possuía $G=0,6$ enquanto a distribuição de terras, $G=0,8$. (...) Em suma, há indícios de uma naturalização da desigualdade de terras, acompanhada da falta de políticas públicas adequadas para que haja um reordenamento da composição na distribuição de terras no país.

(A formação da propriedade e a concentração de terras no Brasil. Filho, José Luiz Alcantara. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada — Vol. 4 N° 7 Jul-Dez 2009.)

Tão cruel quanto a do campo, a realidade das cidades, decorrente das necessidades capitalistas de geração de lucros, também é de opressão. A exclusão social que assola tanto as grandes quanto as pequenas cidades resulta em desemprego em massa, onde saúde, educação, lazer são direitos cada vez mais distantes da população em geral, já que a grande maioria faz parte da classe dominada, formando um grande contingente de cidadãos que nem acesso a moradia tem. Estes, por sua vez, se aglomeram em terrenos, em morros e contribuem para a favelização das cidades. Esse processo é decorrente da concentração de terras urbanas também nas mãos de poucos e da desigualdade provocada pela centralização do poder.

(Pequenas considerações acerca da má distribuição de terras no Brasil. Almeida, Rosemeire.)

PROPOSTA 12

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Avanços e Retrocessos no Papel da Mulher Brasileira**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Num passado não muito remoto, quando uma mulher tinha profissão ou emprego, dizia-se que trabalhava fora. O trabalho dos homens dispensava explicação — só podia mesmo ser fora. Agora que a mulher representa metade da mão de obra do mundo ocidental (no Brasil, 42,4%), e que a avalanche de informação por vezes obstrui a visão do caminho percorrido, é bom lembrar expressões que envelheceram e saíram de cartaz. Elas nos devolvem imediatamente a consciência do avanço.

Até a Constituição de 1988 e a reforma do Código Civil, em 2002, a estrutura familiar era uma escadinha cujo degrau mais alto era ocupado pelo marido. Entre outros direitos, ele podia anular o casamento se a noiva não fosse virgem

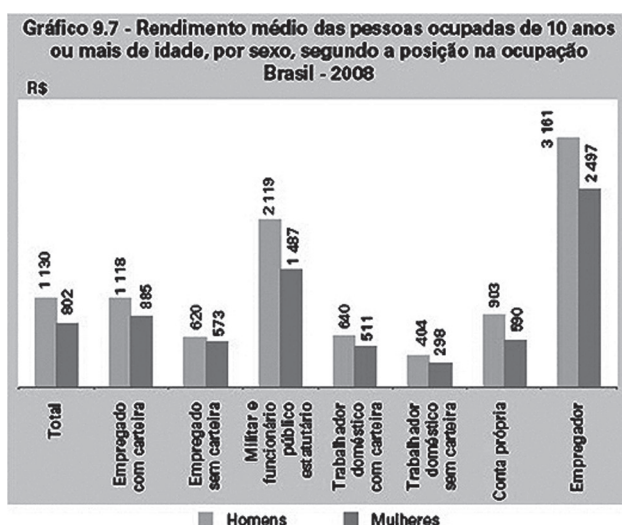
e deserdar a filha se ela não fosse “honesta”. Hoje, ao menos teoricamente, marido e mulher figuram lado a lado (cerca de 35% das famílias são chefiadas por uma mulher). Já não se fala em pátrio poder, porque ele não existe mais. Foi substituído pela autoridade familiar. (...)

A chegada da mulher ao mercado de trabalho e o impacto cultural desse acontecimento são saudados como a maior transformação social desde a Revolução Francesa, mas por vezes são apresentados como o bônus acidental de uma evolução da economia. A passagem para a era pós-industrial e a decorrente necessidade da mão de obra feminina, adequada à era dos serviços, seriam o grande catalisador do novo lugar da mulher. A economia foi uma poderosa alavanca, mas, a depender apenas dela, as mulheres nem sequer votariam e as novas profissionais entenderiam mais de bainha aberta do que de articulações em rede.

Pela maneira como é descrito hoje, o feminismo parece um movimento longínquo, personificado por radicais que queimavam sutiãs e combatiam, além dos homens, irrelevâncias como o batom e a depilação. Na realidade, trata-se de uma ação continuada, competente e internacional, que soube pôr no coração do poder questões cotidianas e urgentes para milhares de indivíduos que permaneceriam invisíveis sem essa pressão.

As mulheres das classes D e E – as pobres, como se dizia no passado – continuam a trabalhar dentro e fora, como fizeram suas mães e avós. Entre os raros benefícios conquistados nos últimos anos figuram a aplicação das leis trabalhistas às empregadas domésticas e, em alguns lugares do Brasil, a preferência pela mulher na titularidade de imóveis populares financiados com recursos públicos. Programas assistenciais como o Bolsa Escola e o Bolsa Família são registrados prioritariamente em nome da mãe, reconhecida como o elemento mais estável no núcleo familiar. As mulheres ganharam mais poder, mas continuam a lavar a roupa sozinhas.

(Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/gritos-que-fizeram-historia-p-018.html>)



(Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI97603-15228,00-ASCENSAO+DA+MULHER+NO+MERCADO+DE+TRABALHO+ESTA+ESTAGANADA.html>)

Uma recente pesquisa realizada pelo WHO – World Health Organization (Organização Mundial de Saúde), apontou que entre 10 a 50% das mulheres entrevistadas alegaram ter sofrido algum tipo de violência física, sexual ou mental. Conforme dados da Sociedade Mundial de Vitimologia, que pesquisou a violência doméstica em 138 mil mulheres de 54 países, 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas à violência doméstica. O Brasil é o país que mais sofre com a violência doméstica, perdendo 10,5% do seu PIB (Produto Interno Bruto), porém, a magnitude das consequências da violência doméstica no Brasil na economia, nos custos para o sistema de saúde, a polícia, o Poder Judiciário, os órgãos de apoio à mulher na própria saúde das mulheres, ainda não pode ser medida com maior precisão, pois as nossas estatísticas necessitam de dados importantes que não são coletados.

Diante de avanços e retrocessos, é hora de a geração feminina deste século XXI mostrar uma nova ordem de valorização da sua identidade. A América do Sul, nesse contexto, deu um tremendo salto nas últimas décadas, com Michelle Bachelet, ex-presidenta do Chile e atual diretora-executiva da ONU, Cristina Kirchner, da Argentina, Dilma Rousseff, no Brasil, e tantas outras que têm deixado o seu nome inscrito na História.

(Disponível em: <http://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/as-mulheres-do-seculo-xxi>)

PROPOSTA 13

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Prostituição Infantil no Brasil: um Desafio Nacional**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Uma menina vestida com um pequeno biquíni expõe seu corpo frágil. Ela não parece ter mais do que 13 anos, mas é uma das dezenas de garotas andando pelas ruas à procura de clientes debaixo do sol da tarde. A maioria vem das favelas da região.

[...]“Oi, meu nome é C. Você quer fazer um programa?”, ela pergunta. C. pede menos de R\$ 10 por seus serviços. Uma mulher mais velha chega perto e se apresenta como mãe da menina.

“Você pode escolher outras duas meninas, da mesma idade da minha filha, pelo mesmo preço”, ela diz. “Eu posso levar você a um motel local onde um quarto pode ser alugado por hora.” [...]

Motoristas de táxi trabalham com as garotas que são jovens demais para entrar nos bares. Um deles me oferece duas pelo preço de uma e uma carona para um motel local.

“Elas são menores de idade, então são muito mais baratas que as mais velhas”, explica ele ao me apresentar S. e M.

Nenhuma delas faz nenhum esforço para esconder sua idade. Uma delas leva consigo uma bolsa da Barbie, e as duas se dão as mãos com um olhar que parece aterrorizado diante da perspectiva de um potencial cliente.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/775561-turismo-sexual-estimula-prostiticao-infantil-no-brasil.shtml>. Acesso em 25 abr.2011)

As jovens passam a madrugada na BR-101 e revelam o que fazem. “A gente faz programa. Cada um é R\$ 20”, conta uma delas. [...] As jovens se oferecem: “Vamos fazer um programa?”.

Para as meninas, tempo também é dinheiro, e se o cliente demora para se decidir, elas vão embora. Mas não vão para casa. A moradia é improvisada em um imóvel abandonado às margens da rodovia. Depois de um pequeno descanso, voltam ao trabalho já depois do sol raiar. [...]

Tudo acontece a poucos metros do prédio da Delegacia da Polícia Rodoviária Federal. E o pior: as meninas que fazem sexo na BR-101 em troca de dinheiro são menores de idade.

Uma mulher que, por medo, esconde o rosto, desabafa: “É uma prostituição a noite toda, para lá e para cá. Tem garotinho de 9 anos usando drogas e fazendo aviãozinho. Além da prostituição infantil, existe a droga, de todo tipo que vocês possam imaginar”.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/02/imagens-mostram-prostituicao-infantil-em-pontos-da-br-101-norte-no-rj.html>. Acesso em 25 abr.2011)

Um levantamento feito em 66 mil quilômetros de rodovias federais identificou 1820 pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes e a maioria deles, 67,5%, ficam em áreas urbanas. O mapeamento foi feito pela Polícia Rodoviária Federal, em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, a Organização Internacional do trabalho, e a Childhood Brasil, e apresentado nesta quarta-feira em São Paulo.

De acordo com o levantamento, os cinco estados com maior número de locais vulneráveis são justamente os que detêm as maiores malhas viárias. Nos principais eixos rodoviários do país estão 45,7% dos pontos identificados. Segundo a PRF, são normalmente estradas que ligam regiões mais desenvolvidas a outras menos desenvolvidas.

Entre 2005 e 2009 foram recolhidos e encaminhados a Conselhos Tutelares 2036 meninos e meninas encontrados em locais deste tipo. No total, 951 pessoas foram presas em flagrante.

Os locais identificados como de risco para a prostituição infantil concentram ainda outros ilícitos, como venda e consumo de drogas, prostituição e tráfico de seres humanos. Em maioria, são locais onde estão presentes caminhoneiros.

(Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2010/10/06/estradas-federais-tem-1-820-pontos-vulneraveis-prostituicao-infantil-maioria-em-areas-urbanas-922716445.asp>. Acesso em 25 abr.2011.)

O número de denúncias sobre exploração da prostituição infantil encaminhadas pela população do Estado (do Rio de Janeiro) ao Disque-Denúncia aumentou em 34,90% em 2008 em comparação com 2007 [...]. Em 2007, foram 1378 denúncias de abuso sexual, exploração sexual e pornografia infantil, contra 1859 do ano anterior.

(Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/05/22/prostituicao-infantil-numero-de-denuncias-aumenta-34-9-de-2007-para-2008-755994855.asp>. Acesso em 25 abr.2011)

A cidade de Buenos Aires, na Argentina, está contratando ex-garotas de programa para ajudar a combater a prostituição infantil. O projeto, que é da Secretaria de Desenvolvimento Social, começou com dez mulheres que recebiam um salário mensal equivalente a R\$ 1 mil.

“Com a ajuda das ex-prostitutas já conseguimos retirar cerca de 110 jovens

das ruas, que se prostituíam ou vinham sendo explorados sexualmente”, afirma Miguel Sorbello, coordenador do projeto e assistente social da divisão da Infância e Adolescência da secretaria.

Sorbello disse ainda que o resultado tem sido positivo e que a previsão é contratar mais dez mulheres e cinco travestis para integrar a equipe. “Como elas conhecem os códigos (da prostituição e da exploração sexual) melhor do que um assistente social, tivemos a ideia de contratá-las. Elas se aproximam dos jovens e afirmam, por exemplo, que agora que têm 30 ou 40 anos e veem que não valeu a pena seguir aquele caminho”.

(Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/vida/comportamento/argentina-combate-prostituicao-infantil-com-ajuda-de-ex-prostitutas/>. Acesso em 25 abr.2011)

PROPOSTA 14

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A Situação do Índio Brasileiro no Século XXI**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Sua redação deve ter no máximo 30 linhas.

Segundo uma definição técnica das Nações Unidas, de 1986, as comunidades, os povos e as nações indígenas são aqueles que, contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade, e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidade com seus próprios padrões culturais, as instituições sociais e os sistemas jurídicos.

(O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Luciano, Gersen dos Santos. Brasília, 2006.)

Em pleno século XXI, a reivindicação por terras indígenas se faz tão atual quanto nos tempos dos colonizadores, com a diferença de que hoje está melhor articulada, tem o apoio das novas tecnologias e um número maior de simpatizantes da causa, facilitado pelas redes sociais. Mas os entraves também ficaram mais robustos. Com o apoio ainda limitado do governo federal e os projetos de modelo econômico do País, o direito básico dos índios foi preterido, retardando as demarcações de reservas indígenas por décadas.

Com mais de 20 vinte anos de estudos sobre os índios, o antropólogo indigenista e professor da Universidade da Bahia (Uneb), José Augusto Sampaio Sampaio, calcula que o tempo médio para a conclusão do processo de demarcação de territórios indígenas é de cerca de 30 anos. “Não é uma terra qualquer”, afirmou o antropólogo, comparando com a situação do MST que busca áreas produtivas em lugares diversos. “É aquela terra, onde os mortos estão enterrados, onde tem uma história deles ali”, complementa.

A situação mais grave é na região sul, por ser uma área de conflitos, onde há registros de assassinatos de índios e constantes ameaças. O relatório Violência

contra os Povos Indígenas do Brasil de 2011, elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), aponta que cinco índios foram assassinados na Bahia naquele ano, dos 51 mortos em todo o Brasil. As vítimas eram todas Pataxós e, conforme o levantamento, em três casos o crime está aparentemente relacionado com as disputas territoriais.

(Disponível em <http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2013/04/18/direito-a-terra-ainda-e-a-principal-luta-dos-indios-no-brasil-413409.php>)

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que há 896.917 índios no Brasil. Deles, entretanto, apenas 817.963 se autodeclararam índios. Essas 78.954 pessoas vivem em terras indígenas do país e declararam pertencer a outra cor ou raça, mas também se consideraram indígenas. Os entrevistados, de acordo com o IBGE, levaram em consideração as tradições, costumes, cultura e os antepassados. Considerando os que se reconhecem como índios, 324.834 vivem na zona urbana. O número equivale a 36,2% do número total.

De acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), existem atualmente 505 terras indígenas (áreas demarcadas pela União onde existem aldeias) distribuídas pelo país. A região Norte permanece abrigando a maior quantidade de indígenas, no total 342.836 entre declarados e não declarados, seguido do Nordeste, com 232.739, e do Centro-Oeste, com 143.432. As regiões Sudeste e Sul possuem, respectivamente, 99.137 e 78.773 índios no total.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/mais-de-324-mil-indios-brasileiros-vivem-em-area-urbana-diz-ibge.html>)

Quando se observa o mapa da distribuição das populações indígenas no território brasileiro de hoje, podem-se ver claramente os reflexos do movimento de expansão político-econômica ocorrido historicamente. Os povos que habitavam a costa leste, na maioria falantes de línguas do Tronco Tupi, foram dizimados, dominados ou refugiaram-se nas terras interioranas para evitar o contato. Hoje, somente os Fulniô (de Pernambuco), os Maxakali (de Minas Gerais) e os Xokleng (de Santa Catarina) conservam suas línguas. Curiosamente, suas línguas não são Tupi, mas pertencentes a três famílias diferentes ligadas ao Tronco Macro-Jê.

Os Guarani, que vivem em diversos estados do Sul e Sudeste brasileiro e que também conservam a sua língua, migraram do Oeste em direção ao litoral em anos relativamente recentes. As demais sociedades indígenas que vivem no Nordeste e Sudeste do País perderam suas línguas e só falam o português, mantendo apenas, em alguns casos, palavras esparsas, utilizadas em rituais e outras expressões culturais. A maior parte das sociedades indígenas que conseguiram preservar suas línguas vive, atualmente, no Norte, Centro-Oeste e Sul do Brasil. Nas outras regiões, elas foram sendo expulsas à medida que a urbanização avançava.

(Disponível em <http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm>)

PROPOSTA 15

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Os Desafios da Nova Escola Brasileira**, apresentando proposta de

intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Na visão da secretária de educação básica do Ministério da Educação, Maria do Pilar Lacerda, o modelo tradicional de escola não tem condições de formar essa geração de alunos que recebem tanta informação. De acordo com ela, não basta que professores transmitam conteúdo. Eles devem trabalhar com todas as formas de informação e ajudar a aprimorar o espírito crítico dos estudantes. “Quanto menor a capacidade de leitura e crítica, maior a capacidade de acreditar no que não se deve”, destacou. “É preciso tratar a informação, tratar o entorno da escola.”

Em um exemplo de como envolver a escola com a comunidade e, ao mesmo tempo, criar no aluno o gosto pela leitura, a secretária citou a Olimpíada de Língua Portuguesa, cujo tema é O Lugar onde Vivo. “O tema da olimpíada, trabalhado pelos gêneros memória, crônica e artigo de opinião, leva crianças, professores e jovens a ter contato com a comunidade sem perder o foco na aprendizagem”, salientou.

Maria do Pilar ressaltou que os professores precisam estimular nos alunos, acostumados com tecnologias, a leitura de meios que vão além do papel. Além disso, devem assumir o projeto de educação integral da escola, de maneira que as atividades estejam atreladas ao currículo para que tenham sentido educativo.

Para o secretário de educação continuada, alfabetização e diversidade do MEC, André Lázaro, o programa pode ajudar a atrair as crianças que estejam fora da escola. “Temos algo como 500 mil crianças de sete a 14 anos fora da escola, de acordo com a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios”, disse. Para ele, não caberia somente à escola resolver todos os problemas sociais que atingem crianças e jovens, mas à integração entre escola e outros setores. “Não é levar os postos de saúde ou os teatros para a escola; é fazer a escola atravessar a rua e encontrá-los”, exemplificou.

(http://portal.mec.gov.br/index.php?id=15452&option=com_content&view=article)



PROPOSTA 16

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Justiça e Inclusão Social no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Muito embora o acesso à Justiça tenha se tornado mais fácil para pessoas jurídicas ou pessoas físicas de nível social mais elevado, não se dá o mesmo com aqueles em pior situação econômica. Por exemplo, um cidadão que receba até R\$ 800 não disporá de meios para pagar um advogado. Poderá valer-se, é verdade, de um defensor público. Mas estes ainda são em número pequeno para as necessidades.

O problema maior mesmo se dará quando a necessidade for de um excluído social, aquele que se encontra abaixo da linha de pobreza. Os que dispõem apenas do mínimo para o abrigo e alimentação, ou, por vezes, só alimentação. São os que vivem em espaços públicos (por exemplo embaixo dos viadutos), os habitantes das favelas da periferia das grandes cidades (São Paulo, capital, tem 1.565 favelas, O Globo, 11.10.08, p.11), os que invadem e vivem em construções inacabadas, os que constroem habitações em cima de mangues ou nas encostas dos morros, enfim, os que nada têm e que não sabem quais são, nem como reivindicar, seus direitos.

A dura realidade destes milhares de brasileiros, que já se encontram inclusive nas cidades de porte médio, foi bem retratada em entrevista feita com um catador de lixo em Curitiba. Nela se tem uma amostra do quadro social que vem aumentando nos últimos tempos. O entrevistado, originário do Paraná, tem uma vida parecida à de outros tantos que lhe são semelhantes. Filho de criação, nascido no interior, migrou para a capital (Curitiba), é pouco mais que alfabetizado. Recolhe papel, garrafas PET e latas de cerveja para um terceiro, que lhe aluga o veículo que puxa pelas ruas da cidade. Trabalha durante todo o dia recolhendo lixo reciclável e recebe cerca de R\$ 100 por semana. Vê-se das respostas que o seu único contato com a Justiça foi quando foi preso sob a acusação de ter agredido a mulher. Desconhece por completo o Judiciário, nunca ouviu falar em Justiça do Trabalho ou Juizado Especial. Perguntado sobre a quem procura para resolver um conflito, e se havia algum chefe de facção criminosa atuando como árbitro no local onde mora, prudentemente disse desconhecer tal fato e que, na sua favela, as pessoas costumavam evitar problemas. Mas deixou bem claro que se tivesse que procurar alguém iria à Polícia. (...)

É evidente que os excluídos sociais muitas vezes têm algum tipo de direito a reclamar. Pode ser contra aquele que compra os resíduos que recolhe, pode ser

uma certidão de nascimento que precisa ser retificada, o FGTS de um ascendente falecido, um benefício assistencial junto ao INSS, um seguro por morte de um parente em acidente de trânsito e outros tantos.

(FREITAS, Vladimir Passos de. <http://www.conjur.com.br/>, 12/10/08)

Em uma visão geral do imaginário cinematográfico, o pouco que se sabe sobre o cotidiano do sistema judiciário é oriundo de ficções norte-americanas com os chamados “filmes de tribunal”. Quando um documentário como “justiça” (assim mesmo, com inicial minúscula) aparece para evidenciar de forma bastante clara como se articulam as relações de poder na justiça criminal brasileira, o resultado é no mínimo impactante. (...) O documentário revela a brutal distância de linguagem entre quem faz e executa a lei e aqueles que são condenados por ela. Apesar da aparente imparcialidade de “justiça”, fica evidente o posicionamento da cineasta diante das discussões em torno do tema. (...) Seu posicionamento é legitimado em outra cena que mostra a defensora pública Maria Ignez Kato - uma das poucas personagens humanizadas do documentário, conversando com familiares na mesa de jantar sobre sua rotina de trabalho. “Esses promotores pensam que vão salvar a sociedade. Dizem que ninguém é preso nesse país, enquanto os presídios estão aí superlotados”, argumenta. Maria Ignez acrescenta que só os mais pobres acabam presos. “São só gente pé-de-chinelo, que rouba celular, carteira, pequenas coisas. Outro dia apareceu um acusado de roubo de três óleos de pele e tive de entrar com vários recursos para livrar ele da cadeia”.

(VIEIRA, Camila. http://imagem_em_movimento.blogspot.com.br/)



(Cícero. www.cicero.art.br)

PROPOSTA 17

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **A Importância e a Limitação da Solidariedade**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

É inevitável que continuemos a conviver com tragédias inesperadas possivelmente para sempre. Mas um fato é realidade: a globalização aumentou

muito o espírito de solidariedade humana. Qualquer catástrofe mais ampla que ocorra, em algum local do planeta, “toca”, fortemente, a maior parte da população mundial, sentindo-se a mesma responsável por ajudar as suas vítimas. Não era assim uns tempos atrás, mas a evolução dos meios de comunicação trouxe as tragédias para dentro de “nossas casas”, fazendo cada vez maior nossa identificação com os que padecem.

(Disponível em: <http://www.folhape.com.br/index.php/caderno-cidadania/554652?task=view>. Acesso em 25 abr. 2011)

A raiz da palavra compaixão traz a ideia de uma comunidade de sentimentos capaz de nos levar à comoção diante da tragédia alheia. Indivíduos não atingidos diretamente por uma determinada adversidade desejam minorar a dor do outro ao sentir na carne um infortúnio que não é propriamente seu. Um tsunami varreu parte do Japão, enquanto boa parte dos brasileiros tomava café da manhã.

As imagens da tragédia nos chocam, sem dúvida. Mas seriam capazes de nos comover a ponto de gerar comiseração? Seríamos capazes de importar a dor dos japoneses, trazendo-a para nossas vidas cotidianas?

A depender do juízo de alguns pensadores antigos que se dedicaram à compreensão da natureza humana, a resposta é não. Isso não é, porém, resultado de uma insensibilidade endógena dos brasileiros, ou mero egoísmo de um povo tradicionalmente caracterizado como solidário: trata-se simplesmente das implicações morais da distância.

[...]

A dor do outro só é devidamente sentida por nós apenas quando imaginamos que a mesma tragédia pode vir a acontecer conosco ou com nossos conhecidos. [...] Tanto é assim que boa parte do noticiário sobre a catástrofe tenta, de alguma forma, nos aproximar do Japão. “Algo semelhante pode acontecer no Brasil?”, “A radiação das usinas pode afetar outros países?”, “A economia global sofrerá algum impacto?”.

Insensibilidade? Nada disso. Trata-se apenas da consagrada indisciplina de nossos sentimentos.

(<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/conteudo.php?tl=1&id=1108281&tit=Solidariedade-distante>. Acesso em 25 abr. 2011)

Pelas nossas características topográficas, com morros, praias, lagoas e mangues, estamos expostos a enchentes há pelo menos 200 anos — um problema que só piorou com a ocupação desordenada do solo urbano. [...] Não é exatamente por falta de diagnóstico que casas desabam e pessoas morrem em épocas de chuva. O que falta é uma ação preventiva por parte de nossos administradores. Para nossa desgraça, o roteiro seguido pelo poder público nessas ocasiões é muito semelhante. Enterram-se os mortos, adotam-se medidas paliativas, mas as grandes questões são evitadas. E a razão para tal comportamento não se resume à simples incompetência, mal que permeou a maioria das últimas administrações da cidade e do Estado. Para resolver determinadas questões, é preciso coragem. Reunir bravura e determinação para enfrentar os demagogos, os intelectuais que gostam de miséria, as celebridades que acham natural conviver com malfetores, os engajados em causas supostamente nobres que sempre fizeram vista grossa para a ocupação desenfreada de morros e no fundo

gostariam de tombar as favelas como patrimônio da humanidade, além das que serão beneficiados pelas mudanças, mas que, por ignorância, não conseguem entendê-las.

(Disponível em: <http://vejabrasil.abril.com.br/rio-de-janeiro/editorial/m1810/o-horror-anunciado>. Acesso em 25 abr. 2011)

Considerando a situação de pobreza em que o Haiti se encontrava no período anterior ao terremoto, o país permaneceu “algemado, extorquido e assassinado”, sem que nenhum tipo de humanidade fosse demonstrado. A população haitiana permaneceu sem infraestrutura, saneamento básico, vivendo como bicho em meio a ratos, lixo, esgoto, fome, doenças, conservando altos índices de analfabetismo e desnutrição sem que nenhuma campanha de “ajuda humanitária” fosse organizada. Muitos indivíduos, instituições e governos que neste momento estão a enviar “ajuda humanitária” ao povo haitiano são os responsáveis pela lastimável situação do país, porém nenhum jamais moveu uma palha sequer para reverter o sofrimento do povo.

Muito pelo contrário, sempre exigiram do Haiti aquilo que eles sempre souberam que o país não poderia dar. Mais do que uma ajuda humanitária, a tragédia haitiana tem servido para o desencargo de consciência e para mascarar as intenções políticas por trás de tais ajudas humanitárias. Mais doloroso ainda é que muitos de nós — desinformados — ficamos emocionados ao ver personalidades, instituições, governos e indivíduos fazendo caridade a um povo que eles próprios condicionaram a miséria. Não nos enganemos com as falsas “ajudas humanitárias” às vítimas haitianas!

(Disponível em: <http://www.pambazuka.org/pt/category/comment/62677>. Acesso em 25 abr. 2011)

PROPOSTA 18

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **O Valor do Engajamento Juvenil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Meu partido / é um coração partido / e as ilusões estão todas perdidas / os meus sonhos / foram todos vendidos / tão barato que eu nem acredito / que aquele garoto que ia mudar o mundo / frequenta agora as festas do “grand monde.

(CAZUZA. Ideologia)

Individualista dos pés à cabeça. (...) Sem ídolos, descrente nos políticos e preocupada com o mercado de trabalho, a juventude do estado do Rio lista sonhos resumidos à primeira pessoa do singular: eu. (...)

Ajudar o próximo, ser feliz, viver numa sociedade mais justa, paz na terra? Não é por aí. Eles não estão interessados em mudar o mundo.

(VENTURA, Mauro; CÂNDIDA, Simone. “Jovem troca ideais por ambição”, In: JB. Caderno. 06/07/97)

O Festival de Woodstock realizado pela primeira vez em Bethel, nos Estados Unidos, em 1969, e que foi uma das maiores manifestações do movimento hippie da história, comemora este ano 40 anos e pretende recuperar os ideais que estiveram na sua origem.

Michael Lang, promotor do festival, está decidido a reavivar os ideais originais do festival, que este ano será gratuito, ecológico e irá tentar recuperar o espírito musical de 1969.

(<http://www.publico.clix.pt/>)

A mãe conta que se interessou pelo evento logo que recebeu o folheto, convidando para os três dias de shows. Já o filho acredita que dificilmente isso aconteceria de novo.

"A geração de hoje é muito diferente. Não sei se eles eram mais ou menos inocentes. Só acho que nos anos 1960, tinha a música e a guerra contra o Vietnã. E agora a gente tem o Facebook e o MySpace. Essa é a cultura dos jovens de hoje", analisa o jovem Mantell.

(Fonte: G1, 14/08/09)



(Fonte: Segundo Caderno, O Globo, 28/95/07)



(QUINO. In: Toda Mafalda)

Seja realista: exija o impossível.

(Lema de jovens no "Maio de 68", em Paris)

PROPOSTA 19

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **O Papel do Artista e sua Obra para o Brasil**, apresentando proposta de

intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O papel do artista é sobretudo o de fazer ver com outros olhos aquilo que nossas retinas cansadas são incapazes de enxergar. Antevendo o futuro ou reavaliando o passado, a arte serve para transformar o presente. Mas nem sempre esse objetivo grandioso é recompensado: não são poucos os casos de incompreensão quanto a artistas e suas obras. Só para citar um exemplo, é de estranhar que a primeira vez que um jornal brasileiro tenha colocado a *Semana de Arte Moderna* na capa de seu caderno de cultura tenha sido em 1962, quarenta anos após o evento...

(ALMEIDA, Antônio Soares de. *Rever a arte, rever o Brasil*. Estado de São Paulo, 22/04/98)

"O verdadeiro Brasil é fulano", costuma-se dizer, concentrando tudo num acontecimento ou personagem, na ânsia de querer saber que país é esse e quem é esse misterioso povo. "O Brasil é o futebol", "O Brasil é Caetano", "Não, é Chico", e assim por diante. Por etnocentrismo, um desvio graças ao qual a gente se acredita centro ou umbigo do mundo, só elegemos os nossos conhecidos ou afins. Mas e se o verdadeiro Brasil for Leandro e Leonardo?

(VENTURA, Zuenir. *Esse é o verdadeiro Brasil. Ou é o outro?*. In: *Crônicas de um fim de século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p.210.)

O Manifesto Antropofágico desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou nas palavras de Haroldo de Campos, "assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais ineludíveis, que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação."

(VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1997)

As manifestações culturais brasileiras também reproduzem a desigualdade social do país. Aqui convivem duas formas distintas de produção artística, correspondentes ao mais alto e ao mais baixo níveis. Temos feito literatura, música e até cinema de insuperável qualidade, convivendo com as piores produções de que se tem notícia. Trata-se de mais uma contradição brasileira, que talvez nem seja uma singularidade nossa, pois ocorre da mesma forma em outros países. Aqui, porém, tem significados profundos para a análise social.

(PIGNELLI, Alfredo. *Crítica e sobrecrítica cultural no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995)

Comida

bebida é água.

comida é pasto.

você tem sede de quê?

você tem fome de quê?

a gente não quer só comida,

a gente quer comida, diversão e arte.

a gente não quer só comida,

a gente quer saída para qualquer parte.

(ANTUNES, Arnaldo, FROMER, Marcelo et BRITO, Sérgio. In: MONTE, Marisa. LP EMI 064 791761 1, 1989. L. 1, f.1)

PROPOSTA 20

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Desafio das Drogas na Formação Infantojuvenil**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Os adolescentes, por viverem um período de intensas transformações físicas e psíquicas, constituem uma população de risco em relação ao uso de drogas. Alguns fatores que contribuem (...): a influência do grupo de iguais, a aprovação social, a ansiedade, a depressão, a disfunção familiar e o comportamento anterior de assumir riscos. (...)

As drogas estão presentes em qualquer época da vida de uma pessoa, no entanto a adolescência, período marcado por mudanças e curiosidades sobre um mundo que existe além da família, representa um momento especial no qual a droga exerce um forte atrativo.

Sabe-se que não há como acabar com a droga em si, e ela não é a única causa de violência da sociedade, mas o consumo abusivo de substâncias psicoativas entre os adolescentes e a sua relação com o criminalidade é tema que vem preocupando há muito os profissionais que atuam na área da infância e da juventude. É urgente e necessário buscar estabelecer parâmetros que possibilitem uma intervenção integrada, mais eficiente e eficaz do Poder Público nas áreas da prevenção, repressão, recuperação e reinserção da grande parcela da juventude brasileira flagelada pelas drogas.

(ROCHA, Simone Mariano. O uso de drogas pelos adolescentes autores de ato infracional na cidade de Porto Alegre: uma questão só de polícia? Monografia publicada por ESMP/RS. Disponível no site <http://www.mp.rs.gov.br/infancia/doutrina/id187.htm>. Acesso em 14 ago. 2011)

No caso do álcool, por causa da ampla difusão, do estímulo mercadológico e da facilidade de acesso, ele pode ser banalizado e glamorizado, negligenciando-se os efeitos negativos do abuso de substâncias alcoólicas. De outra forma, pode servir para estigmatizar seus usuários frequentes ou eventuais.

Prevalece a percepção do álcool como droga quando se leva em consideração os três atores focalizados neste estudo: alunos, pais e corpo técnico-pedagógico. Os alunos apresentam uma percepção significativamente menor do álcool como droga do que o corpo técnico-pedagógico e os pais.

(...) Em alguns estudos, o álcool não somente é considerado como uma droga, mas, também, é destacado como porta de entrada para as outras drogas. (...) Considera-se, especialmente no caso do consumo de bebidas alcoólicas, que a atitude mais ou menos crítica dos pais, bem como suas próprias pautas e parâmetros de consumo, podem atenuar ou reforçar a influência de instituições — como os meios de comunicação ou do grupo de amigos — como agentes desencadeadores do processo de experimentação, além de influenciar na legitimidade conferida ao uso dessas bebidas.

(ABRAMOVAY, Miriam. *Drogas nas escolas: versão resumida*. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005)

Um dos principais motivos da violência escolar está no uso e no tráfico de drogas (ilícitas ou não). Muitos alunos usam e comercializam drogas dentro e nas proximidades da escola. Isso também atrai maus elementos para os arredores

das instituições. Na mesma pesquisa da UDEMO, “27% das escolas pesquisadas relataram que alunos portavam e consumiam bebidas alcoólicas durante as aulas. 19% das escolas foram invadidas por estranhos, com objetivo de furto, roubo, estupro, tráfico, de drogas. 18% acusaram porte ilegal de armas, por parte dos alunos.” (...)

Um levantamento publicado pelo jornal argentino Clarín, no ano passado, mostra que o Brasil é o 3º em uso de cocaína na América do Sul, “1,7% dos brasileiros matriculados no ensino médio já consumiram a droga.”

(Artigo disponível no site: <http://www.futuroprofessor.com.br/violencia-e-drogas-nas-escolas>. Acesso em 14 ago. 2011)

Como não é possível manter em reclusão alguém que não tem contra si um mandado de prisão ou acusação de crime, os recolhidos [crianças e adolescentes usuários de crack] sempre tiveram direito a sair tão logo estivesse concluído o atendimento feito por psicólogos e assistentes sociais ou a verificação de antecedentes criminais. No Rio, a mudança de tratamento do problema veio em 30 de maio. Nessa data, entrou em vigor o novo protocolo de atendimento, que tem como diferença principal a possibilidade de manter compulsoriamente internados menores diagnosticados com quadro de dependência química ou em risco, em razão de doenças.

A medida é, na visão das autoridades municipais, a quem cabe constitucionalmente a responsabilidade de zelar pela infância, a única forma de tratar o vício em menores de idade que vivem nas ruas. Nesse ambiente, são exceções absolutas os casos de jovens usuários de crack que procuraram ajuda por conta própria, ou mesmo pais que tenham conseguido levar de volta para casa os filhos tragados pela droga. E, mesmo quando há internação, envolver as famílias na recuperação é um desafio.

“Essas crianças às vezes são filhas de outros adolescentes. Elas não têm referência familiar. A referência delas é a rua. Existe um desamparo grande. E isso não é só um problema de saúde, mas também uma questão social”, afirma a psicóloga Ivone Ponczek, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad).

(RITTO, Cecília. Reportagem publicada na revista Veja do dia 31 jul. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/crack-os-primeiros-avancos-do-rio-na-luta-contra-a-droga>. Acesso em 14 ago. 2011)

PROPOSTA 21

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Respeito à Liberdade Como Princípio Básico da Cidadania**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

X - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;

XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

(Constituição Federal do Brasil, 1988)

A ideia aqui não é falar apenas de Censura. É falar de ignorância. Aconteceu o seguinte: um grupo político (liderado pelo DEM-RJ) pediu na Justiça que um longa-metragem, "A Serbian film - Terror sem limites", não fosse exibido no Rio, sob alegação de que ele incitaria a pedofilia. Uma juíza aceitou a ação e determinou o recolhimento da cópia.

O Brasil vive um bom momento no cinema, com aumento de bilheterias, construção de salas e uma produção em busca da consistência. E cinema é muito mais do que entretenimento, pode ser reflexão e debate. Um filme desperta alguma sensação, boa ou ruim. [...] Assim como o cinema, o público também evoluiu. E o espectador não aceita que a Justiça diga a ele que tipo de obra artística pode ou não ser assistida. Cabe a ele, a mim, a nós, decidir pagar ou não o ingresso.

(MIRANDA, André. Jornal O Globo)

PROPOSTA 22

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Violência Contra a Mulher no Brasil Contemporâneo**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Quando você gritou mengo

No segundo gol do Zico

Tirei sem pensar o cinto

E bati até cansar

Três anos vivendo juntos

E eu sempre disse contente

Minha preta é uma rainha

Porque não teme o batente

Se garante na cozinha

E ainda é vasco doente

Daquele gol até hoje

Meu rádio está desligado

Como se radiasse

O silêncio do amor terminado

Eu aprendi que a alegria

De quem está apaixonado

É como a falsa euforia

De um gol anulado

(João Bosco e Aldir Blanc)

De abril de 2006 a junho deste ano, a Central de Atendimento à Mulher (Disque 180) registrou 1.952.001 atendimentos em todo o país. Desse total, 434.734 se referem a informações sobre a Lei Maria da Penha (11.340/06) - que tornou mais rigorosas as punições a quem agride mulheres -, o que corresponde a 22,3% do total das ligações.

Durante os cinco anos de vigência da legislação, foram registrados 237.271 relatos de violência, sendo 141.838 sobre violência física; 62.326 sobre violência psicológica; 23.456 sobre violência moral; 3.780 sobre violência patrimonial; 4.686 sobre violência sexual; 1.021 sobre cárcere privado; e 164 sobre tráfico de mulheres.

(Disponível em: <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/08/05/pedidos-de-informacao-sobre-lei-maria-da-penha-foam-434734-em-cinco-anos/> Acessado em 08 de agosto de 2011)

AGREDIR, matar, estuprar uma mulher ou uma menina são fatos que têm acontecido ao longo da história em praticamente todos os países ditos civilizados e dotados dos mais diferentes regimes econômicos e políticos. A magnitude da agressão, porém, varia. É mais frequente em países de uma prevalente cultura masculina, e menor em culturas que buscam soluções igualitárias para as diferenças de gênero. Organismos internacionais começaram a se mobilizar contra este tipo de violência depois de 1975, quando a ONU realizou o primeiro Dia Internacional da Mulher. Mesmo assim, a Comissão de Direitos Humanos da própria ONU, apenas há dez anos, na Reunião de Viena de 1993, incluiu um capítulo de denúncia e propõe medidas para coibir a violência de gênero.

No Brasil, sob o pretexto do adultério, o assassinato de mulheres era legítimo antes da República (...). O Código Criminal de 1830 atenuava o homicídio praticado pelo marido quando houvesse adultério. Observe-se que, se o marido mantivesse relação constante com outra mulher, esta situação constituía concubinato e não adultério.

(Blay, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006)

"A chamada privação de sentidos provocada pela paixão pode fazer do mais cordial dos homens um assassino".

(Frase de Carlos Heitor Cony em entrevista jornalística sobre o caso Angela Diniz em 1976)

PROPOSTA 23

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A Saúde Como Base de uma Sociedade Digna**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.



Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

(Constituição Federal Brasileira, 1988)

As famílias brasileiras financiam a maior parte das despesas de saúde no país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Do total gasto em 2007, cerca de 128 bilhões de reais (57,4%) vieram dos bolsos dos cidadãos, ante 93 bilhões de reais (41,6%) provenientes do setor público.

O problema é que tanto o serviço público quanto o privado desafiam a saúde e o fôlego dos brasileiros. O maior estorvo, é claro, está no atendimento oferecido pelo governo. De acordo com levantamento realizado junto a secretarias de saúde de sete capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Belo Horizonte e Curitiba), ao menos 171.600 pessoas estão na fila para fazer uma cirurgia eletiva - procedimento agendado, que não possui característica de urgência. A demora para a realização de um procedimento ortopédico, por exemplo, pode levar até cinco anos.

A qualidade do serviço também é influenciada pela insatisfação dos médicos que trabalham para o Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com o Instituto Brasileiro para Estudo e Desenvolvimento do Setor de Saúde, em média, a remuneração dos profissionais da área pública é metade da paga pela privada. Em alguns casos, a diferença é exorbitante: uma equipe de seis profissionais recebe 940 reais do SUS por cirurgia, enquanto receberia até 13.500 reais dos planos de saúde.

Diante do caótico quadro da saúde pública, os brasileiros se esforçam para manter planos privados. Atualmente, 26,3% da população - ou 49,1 milhões de

pessoas - compromete parte da renda para ficar longe dos hospitais públicos. O desafio é manter as contas em dias à medida que envelhecem. Aos 60 anos, um assegurado pode ter que desembolsar mais de 700 reais para manter um plano básico, suficiente apenas para ocupar um leito de enfermaria ao lado de outros pacientes, em caso de internação.

(Revista Veja, 27 ago. 2010. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/como-curar-o-sistema-publico-de-saude>) <http://www.matutando.com/2009/06/03/charge-saude-publica/>

O déficit de peso atinge hoje menos de 5% da população — o que é um indicador social positivo da maior relevância. Mas o excesso (ou sobrepeso, como preferem dizer os médicos) e a obesidade explodiram. A Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) divulgada nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que em todas as regiões do país, em todas as faixas etárias e em todas as faixas de renda aumentou contínua e substancialmente o percentual de pessoas com excesso de peso e obesas. O sobrepeso atinge mais de 30% das crianças entre 5 e 9 anos de idade, cerca de 20% da população entre 10 e 19 anos e nada menos que 48% das mulheres e 50,1% dos homens acima de 20 anos. Entre os 20% mais ricos, o excesso de peso chega a 61,8% na população de mais de 20 anos. Também nesse grupo concentra-se o maior percentual de obesas: 16,9%.

(Revista Veja, 27 ago. 2010. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/pesquisa-do-ibge-mostra-que-obesidade-e-epidemia-no-brasil>)

O Programa Saúde na Escola (PSE), lançado em setembro de 2008, é resultado de uma parceria entre os ministérios da Saúde e da Educação que tem o objetivo de reforçar a prevenção à saúde dos alunos brasileiros e construir uma cultura de paz nas escolas.

O programa está estruturado em blocos. O primeiro consiste na avaliação das condições de saúde, envolvendo estado nutricional, incidência precoce de hipertensão e diabetes, saúde bucal (controle de cárie), acuidade visual e auditiva e, ainda, avaliação psicológica do estudante. O segundo trata da promoção da saúde e da prevenção, que trabalhará as dimensões da construção de uma cultura de paz e combate às diferentes expressões de violência, consumo de álcool, tabaco e outras drogas. Também neste bloco há uma abordagem à educação sexual e reprodutiva, além de estímulo à atividade física e práticas corporais. O terceiro bloco do programa é voltado à educação permanente e à capacitação de profissionais e de jovens. [...]

(<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.cfm/?portal=pagina.visualizarTexto&codConteudo=1752&codModuloArea=355&chamada=Saude-na-Escola>)

PROPOSTA 24

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O Sentido do Voluntariado Hoje**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Segundo definição das Nações Unidas, “o voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos”.

Em recente estudo realizado na Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, definiu-se o voluntário como ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, quanto às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, emocional.

Quando nos referimos ao voluntário contemporâneo, engajado, participante e consciente, diferenciamos também o seu grau de comprometimento. Ações mais permanentes, que implicam em maiores compromissos, requerem um determinado tipo de voluntário, e podem levá-lo, inclusive, a uma “profissionalização voluntária”. Existem também ações pontuais, esporádicas, que mobilizam outro perfil de indivíduos.

Ao analisar os motivos que mobilizam em direção ao trabalho voluntário, descobrem-se componentes fundamentais: um de cunho pessoal (doação de tempo e esforço como resposta a uma inquietação interior que é levada à prática) e outro de cunho social (tomada de consciência dos problemas ao se enfrentar com a realidade, o que leva à luta por um ideal ou ao comprometimento com uma causa).

Altruismo e solidariedade são valores morais socialmente constituídos vistos como virtude do indivíduo. (...) Numa perspectiva social e política, pressupõe-se que a prática de tais valores zelará pela manutenção da ordem social e pelo progresso do homem. A caridade (forte herança cultural e religiosa), reforçada pelo ideal, as crenças, os sistemas de valores, e o compromisso com determinadas causas são componentes vitais do engajamento.

(Corullón, Mônica. *O que é voluntariado?* Publicado em: www.voluntarios.com.br.)

Ajudar os outros sem esperar remuneração material é uma atividade antiga. A organização desse tipo de trabalho também não é novidade: as santas casas de Misericórdia nasceram no século XV, e a Cruz Vermelha foi fundada em 1863. O Greenpeace, a Anistia Internacional e o Programa de Voluntários da Organização das Nações Unidas existem há 30 anos.

A iniciativa da ONU de declarar o Ano Internacional do Voluntário em 2001 oficializa não tanto esta atividade secular, mas uma nova forma de associação. O voluntariado contemporâneo fundamenta-se numa compreensão inédita de cidadania, em que ações sociais são organizadas segundo regras de eficiência típicas da gestão empresarial e em numerosos grupos — que pipocam por todo o mundo e, na maioria das vezes, não têm relação uns com os outros.

(...) Para Milú Villela, presidente do Centro de Voluntariado de São Paulo e do Comitê Brasileiro para o Ano internacional do Voluntário, “a ONU quer que se abandone a era do ter e se passe à do ser e fazer.” Henri Valot, coordenador da equipe da ONU para o Ano Internacional do Voluntário, diz que a imagem “caduca e caritativa do voluntário está sendo substituída por uma militância, realizada por convicções pessoais e éticas”.

O desafio é entender por que essa prática revigora-se justamente agora. Não há respostas fáceis. Nem mesmo a tão mencionada falência do Estado de Bem-Estar Social é capaz de explicar o fenômeno. Os estados que mais financiam as organizações não-governamentais (ONGs) são aqueles onde é mais forte o terceiro setor — formado por entidades que não fazem parte nem do poder público nem da iniciativa privada.

(BRANT, Maria. In: Folha de São Paulo, Caderno Especial “Voluntariado”, 1º/04/01, p.1.)

O que mais se fala hoje sobre voluntariado é que ele é uma prática cidadã. Queremos fazer uma oposição ao voluntariado assistencialista, que é uma participação sem crítica, sem questionamentos ao que há de errado nas nossas estruturas, nos nossos sistemas de valores e crenças, nos nossos paradigmas que sustentam e alimentam estruturas injustas.

É um fazer às vezes cheio de energia, muita boa vontade, mas ingênuo, descomprometido com uma atitude de permanente abertura à mudança, à transformação, ao sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um país, a uma rede de relações em que todos são cidadãos, mesmo experimentando a desigualdade ou a falta de atendimento aos direitos garantidos constitucionalmente. O que interessa nesse tipo de voluntariado assistencialista é ajudar porque os outros precisam. E os outros precisam porque não têm, não podem, não sabem, não querem, não nada. Essa postura tira do outro a condição de sujeito, atua na necessidade e não no direito ou na ampliação permanente dos direitos humanos.

Uma outra atitude, ainda prejudicial, é a da crítica sem participação, na qual quem não faz nada evita errar e sempre estará com a razão. Ficar de braços cruzados, elaborando críticas sofisticadas, análises rebuscadas sobre a realidade, exibindo uma capacidade crítica fenomenal, mas nada fazer, também não é uma postura cidadã.

O voluntariado como prática cidadã é o que foge destes dois extremos da participação sem crítica e da crítica sem participação. Assim, não pode ser jamais um fazer por fazer, descomprometido com um sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um país, suas lutas, conquistas, sua história, suas leis, instituições, seus processos de melhoria da condição de vida de todos, da condição humana de todos nós, dentro da nossa diversidade.

(Bulgarelli, Reinaldo. *Voluntariado e cidadania*. Texto retirado do site <http://www.feevale.br/voluntario/default.asp?strSecao=artigos%5Cart5>)

O voluntariado contemporâneo procura não ser assistencialista. (...) O desenvolvimento do terceiro setor, ou setor não lucrativo da economia, criou espaços novos para a participação de todos nas soluções dos problemas comunitários. A tradição de trabalho voluntário no Brasil sempre foi grande, apesar do pouco reconhecimento que sempre recebeu.

(CARDOSO, Ruth. In: Folha de São Paulo, Caderno Especial “Voluntariado”, 1º/04/01, p.2.)

O assistencialismo está muito ligado à doação material. O voluntariado é uma forma de doação de capacidade intelectual, de trabalho, de tempo. Essa questão é mais colocada como um exercício de cidadania. O voluntário está preocupado em melhorar a qualidade de vida das pessoas e com mudanças na sociedade.

(MEREGE, Luiz Carlos. In: Folha de São Paulo, Caderno Especial “Voluntariado”, 1º/04/01, p.2.)

O grande problema é que, nos últimos 60 anos, a população brasileira tem sido ensinada, tem sido mostrado a ela que a responsabilidade social é do Estado: o cidadão só deve pagar seus impostos como forma de contribuição social, e o Estado faria o resto.

(KANITZ, Stephen. In: Folha de São Paulo, Caderno Especial "Voluntariado", 1º/04/01, p.3.)

PROPOSTA 25

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Potencial e Limitação do Turismo Brasileiro**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A falta de investimentos em segurança, preservação do patrimônio e até mesmo em ações básicas como coleta de lixo pode ser constatada nos dados de desembarques internacionais.

Atualmente, o número de turistas estrangeiros que visita o Brasil é o mesmo desde 1999, cerca de 5 milhões de pessoas. Para efeito de comparação, Argentina e Chile tiveram no mesmo período um aumento de quase 10% no número de desembarques internacionais.

Apesar do crescimento do turismo interno, o Brasil responde por apenas 25% do total de turistas estrangeiros que vêm para a América do Sul. A África do Sul, igualmente distante dos países emissores de turistas e com problemas maiores de segurança, recebe 10 milhões de visitantes por ano.

Segundo pesquisas apresentadas pelo Ministério do Turismo, a sensação de insegurança é uma das principais razões — isso ocorre tanto pela repercussão de crimes cometidos no Brasil quanto pela degradação dos centros históricos. Há também uma associação cada vez maior do Nordeste com a exploração sexual de menores.

São questões básicas a serem resolvidas: sem infra-estrutura, não é possível atrair turistas afirmam empresários do setor.

(Texto disponível na página: <http://www.independente.com.br/player.php?cod=8283>. Acesso em 21/08/2011)

O setor de turismo não é um setor "puro". Sua cadeia produtiva, para usarmos uma terminologia econômica, é pluralista. O conglomerado turismo, lazer, hotelaria, gastronomia e entretenimento articula-se com os setores de esportes, meios de comunicação de massa e artes. Há pontos fortes de contato com as ciências sociais, administração, geografia, meio ambiente, economia, ciências da comunicação, educação física, estatística, história etc.

Um dos problemas do turismo brasileiro é de qualidade mesmo. Qualidade, assim como competência, não é um preconceito ou uma ideologia burguesa. Quem é contra padrões de qualidade ou não sabe o que está falando ou quer, talvez inconscientemente, justificar suas próprias carências profissionais. Evidentemente o campo educacional não pode se limitar a padrões de qualidade medíocres ou formais.

O turismo exige posturas inovadoras e altamente competentes. É importante que adquiramos confiabilidade e competência técnica, que elaborem ações onde

a consciência social seja tão importante quando a preocupação com qualidade. Uma coisa não exclui a outra.

(Texto disponível na página: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=875>. Acesso em 21/08/2011)

O governo brasileiro queria saber se o setor de turismo é competitivo, em comparação a outros países onde esta atividade tem peso importante na economia. Não é. Nosso turismo não é competitivo e está longe disso, segundo estudo que acaba de ser entregue ao Ministério do Turismo e que foi coordenado pelo Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (Neit), do Instituto de Economia da Unicamp.

"No Brasil, o turismo ainda é tratado de maneira pouco profissional, visto como atividade meio lúdica, e não como um setor da economia que pode gerar grandes dividendos em termos de emprego e de captação de recursos", pondera o professor Fernando Sarti, coordenador do projeto de pesquisa "O turismo no Brasil: panorama geral, avaliação da competitividade e propostas de políticas públicas".

"Distribuímos notas para cada um dos agentes e também estivemos atentos a outras dimensões, como a social (remuneração, escolaridade e rotatividade da mão-de-obra), a ambiental (pensando o crescimento do turismo com sustentabilidade) e a cultural (a fim de que o nosso patrimônio não seja descaracterizado através do turismo de massa)", explica Fernando Sarti.

Sarti observa que o Ministério do Turismo tem apenas quatro anos de existência e que até o meio deste ano lançará um segundo plano nacional de turismo. "Antes, tínhamos apenas a Embratur, que se encarregava basicamente de divulgar o Brasil no exterior. O Ministério está saindo agora de um orçamento de R\$ 300 milhões para R\$ 1,5 bilhão, o que indica que o turismo já é encarado como uma atividade estratégica".

O PIB do setor de turismo no Brasil foi estimado em US\$ 17,4 bilhões em 2004, gerando 2,55% dos empregos e atraindo 8,13% dos investimentos. Já a indústria mundial do turismo, de acordo com a World Travel and Tourism Council (WTTTC), movimentou quase US\$ 1,3 trilhão em 2004, empregando aproximadamente 76 milhões de pessoas, e deve crescer a uma taxa média anual de 3,2% até 2016.

"O caos nos aeroportos mostra que temos problemas sérios de infra-estrutura. Se esta é a situação com a entrada de 5 milhões de turistas estrangeiros por ano, imagine com 20 milhões", observa o professor. Ele acrescenta que a falta de infra-estrutura impede inclusive a interiorização do turismo doméstico, altamente concentrado nas regiões Sudeste e Sul.

Por enquanto, o turismo ainda é um bem de luxo. O estudo do Neit mostra que as famílias com renda acima de 10 salários mínimos respondem por 75% dos gastos com turismo no país, e que tanto a oferta como os gastos turísticos estão muito concentrados regionalmente. "O Brasil depende em 90% do turismo doméstico e 80% deste mercado está no Sul e Sudeste. Mais que isso, 72% dos turistas domésticos moram e fazem turismo nessas regiões, ou seja, é o paulista consumindo no próprio estado".

(Texto disponível na página: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2007/ju355pag07.html. Acesso em 21/08/2011)

PROPOSTA 26

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Uso Indiscriminado de Medicamentos**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Ritalina, a droga legal que ameaça o futuro

É uma situação comum. A criança dá trabalho, questiona muito, viaja nas suas fantasias, se desliga da realidade. Os pais se incomodam e levam ao médico, um psiquiatra talvez. Ele não hesita: o diagnóstico é déficit de atenção (ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade — TDAH) e indica ritalina para a criança.

O medicamento é uma bomba. Da família das anfetaminas, a ritalina, ou metilfenidato, tem o mesmo mecanismo de qualquer estimulante, inclusive a cocaína, aumentando a concentração de dopamina nas sinapses. A criança “sossega”: pára de viajar, de questionar e tem o comportamento zombie like, como a própria medicina define. Ou seja, vira zumbi — um robzinho sem emoções. É um alívio para os pais, claro, e também para os médicos. Por esse motivo a droga tem sido indicada indiscriminadamente nos consultórios da vida. A ponto de o Brasil ser o segundo país que mais consome ritalina no mundo, só perdendo para os EUA.

A situação é tão grave que inspirou a pediatra Maria Aparecida Affonso Moysés, professora titular do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, a fazer uma declaração bombástica: “A gente corre o risco de fazer um genocídio do futuro”, disse ela em entrevista ao Portal Unicamp. “Quem está sendo medicado são as crianças questionadoras, que não se submetem facilmente às regras, e aquelas que sonham, têm fantasias, utopias e que ‘viajam’. Com isso, o que está se abortando? São os questionamentos e as utopias. Só vivemos hoje num mundo diferente de mil anos atrás porque muita gente questionou, sonhou e lutou por um mundo diferente e pelas utopias. Estamos dificultando, senão impedindo, a construção de futuros diferentes e mundos diferentes. E isso é terrível”, diz ela.

O fato, no entanto, é que o uso da ritalina reflete muito mais um problema cultural e social do que médico. A vida contemporânea, que envolve pais e mães num turbilhão de exigências profissionais, sociais e financeiras, não deixa espaço para a livre manifestação das crianças. Elas viram um problema até que cresçam. É preciso colocá-las na escola logo no primeiro ano de vida, preencher seus horários com “atividades”, diminuir ao máximo o tempo ocioso, e compensar de alguma forma a lacuna provocada pela ausência de espaços sociais e públicos. Já não há mais a rua para a criança conviver e exercer sua “criança”.

E se nada disso funcionar, a solução é enfiar ritalina goela abaixo. “Isso não quer dizer que a família seja culpada. É preciso orientá-la a lidar com essa criança. Fala-se muito que, se a criança não for tratada, vai se tornar uma dependente química ou delinquente. Nenhum dado permite dizer isso. Então não tem comprovação de que funciona. Ao contrário: não funciona. E o que está acontecendo é que o diagnóstico de TDAH está sendo feito em uma porcentagem muito grande de crianças, de forma indiscriminada”, diz a médica.

Mas os problemas não param por aí. A ritalina foi retirada do mercado recentemente, num movimento de especulação comum, normalmente atribuído ao interesse por aumentar o preço da medicação. E como é uma droga química que provoca dependência, as consequências foram dramáticas. “As famílias ficaram muito preocupadas e entraram em pânico, com medo de que os filhos ficassem sem esse fornecimento”, diz a médica. “Se a criança já desenvolveu dependência química, ela pode enfrentar a crise de abstinência. Também pode apresentar surtos de insônia, sonolência, piora na atenção e na cognição, surtos psicóticos, alucinações e correm o risco de cometer até o suicídio. São dados registrados no Food and Drug Administration (FDA)”.

Enquanto isso, a ritalina também entra no mercado dos jovens e das baladas. A medicação inibe o apetite e, portanto, promove emagrecimento. Além disso, oferece o efeito “estou podendo” — ou seja, dá a sensação de raciocínio rápido, capacidade de fazer várias atividades ao mesmo tempo, muito animação e estímulo sexual — ou, pelo menos, a impressão disso. “Não há ressaca ou qualquer efeito no dia seguinte e nem é preciso beber para ficar loucaça”, diz uma usuária da droga nas suas incursões noturnas às baladas de São Paulo. “Eu tomo logo umas duas e saio causando, beijando todo mundo, dançando o tempo todo, curtindo mesmo”, diz ela.

(<http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/ritalina-a-droga-legal-que-ameaca-o-futuro/>. Publicado em 11/2013)

PROPOSTA 27

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Violência no Campo**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Recentemente foi divulgada uma série de denúncias pelo Ministério Público Federal do Mato Grosso (MPF/MT), envolvendo ruralistas, a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e o parlamentar relator da Comissão Especial da Câmara Federal, que trata da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215/00, que transfere a competência da União na demarcação das terras indígenas para o Congresso.

Em relação aos dados gerais sobre os conflitos no campo, as informações divulgadas pela CPT dão conta de um crescimento de 15% no número total de conflitos no campo em 2011, em relação à 2010, que passaram de 1.186 para 1.363. As pessoas envolvidas foram 559.401 em 2010 e 600.925 em 2011, ou seja, um aumento de 7,4%. Estes conflitos compreendem 1.035 conflitos por terra, 260 conflitos trabalhistas e 68 conflitos pela água (CPT, 2012).

Os conflitos por terra foram os que apresentaram um crescimento mais expressivo. Passaram de 835, em 2010, para 1.035 em 2011, um crescimento de 24%. O número de famílias envolvidas cresceu 30,3%, passou de 70.387, para 91.735. Este crescimento (1) se deu em 17 das 27 unidades da federação, mas foi mais expressivo na região Nordeste, onde chegou a 34,1%, sendo que, de

369 conflitos envolvendo 31.952 famílias em 2010, passou para 495 conflitos envolvendo 43.794 famílias (CPT, 2012).

De acordo com a CPT (2012), nos conflitos por terra incluem-se as ocupações de terra e os acampamentos às margens das rodovias ou nas proximidades de áreas que se reivindicam para desapropriação. As ocupações por famílias sem terra ou a retomada de áreas por comunidades indígenas ou quilombolas apresentaram um crescimento de 11,1% e passaram de 180, em 2010, para 200, em 2011. Já o número de famílias envolvidas apresentou crescimento de 35,1%, chegando a 22.783 em 2011. Os acampamentos sofreram uma redução de 35 para 30, com o número de famílias passando de 3.579 para 3.210 (redução de 10,3%).

Em 2013, os movimentos sociais foram responsáveis por 244 conflitos (230 ocupações e 14 acampamentos), 18,9% do total. Isso quer dizer que 81,1% dos conflitos são provocados pela ação de fazendeiros, grileiros, madeireiros, empresários ou mineradores — Poder Privado —, através de assassinatos ou expulsões, ou pela ação do Poder Público, através das ações do Poder Executivo e do Judiciário, por meio de prisões e ações de despejo.

Em relação ao trabalho em condições análogas à escravidão, uma ligeira queda foi observada nas denúncias de trabalho escravo e super-exploração, passando de 230 para 168. Continuam concentradas na região Norte as ocorrências, com mais de 50% do total, e, se consideramos a Amazônia Legal, somam 67% dos conflitos trabalhistas.

Entre os grupos sociais que sofreram ações violentas, destacam-se os povos e comunidades tradicionais, desde a segunda metade dos anos 2000. Em 2013, do total de vítimas fatais (assassinatos), 61,3% pertencem a grupos/classes sociais/étnicas caracterizados como populações tradicionais. Estas correspondem a 58,8% do total das categorias sociais que sofreram ações violentas. Em todas as macrorregiões do país, mais de 50% das categorias sociais envolvidas em conflitos são populações tradicionais, exceto na região Sudeste. Das populações tradicionais que em 2013 foram vítimas de algum tipo de violência, 55% se localizavam na Amazônia (CPT, 2013).

(Disponível em: http://www.correiociudadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9988:submanchete290814&catid=72:imagens-rolantes)

Números alarmantes revelam que a violência no campo ainda é muito grande. Nos últimos dez anos, conforme dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), foram 369 vítimas de conflitos de terra no interior do país, sendo 40,65% das mortes somente no estado do Pará. Já este ano, o país soma 26 assassinatos em função de conflitos de terra em assentamentos e acampamentos de trabalhadores rurais sem terra e áreas indígenas e quilombolas.

Segundo o advogado da CPT no Pará, José Batista Afonso, a questão da violência no campo na região amazônica é hoje a mais grave do país em função do desenvolvimento do agronegócio e de grandes indústrias na região.

De acordo com o advogado do CPT, uma das principais causas do conflito agrário no Brasil está relacionada ao atual modelo de desenvolvimento do campo. “Hoje a forma de desenvolver o campo é baseada no agronegócio, que prioriza a produção de monoculturas e criação de bovinos voltadas para o mercado externo. Esse modelo precisa de mais terras e vai causar conflitos”.

Já Silvio Netto, dirigente do MST em Minas Gerais, responsabiliza todo o Estado pela violência no campo. “O poder Executivo é responsável ao não

promover a reforma agrária e priorizar o agronegócio; o poder legislativo, por ser conivente com o trabalho escravo ao aprovar a PEC do Trabalho Escravo sem prever punição e a expropriação de terras de latifundiários que pratiquem esse crime; e o poder judiciário, que hoje é um dos grandes responsáveis pelo entrave ao avanço da reforma agrária e pela impunidade no campo”.

Em relação à falta de punição, Silvio lembrou o caso do Massacre de Felisburgo, em que cinco trabalhadores rurais foram assassinados com tiros à queima roupa e outras doze pessoas foram baleadas. O crime aconteceu em 2004 em um acampamento sem terra no município de Felisburgo, Norte de Minas. Apontado como mandante das mortes, o fazendeiro Adriano Chafik foi julgado e condenado nove anos depois, mas recorre em liberdade.

No Pará, segundo José Batista, pelos menos 800 camponeses foram assassinados nas últimas quatro décadas em conflitos de terra, mas apenas três mandantes estariam cumprindo pena. “Os crimes não são apurados, os processos não são concluídos e os responsáveis não são punidos, o que incentiva a violência no campo”.

(Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/15527>)

PROPOSTA 28

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Violência nas Escolas**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Os meios de comunicação audiovisual não raras vezes retratam acontecimentos violentos protagonizados pelos alunos nas escolas. De fato, inverteram-se os papéis: os métodos violentos de alguns professores eram tradicionalmente mais frequentes no mundo escolar (castigo físico, humilhações verbais); atualmente, os professores não podem exercer qualquer tipo de castigo aos alunos sob pena de sofrerem sanções disciplinares.

(Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml>)

A Unesco alerta que nas escolas impera a lei do silêncio e não há confiança entre professores, alunos e pais. O instituto de prevenção de violência na escola dos EUA entrevistou alunos e pais e constatou que 2/3 dos alunos participam de grupos que intimidam colegas; só 1/3 acha que a escola penaliza os intimidadores; entre as vítimas, apenas 16% pediriam ajuda a um professor e, entre recorrer aos pais ou a um amigo, 78% escolheriam o amigo. Na Alemanha, pesquisa entre jovens das 7ª e 8ª séries apontava que 60% já tinham batido em colegas nos últimos seis meses; 5% os intimidam regularmente e 8% os ameaçaram com facas e pistolas.

(http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2008/09/05/violencia_nas_escolas_que_fazer_548099041.asp)

O que temos hoje em dia é uma sociedade esvaziada de qualquer valor. Quando tudo é relativo também são os grandes valores. Em um mundo que prioriza soluções de curto prazo para problemas de longo prazo só podemos esperar que o tiro saia pela culatra. Quando um aluno bate no professor, notamos a falta de valor de autoridade do mestre. Mas isso é um problema congênito da sociedade inteira, qualquer tipo de hierarquia foi demolida em prol da liberdade individual.

(<http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2008/09/05/a-violencia-nao-esta-so-nas-escolas-mas-em-todo-lugar-548102378.asp>)

PROPOSTA 29

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Direito e Dignidade do Empregado Doméstico**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Considera-se trabalhador doméstico aquele maior de 18 anos que presta serviços de natureza contínua (frequente, constante) e de finalidade não-lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Assim, o traço diferenciador do emprego doméstico é o caráter não-econômico da atividade exercida no âmbito residencial do empregador. Nesses termos, integram a categoria os seguintes trabalhadores: empregado, cozinheiro, governanta, babá, lavadeira, faxineiro, vigia, motorista particular, jardineiro, acompanhante de idosos, dentre outras. O caseiro também é considerado trabalhador doméstico, quando o sítio ou local onde exerce a sua atividade não possui finalidade lucrativa.

(Disponível em: http://portal.mte.gov.br/trab_domestico/trabalho-domestico.htm)

O patrão que não se adaptar à Lei das Domésticas, que prevê carteira assinada, jornada de trabalho definida e pagamento de horas extras, poderá ser multado em pelo menos R\$ 805,06. Além de carteira assinada, os empregados domésticos também têm direito a receber, pelo menos, um salário mínimo, e horas extras com adicional de 50% para uma jornada de 8 horas diárias e 44 semanais, entre outros.

Estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), publicado no ano passado, mostra que, em 2011, existiam 6,6 milhões de empregados domésticos no país, dos quais cerca de 44%, ou 2,9 milhões de trabalhadores, ainda não estavam formalizados (não possuíam carteira assinada).

Segundo a advogada Maria Fernanda Ximenes, é difícil estimar o número de empregados domésticos que existem no Brasil e quantos estão na informalidade. “Infelizmente, a maioria ainda é através de trabalho informal. Estima-se que 70% das domésticas não possuam carteira assinada.”

(<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2014/08/multa-para-quem-nao-assinar-carteira-de-domesticos-comeca-hoje.html>)

Ainda que a nova lei tenha o objetivo de estender aos domésticos os mesmos direitos previstos na CLT para trabalhadores urbanos, impedimentos na fiscalização podem comprometer sua eficácia.

Conforme explica Carvalho, de acordo com a Constituição o domicílio é inviolável, portanto não é permitida a entrada de fiscais trabalhistas na casa do empregador. Assim sendo, a aplicação das multas dependerá da manifestação do trabalhador.

“Na minha opinião, a lei tem um efeito meramente pedagógico porque como a fiscalização não é efetiva não é possível multar os empregadores assim como ocorre nas empresas”, diz o advogado.

(Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/o-que-voce-deve-saber-sobre-seu-emprego-domestico-ate-aqui>)

PROPOSTA 30

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **O Petróleo e o Futuro do Brasil**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A Petrobrás informou que a participação do setor do petróleo e gás natural no PIB pulou de 3% em 2000 para 13% na atualidade, principalmente por causa dos investimentos realizados pela própria petroleira. A afirmação fez parte da palestra do diretor de Gás e Energia da estatal, José Alcides Santoro, em evento na Rússia.

O diretor da Petrobrás atribuiu o crescimento no PIB à política de conteúdo local, que exige a aquisição de um percentual mínimo de bens e serviços no mercado interno. Até 2020, a companhia irá contratar 28 sondas de perfuração, 32 plataformas de produção, 154 navios de apoio de grande porte e 81 navios-tanque, todos construídos no Brasil. O plano de investimento da Petrobrás é de US\$220,6 bilhões de 2014 a 2018.

Em comunicado à imprensa, a estatal informou ainda que vários índices de desenvolvimento melhoraram no país na última década e que a indústria de petróleo e gás teve um papel positivo nisso. “O índice de desenvolvimento humano, por exemplo, subiu de 0,67 em 2000, para 0,73 em 2012. O número de empregos no setor também certamente teve impacto positivo na queda da taxa de desemprego no Brasil de 9,9% em 2002 para 6,7% em 2012”, segundo Santoro.

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/mercados,com-investimentos-da-petrobras-petroleo-avanca-para-13-do-pib-brasileiro,1513541>)

O diretor da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Helder Queiroz, afirmou nesta quarta-feira que o volume de reservas provadas de petróleo do Brasil vai dobrar até 2022. O montante de reservas provadas atual é de 15,6 bilhões de barris de petróleo, além de 458,2 bilhões de metros cúbicos de gás natural.

“Temos segurança de dizer que, com relação aos planos de desenvolvimento que já estão em curso e apresentados à ANP, do ponto de vista da expectativa de desenvolvimento da produção, num futuro muito próximo, em 2022, vamos ter condições de dobrar tanto as reservas quanto a produção [de petróleo]”, afirmou Queiroz. A produção atual do país é pouco superior a 2 milhões de barris/dia. A

expectativa, segundo a Petrobras, é que a produção brasileira alcance 5 milhões de barris/dia em 2020.

Queiroz acrescentou que o Brasil vai se tornar exportador líquido “relevante” de óleo bruto nesse horizonte. Segundo ele, o Brasil estará exportando entre 1,5 milhão e 1,8 milhão de barris/dia de petróleo em 2022.

(Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/3547152/anp-reservas-de-petroleo-do-brasil-vao-dobrar-em-oito-anos#ixzz3C2NXhS0i>. Publicada em 14/05/14)

PROPOSTA 31

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A Relação Entre Infância, Educação e Pobreza**, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O A diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Irina Bokova, afirmou hoje que a educação é a melhor maneira de combater a pobreza. O assunto é tema da Conferência Mundial sobre Cuidados e Educação Infantil, em Moscou, na Rússia, onde estão reunidos representantes de 65 países.

Irina afirmou que a meta é fixar a atenção nos cuidados na primeira infância, principalmente para as crianças mais pobres. De acordo com a Unesco, a primeira infância vai do nascimento até os oito anos de idade. É nessa fase da vida em que há o desenvolvimento do cérebro, segundo especialistas.

“A educação é a melhor garantia para combater a pobreza. Não há espaço melhor para definir o desenvolvimento de uma pessoa do que os primeiros anos de vida de uma criança”, afirmou a diretora-geral da Unesco. “Esse é provavelmente um dos fatos menos divulgados na arena de decisão política e desenvolvimento.”

Irina alertou que os programas de educação destinados às crianças até oito anos poderiam reduzir vários problemas futuros. Segundo ela, uma das principais preocupações é com as crianças ciganas, pois mais da metade delas está fora das escolas.

A diretora-geral disse que também há baixos percentuais de crianças matriculadas em várias regiões do mundo. Como exemplo, ela citou a África, onde apenas 15% das crianças estão na primeira etapa do ensino. Nos países árabes, o percentual sobe para 19%. Na Ásia Central, há 28% de crianças com menos de oito anos em salas de aula e na Ásia o percentual é de 36%.

(<http://www.abril.com.br/noticias/mundo/educacao-melhor-maneira-combater-pobreza-diz-unesco-600176.shtml>)

A elevada pobreza infantil tem graves consequências sobre uma ampla variedade de indicadores de desenvolvimento. Por exemplo, pobreza gera uma maior mortalidade infantil, pior desempenho educacional e maior dificuldade de acesso ao mercado de trabalho. Quanto mais evidente para a sociedade se tornarem as consequências da pobreza infantil, maior será sua propensão a combatê-la. É necessário elevar a atenção dada pelas políticas públicas à questão da infância no país.

Reconhecer que a pobreza é maior entre as crianças, e particularmente entre alguns grupos específicos de crianças, como as negras na área rural da região Nordeste, pode ser vital na obtenção do apoio necessário para que os recursos disponíveis sejam focados no combate à pobreza em grupos especialmente vulneráveis. Entretanto, para a elaboração do desenho de políticas que irão atuar neste sentido, faz-se necessário conhecer as causas específicas da pobreza nestes grupos específicos.

Deve-se fazer uma avaliação da política social brasileira, identificando os componentes efetivamente preocupados em garantir melhores condições de vida e oportunidades para as crianças. Assim, pode-se alcançar uma visão mais nítida de em que medida existe um viés etário na política social brasileira, e como este viés poderia ser eliminado.

(<http://www.proac.uff.br/cede/infancia-e-pobreza-no-brasil>)

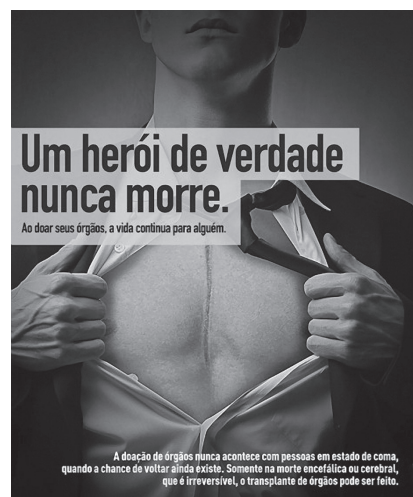
PROPOSTA 32

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Doação de Órgãos no Brasil**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A doação de órgãos ou de tecidos é um ato pelo qual manifestamos a vontade de doar uma ou mais partes do nosso corpo para ajudar no tratamento de outras pessoas.

A doação pode ser de órgãos (rim, fígado, coração, pâncreas e pulmão) ou de tecidos (córnea, pele, ossos, válvulas cardíacas, cartilagem, medula óssea e sangue de cordão umbilical). A doação de órgãos como o rim, parte do fígado e da medula óssea pode ser feita em vida.

Para a doação de órgãos de pessoas falecidas, somente após a confirmação do diagnóstico de morte encefálica. Tipicamente, são pessoas que sofreram um acidente que provocou traumatismo craniano (acidente com carro, moto, quedas etc.) ou sofreram acidente vascular cerebral (derrame) e evoluíram para morte encefálica.



Depois de 50 anos do primeiro transplante de órgãos no Brasil, ainda são muitas as famílias que se recusam a doar os órgãos de um parente que teve morte cerebral. Segundo o cirurgião geral presidente da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), Lúcio Pacheco, para que haja uma mudança, as pessoas devem se declarar doadoras para seus parentes, e não adiar essa conversa para a emergência.

Dados de 2013 mostram que, em todo o Brasil, 47% das famílias se recusaram a doar os órgãos dos seus entes que tiveram morte cerebral, um número maior do que o de 2012, que teve 42% de recusa, segundo a ABTO. “O brasileiro não mudou, continua sendo povo generoso. A mudança talvez tenha sido que o brasileiro tem conversado menos sobre o assunto em casa. A campanha feita pela ABTO é exatamente no sentido de as pessoas falarem sobre isso com seus parentes”, avalia Pacheco.

A campanha “Eu Assumi”, lançada este mês pela ABTO pretende estimular as pessoas a se declararem doadoras em casa, para suas famílias. Outra ferramenta que pode ser usada para esta declaração são as redes sociais. “Mas é importante ressaltar que a doação só pode ser feita depois da morte cerebral. Nenhum documento feito em vida é válido para a doação de órgãos. A decisão é da família, que costuma seguir a orientação do ente que morreu”, explicou o cirurgião.

Segundo Pacheco, quando a mídia divulga casos de doação de órgãos, há um estímulo à conversa sobre o assunto. “Quando houve o caso trágico do assassinato da Eloá em Santo André (São Paulo), o índice de doação chegou a 90%. As pessoas discutiram o tema e expuseram que eram doadoras. Isso mostra que só falta diálogo”.

Dados da ABTO mostram que o Brasil ocupa o trigésimo lugar em número de transplantes quando este número é relacionado ao número de habitantes do país. Já em número absoluto de cirurgias, o país só perde para os Estados Unidos.

Em 2013 foram feitos 7.649 transplantes de órgãos sólidos no Brasil. Até o final de 2013 a fila de espera por um órgão era de quase 24 mil pessoas.

Para o presidente da Associação dos Doentes e Transplantados Hepáticos do Estado do Rio de Janeiro, Carlos Roberto Cabral, que recebeu um fígado há 11 anos, faltam campanhas informativas sobre o tema. “As campanhas costumam ser mais emocionais do que informativas. Precisamos que as pessoas saibam como funciona a doação, que ela não oferece riscos, como é detectada a morte encefálica...”, defendeu Cabral.

Ele recebeu o fígado depois de dois anos na fila de espera. Cabral sofria de colangite esclerosante primária e já não sentia o sabor dos alimentos. “Fui internado 28 vezes em três anos. Eu tinha crises com dores horríveis que podiam me levar a morte”, lembrou Cabral, que depois do transplante tem uma vida normal.

(<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/04/falta-de-dialogo-dificulta-doacao-de-orgaos>)

PROPOSTA 33

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Bullying Escolar na Realidade Brasileira**, apresentando experiência ou proposta de ação social,

que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully* que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a “valentão”, “tirano”. Como verbo ou como adjetivo, a terminologia *bullying* tem sido adotada em vários países como designação para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional e repetitivo inerente às relações interpessoais. As vítimas são os indivíduos considerados mais fracos e frágeis dessa relação, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de “brincadeiras” maldosas e intimidadoras.

Estudos indicam que as simples “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje denominadas *bullying*, podem revelar-se em uma ação muito séria. Causam desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento responsáveis por índices de suicídios e homicídios entre estudantes.

As consequências afetam a todos, mas a vítima, principalmente a típica, é a mais prejudicada, pois poderá sofrer os efeitos do seu sofrimento silencioso por boa parte de sua vida. Desenvolve ou reforça atitude de insegurança e dificuldade relacional, tornando-se uma pessoa apática, retraída, indefesa aos ataques externos.

Muitas vezes, mesmo na vida adulta, é centro de gozações entre colegas de trabalho ou familiares. Apresenta um autoconceito de menos-valia e considera-se inútil, descartável. Pode desencadear um quadro de neuroses, como a fobia social e, em casos mais graves, psicoses que, a depender da intensidade dos maus-tratos sofridos, tendem à depressão, ao suicídio e ao homicídio seguido ou não de suicídio.

Em relação ao agressor, reproduz em suas futuras relações, o modelo que sempre lhe trouxe “resultados”: o do mando-obediência pela força e agressão. É fechado à afetividade e tende à delinquência e à criminalidade.

Isso, de certa maneira, afeta toda a sociedade. Seja como agressor, como vítima, ou até espectador, tais ações marcam, deixam cicatrizes imperceptíveis em curto prazo. Dependendo do nível e intensidade da experiência, causam frustrações e comportamentos desajustados gerando, até mesmo, atitudes sociopatas.

(SILVA, Geane de Jesus. Artigo publicado na edição nº 364 do jornal Mundo Jovem - março de 2006, páginas 2 e 3, PUC-RS)

O tema virou obrigatório no universo escolar. *Bullying*, termo inglês que define todo tipo de preconceito, discriminação e violência entre crianças e adolescentes nas escolas, atinge todas as classes sociais. Os casos têm aumentado tanto que, na semana passada, a Justiça de Belo Horizonte determinou que um adolescente pagasse indenização de R\$ 8 mil a outro por *bullying*. “Escola que anuncia não ter casos de *bullying* está fazendo propaganda enganosa”, diz a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, que acaba de lançar um livro sobre o assunto. *Bullying - Mentes Perigosas nas Escolas ajuda a identificar e combater o fenômeno.* (...)

Em quais tipos de colégios há mais chance de bullying?

Todos. O *bullying* é democrático. Acontece tanto na escola particular quanto na pública. O que faz uma escola ser boa é como ela vai lidar com o *bullying*.

A escola privada lida melhor com isso que a pública?

Não. Em geral, na escola pública há uma postura mais adequada. A direção está mais orientada. Se não consegue resolver, chama o Conselho Tutelar. A

particular não admite o problema por temer propaganda negativa. Ou expulsa o agressor ou diz para o pai da vítima: “Seu filho é sensível demais.” Isso é que dói. Geralmente, o convidado a se retirar é o “sensível”.

A senhora recomenda que os pais tirem os filhos da escola nesses casos?

Tentamos mudar a cultura naquele micromundo escolar, porque só assim a gente muda a sociedade. Quando vou às escolas falar sobre algum paciente que é vítima de apelidos maldosos, geralmente ouço da diretora a velha explicação: “Mas é brincadeira.” Se é brincadeira, todos deveriam se divertir. Quando é bullying, um grupo se diverte às custas da humilhação de outros.

Quais são as características das vítimas e dos agressores?

As vítimas geralmente estão fora do padrão: gordo demais, magro demais. São crianças mais tímidas, menos pop. Os motivos dos agressores variam: ele pode reproduzir a violência do lar; pode estar numa situação circunstancial de revolta porque os pais estão se separando. O caso mais grave é o do menino com transtorno de conduta. Ele dá problema na escola e em casa. No livro, eu cito o caso de um garoto que colocou a pata do cachorro na torradeira. Depois, furou a mão da professora. Esse tipo é o mais raro.

(VIEIRA, Márcia. In: O Estado de S.Paulo, 24/05/10)

Protegidos pela possibilidade de anonimato, garantida pelos provedores, que só revelam os nomes reais dos usuários mediante longas batalhas judiciais, muitos seres humanos usam a internet para dar vida a seus demônios internos. Alguns abrem a jaula para que as feras passem por alguns instantes, um ato que, enquanto exercício esporádico, talvez tenha até algum benefício psíquico. Mas outros vão mais longe. Muito mais longe. Abandonam seus “eus” reais e virtualmente transmutam-se em monstros grotescos e perigosos, prontos para atacar homens, mulheres e crianças sem compaixão, critério ou benefício aparente. A coisa é feita apenas pelo prazer perverso de infligir sofrimento ao outro.

O termo técnico para estes ataques nefastos é “cyberbullying”, que poderia ser traduzido como “coerção cibernética” ou, simplesmente, “abuso on-line”. É algo que está acima da “encheção de saco”. O cyberbullying é um ato criminoso, cruel e, sobretudo, covarde, enquadrado na mesma categoria da tortura psicológica com agravantes de humilhação social.

O cyberbullying pode ir de um e-mail ameaçador, um comentário ofensivo, um boato maledicente publicado de forma aberta numa comunidade virtual até uma perseguição que ultrapassa o mundo do teclado e vai para o universo físico. As formas são variadas, assim como os conteúdos. A intenção é sempre a mesma: desestabilizar a vítima.

(HERMANN, Rosana. Cyberbullying. In: Digestivo Cultural, 27/04/09)

PROPOSTA 34

Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Educação e Tolerância no Brasil Contemporâneo**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

O preconceito está pautado em um forte componente emocional que faz com que os sujeitos se distanciem da razão. O afeto que se liga ao preconceito é uma fé irracional, algo vivido como crença, com poucas possibilidades de modificação. O preconceito difere do juízo provisório, já que este último é passível de reformulação quando os fatos objetivos demonstram sua incoerência, enquanto os preconceitos permanecem inalterados, mesmo após comprovações contrárias.

Os sujeitos que possuem tal crença constroem conceitos próprios, marcados por estereótipos, que são os fios condutores para a disseminação do preconceito, pois se encontram em consonância com os interesses do grupo dominante, que utiliza seus aparelhos ideológicos para difundir a imagem depreciativa do negro. Nesse sentido, o estereótipo leva a uma “comodidade cognitiva”, pois não é preciso pensar sobre a questão racial de modo crítico, uma vez que já existe um (pré) conceito formado, fazendo com que os sujeitos simplesmente se apropriem dele, colaborando para a acentuação do processo de alienação da identidade negra. Esses estereótipos dão origem ao estigma que vem sinalizar suspeita, ódio e intolerância dirigidos a determinado grupo, inviabilizando a sua inclusão social.

A consequência dessas construções preconceituosas é a manifestação da discriminação, uma ação que pode variar desde a violência física — quando grupos extremistas demonstram todo o seu ódio e intolerância pelo extermínio de determinada população — até a violência simbólica, manifestada por rejeições provenientes de uma marca depreciativa (estigma) imputada à sua identidade, por não estar coerente com o padrão estabelecido (branco/europeu).

(MENEZES, Waléria. Fundação Joaquim Nabuco)

Homoterrorismo é a desimportância em desespero. A sexualidade é inalterável e inatingível. E quando se trata de sexualidade, só existe uma coisa no mundo que consegue ser mais desprovida de importância que a opinião pessoal: o julgamento moral.

Você pode julgar quanto quiser a sexualidade alheia. Não tem importância. Você pode ser hétero e fazer a elegia dos seus amigos gays. Não tem importância. Você pode ser gay e fazer piadas maldosas sobre o comportamento “careta” dos héteros. Não tem importância. Eles não deixarão de ser o que são.

Você pode ser conservador e barrar leis no Congresso, fazer passeatas pela família, dizer que o mundo está acabando, que Deus vai punir a todos. Não tem importância, não passa do registro da fofoca, ninguém vai deixar de se deitar com quem quer. Pode até deitar escondido, ou demorar a criar coragem, mas vai deitar. Deitar e suar e trocar saliva e outros fluidos que, com sorte, ficarão na camisinha.

E você pode achar isso nojento. Mas não tem importância. Pois a sua opinião e o seu julgamento sobre a sexualidade alheia não tem importância. Porque é alheia. Se é alheia, é do outro; se é do outro, não é sua; não sendo sua, não vai mudar por sua causa.

Você pode ser deputado crente ou padre pitboy, pode ser simpatizante ou skinhead, pode ser presidente do Irã ou suplente do PTC, grandes coisas, azar o seu, a sexualidade alheia continuará a não ser da sua conta. O pessoal vai continuar deitando e suando e trocando saliva enquanto você desperdiça os seus perdigotos uivando indignação pelas esquinas.

Aí, numa desesperada tentativa de não admitir que seu julgamento moral é inútil, você joga uma bomba. Você pode até matar alguns indivíduos. Ferir outros.

Emperrar a vida de muitos. Vãs tentativas de ter importância, pois não vai, jamais, impedir que o mundo gire, a lusitana rode e as pessoas se deem com quem quiserem, como quiserem. Seu julgamento moral e sua opinião, quaisquer que sejam, serão para sempre da mais profunda desimportância.

A não ser, claro, para você mesmo. Pois como diz Tennessee Williams na voz de Chance, o protagonista de “Doce pássaro da juventude”, a grande diferença entre as pessoas neste mundo “não é entre quem é rico e pobre, bom ou mau. É entre quem tem ou teve prazer no amor e quem nunca teve prazer no amor, apenas observou, com inveja, inveja doentia”.

(BRAGA, João Ximenes. In: O Globo, 20/07/09)

Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

VI - participar da vida política, na forma da lei;

VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

(Estatuto da Criança e do Adolescente, 13/07/1990)

PROPOSTA 35

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **As Transformações da Família Brasileira**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Sua redação deve ter no máximo 30 linhas.

Família, família

Papai, mamãe, titia

Família, família

Almoço junto todo dia

Nunca perde essa mania.

Mas quando a filha

Quer fugir de casa

Precisa descolar um ganha-pão

Filha de família se não casa

Papai, mamãe

Não dão nem um tostão.

(Música “Família”, Titãs)

A família com pai, mãe e filhos é coisa do passado! O século XXI é de famílias chefiadas por mulheres, ou recompostas após o divórcio, com dois pais, duas mães e meio-irmãos, ou ainda de casais de gays e lésbicas com filhos adotados e de proveta. (...) A família não morreu, mas está sendo reinventada no cotidiano. Especialistas fazem uma avaliação otimista, alívio para os que temem perder todos os vínculos afetivos no mundo globalizado. A família permanece ardentemente desejada como um valor seguro, ao qual ninguém quer renunciar

(Márcia Cezimbra, “Desordem na família”, O Globo, 23/03/03).

A história da família é longa, não linear, feita de rupturas sucessivas. Toda sociedade procura acondicionar a forma da família a suas necessidades e fala-se em “decadência” frequentemente para estigmatizar mudanças com as quais não concordamos. (...) Isso não significa que a família, tal como a herdamos do século XIX, não esteja efetivamente se estilizando neste final de milênio.

(Michelle Perrot, “O nó e o ninho”. Veja 25 anos: Reflexões para o futuro. São Paulo: Abril, p.78-79, 1993).

Fala-se muito em crise de desintegração da família. Há quem atribua isso ao grande número de separações e divórcios. Outros querem responsabilizar os meios de comunicação, pela divulgação sem censura de uma liberalização das relações sexuais etc. É certo que a família hoje está muito diferente daquela do início do século. Estamos vivendo um processo histórico importante de transformação, em que a quebra da ideologia patriarcal impulsionada pela revolução feminista são os elementos determinantes. Mas não se pode falar em desagregação. É inegável a premissa de que a família é, foi e será sempre a célula básica da sociedade. A Constituição Brasileira de 1988 absorveu essa transformação: a família do terceiro milênio é plural e não mais singular. Em outras palavras, existem hoje várias formas de formação de família: pelo casamento, pela união estável (concubinato) e pela comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

(Rodrigo da Cunha Pereira, O Tempo, 26/2/1997).

O último censo do IBGE revelou um dado curioso sobre as relações conjugais no Brasil: cerca de 28% dos casamentos não são oficializados em cartório. Esses casais preferem deixar de lado a burocracia e simplesmente dividir suas vidas. Uma explicação pertinente para essa preferência seria a própria instabilidade das relações. Como a expectativa é de que o casamento não dure muito, é melhor evitar problemas legais posteriores.

(Luiz Antônio Garrido, “Entendendo o censo”, Folha de São Paulo, 24/01/03).

Não dá para nascer tanta criança pobre. O número de gestações em meninas de 10 a 14 anos quadruplicou nos últimos dez anos. Aos 20 anos, a menina já tem quatro ou mais filhos. Qual o custo social disso? Como se vai dar escola,

merenda escolar, caderno, posto de saúde, vacinação, hospital público? A história dos bandidos do Carandiru é de famílias assim. “Fui criado só pela mãe; não conheci meu pai; meu pai era bêbado”. E a maioria tem família numerosa. É preciso haver planejamento familiar para combater a miséria e a violência. É uma responsabilidade social nossa. Enquanto não melhorarmos isso, o problema da cadeia não tem solução.

(Drauzio Varella, O Globo, 13/04/03).

Trabalhei por dez anos nas favelas de Petrópolis, no Rio. Cuidava de sete morros, subia três vezes por semana, visitando família por família. Todos eles tinham mais filhos. E não houve uma única briga, morte, assassinato ou desaparecimento, porque as crianças aprendiam a cuidar de si e com os vizinhos. Iam à aula de manhã e brincavam à tarde; a gente arranhou para eles brincarem juntos, com as famílias. Quando há um só filho na família, é um desastre, quase sempre. O ideal é que as famílias tenham entre três e cinco filhos para ensinar as crianças a conviver com as questões coletivas.

(Dom Paulo Evaristo Arns, O Globo, 21/04/03).

Os pais estão se desresponsabilizando pelos filhos e as mães não conseguem tempo para cuidar deles. Ai é que está o nó da nova família. Não é possível um mercado de trabalho organizado nos moldes da família à moda antiga.

(Rosiska Darcy de Oliveira, O Globo, 23/03/03).

PROPOSTA 36

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Consumo Sustentável e Exercício da Cidadania**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Sua redação deve ter no máximo 30 linhas.

Nas últimas décadas houve um aumento significativo do consumo em todo mundo, provocado pelo crescimento populacional e, principalmente, pela acumulação de capital das empresas que puderam se expandir e oferecer os mais variados produtos, conjuntamente com os anúncios publicitários que propõem o consumo a todo o momento. Chamamos de consumo o ato da sociedade de adquirir aquilo que é necessário a sua subsistência e também aquilo que não é indispensável. Ao ato do consumo de produtos supérfluos, denominamos consumismo.

Para suprir as sociedades de consumo, o homem interfere profundamente no meio ambiente, pois tudo que o homem desenvolve vem da natureza, aqui nesse contexto é o palco das realizações humanas. Através da força de trabalho, o homem transforma a primeira natureza (intacta) em segunda natureza (transformada). É a natureza que fornece todas matérias-primas (solo, água, clima energia minérios etc.) necessárias às indústrias.

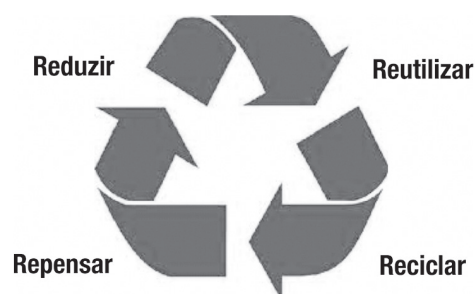
(Fonte: <http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/o-capitalismo-sociedade-consumo.htm>)

Pouco adianta gastar tempo e palavras para encontrar soluções técnicas e políticas para a diminuição dos níveis de gases de efeito estufa se mantivermos este tipo de civilização. É como se uma voz dissesse: “pare de fumar, caso contrário vai morrer”; e outra dissesse o contrário: “continue fumando, pois ajuda a produção que ajuda criar empregos que ajudam garantir os salários que ajudam o consumo que ajuda aumentar o PIB”. E assim alegremente, como nos tempos do velho Noé, vamos ao encontro de um dilúvio pré-anunciado.

(Leonardo Boff. Em: <http://leonardoboff.com/site/vista/2010/jan08.htm>)

Hoje há um enorme questionamento sobre a indústria automobilística, em razão do peso que o setor de transporte individual traz para as emissões de gases de efeito estufa. Esta situação é extremamente preocupante, em função do aumento da taxa de motorização do planeta. A maior preocupação diz respeito à China, cuja entrada na Organização Mundial do Comércio tem como principal objetivo a abertura do gigantesco mercado chinês ao consumo nos padrões ocidentais, sendo emblemática a discussão sobre o desenvolvimento entre os chineses de uma cultura do automóvel. Calcula-se que, se os chineses possuírem um ou dois carros em sua garagem, a exemplo dos norte-americanos, e consumirem o equivalente a eles em termos de petróleo, haverá necessidade de uma produção de 74 milhões de barris acima da produção mundial de hoje; para implantação das rodovias haverá necessidade de utilização de enormes áreas, hoje utilizadas para produção de arroz, principal alimento dos chineses. Se de um lado é inegável que os impactos globais de futuras emissões de efeito estufa serão catastróficos, caso se reproduza a proporção norte-americana de habitantes por automóvel, que argumentos podem ser utilizados para se negar aos chineses “o mesmo uso” dos norte-americanos ou dos cidadãos paulistanos?”

(Fonte: Fábio Feldmann. “A parte que nos cabe: consumo sustentável?”. In: André Trigueiro (coord.). *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro, Sextante, 2003)



Grade de correção - Modelo Enem

COMPETÊNCIA 5	1 - Modalidade escrita Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.	2 - Tema/Tipo de texto/ Interdisciplinaridade Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.	3 - Coerência/ Coletânea Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.	4 - Coesão Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.	5 - Proposta de intervenção Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.
NÍVEL 0	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.	Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa.	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.	Ausência de marcas de articulação, resultando em fragmentação das ideias.	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.
NÍVEL 1 (40 pontos)	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.	Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto de forma precária.	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
NÍVEL 2 (80 pontos)	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema ou não articulada com a discussão desenvolvida no texto.
NÍVEL 3 (120 pontos)	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.	Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.

NÍVEL 4 (160 pontos)	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registo, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.	Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.	Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
NÍVEL 5 (200 pontos)	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registo. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizem reincidência.	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo, e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.

